

**UNIVERSIDADE DE UBERABA
PROGRAMA DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

RICARDO BARATELLA

**TRABALHO DOCENTE À LUZ DA CULTURA VIRTUAL:
TRANSMUTAÇÕES, CONTEÚDOS E SIGNIFICADOS NA EDUCAÇÃO
SUPERIOR**

**UBERABA – MG
2021**

**UNIVERSIDADE DE UBERABA
PROGRAMA DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

RICARDO BARATELLA

**TRABALHO DOCENTE À LUZ DA CULTURA VIRTUAL:
TRANSMUTAÇÕES, CONTEÚDOS E SIGNIFICADOS NA EDUCAÇÃO
SUPERIOR**

Tese apresentada ao PPGE - Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Uberaba - Doutorado em Educação -, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Sálua Cecílio.

**UBERABA – MG
2021**

Catálogo elaborado pelo Setor de Referência da Biblioteca Central Uniube

Baratella, Ricardo.

B231t Trabalho docente à luz da cultura virtual: transmutações, conteúdos e significados na educação superior / Ricardo Baratella. – Uberaba, 2021. 233 f. : il. color.

Tese (Doutorado) – Universidade de Uberaba. Programa de Pós-Graduação em Educação. Linha de pesquisa: Desenvolvimento Profissional, Trabalho Docente e Processo de Ensino-Aprendizagem. Orientadora: Profa. Dra. Sálua Cecílio.

1. Educação superior. 2. Trabalho docente. 3. Educação. 4. Subjetividade – Professores – Tecnologia. 5. Cibercultura. I. Cecílio, Sálua. II. Universidade de Uberaba. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDD 378

RICARDO BARATELLA

TRABALHO DOCENTE À LUZ DA CULTURA VIRTUAL:
TRANSMUTAÇÕES, CONTEÚDOS E SIGNIFICADOS NA EDUCAÇÃO
SUPERIOR

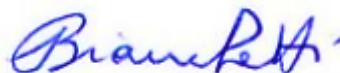
Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade de Uberaba, como requisito final para a obtenção do título de Doutor em Educação.

Aprovada em 09/02/2021

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dr.ª Sálua Cecílio
(Orientadora)
UNIUBE - Universidade de Uberaba.



Prof. Dr. Lucidio Bianchetti
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina.



Prof.ª Dr.ª Martha Maria Prata Linhares
UFTM – Universidade Federal do Triângulo Mineiro.



Prof.ª Dr.ª Selva Guimarães
UNIUBE – Universidade de Uberaba.



Prof.ª Dr.ª Vania Maria de Oliveira Vieira
UNIUBE – Universidade de Uberaba.

[...] Assim como a prudência, a coragem é a condição de todas as outras virtudes: a primeira nos ajuda a encontrar a melhor forma de praticá-los, a última atreve-nos a agir sobre elas [...]. Então, se a prudência é o cérebro por trás do bem, você poderia dizer que a coragem é o seu músculo.

Uma história que precisa ser exercida regularmente, para que ela não atrofie [...].

André Comte-Sponville. **Pequeno tratado das grandes virtudes**, 1999.

DEDICATÓRIA

Ao longo da vida nós somos marcados pelas relações políticas, econômicas e culturais de nosso país. Sou um sujeito historicamente que se formou, transformou e é transformado pelo contexto sociocultural. De mais a mais, somos produto e produtores da realidade social e, por isso, dedico esta pesquisa aos **professores**, principalmente àqueles que fizeram parte de minha história de vida, que compartilharam conhecimentos comigo e que me ensinaram grandes e muitas coisas. Há professores que foram a minha inspiração, com quem aprendi somente por estar na sala de aula ou por estimularem o meu interesse pela docência e pela vida acadêmica. De certa forma, muitos desses docentes contribuíram para a concretização desta pesquisa, estimulando-me intelectual e emocionalmente.

AGRADECIMENTOS

“Depois de algum tempo, você aprende a diferença, a sutil diferença, entre dar a mão e acorrentar uma alma [...]. Aprende que o tempo não é algo que possa voltar para trás. Portanto... plante seu jardim e decore sua alma, ao invés de esperar que alguém lhe traga flores [...]. E que realmente a vida tem valor e que você tem valor diante da vida”.

William Shakespeare (1564 – 1616). **Um dia a gente aprende**, s/d.

Agradeço a Deus pela vida que me presenteou, por segurar fortemente as minhas mãos a cada novo amanhecer. Meu amado Deus, reconheço que tenho sido abençoado e amparado ao longo desses anos. Você tem transformado a minha vida, transformando choro e momentos de tristeza em sorrisos; dores, obstáculos e desafios em força, fé e coragem; fraquezas em alegrias e esperanças renovadas, sonhos, metas e objetivos em realidade. Muito obrigado por senti-lo cada dia mais presente em minha vida.

Em especial, às doçuras angelicais Ernesto e Justina, que, embora estejam no plano espiritual, continuam no meu coração, na minha essência. Como me deleitaria se estivessem aqui nesses momentos acompanhando-me bem de perto nessa pesquisa. Se pudesse ter mais alguns momentos com vocês, como desejaria abraçá-los, acariciá-los e beijá-los. Que os meus sentimentos possam ser interpretados e que minhas palavras cheguem de alguma forma aos meus pais. Minha profunda gratidão por tudo que representam para mim. Muito obrigado pelo carinho, pela coragem, dedicação, paciência, ternura, ensinamentos e amor incondicional. **Saudades eternas...!**

Dedico esta pesquisa a alguns familiares, pelo fortalecimento de nossos elos de afetividade ao longo dos anos de nossa união fraterna. Nos momentos que necessitei recebi conforto e carinho, e em momentos de tristeza ou de alegrias nunca me senti só. Agradeço por partilharem emoções, palavras e silêncios ao longo desses anos. Que a vida sempre seja celebrada com paz e amor e que nossos encontros sejam constantes e harmoniosos. Muita luz, bênçãos e força espiritual com todo o meu carinho a cada um(a) de vocês.

Expresso sincera gratidão a minha orientadora Prof.^a Dr.^a Sálua Cecílio, pelos momentos de orientações, estudos, pesquisas, produções e saberes interativos, pelas constantes trocas de experiências, por ter acreditado em mim, por aceitar as minhas fragilidades, medos,

inseguranças e limitações, pelas relações de afetividade que fizeram de nossos momentos uma teia de conhecimentos e para mim, de transformações intelectuais e pessoais. Sua dedicação, sabedoria e paciência foram os diferenciais positivos durante a investigação e no resultado final deste trabalho. Eu desejo que sua vida seja iluminada e abençoada por vibrações de paz e saúde. Não esquecerei suas palavras confortadoras e de estímulo nos momentos que fraquejei nessa caminhada. **Muito obrigado por tudo.**

Agradeço aos membros da banca de qualificação e da defesa de tese, Prof. Dr. Evaldo Piolli, Prof. Dr. Lucídio Bianchetti, Prof.^a Dr.^a Martha Maria Prata Linhares, Prof.^a Dr.^a Selva Guimarães e Prof.^a Dr.^a Vania Maria de Oliveira Vieira por suas valiosas contribuições. Muito obrigado a esses pesquisadores comprometidos com a transformação social e pelos momentos de aprendizagem, pelas sugestões de leituras, apontamentos, apoio, atenção e concepções expressas no diálogo estabelecido na própria tese. É fato, posso dizer que me sinto privilegiado com a possibilidade de aprender e ter aprendido com as suas ideias e sabedoria.

Muito obrigado aos amigos e companheiros de jornada acadêmica e profissional que, de alguma maneira, estiveram comigo, apoiando-me e acreditando em minhas conquistas. Cada um de vocês, a sua maneira, deu sua singular contribuição. Ofereceram-me uma palavra, um ensinamento, uma aprendizagem, um sorriso ou um abraço. São pessoas que se eternizaram em meus pensamentos e orações, distantes ou próximas, continuarão a seguir os meus passos. Não deixarei registrado o nome específico dessas bonitezas, pois são tantas as pessoas que estão junto a mim, que seria injusto reportar-me a algumas e deixar outras de lado.

Aos docentes e dirigentes das três instituições coparticipantes dessa pesquisa, minha alegria, satisfação e agradecimentos pela atenção, confiança, cooperação, suporte administrativo, compromisso e disponibilidade para responder ao questionário e entrevista.

E a mim mesmo...e como mereço, foi uma trajetória iluminada, de novos conhecimentos e com o fechamento de alguns ciclos pessoais. Que maravilha...! Novas bênçãos surgiram em meus caminhos nesses últimos tempos, para que eu continuasse com perseverança lutando, prosseguindo, estudando, trabalhando, amadurecendo, aprendendo e ensinando. Durante essa rota de sucesso, me transformei, passei por várias metamorfoses, me adaptei para não desistir, aprendi e consegui criar a partir de palavras soltas uma poesia, um texto narrativo ou descritivo. Aprendi a ter outros olhares em relação às pessoas, descobri novos sentimentos e na verdade, tornei-me mais responsável e ponderado como homem e professor. E percebi nessas veredas que o amadurecimento não se conquista ou se desenvolve gradativamente em relação à idade. De fato, adquirimos experiências com o desvendamento do aprendizado, com

tudo que presenciamos e vivenciamos no dia a dia. A maturidade é conquistada percebendo-se a si mesmo, aprendendo a dar tempo ao tempo em nossas escolhas e ações.

RESUMO

Nos dois primeiros decênios do século XXI, ocorreram transformações no mundo do trabalho, como novas estratégias de fornecimento dos serviços financeiros e tecnológicos, reestruturação produtiva, desdobramento da jornada de trabalho e polivalência profissional que impulsionaram o ser humano à responsabilidade de reorganizar o seu estilo de vida. Essas metamorfoses se exteriorizam não só na esfera escolar, mas também no sistema social, sinalizando mutações acentuadas na natureza e nos ritmos do trabalho docente de diferenciados níveis, categorias e modalidades ocupacionais. A partir de tal contexto, esta pesquisa toma por objeto de estudo as implicações da cultura virtual no trabalho docente. O problema que orienta a investigação é saber sob quais formas, ritmos e expressões a cultura virtual tem conduzido a uma reestruturação do trabalho docente na educação superior, reconfigurando a subjetividade de professores universitários dos cursos de graduação. O presente estudo vincula-se à linha de pesquisa Desenvolvimento profissional, trabalho docente e processo de ensino-aprendizagem do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade de Uberaba, e integra o projeto de pesquisa intitulado Trabalho e profissão docente na cultura virtual: tendências, conteúdos e implicações para a subjetividade e a saúde de professores. O objetivo principal é compreender as inter-relações entre trabalho docente, cultura virtual e subjetividade de professores da educação superior nos cursos de graduação. Em termos de circunscrição epistemológica e em relação aos objetivos, a tese classifica-se como explicativa, apresentando como técnica de recolha de informações: questionário, entrevistas narrativas, estudos de relatórios e documentos administrativos. Para obter as informações que ocorrem em ambientes virtuais na educação superior, um dos aportes metodológicos empregados foi o netnográfico. Nessa forma especializada de etnografia, utilizou-se a comunicação digital mediada por computadores e/ou por rede de computadores. Apresenta uma abordagem quali-quantitativa e, em relação aos procedimentos, apresentou as pesquisas bibliográfica e documental. O estudo incluiu levantamento eletrônico de artigos na base de dados *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e no portal de periódicos da CAPES; leitura de livros e pesquisa de campo realizada com a participação de 142 docentes (23,91%) de três IES privadas mineiras do Alto Paranaíba e Triângulo Mineiro que responderam a um questionário e 37 (26,06%) professores participaram da entrevista narrativa. O material obtido foi submetido à análise de conteúdo. As fontes de pesquisa se respaldam em obras clássicas e contemporâneas, sustentadas no referencial teórico do materialismo histórico e dialético. As investigações de base histórico-dialética podem contribuir para desvendar as contradições contemporâneas do capitalismo, permitindo compreender as diversas e complexas variáveis que se inscrevem na constituição histórica do processo de trabalho docente. Os resultados sugerem que o trabalho docente envolve diversos fatores, tais como: novas relações de tempo e espaço; globalização e sociedade em rede; cultura virtual e trabalho; subjetividade do professor em tempos de dispersão; produtividade; polivalência; multitarefas; desvalorização e desprestígio da carreira profissional; precarização, intensificação e extensificação do trabalho docente; tecnologias digitais e educação superior; condições de trabalho e processo saúde-doença.

Palavras-chave: Trabalho docente. Cultura virtual. Formação em serviço. Educação superior. Tecnologias e subjetividade.

ABSTRACT

In the first two decades of the 21st century, changes have occurred in the working world, such as new strategies for the supply of financial and technological services, productive restructuring, the increase in the working day, and professional polyvalence, that have driven the human being to the responsibility of reorganizing his/her lifestyle. These metamorphoses are externalized not only in the school realm, but also in the social system, signalling intense mutations in the nature and in the rhythms of the teaching work at different levels, categories, and occupational modalities. As from such a context, this research takes on as its object of study, the implications of the virtual culture in the teaching work. The problem that guides the investigation wants to discover under which forms, rhythms, and expressions, the virtual culture has led to a restructuring of the teaching work in higher education, reconfiguring the subjectivity of the university teachers of the under-graduate courses. This study is linked to the research line of Professional development, teaching work and teaching-learning process of the Post-Graduate Program in Education at the University of Uberaba and is part of the research project entitled Work and teaching profession in the virtual culture: tendencies, contents and implications for the teachers' subjectivity and health. The main purpose is to understand the inter-relations among the teaching work, the virtual culture, and the subjectivity of higher education teachers in under-graduate courses. In terms of epistemological definition and regarding the purposes, the thesis is classified as explanatory, presenting as data collection techniques: questionnaire, narrative interviews, studies of reports and administrative documents. In order to obtain the information that occurs in virtual environments in higher education, one of the methodological contributions used was the netnographic. In this specialized form of ethnography, digital communication mediated by computers and/or by computer networks was used. It involves a quali-quantitative approach, and, in relation to procedures, it presented bibliographical and documental research. The study includes electronic survey of articles from the data base of the Scientific Electronic Library Online (SCIELO) and from the CAPES site of periodicals; book reading and field research carried out with the participation of 142 teachers (23.91%) from three private Higher Education Institutions in the *Alto Paranaíba* and *Triângulo Mineiro* regions of the State of Minas Gerais, that answered a questionnaire, and 37 (26.06%) teachers took part in the narrative interview. The material obtained was submitted to analysis of content. The research sources are supported by classical and contemporary works, part of the theoretical benchmark of historical and dialectical materialism. The investigations of historic-dialectical basis may contribute to throw light on capitalist contemporary contradictions, allowing understanding of the diverse and complex variables that incorporate the historical constitution of the teaching work process. The results suggest that the teaching work involves diverse factors such as: new time and space relations; globalization and society networks; virtual culture and work; teachers' subjectivity in times of dispersion; productivity; polyvalence; multitasking; devaluation and loss of prestige in the professional career; loss of security, intensification and extensification of teaching work; digital technologies and higher education; working conditions and health-illness process.

Key Words: Teaching work. Virtual culture. In-service training. Higher education. Technologies and subjectivity.

RESUMEN

En los dos primeros decenios del siglo XXI, han ocurrido transformaciones en el mundo del trabajo, tales como nuevas estrategias de abastecimiento de servicios financieros y tecnológicos, reestructuración productiva, desdoblamiento de la jornada de trabajo y la polivalencia profesional que impulsaron al ser humano a la responsabilidad de reorganizarse su estilo de vida. Esas metamorfosis se exteriorizan no sólo en la esfera escolar, sino, además en el sistema social, señalando cambios acentuados en la naturaleza y en los ritmos del trabajo docente de diferentes niveles, categorías y modalidades ocupacionales. El problema que conduce la investigación es saber bajo cuales formas, ritmos y expresiones, la cultura virtual ha sido conducida en el trabajo docente y en la reestructuración del trabajo docente en la educación superior, reconfigurando la subjetividad de profesores universitarios de los cursos de graduación. El presente estudio se vincula a la línea de investigación Desarrollo profesional, trabajo docente y proceso de enseñanza-aprendizaje del Programa de Posgrado en Educación, e la Universidad de Uberaba, e integra el proyecto de investigación bajo el título "Trabajo y profesión docente en la cultura virtual: tendencias, contenidos e implicaciones para la subjetividad de los profesores. El objetivo principal es comprender las interrelaciones entre trabajo docente, cultura virtual y subjetividad de profesores de la educación superior en los cursos de graduación. En términos de circunscripción epistemológica y en relación a los objetivos, la tesis se clasifica como explicativa, presentando como técnica de busca de informaciones: cuestionario, entrevistas narrativas, estudios de relatos, y documentos administrativos. Para la obtención, las informaciones que ocurren en ambientes virtuales en la educación superior, uno de los aportes metodológicos empleados ha sido el netnográfico. En esta forma especializada de etnografía, se utilizó la comunicación digital mediado por computadoras y/o por red de computadoras. Nos presenta un abordaje cuali-cuantitativo y, con relación a los procedimientos presentó las investigaciones bibliográfica y documental. El estudio incluye levantamiento electrónico de artículos en la base de los datos S.E. Library Online (SCIELO) y en el portal de periódicos (CAPES). lectura de libros e investigación de campo realizada con la participación de 142 docentes (23,91%) de três IES privadas mineras del Alto Paranaíba y Triangulo Mineiro que respondieron a un cuestionario y 37 (26,06 %) profesores participaron de la entrevista narrativa. El material obtenido fue sometido al análisis del contenido. Las fuentes de investigaciones se respaldan en obras clásicas y contemporáneas sostenidas en el referencial teórico del materialismo histórico-dialéctico. Las investigaciones de base histórico-dialéctico pueden contribuir para elucidar las contradicciones contemporáneas del capitalismo, permitiendo comprender las diversas y complejas variables que se escriben en la constitución histórica del proceso de trabajo docente. Los resultados sugieren que el trabajo docente envuelve diversos factores tales como: nuevas relaciones de tiempo y espacio, globalización y sociedad en red; cultura virtual y trabajo; subjetividad del profesor en tiempos de dispersión, productividad, polivalencia; multitareas, devaluación y desprestigio de la carrera profesional; precarización, intensificación y extensificación del trabajo docente; tecnologías digitales y educación superior, condiciones de trabajo y proceso salud-enfermedad.

Palabras-clave: Trabajo docente. Cultura virtual. Formación en servicio. Educación superior. Tecnologías y subjetividad.

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|-----|
| Quadro 1 - Participantes: suas instituições | 71 |
| Quadro 2 - Termo descritor: netnografia | 89 |
| Quadro 3 - Trabalho docente na literatura | 176 |
| Quadro 4 - Termo descritor: cultura virtual..... | 184 |
| Quadro 5 - Termo descritor: subjetividade de professores..... | 190 |
| Quadro 6 - Termo descritor: processo saúde-doença | 192 |
| Quadro 7 - Mal-estares do teletrabalhador docente..... | 194 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| Figura 1 - SARS-CoV-2: novo coronavírus | 32 |
| Figura 2 - Encolhimento do mapa do mundo | 124 |
| Figura 3 - Globalização | 125 |
| Figura 4 - Uma das consequências da globalização neoliberal | 127 |
| Figura 5 - Descrição do procedimento de escolha, análise e elegibilidade dos artigos..... | 167 |
| Figura 6 - Descrição do procedimento de escolha, análise e elegibilidade das dissertações . | 168 |
| Figura 7 - Descrição do procedimento de escolha, análise e elegibilidade das teses..... | 169 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|-----|
| Gráfico 1 - Percentual de instituições de educação superior, por categoria administrativa - Brasil - 2019 | 77 |
| Gráfico 2 - Percentual de instituições de educação superior, por categoria administrativa - Brasil - 2018 | 78 |
| Gráfico 3 - Formação e desenvolvimento docente - Graduação dos docentes - IES α | 83 |
| Gráfico 4 - Formação e desenvolvimento docente - Graduação dos docentes - IES β | 85 |
| Gráfico 5 - Formação e desenvolvimento docente - Graduação dos docentes - IES γ | 87 |
| Gráfico 6 - Representação total de docentes, conforme as relações de gênero..... | 96 |
| Gráfico 7 - Professores participantes das três IES, de acordo com a idade..... | 98 |
| Gráfico 8 - Perfil dos participantes, segundo as relações de moradia | 99 |
| Gráfico 9 - Renda total mensal familiar | 101 |
| Gráfico 10 - Tempo de docência na educação superior: IES α | 102 |
| Gráfico 11 - Tempo de docência na educação superior: IES β | 103 |
| Gráfico 12 - Tempo de docência na educação superior: IES γ | 104 |
| Gráfico 13 - Meios de comunicação social | 105 |
| Gráfico 14 - Frequência: busca de informações | 107 |
| Gráfico 15 - Docência na educação superior: nível de satisfação na IES α | 149 |
| Gráfico 16 - Docência na educação superior: nível de satisfação na IES β | 150 |
| Gráfico 17 - Docência na educação superior: nível de satisfação na IES γ | 150 |
| Gráfico 18 - Jornada de trabalho semanal na docência: IES α | 151 |
| Gráfico 19 - Jornada de trabalho semanal na docência: IES β | 152 |
| Gráfico 20 - Jornada de trabalho semanal na docência: IES γ | 152 |
| Gráfico 21 - Frequência na utilização do computador | 154 |
| Gráfico 22 - Periodicidade de uso da <i>internet</i> | 155 |
| Gráfico 23 - Tempo de conexão com a <i>internet</i> | 156 |
| Gráfico 24 - Utilização dos aparatos digitais na sala de aula | 157 |
| Gráfico 25 - Capacidade para o trabalho | 158 |
| Gráfico 26 - Sentimento de “felicidade” no ambiente de trabalho..... | 159 |
| Gráfico 27 - Afastamento por motivos de saúde | 160 |
| Gráfico 28 - Satisfação com a saúde | 161 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 - Número de instituições de educação superior, por organização acadêmica e categoria administrativa - Brasil - 2019..... | 77 |
| Tabela 2 - Número de instituições de educação superior, por organização acadêmica e categoria administrativa - Brasil - 2018..... | 78 |

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

| | |
|----------|--|
| ABRAPSO | Associação Brasileira de Psicologia Social |
| ANAMT | Associação Nacional de Medicina do Trabalho |
| AVA | Ambiente Virtual de Aprendizagem |
| BDTD | Biblioteca Digital de Teses e Dissertações |
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| CEFET | Centro Federal de Educação Tecnológica |
| CEP | Comitê de Ética em Pesquisa |
| CID | Classificação Internacional de Doenças |
| CONEP | Comitê Nacional de Ética em Pesquisa |
| EaD | Educação a Distância |
| EEPG | Escola Estadual Primeiro Grau |
| EESG | Escola Estadual Segundo Grau |
| EPEDUC | Encontro de Pesquisa em Educação |
| EVOC | <i>Ensemble L'analyse des programmes des évocations</i> |
| FAZU | Faculdades Associadas de Uberaba |
| GEPETTES | Grupo de Estudos e Pesquisas Trabalho docente, Tecnologias e Subjetividade |
| IES | Instituição de Ensino Superior |
| IF | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia |
| IGC | Índice Geral de Cursos |
| INEP | Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira |
| ISMA | Associação Internacional de Manejo do Estresse |
| MEC | Ministério da Educação |
| MG | Minas Gerais |
| OMS | Organização Mundial de Saúde |
| PPGE | Programa de Pós-Graduação em Educação |
| PROED | Pró-Reitoria de Educação a Distância |
| PROES | Pró-Reitoria de Ensino Superior |
| SB | Síndrome de <i>Burnout</i> |
| SciELO | <i>Scientific Electronic Library Online</i> |
| SP | São Paulo |
| TCLE | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido |
| TDIC | Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação |

| | |
|----------|---|
| TICE | Tecnologia de Informação, Comunicação e Expressão |
| UCDB | Universidade Católica Dom Bosco |
| UFSC | Universidade Federal de Santa Catarina |
| UFSCar | Universidade Federal de São Carlos |
| UFTM | Universidade Federal do Triângulo Mineiro |
| UFU | Universidade de Uberlândia |
| UnB | Universidade de Brasília |
| UNIARAXÁ | Centro Universitário do Planalto de Araxá |
| UNICAMP | Universidade Estadual de Campinas |
| UNIPAM | Centro Universitário de Patos de Minas |
| UNIUBE | Universidade de Uberaba |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| MEMORIAL: TRAVESSIA - NADA SERÁ COMO ANTES..... | 20 |
| INTRODUÇÃO | 43 |
| 1 O DESAFIO DA PESQUISA: O QUÊ? POR QUÊ? PARA QUÊ? | 54 |
| 1.1 QUADRO TEÓRICO, TEMA E CONSTRUÇÃO DO OBJETO: LUGAR DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA | 56 |
| 1.2 METODOLOGIA DE BUSCA DE DADOS: ETAPAS | 59 |
| 1.3 A PESQUISA COMO PROCESSO: FINALIDADE, OBJETIVOS, ABORDAGEM E PROCEDIMENTOS | 62 |
| 2 A PRÁTICA DA PESQUISA: NATUREZA E METODOLOGIA..... | 75 |
| 2.1 AS IES COPARTICIPANTES: TECENDO MEMÓRIAS E CONHECIMENTOS | 76 |
| 2.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: A PRODUÇÃO DOS DADOS | 95 |
| 3 TRABALHO DOCENTE À LUZ DA CULTURA VIRTUAL: DESAFIOS DO CONHECIMENTO NA PERSPECTIVA DIALÉTICA | 108 |
| 3.1 MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO: CONTRIBUIÇÕES PARA A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO | 111 |
| 3.2 ERA DIGITAL: DA TERCEIRA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL À INDÚSTRIA 4.0..... | 122 |
| 3.3 TRABALHO DOCENTE E EDUCAÇÃO SUPERIOR: POSSIBILIDADES E DESAFIOS NA ERA DIGITAL | 131 |
| 4 TRABALHO DOCENTE: NATUREZA, CONTEÚDOS E SIGNIFICADOS..... | 140 |
| 4.1 DIVERSIDADES TEÓRICAS SOBRE TRABALHO NAS DUAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XXI..... | 142 |
| 4.2 TRABALHO DOCENTE: PALAVRAS, TERMOS E CONCEITO | 147 |
| 5 TRABALHO DOCENTE E SUBJETIVIDADE DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: UMA DIALÉTICA EM ANÁLISE..... | 164 |
| 5.1 TRANSMUTAÇÕES DO TRABALHO DOCENTE NA CULTURA VIRTUAL: SIGNIFICADOS, RUMOS E TENDÊNCIAS..... | 166 |

| | |
|--|------------|
| 5.2 SUBJETIVIDADE: CONCEPÇÕES A PARTIR DAS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS PROFESSORES NA EDUCAÇÃO SUPERIOR | 187 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 197 |
| REFERÊNCIAS | 204 |
| APÊNDICE A - SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA | 218 |
| APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO | 220 |
| APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO | 224 |
| APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA..... | 232 |

MEMORIAL

TRAVESSIA - NADA SERÁ COMO ANTES

“Eu carrego o mundo onde não cabe nos meus sonhos. Carrego as doçuras, mas também as indecisões. Carrego alegrias que se misturam com as dores. E é disso que minha vida é feita, de tudo e mais um pouco e eu me esbaldo nestas coisas e fico tecendo uma colcha que me defina. [...] tenho muitos sonhos que rabisco, leio, releio, prego na parede para eu olhar todos os dias e lembrar que ali estão os meus desejos mais secretos [...]”.

Ita Portugal. **O mundo que me cabe**, 2013.

A essência de meu mundo: uma sede de infinito

A **vida** é uma travessia, a maior das dádivas e tem seus segredos. Cada **vida** é única, *sui generis*. A **vida** é uma realidade a ser experimentada, um acontecimento que merece ser sempre celebrado. **Viver** é como construir obras de arte, parte por parte, dia após dia. Nessa **vida** tenho uma sede de infinito, por isso, em determinadas ocasiões, mantendo-me perto do coração da natureza, aproveito alguns minutinhos e “me dou um tempo” para pensar nas situações da vida. **Nada será como antes.**

Não se pode negar, a vida é um filme com episódios verdadeiros, concretos. E, na eternidade desse tempo histórico, como viajante do infinito, vou seguindo em frente com a vida, buscando o melhor que existe nela, sempre que possível. O passado já passou, mas quem nunca se imaginou voltando a algumas trajetórias transcorridas, a um fato antigo da vida? Pois bem, nessa viagem pelo tempo, fui escrevendo a cada dia um novo capítulo ou fazendo alguns e grandes rascunhos de minha história. Em uma espécie de dossiê, com arquivos pessoais confidenciais, fui registrando minhas memórias ou recordações, sempre convicto de que a minha vida me pertence e ninguém tem a responsabilidade de vivê-la por mim.

Diante de certos instantes de retraimento, por muitas vezes fui em busca de algumas explicações particulares. Uma confidência, lembro-me muito pouco dos episódios vivenciados na infância. Poxa, como há pessoas que relembram de tantos acontecimentos dos primeiros anos de vida! Estranho ou não, faço algumas tentativas, de tempos em tempos. Na busca de algumas lembranças, seja em fotos antigas ou em documentos amarelados, vou encontrando pouco a pouco, de espaço a espaço, o meu passado no presente. Como esses sentimentos são

intensos, originam diferentes sensações, apesar de tantos esquecimentos.... Seria tão bom lembrar de mais alguns fatos para conhecer melhor como foi o meu desenvolvimento na infância, principalmente nos seis primeiros anos de vida, período em que as recordações são raríssimas. Mas alguns fatos foram inesquecíveis...!

É hora de conhecer alguns deles. Os primeiros passos na alfabetização, a minha primeira trajetória escolar iniciou no ano de 1975, na “Escola Estadual Primeiro Grau Antônio Diederichsen”, em Ribeirão Preto. Início da primeira série do primeiro grau, com seis anos e dez meses de idade. Ainda não sabia ler nem escrever, era o princípio de uma nova etapa. Eu me lembro de minha mãe me acompanhando até à sala de aula e do primeiro dia em um espaço escolar. Estudei em escolas públicas na educação básica e permaneci nessa instituição até 1982. Coincidência ou não, o meu melhor aproveitamento durante esses oito anos foi na disciplina **Ciências Físicas e Biológicas e Programas de Saúde**. Passei despercebido desse fato e descobri recentemente essas informações ao verificar o histórico escolar de 1º grau. Por isso, acredito que ainda há muito para ser conhecido ou lembrado do meu passado. Aclaro que foi um período de acentuadas práticas esportivas, já que fiz parte das equipes de basquetebol, de handebol e de atletismo da E.E.P.G. Antônio Diederichsen, competindo em campeonatos no município de Ribeirão Preto e região. Um período glorioso, com inúmeras premiações. Mas a minha grande investida na modalidade esportiva era em outro local, com o mesmo técnico e professor, no **Clube de Regatas Ribeirão Preto**.

Em estatura, era o menor do time. Um atleta mais baixo, mas veloz e com bom domínio de bola, por isso, fui o armador da equipe de basquetebol em duas categorias. Representava a cidade de Ribeirão Preto nos campeonatos estaduais paulistas. Muitas viagens, inúmeras conquistas e muito aprendizado para a vida. Os esportes coletivos geram compromisso, promovem a saúde e ensinam a lidar com as derrotas e dificuldades. A nossa superação diante dos fracassos e do insucesso tinha que ser frenética e isso colaborou significativamente para o meu crescimento pessoal. Momentos esplêndidos e radiantes. **Memoráveis...!** De mais a mais, com muito esforço e determinação conseguia dedicar-me aos estudos e aos esportes. Grandes sacrifícios, muita euforia e várias conquistas.

Nessa estrada do tempo fui desenhando os meus sonhos, realizando o melhor naquilo que a mim era apresentado e solicitado, certo de que, ao cumprir as tarefas e obrigações do dia a dia com amor, respeito e ética, o melhor da vida poderia chegar ao meu encontro. Paralelamente a esses comportamentos, fui percebendo e sentindo em minhas viagens de individualidade, nos meus desertos internos, que conseguiria seguir em frente com os projetos de vida pessoal e profissional, se impulsionasse os meus passos por mim mesmo.

Relembrando um pouco do passado, um esquema mental se configura. Nessa trilha de emoções, lembro-me que, por inúmeras vezes, quis me acomodar em relação aos fatos recorrentes do cotidiano e, de tempos em tempos, cheguei a pensar em abdicar de certos objetivos que haviam sido traçados. Mas, a minha determinação, perseverança e adrenalina eram superiores aos meus dilemas. Ainda pertencente a essa situação, um ponto cabe ser destacado: nunca substituí o que mais aspirava na vida por algo que mais queria em uma situação passageira. Sempre refleti muito sobre isso, visto que momentos e inseguranças passam e a vida prossegue. Na realidade, diante de alguns acontecimentos e apesar de algumas mudanças ou conflitos internos, nunca desisti de minhas metas e objetivos.

Ao escrever essas palavras, rememorei os dizeres de Albert Einstein (STRAUS, 1980). Ele dizia: “se quer viver uma vida feliz, amarre-se a uma meta, não a pessoas nem a coisas”. Essa tônica discursiva conota que não podemos viver sem metas, sem objetivos e sem sonhos. Em vista disso, planejei os meus projetos com obstinação, cautela e coragem. Dessa forma, fui criando gradativamente mais alguns capítulos para o livro de minha realidade. Em cada uma das seções desses capítulos, criei novos objetivos, fui vivendo ou aprendendo algo novo todos os dias. Acabei me entregando a alguns prazeres, busquei determinadas satisfações, mergulhei fundo em meus sonhos. Eu quero e sempre quis me conhecer e aprender mais, compreender mais para ensinar mais, evoluir sempre, metamorfosear-me em cada estágio, para transformar cada experiência em uma motivação, em novas oportunidades e, com isso, arquitetar novos conhecimentos e novas lições de vida.

Descrever e ser o narrador de nossa história; produzir configurações harmoniosas; construir rascunhos e alguns esboços; produzir sons e tonalidades às condições psíquicas. Não posso negar, tudo isso me envolve, são exercícios imperiosos que apresentam muitas significações ao que foi vivido em nossas relações sociais. Assim sendo, esse memorial tem um pouco de mim, ancora-se em sonhos, sentimentos, percepções e em algumas experiências de uma história diante do mundo, com o objetivo de demonstrar em parte, a minha trajetória pessoal e profissional e, por que não, determinados anseios e desafios durante a formação acadêmica no curso de Doutorado em Educação da Universidade de Uberaba.

É a partir destas interações, entre passado e presente, com vistas a um futuro bem próximo, que apresento este memorial ao Programa de Pós-Graduação da Universidade de Uberaba. Reconheço, ainda, que a escrita de si expressa aspectos de uma autoavaliação e de autoinvestigação, são probabilidades de se ver em um espelho, em uma superfície que reflita determinadas representações. Sob essa mesma perspectiva, clarifico que, em minhas

experiências cotidianas, tenho examinado a potência irradiante de certas memórias e narrativas com meus pares, das relações e caminhos de existência como uma forma de reflexão por si só.

Destarte, almejo neste memorial, relatar sobre determinados momentos que pondero ser mais significativos em minha trajetória profissional, delimitando assim algumas posições e o meu olhar diante do mundo. É nesse enfoque, da compreensão de mim, que me percebo, atualmente, um sujeito com novas configurações, novas circunscrições, apresentando atitudes mais intensas de convivência com os meus semelhantes.

Fragmentos de um sonho: do ensino médio às primeiras escolhas profissionais

Dos anos 1983 a 1985, com os hormônios em ebulição e tantas transformações próprias da adolescência, cursei o antigo segundo grau na “Escola Estadual Segundo Grau Dr. Tomás Alberto Whatelly”. Durante esse período de inúmeras turbulências, destaquei-me nos estudos, principalmente em quatro componentes curriculares: (i) Biologia e Programas de Saúde; (ii) Geografia; (iii) História e (iv) Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Nessa época, resalto que também tive momentos marcantes nos esportes. Durante os três anos fiz parte das equipes de basquetebol, de handebol e de voleibol da E.E.S.G. Dr. Tomás Alberto Whatelly, competindo em alguns torneios no município e em outras localidades. No Clube de Regatas Ribeirão Preto permaneci até o ano de 1984. Por falta de patrocinadores e pela ausência de investimentos do clube, as coisas começaram a ficar difíceis e, apesar das propostas de outros times do interior do estado de São Paulo, permaneci em Ribeirão Preto e deixei de jogar basquetebol, abandonando gradativamente a carreira. Que decisão espinhosa, angustiante e dolorosa...! Ao mesmo tempo, comecei a me destacar na prática do voleibol, mas não tinha nenhum vínculo a times. Por tudo..., por esses momentos de glórias e de tantas conquistas, minha eterna gratidão às pessoas que me apoiaram e incentivaram ao longo desses quase 10 anos de sucessos no basquetebol. Sem palavras. Às vezes são tantas coisas que queremos falar e escrever. Tudo isso foi muito significativo em minha vida. Uma travessia marcante. Uma passagem ímpar, um caminho de proezas e valentia.

A vida é o presente. Mas, do passado, existem fatos e lembranças muito marcantes, como os que foram vividos com os meus pais..., os meus tesouros! Para mim, eles foram os maiores exemplos de amor e respeito ao próximo. Cumplicidade, dedicação, responsabilidade e solidariedade são valores basilares procedentes de minha família e experimentados na relação com os demais indivíduos, familiares ou não.

Certos acontecimentos causaram alguns entraves durante a adolescência e, a partir de determinados bloqueios ou medos, as minhas primeiras dúvidas e incertezas começaram a

aparecer, de forma mais incessante, assim que iniciei o ensino médio no ano de 1983. Sempre muito intenso nos sentimentos e desejos, eu ficava me questionando: qual curso de graduação devo escolher para projetar-me profissionalmente? Quais os passos a serem seguidos nos próximos anos? Eu estou no caminho certo? E se eu optar por um curso em que não me realize? Por isso, foi impossível construir um texto, sem que me embrenhasse pelos contextos familiares, sociais, políticos e culturais em que me inseri durante o percurso dessa história de vida.

Uma demasiada insegurança, determinadas preocupações e profusas indagações acentuaram-se com o desencarne de mamãe, em março de 1983. Foram anos de sofrimento com o câncer e, naquele momento, com os dias de luto, tudo parecia não ter mais sentido. Trata-se de uma das situações mais complexas que a vida pode trazer e é uma realidade que dói, uma dor intensa, sem explicações. Dor de alma, atroz separação física. Não tenho palavras para dizer tudo o que o meu coração sente. Contudo, passei por etapas muito conflituosas entre os anos de 1983 e 1985, com inúmeras incertezas em relação à carreira profissional.

Pela minha imaturidade e dificuldade em me expressar em certas situações rotineiras, tinha a impressão de que meus sonhos não se concretizariam tão facilmente. Entretanto, com o tempo, alguns sentimentos e evidências foram ancorando os meus dias e destaque, nessa fase, uma professora que foi decisiva para a escolha do curso de graduação, pois me espelhei muito nela ao começar a delinear minha trajetória profissional.

Ela era uma pessoa singular, foi minha docente na disciplina de Biologia na terceira série do ensino médio, um exemplo de professora/educadora, uma pessoa incrível, fantástica, dinâmica. Como suas aulas eram interessantes e supremas! Ela apresentava com maestria a disciplina. Que domínio tinha da genética e sabia como ninguém correlacionar os conceitos e aplicações dessa subárea da Biologia. Eu me dedicava muito aos estudos da Biologia e, na finalização do ensino médio, a professora me presenteou com um livro de genética e ainda escreveu uma dedicatória noticiando que me admirava por apresentar em meu genótipo muitos “genes dominantes” (RRBB). **Um momento inesquecível...!**

As decisões começaram a acontecer na conclusão do ensino médio. Havia chegado a um momento decisivo em que não queria e nem poderia recuar. Primeiramente, a Medicina foi o curso escolhido. Depois, a Enfermagem e, até mesmo, a Educação Física – já que me dedicara de maneira expressiva às atividades esportivas – e, por anos sucessivos, fiquei me questionando por que não escolhi nenhum desses três cursos e o que me induzira a escolher e a me identificar com a área da educação.

Tendo consciência dessas hesitações, depois de muitas pesquisas, análises, testes vocacionais e reflexões, escolhi fazer a graduação em Ciências Biológicas, em Ribeirão Preto. No ano de 1986, adentrei a “Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Barão de Mauá”, e assim começava um novo ciclo, uma nova vida. A partir desse momento, comecei a querer entender quais eram os motivos que me fizeram escolher ser educador. E, mais do que isso, o que me fez ser como me reconheço hoje.

O encontro com a educação e a compreensão dos aspectos da evolução da vida ao iniciar o curso de Ciências Biológicas, possibilitaram-me uma viagem ao passado e pude reconstruir uma trajetória de forma a tentar compreender a minha formação e história de vida. Assim que tive a primeira oportunidade na docência, em abril de 1990, abracei-a fortemente, apesar de toda a insegurança e a falta de experiência como professor.

Aos poucos, fui agregando alguns valores – a partir das minhas experiências escolares e de vida e dos seus entornos, do mundo que enxerguei -, pude, então, compreender -, a maneira como o conhecimento, a aprendizagem e as dinâmicas metodológicas se inter-relacionam na formação do sujeito. Trabalhei na docência, com turmas de ensino fundamental e médio, nos anos de 1990 a 1993, em Ribeirão Preto - SP e nos anos de 1994 a 2010, em Uberaba - MG.

A primeira especialização e o início das experiências no ensino superior

O meu primeiro curso de Especialização foi em **Biologia evolutiva**, sendo finalizado em dezembro de 1999. Essa formação me possibilitou novas conquistas nos três anos consecutivos. É explícito que demorei para fazer uma pós-graduação *lato sensu*, mas acredito que tudo tem a sua hora, tudo tem o seu momento certo. De fato, estive muito focado no trabalho como docente nos cinco primeiros anos (1994 a 1998) em terras mineiras e, concomitantemente, buscava um espaço profissional mais representativo em Uberaba. Foram anos difíceis, precisei ir com frequência para Ribeirão Preto, principalmente pelo agravamento da saúde de meu pai, que chegou a óbito em outubro de 1998. **Momento triste e desolador...**, mas não havia mais nada o que fazer no fim de sua existência. O seu coração fora parando de trabalhar aos poucos.

No ano seguinte, com muita dedicação, prossegui os estudos na Universidade de Franca. Na realidade, procurei ir muito além do que estava sendo exigido. Aprendi com o tempo que não se pode apressar as coisas, há tempo de plantar e tempo de colher o que se plantou. Acreditava que era necessário planejar as atividades laborais e pessoais para que tudo pudesse fluir satisfatoriamente, sem estresse. Por certo, a colheita tem seu tempo exato de crescimento e tudo aconteceu conforme idealizei, apesar das inúmeras batalhas profissionais e emocionais.

Desmedidos triunfos profissionais e novos voos surgiram nos dois primeiros anos do século XXI.

Na educação superior, iniciei a docência no ano de 2002, na Universidade de Uberaba. Uma grandiosíssima conquista. Um novo despertar na educação iluminava os meus sonhos e novas formas de avaliar surgiram em meu caminho, com vistas aos processos formativos. No curso de licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade de Uberaba, por trabalhar com eixos temáticos e unidades temáticas, por alguns anos, desenvolvi atividades integradas a outras disciplinas, seja nas aulas presenciais, seja nas atividades avaliativas e provas. Tratava-se de uma reengenharia de nosso trabalho. Simultaneamente, era um novo olhar para a formação dos futuros professores.

No ano de 2005, fui convidado pela Universidade de Uberaba (Uniube) a ser orientador do Trabalho de Construção de Aprendizagem - Portfólio, em uma das turmas do curso de licenciatura em Ciências Biológicas. Tomei consciência da minha voz interior e reconheci que esse trabalho na educação superior era a minha possibilidade de utilizar a avaliação formativa com meus alunos no curso de graduação. Só que, para isso, sabia que não poderia parar de estudar, pois havia um longo caminho a ser trilhado. A todos que eu conhecia, dizia do meu prazer de ser docente e orientador de Portfólio. Acreditava que se dividisse o meu sonho com amigos e familiares, a possibilidade de ele se realizar seria mais próxima.

Novas frentes de trabalho foram surgindo nos anos seguintes na instituição: mais aulas, mais cursos, mais desafios, novos caminhos para outras aprendizagens. Dessa forma, a minha identidade profissional consolidou-se por meio da experiência como docente na UNIUBE. Além disso, fui aprendendo em minhas ações que é preciso impor a si mesmo algumas metas por um determinado tempo para ter a coragem de alcançá-las. Na vida é preciso ter objetivos, metas, ideais e sonhos. E assim fui conquistando aos poucos o reconhecimento de algumas pessoas, que me abriram novas portas para o exercício da docência na educação superior.

De 2003 a 2005, trabalhei como docente no **Projeto Veredas** – Curso Normal Superior para as séries iniciais do Ensino Fundamental. O Projeto foi elaborado pela Secretaria da Educação de Minas Gerais para habilitação superior de professores(as) das redes públicas, estadual e municipal com metodologias de educação a distância. No ano seguinte, uma recomendação da PROES e mais uma surpresa: fui convidado para ser o Coordenador-referência do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, na modalidade a distância. De início, fiquei bastante assustado com a proposta. Uma nova oportunidade e aceitei mais esse desafio, ficando nessa função até janeiro de 2010.

Curso de Mestrado em Educação: desafio da formação como pesquisador e docente

Nos anos de 2008-2009, cursei a Especialização em Educação a Distância e, em 2010, iniciei um novo ciclo acadêmico – o curso de Mestrado em Educação na Universidade de Uberaba. **Que alegria!** Hoje, constato que foi um dos períodos de maior aprendizado em minha vida pessoal e profissional, principalmente na docência, pois comecei a pesquisar tudo aquilo que já tinha iniciado na prática. Foi no Mestrado que pesquisei e li textos que jamais escolheria ler por opção e aprendi que o pesquisador precisa criar estratégias de leituras e de estudos para melhor aproveitar os referenciais teóricos que lhe estão disponíveis mundo afora. Assim, concretizei minha pesquisa sobre a construção do Portfólio como instrumento de avaliação formativa, enriquecendo meu estilo.

No curso, reconheci e apreciei certas disciplinas ou componentes curriculares ofertados pelo PPGE. Nomeadamente, destaco: “Epistemologia e Práticas da Pesquisa em Educação”; “Tópicos de Sociologia e Antropologia” e “Políticas Públicas e Educação Brasileira”. Por ter-me identificado com essas disciplinas e me encantado com o trabalho realizado por algumas das docentes do curso de Mestrado em Educação, inclusive em outras disciplinas além das citadas, em especial saúdo a Prof.^a Dr.^a Fernanda Telles Márques, a Prof.^a Dr.^a Sálua Cecílio e a Prof.^a Dr.^a Vânia Maria de Oliveira Vieira. Elas me estimularam substancialmente e comecei processualmente a buscar outros materiais além dos que foram apresentados para aprofundar o conhecimento das temáticas em estudo. Agradeço a sabedoria, a dedicação, paciência, confiança, respeito e persistência. Agradeço por me auxiliarem a me moldar como pesquisador. **Uma lição de vida.**

Aprendi que posso me superar diante dos desafios da vida e que, ainda, há muito o que aprender e fazer na minha trajetória de formação docente. Sempre desejei que, a partir da minha experiência escolar, eu pudesse compreender quais caminhos descontínuos, sinuosos ou retilíneos havia percorrido até chegar ao mundo do trabalho e ser a pessoa e o profissional que sou. Busco, ainda, uma forma de tentar mostrar essa realização sobre o uso da avaliação formativa, com o objetivo de mergulhar num processo de transformação e, ao final, conseguir perceber claramente em qual pessoa tenho me transformado em minha trajetória de vida.

Meu intuito era que a pesquisa - **O Portfólio na EAD**: um estudo das representações sociais dos licenciados em Ciências Biológicas (Orientadora: Dr.^a Vânia Maria de Oliveira Vieira) fosse um ponto de referência para outras pessoas e instituições, trazendo contribuições para a educação básica, para a educação superior, bem como para a vida de outros profissionais. É importante ressaltar que nessa pesquisa os participantes foram 150 acadêmicos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade de Uberaba, da modalidade EaD. Esses

estudantes eram dos seguintes polos de apoio presencial da UNIUBE: Barbacena, Belo Horizonte, Governador Valadares, Guanhães, Janaúba, Montes Claros, Teófilo Otoni e Uberaba, e estavam cursando as etapas finais de sua graduação. A investigação envolveu pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. A coleta das informações aconteceu durante os encontros presenciais (sábados e/ou domingos) previstos nos calendários pela PROED e incluiu a aplicação de um questionário e a técnica de Associações Livres de Palavras, tratadas pelo *software* EVOC. As análises, de caráter descritivo, incluíram também o cálculo de medidas estatísticas em situações que foram possíveis. Além do respaldo da Teoria das Representações Sociais e do Núcleo Central, tomamos como referência a análise de conteúdo de Bardin (2011). É importante deixar registradas as relevantes contribuições e os apontamentos do cuidadoso Prof. Dr. Osvaldo Freitas de Jesus, membro efetivo no exame de qualificação e na defesa de dissertação.

Outros aspectos a serem levados em conta ocorreram também entre os anos de 2010 a 2012. Em fevereiro de 2010, assumi a Gestão do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade de Uberaba. Nesse mesmo período, houve o aproveitamento de disciplinas e cursei a Licenciatura em Pedagogia na UNIUBE. Nessa etapa profissional, por estar em exercício em novos cargos, na rede estadual e, também, na Universidade de Uberaba, senti a necessidade de complementar os meus conhecimentos e iniciei outros estudos, em mais duas especializações *lato sensu*, em Gestão Escolar (2009-2010) e Docência do Ensino Superior (2010-2011).

Ao finalizar o ano de 2012, não dei continuidade a algumas pesquisas e nem fui em busca de novos temas para estudos, tinha algumas hesitações e o início do Doutorado chegou somente quatro anos após a conclusão do Mestrado em Educação. Nesse meio-tempo, surgiram muitas dúvidas pessoais, profissionais e acadêmicas. Dito de outro modo, queria conhecer outros Programas de Pós-graduação, aliás cheguei a verificar e avaliar outras possibilidades. Mais precisamente..., tinha a necessidade de me desafiar e de buscar outros ares, por vários motivos.

Entretanto, apesar de algumas interrogações, não fiquei parado definitivamente. Nos anos 2012 a 2016 fui integrante do Projeto de Pesquisa “Representações sociais de licenciandos sobre uma boa prática pedagógica: o que revelam as mediações”, sob a coordenação da Prof.^a Dr.^a Vânia Maria de Oliveira Vieira. Como fruto dos estudos no Mestrado em Educação, ocorreram algumas publicações meritórias, tais como: “O Portfólio na EaD: um estudo das representações sociais dos licenciandos em Ciências Biológicas, pela Revista Cocar (2016); “O portfólio: um estudo das representações sociais dos licenciandos em Ciências Biológicas”, pela

Revista de Estudios e Investigacion en Psicologia y Educación (2015) e “Educação superior brasileira: avaliação e aprendizagens significativas”, publicação sucedida em 2015, também pela Revista de Estudios e Investigacion en Psicologia y Educación.

Doutorado em Educação: em busca de autonomia como pesquisador e docente

Depois de períodos bastante produtivos, de muitas pesquisas e estudos no Mestrado em Educação, reavaliei por mais de três anos em que instituição iniciaria o Doutorado e, por vários fatores e circunstâncias, decidi por me manter e estudar em Uberaba. No ano de 2016, ingressei como aluno especial no curso de Doutorado em Educação da UNIUBE e novos rumos delinearam a minha caminhada em 2017. Em 22 de março, iniciei o Doutorado em Educação como aluno regular. **Uma alegria imensurável.**

A disciplina eletiva “Cultura virtual e subjetividade” trouxe-me importantes e profundas aprendizagens no segundo semestre de 2016. Em uma das atividades avaliativas planejadas pela Prof.^a Dr.^a Sálua Cecílio, a entrevista, contei com a participação admirável e primorosa de três pesquisadores brasileiros. A primeira entrevista (nov. 2016) “Tecnologia educacional, formação e prática docente” foi realizada com a Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Lima Paniago, docente do Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado e Doutorado – na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). A segunda (nov. 2016) referiu-se à temática “Tecnologias e educação”, na companhia *online* do Prof. Dr. Daniel Ribeiro Silva Mill, membro do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). A terceira, intitulada “Mídias e educação” (fev. 2017), aconteceu com o Prof. Dr. Gilberto Lacerda Santos, docente que atua em extensão, graduação e pós-graduação no campo das aplicações pedagógicas das tecnologias de informação, comunicação e expressão (TICE) e em divulgação científica e tecnológica na Faculdade de Educação da Universidade Brasília (UnB). Essas entrevistas e as recorrentes leituras sobre essas temáticas auxiliaram-me no delineamento do projeto de pesquisa. E, principalmente, aprendi com as diferenças de cada um que todo conhecimento, até o mais crédulo, tem a capacidade de nos surpreender. **Fui surpreendido.**

Em nossa formação como pesquisadores, incontestavelmente do curso de Doutorado, destaco a relevância das disciplinas obrigatórias “Epistemologia e Pesquisa em educação” e “Teorias contemporâneas da educação”. Influenciaram positivamente a minha trajetória pessoal e profissional nos últimos anos, abriram a minha mente para o que há de novo. **Novos conhecimentos. Novas idealizações.** Entre as disciplinas cursadas, ressalto o trabalho desenvolvido pelo Prof. Dr. José Carlos Souza Araújo e pelas Prof.^a Dr.^a Sálua Cecílio, Prof.^a

Dr.^a Selva Guimarães e Prof.^a Dr.^a Vânia Maria de Oliveira Vieira. Esses professores criaram um “diferencial” em minha formação no curso de Doutorado, seja nas disciplinas que planejaram ou na forma como conduziram os momentos de aulas e seminários, com expressivas interações e momentos singulares de aprendizagens, quiçá o principal, das incríveis transformações ocorridas em minha vida acadêmica desde então. Profissionais como esses, com essa capacidade, não apenas educam, mas criam exemplos para os seus aprendizes. Agradeço por despertarem as minhas potencialidades.

Em 2017, integrei o Projeto de Pesquisa “Trabalho e profissão docente na cultura virtual: tendências, conteúdos e implicações para a subjetividade e a saúde de professores” e o GEPETTES - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho Docente, Tecnologias e Subjetividade, coordenados pela Prof.^a Dr.^a Sálua Cecílio. Nesse mesmo ano, tive a publicação na Revista Tecnologia Educacional do artigo “Trabalho docente e a educação na era digital: novos desafios do ensino superior” e nos Anais do IX Encontro de Pesquisa em Educação (EPEDUC) e IV Congresso Internacional Trabalho Docente e Processos educacionais: da política pública educacional à docência, o trabalho completo “Tecnologias digitais e trabalho docente no ensino superior: desafios para os cursos de formação de professores”.

No XIX Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO) - Democracia participativa, Estado e laicidade - Psicologia social e enfrentamentos em tempos de exceção, apresentei, no evento realizado na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), a produção “Trabalho docente flexível: riscos à vulnerabilidade de professores”. Aclaro que o resumo expandido foi publicado nos ANAIS XIX Encontro Nacional da ABRAPSO, 2017. Em 2018, fui coautor em um trabalho e mais um artigo foi publicado na Revista Tecnologia Educacional - “Ambientes virtuais de aprendizagem: impactos e desafios no ensino superior”.

Por fim, em 2019, eu e a orientadora Prof.^a Dr.^a Sálua Cecílio tivemos o trabalho completo “Mutações do trabalho docente no capitalismo contemporâneo” publicado nos Anais do X Encontro de Pesquisa em Educação (EPEDUC); no V Congresso Internacional Trabalho Docente e Processos Educacionais; no VII Seminário de Formação de Professores; na IV Conferência Internacional de Formação de Professores. Outras produções ocorreram nesses últimos anos, mas estou relatando somente aquelas que estão diretamente correlacionadas com o objetivo de estudo e o problema de pesquisa da tese.

Por quatro anos (2017-2020) trabalhei como docente e professor-tutor em cursos de Especialização *lato sensu* da UNIUBE, nas modalidades presencial e a distância. Essas vertentes de trabalho também possibilitaram a minha participação em bancas de Trabalho de

Conclusão de Curso na pós-graduação, sobretudo nos cursos de Especialização em **Psicopedagogia** e em **Competências para gestão da sala de aula**, aproximando-me com frequência dos caminhos teórico-metodológicos de uma pesquisa.

Após um período acentuado de leituras e estudos, é importante salientar que no início de 2019, com o foco voltado para a produção da tese, decidi pelo título - **Trabalho docente à luz da cultura virtual**: transmutações, conteúdos e significados na educação superior. Com as minhas remodelações nas formas de agir e pensar, em síntese, posso afirmar que foi bastante prazeroso e importante pesquisar essa temática. Fiz uma criteriosa revisão da literatura, com o máximo de zelo e qualidade, pois tenho ciência de que esse procedimento constituiu o “cerne” desse produto e espero que, nessa caminhada, possa continuar me transformando em um pesquisador crítico e autônomo, capaz de escrever artigos científicos e capítulos de livros com propriedade e de pautar a vida acadêmica por padrões de excelência.

Desafios e a reinvenção em tempos de pandemia

Voltando um pouco no tempo, circunstanciadamente em 31 de dezembro de 2019 (CRODA; GARCIA, 2020, p.1), uma data em que as pessoas se preparavam para celebrar a passagem do ano no Brasil, uma mensagem do governo chinês alertava a Organização Mundial da Saúde (OMS) para a incidência de casos de uma doença "de origem misteriosa" registrada no sul do país.

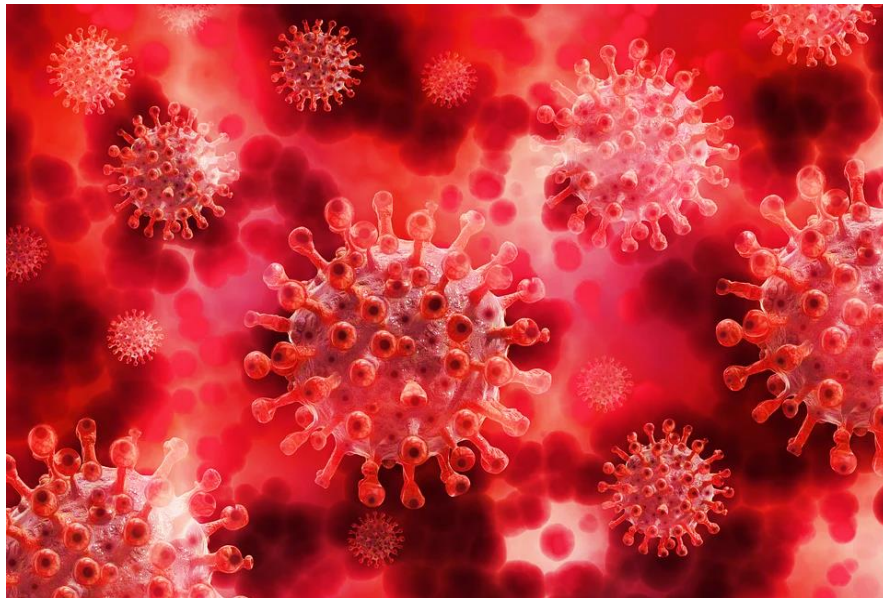
Entretanto, uma grande parte da humanidade atravessou dias resistindo em reconhecer a dimensão da epidemia pelo vírus SARS-CoV-2. No início do mês de janeiro de 2020, os primeiros casos começaram a germinar e se alastrar a partir da China. Nós mesmos e tantas outras pessoas aqui no Brasil nem imaginávamos a extensão desse episódio. Esse acontecimento provocou uma metamorfose em nossas vidas, em nosso entorno.

A pandemia da COVID-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2 ou novo coronavírus (Figura 1) deflagrou uma crise mundial e a natureza, agora, decretou uma nova realidade. Ela descortinou um cenário excessivamente agonizante e inóspito. As mudanças foram muito bruscas nas relações sociais e esse panorama tem nos causado instabilidade, pois mexe com nossos sentimentos, emoções e bem-estar, além de afetar o convívio com alguns indivíduos. Essa pandemia tem transformado radicalmente a rotina de vida e de trabalho de milhões de pessoas ao redor do mundo.

Nos primeiros meses de pandemia, acabamos “ouvindo” tantas coisas... Para determinados indivíduos desinformados sobre a realidade planetária, o vírus era algo que existiria somente fora de nosso país, apesar das incessantes notícias nos meios de comunicação

e de informação. Para esses sujeitos, o vírus SARS-CoV-2 tratava-se de uma ameaça estrangeira que só atingia quem estivesse viajando para o exterior ou para alguns países mais atingidos pela pandemia. Depois, à medida que a letalidade apontava ser maior entre os idosos, certos leigos os julgaram, demonstrando atitudes discriminatórias. Para eles, os sêniores deveriam ser isolados do contato com os familiares e do resto da população. As coisas não são bem assim. É verídico que fomos privados de uma série de coisas, mas há outras formas mais simples de existir.

Figura 1 - SARS-CoV-2: novo coronavírus



Fonte: PIXABAY. Domínio público.

Com certeza, estamos vivendo globalmente uma crise sanitária mundial. Não imaginávamos ocorrer e nem estávamos capacitados para uma pandemia destas dimensões e com tal velocidade de disseminação no planeta. O número de óbitos, os problemas econômicos e sociais e o colapso dos sistemas de saúde de diversos países têm provocado sensação de insegurança, pavor e fobia generalizada em homens e mulheres. Por esse motivo, sentimos a necessidade de grafarmos nesse Memorial um pouco sobre algumas percepções e sentimentos, uma vez que esses acontecimentos estão nos influenciando, seja em nossas singularidades, na saúde mental e no exercício da docência na educação superior.

Quanto à pandemia do novo coronavírus, Castells (2020, p.1) nos diz que: “e de repente, tudo mudou. Nossa saúde, nossos hábitos, [...], nossa psicologia, nosso horizonte temporal e existencial. Ainda não absorvemos inteiramente o choque brutal que isto representa para nossas vidas [...]”. O sociólogo espanhol (2020, p.1) complementa relatando que “sairemos, sim, dessa situação, mas não sairemos da mesma forma como entramos neste tempo

de vírus. Pode ser que tenhamos que atravessar um longo período de mudança de modelo de consumo”. O que estamos enfrentando na atualidade – **pandemia da COVID-19** –, nada mais é do que uma aceleração de realidades que indicavam um novo contexto de mundo, cenários ou retratos de um futuro muito próximo. Logo, sinais de alerta ao sistema econômico global se amplificaram no mercado de trabalho nacional e, no momento atual, está patente que as consequências da disseminação do vírus SARS-CoV-2 no Brasil não serão de curta duração. **A realidade?** Surpreendentemente, muitos de nossos planos para 2020 viraram de “cabeça para baixo”. De um lado, consideramos que cada pessoa está vivenciando as novas experiências cotidianas de uma maneira muito peculiar. Por outro lado, no arrastar de meses com isolamento social e distanciamento físico, para se evitar o SARS-CoV-2 e diminuir a probabilidade de contaminação, acredita-se que possam emergir possibilidades de ressignificação e de descoberta de novos sentidos às questões do dia a dia.

É inexplicável pensar sobre quão drasticamente o mundo se transformou em tão curto período de tempo. Antes de se tornar uma pandemia, contaminações e mortes em nosso país pareciam estar tão distantes. O que está por vir? A doença, seja ela qual for, produz uma sensação de insegurança, apreensão e transtornos de ansiedade. Na atualidade, o ser humano está enfrentando vários entraves, entre eles, as restrições dos deslocamentos para outros locais e, com certeza, todas essas situações modificaram a maneira de viver e de trabalhar, e a forma de consumo em meio à pandemia do SARS-CoV-2. Um evento como esse ocasiona perturbações psicológicas e sociais que afetam a capacidade de enfrentamento de toda a sociedade, em variados níveis de intensidade e propagação. (MINISTÉRIO da SAÚDE do BRASIL, 2020a).

Ao mesmo tempo, nota-se que as repercussões da crise da COVID-19 na economia brasileira vêm-se somar a um cenário socioeconômico que já se encontrava em real degradação nos últimos anos. Além desses fatos, a pandemia mundial originou uma crise sanitária e os problemas não param por aí.... A desigualdade social brasileira tem causado adoecimento, sobretudo, nos mais empobrecidos e necessitados, nas populações trabalhadoras, nos grupos de maior vulnerabilidade socioeconômica, nas mulheres, sem deixar de atingir aos idosos e os negros. Diversos segmentos do corpo social estão mais expostos e são identificados por determinados indivíduos como grupos de risco, a título de exemplo, os negros.

A população negra é considerada um grupo de risco, por conta das comorbidades específicas. Considera-se entre essas comorbidades, a doença genética e hereditária **anemia falciforme**. Uma outra situação bastante preocupante é que a COVID-19 iniciou seu contágio em certos municípios, em bairros de classe média e alta, que, no caso, apresentavam uma

predominância da população branca. À medida que a pandemia foi direcionando-se para outras localidades, constata-se que o aumento de óbitos e a gravidade das situações socioeconômicas ou de saúde nos territórios de população negra e de periferias pobres foram muito maiores do que nos demais bairros. Nessas populações mais carentes, há uma predominância de doenças cardiovasculares e renais, diabetes *mellitus*, obesidade, hipertensão arterial, condições precárias de moradia, desemprego, miséria, fome, marginalização, aumento de homicídios e violência banalizada. Na prática, essas indicações revelam que nossas estruturas sociais estão fracassando.

Na opinião de Butler (2020, p.2), “o vírus não discrimina. Poderíamos dizer que ele nos trata com igualdade, nos colocando igualmente diante do risco de adoecer, perder alguém próximo e de viver em um mundo marcado por uma ameaça iminente”. Ela acrescenta que “estamos diante de um vírus que transpõe tranquilamente as fronteiras, completamente alheio à própria ideia de território nacional”. É verdade...! O SARS-CoV-2 é um patógeno que atravessou as fronteiras de continentes e tem deixado alguns indivíduos intrigados em relação à sua propagação. Esses organismos diminutos, simples e acelulares causaram uma pandemia de emergência global, provocando transformações no cenário mundial de forma muito rápida.

Em relação à saúde mental, cabe destacar que nunca estivemos tão similares, deslocando nos supermercados, transitando nas ruas ou em qualquer lugar. Quem diria? Os nossos sorrisos, quando acontecem, por baixo de um tecido. Em nenhum momento da vida imaginamos que nossas faces e algumas expressões, seriam representadas apenas pelos olhos. As máscaras, em parte, padronizam as pessoas. Ao mesmo tempo, elas exercem influência em nossos olhares, para frente. Para alguns indivíduos, não há muito interesse se este é rico ou miserável, se aquele é chique ou *kitsch*, se aquilo é contemporâneo ou centenário. De certa forma, as máscaras acobertaram estas particularidades da hierarquia social. Nesse sentido, a máscara pode nos trazer um entendimento de igualdade quando estamos expostos a momentos de vulnerabilidade.

Cada um de nós está vivendo em uma temporalidade diferente e, no tocante ao mundo do trabalho e da pesquisa, estar trabalhando e estudar exclusivamente em nossas casas durante essa fase de isolamento e reclusão social nos exige reinventar a rotina diária, saber criar e inventar dia a dia. É um movimento interior de (re)descobertas e de profunda transformação interna, de novos sentimentos, tentando entender as nossas ações e emoções, muitas vezes de modo sofrido e sem saber qual poderá ser o desfecho. Em vista disso, muitas pessoas estão procurando apoio e conhecimento informacional, mas também quando é possível, estão buscando auxílio emocional, espiritual e psicológico. Saúde mental não é ostentação ou luxo.

Nós adoecemos. Nós podemos adoecer por fora. Nós podemos adoecer internamente, intimamente. Nós podemos adoecer as outras pessoas, adoecer os espaços físicos, o meio ambiente, as nossas ideias e esperanças. Nós podemos adoecer os sentimentos e os nossos vínculos afetivos.

Para Karnal (2020, p.2), “o vírus é um dado objetivo da natureza: gente otimista, pessimista, de esquerda e de direita contraem vírus. A tentativa de dar sentido ao vírus é inteiramente nossa. O vírus vai contaminar quem ele tentar atingir e estiver com a resistência baixa.” Essa é a realidade. As análises de Karnal (2020) refletem o real. Em consequência do estado de saúde de alguns brasileiros, o número de óbitos está ocorrendo a uma velocidade desnorteante e é difícil admitir uma conjuntura como essa, mas o negacionismo sempre existiu em nossa sociedade.

Então, por que não adquirimos conhecimento com os erros do passado? Porque o negacionismo tem suas raízes profundas e resiste à história dos fatos. O planeta tem vivenciado uma crescente negação de fatos históricos e científicos. Acredita-se que na pandemia da COVID-19 o que está em “jogo” é a manifestação de poder e disputas ideológicas, de interesses políticos entre os países. Consequentemente, a sociedade esbarra em situações de instabilidade que influenciam nossas vidas, em diferentes proporções.

Edison Bueno (2020, p.1), médico sanitário e chefe do Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), diz que a “negação do conhecimento científico vai contra os valores, o progresso, traz sofrimento e só é contornada quando se garante livre acesso à informação, à educação, à saúde e à discussão de ideias e debates”. Na realidade, de um lado estamos cientes das medidas de confinamento e isolamento social, necessárias para atenuar o contágio do novo coronavírus SARS-CoV-2. Por outro lado, o “negacionismo” na saúde desconsidera o potencial elevadíssimo de risco do novo coronavírus, ignora a disseminação no progresso da pandemia, despreza a capacidade dos sistemas de saúde e dos hospitais, subestima a ocorrência de milhares de óbitos no Brasil e no mundo.

A pandemia está provocando grandes transformações e trouxe à tona muitos ensinamentos e muitas coisas que se encontravam adormecidas ou estagnadas. De certa forma, a pandemia acelerou o avanço das inovações e de novas tecnologias para a área da saúde. **Um fato é real.** Nós tivemos um grande desenvolvimento tecnológico no fim do século XX e, nas duas primeiras décadas do século XXI, ocorreram investimentos na tecnologia, mas não na mesma proporção em sistemas de saúde e de prevenção que pudessem conter esse grande inimigo invisível, um vírus. A pandemia está mostrando esses limites, inclusive os nossos

próprios para lidar com os aparatos digitais. Nós estamos movendo limites, vivendo em alguns limites.... Estamos desafiados a aprender e a conviver com algumas limitações.

No Brasil, esse quadro vivido por cada um de nós desde o mês de março de 2020 era impensável poucos meses atrás. A COVID-19 é uma doença que tem uma prescrição universal e dolorosa para ser evitada, a do isolamento social. Muitos de nós estamos isolados, trabalhando em *home office*, durante esse período de confinamento e milhares de outras pessoas foram obrigadas a readaptarem suas rotinas de vida, de trabalho e de estudos ao limite de suas residências. No mundo inteiro, outros tantos, perderam seus empregos e também seus recursos de subsistência. Muitíssimo e duplamente afetados pela pandemia.

Não deixam de ser um horizonte sombrio essas novas dimensões de pensamento, de espaço-tempo e de concepção de vida para muitos indivíduos. Lamentavelmente, nem todos os trabalhadores podem exercer suas atividades laborais dessa forma, em *home office*; outros têm dificuldades de trabalhar remotamente, tornando-se assim menos produtivos e/ou excluídos do mundo do trabalho. Não há como duvidar. A cultura virtual não supera a nossa presencialidade, o nosso simples encontro, o olhar nos olhos, o aperto das mãos, os sorrisos face a face, os afetos e abraços aconchegantes. O novo e o inesperado não destroem e apagam o passado recente. Afinal, o que resiste e o que se dilui?

Em relação a esses contextos sobre as influências da cultura virtual em nossas vidas e na sociedade, Lévy (2015, p.3) salientou em uma entrevista para o projeto cultural **Fronteiras do Pensamento** (2015) que “o nosso potencial de comunicação se multiplicou e distribuiu-se no conjunto da sociedade. A percepção do mundo que nos cerca aumentou e tornou-se mais precisa”. Ainda complementou sua fala explicitando que a “nossa memória cresceu. A nossa capacidade de análise de situações complexas a partir de massas de dados vai, em breve, transformar a nossa relação com o meio ambiente biológico e social”. Considerando tais dizeres de Pierre Lévy, é perceptível que essas mutações vêm ocorrendo de forma vertiginosa no cenário mundial no século XXI. E, na atual situação sanitária, essa realidade é mais visível, pois, com o isolamento social, potencializamos e estamos mostrando nossa subordinação às tecnologias digitais.

Sob outra perspectiva, sabe-se que, durante esse período de pandemia, as telas dos aparatos tecnológicos podem, por exemplo, personalizar o ensino e estimular docentes e discentes nas salas de aulas virtuais. Na verdade, as telas não deixam de representar simbolicamente um afastamento, elas também tiram o encontro com o outro e o ser humano necessita de estar com outro ser humano, de contato físico e de interações presenciais. Independentemente do nosso acesso aos meios de difusão digital de comunicação e informação,

estamos perdendo alguns estímulos naturais e acreditamos que um dos maiores problemas do isolamento social ou do *lockdown*, mesmo nesse mundo conectado e globalizado, é que, em meio a essa tentativa de manter o corpo saudável, a mente pode acabar prejudicada, acarretando consequências psíquicas que atingem a saúde mental.

Jair de Jesus Mari (2020), médico psiquiatra, professor titular e chefe do Departamento de Psiquiatria da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo alerta que a pandemia é um “forte fator de estresse que, por sua vez, é fator causal de desequilíbrios neurofisiológicos. Nas pessoas, são comuns as manifestações de desamparo, tédio e raiva pela perda da liberdade”. Mari (2020) relata ainda que homens e mulheres podem apresentar desconforto em relação à nova realidade, sensação de fadiga, desgaste emocional, irritabilidade, insônia, pânico e pensamentos negativos. É muito comum também a coexistência de sintomas depressivos e de ansiedade.

Com certeza, a pandemia de COVID-19 tem provocado crises internas nas janelas da alma e externas, fechando algumas portas. Nós estamos mais reservados e privados de uma costumeira rotina no trabalho com nossos parceiros, sem poder estar presencialmente com algumas pessoas que estimamos, pessoas que amamos, das quais sentimos uma imensa falta. **A saudade é dolorosa...!**

De outro ponto de vista, a pandemia tem possibilitado abrir outras portas: creio que muitos indivíduos estão refletindo um pouco mais, verificando se essa rotina frenética é de fato necessária, se algumas viagens são imprescindíveis, se não podemos viver com menos dinheiro e mais qualidade de vida, se não somos capazes de ser mais flexíveis em algumas situações rotineiras, sem desgastes desnecessários, se conseguimos mudar determinados hábitos e atitudes para diminuirmos a poluição ambiental, se não podemos ser mais atenciosos, afetuosos e presentes com os familiares e amigos.

As mudanças repentinas nas práticas habituais de trabalho, as incertezas, a insegurança e o panorama sobre o desemprego no Brasil podem se tornar os agentes responsáveis pelo surgimento do estresse crônico, da sobrecarga psicológica, da exaustão cognitiva e levar ao estágio de esgotamento profissional, conhecido como Síndrome de *Burnout* - SB. Quais seriam as implicações desta síndrome em profissionais que atuam na docência? Para os especialistas, alguns docentes estão com dificuldades de lidar com a exaustão emocional. Os efeitos da Síndrome de *Burnout* interferem em todas as esferas da vida de um professor.

Em uma perspectiva psicossocial, a SB tem sido definida como um distúrbio psíquico que apresenta vários estágios. Em outros termos, Pêgo e Pêgo (2016, p.171) elucidam que a “Síndrome de *Burnout* (SB) assume um caráter multidimensional, cuja manifestação se

caracteriza por esgotamento emocional, redução da realização pessoal no trabalho e despersonalização do profissional”. Segundo a Associação Nacional de Medicina do Trabalho - ANAMT (2019), a Síndrome de *Burnout* é um “quadro de esgotamento profissional caracterizado por três sinais clássicos: 1) esgotamento físico e psíquico; 2) indiferença e perda de personalidade (não se importar mais com o próprio desempenho profissional); e 3) baixa satisfação profissional”. Não existem tantas informações ou dados precisos, porém, segundo “a representação brasileira da Associação Internacional de Manejo do Estresse (ISMA), 72% dos brasileiros que estão no mercado de trabalho sofrem alguma sequela ocasionada pelo estresse. Desse total, 32% sofreriam de *Burnout*”.

O acúmulo de atividades, as reduções de salários e de carga horária de trabalho para realizar as tarefas, a necessidade de adquirir novas competências e habilidades, a dificuldade de se desligar do trabalho, dentre outros fatores, desencadeiam um estado de aflição e estresse, causando muitas vezes nos docentes esgotamento, cansaço excessivo físico e mental, dor de cabeça regularmente, sentimentos de insucesso, de desesperança e de negatividade permanentemente, alterações gastrointestinais, entre outros sintomas.

É importante salientar que, em 2019, a Síndrome de *Burnout* ganhou uma nova classificação, sendo compreendida pela Organização Mundial da Saúde como fruto de **estresse crônico no trabalho** – definição que será incorporada à Classificação Internacional de Doenças (CID) e problemas relacionados à saúde em 2022.

Na época atual, esperam-se no exercício do trabalho docente, nos serviços de atenção à saúde e em outras categorias de trabalho – que lidam muitas vezes com os sofrimentos, as dores, as aflições e mal-estares fisiológico, psicológico e social das pessoas –, alguns sintomas ou transtornos que devem ser entendidos como uma resposta ao estresse laboral. Quiçá, encontraremos indivíduos com fadiga permanente e progressiva, insônia, crises de ansiedade e aflições, síndrome do pânico, sentimentos de alienação, depressão, desconfiança, incapacidade para relaxar e, até mesmo, a sensação de abandono ou solidão.

Quanto ao trabalho docente, as IES estão possibilitando algumas alternativas aos professores da educação superior. Elas estão oferecendo o ensino remoto e o corpo docente está se preparando pedagogicamente para os encontros virtuais. Certos professores inclusive criaram grupos específicos no *WhatsApp* e *Facebook* para facilitar o contato com os alunos. A impressão é que estamos vivendo em um mundo automático, robotizado, hipnotizados pelas telas dos aparatos tecnológicos, com alguns comandos que determinam exatamente quais passos devemos dar. A questão é: como lidar com tudo isso? As pessoas estão recorrendo a amparos, como podem, buscando por ciência, por religião. Querem a descoberta da cura,

querem uma vacina que seja eficaz contra a COVID-19, procuram por ressignificações em suas vidas.

O professor da educação superior está enfrentando grandes desafios na docência, que confrontam as relações com o outro, colocam em “xeque” a saúde física e mental e sua sobrevivência. Não há como se sustentar na negação quando as repercussões da realidade estão por todo o mundo, em toda parte. A doença havia chegado ao Brasil e, em março de 2020, a OMS definiu o surto da doença COVID-19 como pandemia. Ressalto que tive dificuldades para aceitar essa nova realidade, sobretudo nos 30 primeiros dias de pandemia mundial. A minha negação sobre a chegada da COVID-19 em territórios brasileiro e municipal não conseguiu perdurar por longo período. Havia chegado um tempo de introspecção, de manifestações de preocupação e de tristeza. Mas era preciso me reinventar, eu precisava trabalhar. Adaptei, em meu simples abrigo, as salas de aulas, para cumprir e promover o ensino remoto no curso presencial. Pouco a pouco, comecei a driblar as dificuldades, respeitando as próprias limitações.

No início da pandemia, tive que fazer algumas formações para lidar com alguns dispositivos eletrônicos e ferramentas tecnológicas. Nas duas últimas semanas de março me “desdobrei” para aprender coisas novas, contei com o apoio de outras professoras, pois precisava trabalhar com as aulas remotas nas turmas e até hoje tenho buscado algumas alternativas para que essas aulas sejam mais atrativas. Tenho muito a aprender ainda...! É importante destacar que todas as minhas aulas remotas na Universidade de Uberaba foram síncronas, gravadas e disponibilizadas para os alunos em sua área acadêmica (AVA). Dessa forma, não houve interrupção de atividades e de aulas durante o ano.

Nesse sentido, os professores colaboraram para que não ocorresse um aumento ainda maior de evasão dos alunos dos cursos de graduação e de pós-graduação da UNIUBE. Conseguimos realizar o trabalho docente e as reuniões pelo serviço de comunicação por vídeo *Google Meet*, evitando que o desemprego de professores e do pessoal administrativo atingisse proporções alarmantes na instituição. Na EaD, como professor responsável e professor-tutor nos cursos de graduação e de pós-graduação da Universidade de Uberaba, não ocorreram modificações na maioria dos cursos, tendo uma ou outra exceção, uma ou outra particularidade. Na graduação, planejamos e organizamos as Práticas Laboratoriais (aulas práticas *online*) do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, que foram gravadas e disponibilizadas no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) no início dos módulos de estudos. Ademais, próximo ao fim do ciclo avaliativo dos módulos, foram agendados momentos síncronos de socialização para o atendimento aos acadêmicos, antes da entrega final do Relatório de Práticas Laboratoriais.

No transcorrer da pandemia, a maioria dos docentes da graduação e da pós-graduação da IES tivemos um ajuste de acordo individual de trabalho, na forma da **Medida Provisória nº 936 de 1º de abril de 2020**, que instituiu o Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda. Ali são dispostas medidas trabalhistas complementares para enfrentamento do estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020, e da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente da COVID-19, de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, e dá outras providências, nos termos da referida legislação emergencial, em que ficou pactuada a redução de carga horária e de salário, em 25% (vinte e cinco) por cento. Há casos de reduções maiores e inclusive de suspensões.

Nesse cenário incerto, novos desafios estão sendo impostos para o dia a dia. Momentos difíceis que têm gerado muitas preocupações. Eu tenho muita insegurança para os próximos meses de 2021 e este pesadelo parece estar longe de ter um fim. Não é uma visão pessimista, é uma realidade. A pandemia da COVID-19 aumenta cada vez mais os riscos à saúde mental de professores.

Em relação à nova década, a instabilidade e as novas configurações do trabalho, o desemprego e as incertezas são alguns dos fatores que abalam a saúde mental das pessoas. Contudo, no trabalho como gestor de curso, em meio à crise sanitária e econômica, fico a todo momento buscando formas de estar bem, de estar mais tranquilo e, além disso, procuro estimular constantemente o grupo de docentes, que passou a lidar com reduções salariais e ameaças de desemprego. A pandemia ampliou os desafios para todos os profissionais que atuam na educação e, diante desses cenários, estou buscando ações estratégicas para o funcionamento e a continuidade do curso na EaD.

Nós estamos na descoberta de novos sentidos para as situações do dia a dia e, possivelmente, daqui a algum tempo, no decorrer do século XXI, consideramos que, por meio das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação - TDIC, ouviremos dizer e iremos ler textos com mensagens sobre tais acontecimentos, em que um vírus surgiu na Terra e transformou a forma de viver da maioria das pessoas, que tirou tudo do lugar e paralisou o planeta.

Nos mais variados continentes, em todas as línguas, as palavras mais pronunciadas durante meses para a proteção coletiva da humanidade foram: “fiquem em casa”, “utilizem água e sabão”, “usem as máscaras”. Na atualidade, o nosso lar, a nossa casa ganhou um outro significado ou interpretação – o de “abrigo”. O nosso lar é o nosso refúgio, o nosso ninho. Porém, temos consciência de que nem todos estão podendo desfrutar desse acolhimento dos

lares. Muitos trabalhadores estão nos hospitais, de máscaras, muitas vezes sem condições ideais de trabalho. Diante desse universo pandêmico, ficamos a pensar e acreditamos que algumas nações irão vencer mais rapidamente essa batalha, também chamada como Terceira Guerra Mundial. Certamente, serão os países que investiram na ciência, tecnologia e inovação, na infraestrutura hospitalar, na infraestrutura laboratorial e científica e em tecnologias, primordialmente em automação, robótica, inteligência artificial e equipamentos de imagem para a saúde.

Durante esse tempo de pandemia em nossa nação, algumas pessoas vêm conseguindo subverter essa fase ruim, transformando determinadas situações em algo bom, seja fazendo cursos *online*, dedicando-se aos estudos, criando uma rotina de exercícios físicos, melhorando a alimentação, freando o consumismo e outras coisas do tipo. Essas ações são significativas para que criemos uma sensação de utilidade, saindo daquele módulo automático e robotizado e fazendo algo significativo por nós.

Viver a pesquisa é preciso: a construção da tese em períodos de pandemia

A pandemia não provocou a nossa estagnação. Nós continuamos em busca de novas informações, com um padrão energético repleto de bons pensamentos e boas vibrações, trazendo o foco para essa pesquisa. Nesse sentido, ressaltamos que, para esta produção científica, fizemos um projeto que atendesse ao prazer de estudar, ao meu desejo e alto grau de interesse pessoal. É relevante ter satisfação e prazer ao debater o assunto almejado, um fato imprescindível para que o pesquisador tenha êxito durante a elaboração e a condução da investigação. Trabalhar uma temática que não fosse de meu interesse tornaria a pesquisa um exercício de tristeza, sofrimento e adoecimento.

Não há uma fórmula mágica para escrever uma tese. É uma palavra de cada vez. Por fim, realçamos que uma produção do conhecimento por meio de pesquisas não é definitiva, em que se coloca um ponto final às discussões. Uma investigação científica apresenta não só as respostas ao que não se sabe, mas também dispõe de questionamentos e interrogações ao que não se sabe o suficiente, para superar o existente e reinventar novos olhares, percepções, sentimentos e conhecimentos, reiniciando sempre que possível, novas investigações, sem a pretensão de se esgotar a temática em questão.

Por isso, a pandemia em vez de, necessariamente, paralisar interesses e ações, produziu resiliência, testou resistência e nos lançou à busca e à realização de alternativas para lidar com o inesperado e ao mesmo tempo não conseguiu transformar as dificuldades em barreiras que

nos afastassem dos projetos de nossa profissionalização docente e formação como pesquisadores.

INTRODUÇÃO

“Cada vez se produz mais informação, cada vez são mais as pessoas cujo trabalho é informar, cada vez são mais também as pessoas que dependem da informação para trabalhar e viver. [...] A informação penetra a sociedade como uma rede capilar e ao mesmo tempo como infraestrutura básica”.

Francisco Pinto Balsemão, 1994.

O trabalho como atividade socioeconômica passou por transformações em suas conjunturas, em seus conteúdos, em sua organização e na sua compreensão no decorrer do tempo. Na humanidade, o trabalho é reconhecido como uma atividade produtiva, física ou mental, que modifica a natureza e transforma o homem, produzindo bens materiais ou serviços, com a finalidade de sobrevivência. A ele são atribuídas diferentes interpretações, de acordo com o *know-how*, a cultura, os acontecimentos e os tempos históricos em que ele acontece ou se dá. Ao longo do tempo, muitas ferramentas de trabalho se transformaram, algumas formas de trabalho metamorfosearam-se e foram reorganizadas.

No capitalismo, os trabalhadores desempenham o trabalho em troca de um salário que, em muitas ocupações profissionais, não é satisfatório como deveria, mas também pode ser uma fonte de prazeres, de desenvolvimento da autonomia, de valorização e reconhecimento, possibilitando o encontro com o outro. Ele é ordenador do tempo, constitui uma ocupação cotidiana na vida das pessoas, é uma maneira de lutar contra a monotonia, porém pode, por outro lado, causar tristeza, sofrimento e adoecimento.

Para as gerações do século XX, o trabalho era fundamentalmente uma responsabilidade e uma maneira de conquistar a respeitabilidade. Sob outra perspectiva, outros sentimentos e aspirações a ele ligados, como contentamentos, felicidade e realizações profissional e pessoal, na generalidade, permaneciam em segundo plano.

A necessidade de integrar potência de trabalho à luta pela subsistência falava em alto grau, sobretudo para algumas classes sociais. E, especialmente, conforme algumas culturas e religiões. Para o homem era quase um dever instintivo cumprir um papel na sociedade e nela ter uma atividade laboral, cotidianamente e por um determinado período. Indubitavelmente representava sua sobrevivência e reconhecimento social enquanto indivíduo.

Com o transcorrer dos anos, por consequência das transformações sociais e econômicas, assim como da sua reestruturação técnica e produtiva, a exemplo da flexibilização

e precarização das atividades empregatícias, começaram a se desvelar outras implicações do trabalho na vida dos indivíduos e de grupos, tais como: angústia, sofrimento, preocupação, hesitação e pânico.

O trabalho pode se configurar um processo da atividade humana. É uma atividade primordial e, comumente, expressa a ação do ser humano para subsistir e realizar-se. Pode apresentar uma dupla natureza: por um lado, é um manancial de realização, deleite, júbilo e alegrias, constituindo e gerando relações e diferenças de subjetividade dos sujeitos; sob outra perspectiva, suas dimensões podem contribuir para o aparecimento e desenvolvimento de determinadas patologias, tornando-o deletério à saúde. Portanto, o trabalho é uma atividade transformadora. Por meio dele, o ser humano utiliza sua capacidade de pensar e agir para estabelecer relações com o meio e com outros seres humanos. Pelo trabalho se dá a produção dos bens necessários à sua subsistência e, também, o desenvolvimento social, tecnológico e cultural.

No sistema de produção capitalista, ao produzir mercadoria, o trabalhador de certa forma, transforma trabalho em capital e os proprietários das empresas em capitalistas. Nessa situação, o trabalho gera mercadoria que tem valor de uso e valor; ou seja, o próprio produto como capital. Ao analisar o modo de produção capitalista, Marx (1984, p.274) chama nossa atenção para a existência da fórmula trinitária, assim descrita por ele:

[...] o capital rende, ano por ano, lucro para o capitalista; o solo, renda fundiária para o proprietário da terra, e a força de trabalho [...] salário para o trabalhador. [...] ao capitalista aparece seu capital, ao proprietário da terra seu solo e ao trabalhador, sua força de trabalho. [...].

Assim sendo, verifica-se uma separação entre os proprietários dos meios de produção e capital e os trabalhadores —, os trabalhadores, neste caso, são aqueles que usam sua força de trabalho em troca de salário e os proprietários, também chamados de capitalistas, concentram em suas “mãos” o capital, a terra, as ferramentas, as tecnologias e os materiais necessários à produção de mercadorias. Em relação ao trabalho produtivo, Marx (1984, p. 105-106) aclara que “[...] a produção capitalista não é apenas produção de mercadoria, é essencialmente produção de mais-valia. Apenas é produtivo o trabalhador que produz mais-valia para o capitalista ou serve à autovalorização do capital”.

Em vista disso, a produção capitalista não é meramente uma fabricação de mercadorias, é fundamentalmente a produção de mais-valia. Os trabalhadores não produzem para si, mas para o capital. E são considerados produtivos os trabalhadores que produzem mais-valia para os empresários ou que permitem uma valorização do capital. Desse modo, todas as

produções e atividades estão coligadas a um cálculo de produtividade, com a finalidade de impulsionar a eficácia de cada indivíduo em todos os seus domínios.

Marx (1982, p.25) também descreveu as relações na produção social da própria vida, ao reconhecer que “os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais”. Nessa condição, o trabalho passa a existir como algo estranho ao sujeito que o produz, pois o domínio do processo de produção não lhe pertence, e essa relação muitas vezes é atravessada por confrontos, conflitos e dilemas.

Ao investigar a concepção histórica do trabalho, Dal Rosso (2008) perpassa a trajetória das revoluções industriais e das bases produtivas do taylorismo, fordismo e toyotismo, ressaltando pontos, tais como ampliação da jornada de trabalho, inclusão de novas tecnologias e obtenção de habilidades inovadoras. Dal Rosso (2008) reitera que, no decorrer das revoluções industriais, a intensificação do trabalho acentua-se, não nos sendo possível passar despercebida. Amparando-se principalmente em Marx e sobre suas observações relativas às mutações sociais, o autor declara que, para garantir a produção de valor, os trabalhadores terão o prolongamento de sua jornada de trabalho, além de novas imposições para operar máquinas modernas, que assegurem o aumento da produtividade. Em diversos tipos de atividades laborais, os aparatos digitais favorecem novos ritmos de trabalho e condições de produção em razão da mobilidade que oportunizam, transformando todo espaço em um local de trabalho e todo o tempo em um ciclo de trabalho. Nesse sentido, a máquina sobrepõe-se ao ser humano, e este poderá ficar dominado em seu tempo, espaços e ritmos.

Em seus estudos, Antunes (2018, p.172-173) sinaliza uma nova conformação do trabalho na contemporaneidade, em que o “trabalho polivalente, multifuncional, qualificado, combinado com uma estrutura mais horizontada e integrada entre diversas empresas, [...], tem como finalidade reduzir o tempo de produção”. Acrescenta (2018, p.30) que a “longa transformação do capital chegou à era da financeirização e da mundialização em escala global, [...], quer intensificando os níveis de precarização e informalidade, quer se direcionando à intelectualização do trabalho”. No capitalismo, as relações de trabalho se metamorfoseiam à medida que os setores produtivos progridem. Assim, espera-se que nesses avanços ocorra uma produtividade com o cumprimento das atividades laborais em um tempo menor. Em outras palavras, isso quer dizer: trabalhar mais em um intervalo de tempo menor conquistando melhores resultados.

No ensaio **A sociedade do cansaço**, o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2017) apresenta o protótipo da sociedade no século XXI. Não mais uma sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho, acentuando que vivemos cada vez mais afastados do esquema imunológico do século passado. Na sociedade se estabeleceu uma divisão nítida entre dentro e fora, amigo e inimigo, entre próprio e estranho. Os habitantes dessa nova configuração de corpo social não se chamam mais “sujeitos de obediência”, mas “sujeitos de desempenho e produção”. São empresários de si mesmos. Cada sujeito é empreendedor de si mesmo e necessita se governar para originar um capital que carece desenvolver e frutificar-se.

Na sociedade capitalista do século XXI, o conceito de trabalho recebe um novo significado historicamente constituído e fruto de condições e percursos políticos, culturais e econômicos. São incontestáveis as constantes e intensas transformações no mundo do trabalho e os resultados provocados pela insatisfação nas relações profissionais, que permeiam a vida de uma pessoa e se refletem diretamente em seus aspectos emocional e social (SOUSA, 2006), além dos sentidos que a atividade profissional simboliza para o sujeito, sobretudo, em termos de realização pessoal.

Quando trazemos as relações de trabalho e essas discussões para a educação, as evidências são de que o trabalho docente em uma IES não escapa dessas condições e exigências. A esses panoramas acrescentam-se também fatores externos, presentes no trabalho do professor nos cursos de graduação. Esses fatores extrínsecos podem causar um clima incessante de intimidação, aumento da competitividade e crescentes batalhas interpessoais. Essas sensações e conflitos podem levar a um sentimento de tristeza, ansiedade, intimidação, autoestima baixa, depressão e vulnerabilidades mais frequentes e ampliadas.

À medida que se ampliam as transformações e as demandas trazidas pelo capitalismo, por exemplo, a intensificação do trabalho, as novas formas de organização das atividades laborais mediadas pelas tecnologias digitais e a reestruturação do trabalho docente no cenário da mundialização do capital, em sua fase de acumulação flexível, amplifica-se o número de coeficientes que regulam a organização do trabalho docente; melhor dizendo, as variáveis que influenciam os esquemas mentais, organização, criações e estruturação. Essas ocorrências no dia a dia do trabalho docente tendem a impulsionar, gradualmente, dimensões subjetivas, a ponto de, dentre outras ocorrências, provocar apreensão e sofrimento.

Dos professores tem sido exigido dedicação, esmero, polivalência e empenho incessantes e progressivos. De certa forma, cada docente encara as atividades laborais a seu modo, ora por reestruturação do estilo de vida, suporte emocional, perspicácia em suas ações

educativas, ora por vivências assimiladas, experiências aprendidas pela vida e os próprios impasses inerentes às condições do trabalho docente. E, em razão dessas situações, as transformações que se externam no processo produtivo, tais como racionalização de utilização da mão de obra, modificações na organização e na produção devido às inovações tecnológicas têm propiciado um encadeamento de manifestações na subjetividade humana.

Isso admitido e considerados tais contextos, a origem do nosso problema de pesquisa ancorou-se nas potentes mutações do capitalismo nas duas primeiras décadas do século XXI, centralizadas nas transformações das relações tempo-espaço e suas articulações com o mundo do trabalho e influências na organização e ritmos do trabalho docente.

O trabalho docente traz implicações, limites, possibilidades, potencialidades e impasses que se articulam com a cultura virtual tida como cerne desta investigação, pelo que dissemina, expande e reconfigura nas subjetividades individuais e coletivas. À luz das considerações sobre os processos de trabalho, um problema teórico e “pano de fundo” desse cenário liga-se ao sentimento de pertencimento dos professores. Na sociedade capitalista e cada vez mais globalizada do século XXI, o trabalho docente exprime uma historicidade que o define em seus rumos, conteúdos e significações. Compreender como ele ocorre pressupõe diferir condições externas e subjetivas de seu exercício, processos de flexibilização de jornada e de contratos, sua organização e processos, exigências técnicas e funcionais de trabalho produtivo como valor de troca –, e uma ampliação de responsabilidades para quem o opera.

Assim, o trabalho dos professores apresenta-se como uma atividade coletiva e, para Oliveira (2015), não pode ser restrito apenas à sala de aula e às interações com os acadêmicos nos espaços escolares. Análises de Oliveira (2015) apontam o trabalho docente e a criação de um meio propício para a aprendizagem de conteúdos disciplinares e o desenvolvimento de capacidades específicas. Para o bom desenvolvimento de suas atividades laborais, seria difícil pensar em organizar, planejar e avaliar, sem a utilização de recursos digitais, especialmente no contexto da cultura virtual em que nos relacionamos, vivenciamos nossas experiências e trabalhamos.

No que concerne às reestruturações técnicas e sociais em que o trabalho docente acontece, esta pesquisa orientou-se pelas seguintes questões: a cultura virtual tem potencializado uma mutação na “natureza” do trabalho docente? Os padrões de cultura da acumulação flexível e o cenário social do século XXI demandam novas reconfigurações do trabalho docente? O modelo de produção flexível requer do trabalhador docente polivalência, multifuncionalidade e rapidez para propor soluções num tempo exíguo? Na educação superior,

as transformações virtuais têm fomentado uma "reengenharia" dos processos produtivos no setor de serviços? Como e em que aspectos a cultura virtual recompõe a organização dos conteúdos e o trabalho professoral? Que implicações isso traz para a subjetividade e a profissão docente? Como está sendo compreendida a subjetividade de professores no ensino superior? No ensino superior, a cultura virtual tem gerado um *apartheid* entre conectados e não conectados?

Considerados os referidos questionamentos, tem-se o seguinte **problema de pesquisa**: “sob quais formas, ritmos e expressões a cultura virtual tem conduzido uma reestruturação do trabalho docente na educação superior, reconfigurando a subjetividade de professores universitários dos cursos de graduação?”

Em decorrência da realidade no mundo do trabalho, nessa pesquisa temos como desafio e objetivo principal compreender suas inter-relações com a cultura virtual e a subjetividade de professores da educação superior de cursos de graduação de duas instituições do Triângulo Mineiro e uma do Alto Paranaíba, de modo a analisar e compreender como o docente se relaciona com as tecnologias midiáticas no exercício de seu trabalho. Interessados em conhecer os processos de constituição de subjetividades dos professores na interface do seu trabalho com a cultura midiática, importa-nos de início discutir os significados dos conceitos de trabalho, trabalho docente e cultura virtual, distinguindo sua polissemia e conteúdo.

Em linhas gerais, nesta tese apresentamos conteúdos que permitam compreender um pouco mais sobre as implicações da cultura virtual no mundo do trabalho docente no século XXI, de modo especial aquele desenvolvido na educação superior. Em relevo, interessados em conhecer os processos de constituição de subjetividades dos professores na interface do seu trabalho com a cultura midiática, importa-nos de início discutir os significados dos conceitos de trabalho, trabalho docente e cultura virtual, distinguindo sua polissemia e conteúdo.

Conhecer os significados de trabalho, trabalho docente, distinguindo sua natureza, conteúdos e conexões com a mundialização do capital, a era digital e a cultura virtual, bem como as reconfigurações subjetivas contemporâneas; analisar o trabalho docente no contexto da reestruturação produtiva e em suas articulações com as transformações econômicas, tecnológicas e educacionais na era digital; investigar as concepções de sujeito, “corpos” e subjetividades contemporâneas presentes no arcabouço teórico das diferentes áreas do conhecimento, na perspectiva e confluência da saúde coletiva, da sociologia do trabalho, da psicologia social e da educação, são os objetivos específicos que norteiam o desenvolvimento da pesquisa.

Pela perspectiva teórico-metodológica do materialismo histórico-dialético, também buscamos identificar e explicar os sentidos que se produzem e se reproduzem no processo social do trabalho na educação superior, em dimensões subjetivas e objetivas de indivíduos e coletividades. Reforçando esta tendência, percebemos que, na atualidade, estamos diante de inúmeras inovações tecnológicas. Progressivamente, descobriremos outras tecnologias, construiremos novas máquinas e, conseqüentemente, os aparatos digitais irão potencializar a entrega de trabalhos em menor tempo e com maior eficiência na produção.

Nesse entendimento, acreditamos que estamos diante de mais uma revolução tecnológica no século XXI. A incorporação de maquinários e de equipamentos mais eficientes aumentam também os requisitos para os trabalhadores em termos de aprendizado, qualificação, adaptação, ritmo e velocidade. Esse maior dispêndio de energia operária ocorre simultaneamente pelo aumento da produtividade do capital fixo e pelo aumento da intensidade do trabalho operário” (DAL ROSSO, 2008, p. 47).

Em consequência da mundialização do capital e da revolução tecnológica, o capitalismo desviou os professores de um passado funcional praticamente imutável para um novo regime de multitarefas. É importante destacar que o docente realiza um papel primordial na era digital, não somente como o responsável pelo conteúdo, mas atuando como um catalisador de hiperconexões, em um ambiente tecnológico cada vez mais complexo, que, ao mesmo tempo, é também mais desenvolvido e aperfeiçoado. Logo, não podemos negar a vertiginosa expansão do maquinário digital no cenário mundial e sua indiscutível repercussão no papel da educação superior, ponderando que, cada vez mais, ele se faz presente nos processos que permeiam os indivíduos que com ele atuam, se relacionam e por meio dele constroem relações que lhes causam situações que nos interpelam e estimulam a pesquisa sobre as mutações do trabalho docente na cultura virtual.

Na atual fase do capitalismo em uma convergência de objetivos econômicos e estratégias tecnológicas, expandiu-se a cultura virtual organizada em redes. A rede tornou-se um instrumento fundamental para a economia capitalista inclinada para a mundialização do capital e a inovação tecnológica que reconfiguram a sociedade e seus sistemas produtivos. O universo virtual das redes irradiou-se de forma colossal por todo o planeta.

Quando falamos de convergência midiática em tempos de acumulação flexível e global, remetemo-nos a Peter Burke (2003), quando discute a história social do conhecimento, em que realça a revolução científico-tecnológica como um fenômeno implantado no século XVII, mas que perdura até os dias atuais. Enquanto Burke (2003) arquiteta discussões que

oportunizam compreender o percurso histórico do conhecimento, em que a cultura virtual se fez/faz presente ao longo do processo, Lévy (1999) aponta fundamentos relativos ao universo das tecnologias digitais, ao novo mercado digital-informacional e do (tele) conhecimento, bem como à infraestrutura do ciberespaço.

Para o autor (1999), os sujeitos compartilham e constroem relações de trabalho em um ciberespaço – novo cenário de comunicação –, cuja origem ocorreu a partir da interconexão planetária das redes de computadores. Tal expressão surgiu nas imediações da virada do século XX, período que marca a expansão da tecnologia digital e da *internet*.

As comunidades virtuais do ciberespaço têm aumentado e, nesse entendimento, Sibilia (2012, p.133) traduz esse “redesenho” do corpo social, apresentando o homem-informação, “um sujeito condenado ao *upgrade* constante, tanto do *software* (mente/código), quanto do *hardware* (corpo/organismo), visando a ultrapassagem dos limites espaciais e temporais que constroem a condição humana”.

Para estudo dessa significativa amplificação da cultura virtual na sociedade contemporânea, das relações entre trabalho docente e cultura virtual, bem como das possíveis alterações que esses dispositivos digitais vêm provocando nos sujeitos, destacamos as seguintes referências: Aroche (2015), Barreto (2014), Burke (2003), Castells (2007), Kenski (2013), Lévy (1999; 2010), Santaella (2003), Sibilia (2012) e Silva (2012), de modo a auxiliar na construção teórica de nossas análises e encaminhar outras questões sobre a organização do trabalho em tempos de convergência midiática.

Ainda, na linha dessas análises, Santaella (2003) aponta diferentes configurações de interações e de sociabilidade que intervêm diretamente nas culturas e grupos locais. Melhor dizendo, a cultura virtual, muito bem investigada por Santaella (2003) em suas pesquisas sobre as metamorfoses da cultura no século XX, globalização, revolução digital e pós-modernidade, alcança as pessoas de diferentes formas. No que tange a essa ocorrência que delimita a presença das mídias em múltiplos ambientes, com especial vigilância para o território do trabalho docente, Aroche (2015) destaca que as tecnologias digitais têm ocupado os espaços entre indivíduos, de forma que a onipresença de símbolos que são exibidos nas telas de televisão e computadores transfiguram-se em empecilho, impossibilitando a construção de sentidos e até as próprias relações interpessoais.

Um dos maiores desafios das universidades contemporâneas reside em transformar esse dilúvio de informações em conhecimento, ou seja, em corpos organizados de ideias, esboços, gráficos e esquemas mentais que auxiliem a compreender essa nova realidade e razão

do mundo. Nesta sociedade atual, alicerçada em informações, principalmente digitais, é crucial considerar o papel das novas ferramentas e plataformas pelas quais transitam as informações, porque concebem, sem dúvida, a razão central das mudanças nas atividades do trabalho docente.

As reestruturações que vêm ocorrendo no mundo do trabalho, principalmente nos dois primeiros decênios do século XXI, invadiram o universo acadêmico e social, favorecendo uma intensificação do trabalho docente e ampliando o seu raio de ações na educação superior. Em decorrência, a atuação docente precisará experimentar as transformações que vêm ocorrendo no sistema educacional e, conseqüentemente, o trabalho docente exigirá *know-how* mais complexo e distinto do tradicionalmente exigido. A cosmovisão terá de mudar de uma concepção do docente como profissional definido pela capacidade de transmitir conhecimentos e avaliar resultados para a de um profissional capaz de diagnosticar as situações e os indivíduos e preparar materiais; desenvolver atividades, experiências e projetos de aprendizagem; avaliar processos e estimular/acompanhar o desenvolvimento dos indivíduos e dos grupos, para além de dimensões intelectuais e operacionais, também a possibilidade de incluir a dimensão lúdica nos processos de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, algumas leituras, estudos e orientações teóricas merecem destaque, a exemplo das contribuições de Barreto (2014), em **Tecnologias e trabalho docente**: entre políticas e práticas, ao entender as tecnologias digitais como elo em meio à globalização e trabalho docente; apresentando o modo de introdução dessas tecnologias digitais na denominada **sociedade da informação** - as tecnologias têm possibilitado o desenvolvimento dos sistemas social, econômico e cultural de uma nação e, sobretudo, suscitado a liberdade de expressão e comunicação -, e relatando ainda sobre algumas estratégias de educação a distância, destacando o *apartheid* educacional produzido – uma divisão digital, um *apartheid* entre conectados e não conectados.

Por outro lado, Castells (2007) explicita o aspecto da revolução das tecnologias digitais e o processo de globalização, com o objetivo de tornar patente o processo atual de transformação tecnológica, que se expande exponencialmente em razão de sua capacidade de criar uma interface entre campos tecnológicos, mediante linguagem digital, na qual a informação é gerada, armazenada, recuperada, trabalhada e disseminada. A leitura de sua obra revela que a importância da revolução tecnológica se dá no bom emprego das informações para originar conhecimentos, arredando janelas por meio das quais o homem pode refletir, definir e

produzir dentro do sistema de produção. Assim sendo, a informação passa a ser considerada um processo e não somente um fator qualquer.

Em outra perspectiva, Kenski (2013, p.146) aclara os consecutivos progressos tecnológicos ao longo dos tempos, destacando suas representações na educação. No que se refere aos ambientes coletivos de uso educacional, a autora destaca “a precisão de manutenção e segurança por parte das universidades, a fim de se evitar um colapso em suas atividades *on-line*”. Nessa mesma direção, ela elucida determinadas considerações sobre alguns ensaios em que o uso das tecnologias digitais permitiu a estudantes autodidatas da nova gênese digital, facilidades de acesso às informações e aos elementos disponíveis nas redes virtuais para analisar, estudar e aprender o que lhes interessava.

Ainda sobre a cultura virtual, Lévy (2010) propõe uma reflexão sobre os sistemas de educação, diante dos desdobramentos da cibercultura na nova relação com o saber. Observa-se o aparecimento de uma nova configuração no mundo do trabalho. Isso porque trabalhar denota aprender, arquitetar saberes, trocar experiências. Nesse cenário, o autor (2010, p. 262) releva a “*internet* como fonte promissora de informações ressaltando a perene transformação do ciberespaço, em que as informações se multiplicam e atualizam-se de modo exponencial”. Com o aparecimento do ciberespaço, o saber articulou-se a uma nova aparência de educação, em função das novas conformações de se construir o conhecimento.

Nesse caminho, a fim de melhor compreender e analisar o tema proposto, a estrutura da tese está organizada em cinco seções. Na primeira seção, dispomo-nos a tratar das questões relacionadas ao **Desafio da pesquisa**: o quê? Por quê? Para quê, apresentando como subseções – o quadro teórico, tema e construção do objeto: lugar da pesquisa bibliográfica; metodologia de busca de dados: etapas; a pesquisa como processo: finalidade, objetivos, abordagem e procedimentos. Na seção 2, discutimos **A prática da pesquisa**: natureza e metodologia. Retrata como subseções – as IES coparticipantes: tecendo memórias e conhecimentos; procedimentos metodológicos: a produção dos dados.

No que diz respeito à seção 3, discutimos o **Trabalho docente à luz da cultura virtual**: desafios do conhecimento na perspectiva dialética. Tem em si as subseções – materialismo histórico e dialético: contribuições para a produção do conhecimento; era digital: da terceira revolução industrial à indústria 4.0; trabalho docente e educação superior: possibilidades e desafios na era digital. Nas três primeiras seções apresentamos os aspectos metodológicos, em que tratamos do método e das conjunturas investigadas, com vistas a

descrever os critérios utilizados para selecionar as IES coparticipantes, os participantes do estudo e as técnicas de coleta para a análise de informações.

As considerações apresentadas na seção 4 - **Trabalho docente**: natureza, conteúdos e significados, têm como subseções: diversidades teóricas sobre trabalho nas duas primeiras décadas do século XXI; trabalho docente: palavras, termo e conceito.

No que concerne à seção 5 - **Trabalho docente e subjetividade de professores da educação superior**: uma dialética em análise, apresentamos como subseções – transmutações do trabalho docente na cultura virtual: significados, rumos e tendências; subjetividade: concepções a partir das condições de trabalho dos professores na educação superior.

As seções 4 e 5 contêm os dados selecionados para as interpretações e análises de informações, considerando o trabalho docente na educação superior. Neste momento da investigação, interligamos os dados com os referenciais teóricos utilizados a fim de construirmos argumentos e ponderações que abrangessem o problema de pesquisa e os objetivos deste estudo.

Nas **considerações finais**, retomamos a tese defendida nesta pesquisa e respondemos às questões, ao problema e aos objetivos. Elas foram construídas com o propósito de esclarecer os questionamentos e indagações originados ao longo desta caminhada investigativa, ainda que reconheçamos a impraticabilidade de encontrar respostas factuais, tangíveis e suficientes para as hesitações que transpassaram nossa trajetória nesse recorte de tempo específico do século XXI.

Nos elementos “pós-textuais”, apresentamos na primeira parte as **Referências**, que identificam os documentos citados na tese, materiais que foram consultados e utilizados para construir a pesquisa. Na segunda parte, trazemos os **Apêndices**, que são constituídos de textos elaborados ou construídos pelo pesquisador a fim de complementar as argumentações no decorrer da investigação.

Diante o exposto, fica explícito que o atual cenário social do século XXI requer transformações substanciais na formação acadêmica dos indivíduos e, portanto, assinala desafios imperiosos para as universidades e, claro, para os docentes. A explosão exponencial e vertiginosa das informações na era digital clama reconsiderar de modo substancial o conceito de trabalho docente na educação superior, visto que há sinalizações de inquietações e de alguns conflitos do professor universitário frente às transformações sociais e às novas exigências nas suas multitarefas profissionais.

1 O DESAFIO DA PESQUISA: O QUÊ? POR QUÊ? PARA QUÊ?

“Escrever é estar no extremo de si mesmo, e quem está assim se exercendo nessa nudez, a mais nua que há, tem pudor de que outros vejam o que deve haver de esgar, de tiques, de gestos falhos, de pouco espetacular na torta visão de uma alma no pleno estertor de criar”.

João Cabral de Melo Neto. **Escrever**, 1982.

João Cabral de Melo Neto nos presenteia com essas belíssimas palavras na abertura da seção 1 - **O desafio da pesquisa**: o quê? Por quê? Para quê? **Escrever** é narrar um acontecimento ou acontecimentos. O ato de **escrever** nos possibilita descrever com alguns detalhes um objeto, um ser humano ou alguém. **Escrever** textos é o ato de mostrar por meio das palavras, as ideias sobre determinado tema ou assunto. O ato de escrever é único, particular e como ele (1982) próprio diz: “escrever é estar no extremo de si mesmo”. **Escrever** é continuar a existir. **Escrever** é entregar-se sem reservas. **Escrever** é uma arte. O ato de **escrever** é um exercício que podemos fazer, sem descanso, desde a infância até a velhice.

Escrever é criar, é sonhar, é expor sentimentos e ideias, é buscar novas formas de comunicação. **Escrever** é um exercício autocrítico. **Escrever** nos exige olhar, escutar e compreender os outros. **Escrever** e ler é rememorar histórias, é compreender os fatos reais. Silêncio... para **escrever** a nossa história. **Escrever** é autoconhecimento. **Escrever** sobre as experiências pessoais e profissionais. **Escrever** gera *insights*. Em uma pesquisa, **escrever** é um processo sistemático para a construção do conhecimento humano. **Escrever** é gerar novos conhecimentos. **Escrever** é deixar que as palavras originem textos. Ah..., a beleza que existe em **escrever**...! Uma maneira agradável de expressar o que pensamos e o que sentimos. E é com muito prazer que realizamos essa pesquisa, escrevemos os textos e processualmente construímos a tese. **Escrever** é, de certa forma, deixar algo de nós para a posteridade.

Nesse sentido, ao construirmos esse texto dissertativo-argumentativo, apresentamos nossas percepções e opiniões e o ponto de vista dos professores participantes dessa pesquisa. Os discursos ou relatos dos pesquisadores e dos docentes foram articulados com referenciais teóricos clássicos e contemporâneos.

À vista disso, nessa primeira seção da tese, discutimos sobre o **Desafio da pesquisa**: o quê? Por quê? Para quê? Ela apresenta três subseções: a primeira discorre sobre o quadro teórico, tema e construção do objeto – lugar da pesquisa bibliográfica. A segunda subseção destaca a metodologia de busca de dados: etapas; e a terceira, salienta a pesquisa como processo: finalidade, objetivos, abordagem e procedimentos. Essas discussões se basearam em autores, como Alves-Mazzotti (2012); Bardin (1979); Barreto e Honorato (1998); Barros e Lehfeld (1999); Bauer e Gaskel (2000); Benjamin (2012); Bianchetti e Machado (2012); Cervo e Bervian (2002); Duarte (2004); Gil (2008); Marconi e Lakatos (2003, 2001); Minayo (2014, 2010, 2009 e 2008) e Severino (2012).

Visando apresentar essa investigação social e a historicidade do trabalho docente na educação superior no século XXI, na sequência, discutiremos sobre o quadro teórico, tema e

construção do objeto, respeitando os traços dos acontecimentos e o mote principal desta pesquisa.

1.1 Quadro teórico, tema e construção do objeto: lugar da pesquisa bibliográfica

Essa seção - **O desafio da pesquisa**: o quê? por quê? para quê? faz jus aos elementos constitutivos da investigação. Por se tratar dos caminhos metodológicos de uma pesquisa, tivemos o desafio de principiar a tese com alguns eixos de reflexão. Na realidade, acreditamos que a escrita dessa primeira parte revela o amadurecimento com os avanços das teorias da ciência. De fato, dialeticamente, somos pesquisadores e frutos dessa história de investigação social que tem a marca da totalidade e da interação das partes de um todo, do desvelamento do real, do movimento de constituição dos fenômenos e da superação das contradições. Esse caráter de abrangência, os conhecimentos produzidos e as expressões do materialismo histórico e dialético serão discutidos nas próximas seções.

Na primeira fase de construção do quadro teórico, pesquisamos algumas informações em obras clássicas e contemporâneas a partir de um levantamento geral delineado na elaboração do projeto de pesquisa. Esse momento foi relevante, pois nos possibilitou conhecer as investigações sobre o tema **Trabalho docente**, o quanto haviam e havíamos pesquisado sobre ele e o que daí se tinha sob a forma de avanços, tendências e lacunas. Podemos dizer que isso foi o mote para fundamentar e justificar escolhas e estabelecer direções para o estudo que pretendíamos realizar. Para essa etapa do planejamento e de organização da pesquisa, algumas interrogações foram necessárias: o que saber? O que pesquisar? Afinal, qual o recorte temporal e espacial dessa pesquisa?

Buscar respostas para esses questionamentos foi essencial para escolhermos o tema de pesquisa. É muito importante, nessa etapa, a clareza quanto ao conhecimento da área de estudos, o assunto a ser investigado e o alto grau de interesse pessoal. Por isso, desvelamos a importância e a necessidade da pesquisa, identificando fatos e dados da realidade que propiciaram a elaboração da justificativa, permitindo-nos defender a relevância social e científica desse estudo.

No nosso próximo passo, definimos o tempo para a realização dos trabalhos de pesquisa. Para essa organização, foram primordiais um planejamento, disciplina, dedicação e um cronograma de metas a alcançar. Outro procedimento foi avaliarmos o repertório teórico e técnico em relação ao tema. Quanto aos princípios científicos que nortearam a pesquisa, consideramos as diretrizes e fundamentos relativos ao que a área e a realidade concreta

demandam, tendo em vista a produção do conhecimento em sintonia com o processo social historicamente constituído no século XXI.

Ao examinarmos nosso potencial e limitações, tivemos cautela para não pesquisarmos uma temática que não se relacionasse com nossa formação e/ou área de atuação profissional. Ademais, ao escolhermos o tema **Trabalho docente**, começamos a delinear os aspectos que poderiam dar origem ao objeto de estudo e aos seus ângulos de abordagem.

Por outro lado, a permanente revisão de literatura e os referenciais bibliográficos possibilitaram o desenvolvimento teórico da pesquisa. Às vezes, um assunto pode ser de amplo interesse para uma pesquisa científica, mas a inexistência de referenciais teóricos sobre tal assunto pode inviabilizar o projeto ou justificar sua importância e necessidade, dada a carência de estudos sobre o objeto.

“A triagem de um tema simboliza uma demarcação de um campo de estudo no interior de uma grande área de conhecimento, sobre o qual se pretende debruçar” (BARRETO; HONORATO, 1998, p. 62). Portanto, antes de ser definido o tema, é crucial que os pesquisadores consultem e analisem diferentes fontes de informações, a partir de experiências e vivências diárias, nas reflexões de situações-problemas, nas leituras e na revisão de literatura, nos diálogos com outros pesquisadores, nas produções de artigos, na participação em eventos científicos e, também, na troca de ideias com profissionais que possam impulsionar a efetivação da pesquisa. Concomitantemente, os pesquisadores devem levar em conta seus limites pessoais para a realização da pesquisa – formação intelectual e os limites institucionais – condições que a instituição oferece e garante para que a pesquisa possa ser realizada.

Lakatos e Marconi (2001) esclarecem que o tema de pesquisa deve ser específico para que possa ser tratado em profundidade. Entretanto, as autoras despertam para os riscos da demasiada especialização e da correspondência entre as ciências, que podem dar uma visão unilateral do tema. Por outras palavras, Cervo e Bervian (2002, p. 82) aclaram que é imprescindível delimitar o tema de uma pesquisa. Os autores asseveram que “delimitar o tema é selecionar um tópico ou parte a ser focalizada”. Minayo (2014, p.182) explica que “geralmente, quando escolhe um tema, o pesquisador começa por delimitar sua área de interesse que pode ser definida como um campo de práticas e teorias em que as questões que lhe incitam a curiosidade científica se concentram”. A definição do tema pode surgir com base na observação do cotidiano, na vida profissional, em programas de pesquisa, em contato e relacionamento com especialistas, no *feedback* de pesquisas já realizadas e em estudo da literatura especializada (BARROS; LEHFELD, 1999).

Do ponto de vista prático, ao se fazer uma pesquisa é aconselhável que se repense sobre essa escolha, avaliando disponibilidade de tempo e determinação para “desbravar” esse tema, pois também pode-se fazer dessas dificuldades uma oportunidade e um diferencial para a investigação, enquanto proposta precursora em um assunto, até então, pouco explorado no campo da pesquisa. Destarte, algumas perguntas nos auxiliaram na escolha do tema: o assunto escolhido podia ser tratado na forma de uma pesquisa científica? Esse estudo poderá contribuir para a sociedade e para a ciência? É admissível destacarmos que, obter essas respostas não foi uma tarefa rápida. Além desses questionamentos, procuramos avaliar as contribuições reais dos resultados dessa pesquisa para a comunidade acadêmica e/ou científica. Uma pesquisa científica procura responder aos questionamentos da sociedade e também possibilita compreender de que forma e como ocorre o trabalho docente nos cursos de graduação. Nessa investigação não buscamos qualquer conhecimento. À vista disso, nossos estudos proporcionaram um melhor entendimento da realidade e a compreensão dos horizontes existentes na educação superior.

Nessa direção e ao que diz respeito ao título da tese, nomeamos esta pesquisa como **Trabalho docente à luz da cultura virtual**: transmutações, conteúdos e significados na educação superior. Esse título traduz resumidamente a ideia central, ou seja, remete os leitores ao assunto, ao tema da pesquisa. Assim, ressaltamos que optamos por um título que não fosse genérico, melhor dizendo, apresentamos por meio dele um conteúdo informativo, indicando a delimitação da temática escolhida. Ao mesmo tempo, dedicamo-nos a examinar as fontes de pesquisa.

Cervo e Bervian (2002, p. 89) esclarecem que “[...] a fonte das informações, por excelência, estará sempre na forma de documentos escritos, estejam eles impressos ou depositados em meios magnéticos ou eletrônicos”. Isso posto, começamos a analisar criteriosamente as nossas buscas. Em decorrência das metamorfoses sociais, tecnológicas e das atuais formas de gerenciamento dos recursos de informação e de comunicação, estão ocorrendo transformações de alguns paradigmas tradicionais que ainda fundamentam a organização e os objetivos das bibliotecas. Esse fato nos auxiliou inclusive a compreender um novo conceito de **biblioteca** - não é somente um espaço físico, uma guardiã de livros. Atualmente, a biblioteca tornou-se híbrida e corresponde a um ambiente físico e/ou virtual associado às tecnologias da informação e da comunicação. É constituída de serviços, acervos ou repositórios, possibilitando maior rapidez de acesso às informações.

1.2 Metodologia de busca de dados: etapas

De acordo com Minayo (2014, p.183), “a primeira tarefa do investigador, uma vez definido seu objeto, é proceder a uma ampla pesquisa bibliográfica, capaz de projetar luz e permitir melhor ordenação e compreensão da realidade empírica”. Em nossos estudos, realizamos uma investigação em teses, dissertações e em periódicos, a partir das fontes de pesquisa das bibliotecas físicas e virtuais, iniciando as consultas por algumas leituras recomendadas como as obras clássicas e outras, mais atuais, relativas aos dois primeiros decênios do século XXI.

Daí em diante, empregamos em nossas pesquisas o termo descritor “trabalho docente”. Este descritor foi utilizado isolado e associado a outros que nos pareceram importantes para a seleção da amostra, tais como: trabalho; professor; cultura virtual; cultura digital; cultura midiática; tecnologias digitais; educação superior; ensino superior; subjetividade; processo saúde-doença e saúde mental.

Assim, realizamos um recorte temporal desses materiais. Essas pesquisas ocorreram principalmente em produções científicas do século XXI. Esses tipos de buscas viabilizaram a realização de certos estudos na área das ciências humanas, sobretudo nas orientações individuais e/ou coletivas ou nos grupos de estudos, cujos registros foram organizados em pastas e em cadernos, com as fichas de análise de cada um desses documentos. Dessa forma, conseguimos fundamentar e apresentar o panorama de produções na área e sobre o que era necessário avançarmos e por quais razões. Na sequência, continuamos a registrar as nossas observações nos fichamentos bibliográfico, por assunto e por temas realizando a **pesquisa bibliográfica**.

É importante destacar que, nesse estágio da pesquisa, focamos especificamente na seleção das produções científicas que foram publicadas nas duas últimas décadas, principalmente, no período correspondente aos anos 2016 a 2020. Dessa maneira, iniciamos uma detalhada **revisão de literatura**, a qual abrangeu leitura, síntese, análise e interpretação de livros, periódicos, entrevistas, manuscritos, documentos de variadas naturezas, entre outros. Todos os materiais coletados foram sujeitos a uma triagem. Assim, foi possível instituímos um plano de leitura e de estudos. As leituras dos materiais nos permitiram “alimentar” e fundamentar teoricamente essa pesquisa.

Em relação à revisão de literatura, cabe realçar a relevância da leitura do livro “A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações” (2012, 412p.). Em alguns momentos, o livro nos mostra alguns caminhos, impulsionando-nos para a

leitura e a escrita, mas, ao mesmo tempo, também é uma leitura provocadora e crítica, que revela alguns dilemas e conflitos do meio acadêmico. Bianchetti e Machado (2012, p.39), na apresentação do livro, assinalam algumas percepções da obra: “trata-se de um conjunto de textos seminais, fundantes e inaugurais, [...]”.

O livro, em seu primeiro artigo – “A ‘revisão da bibliografia’ em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis - o retorno”, de autoria de Alda Judith Alves-Mazzotti, apresenta inicialmente uma introdução em que se relata a importância da revisão da bibliografia nas teses e dissertações, apesar da autora declarar que frequentemente é um dos pontos mais fracos nas produções, na maioria dos programas de pós-graduação.

A má qualidade da revisão de literatura compromete toda a investigação científica. Esta etapa da pesquisa consiste em realizar um estudo que possibilite conhecer pesquisas semelhantes e o quanto já se pesquisou sobre o assunto. Para a autora, essa busca viabilizará a realização de pesquisas sobre as produções científicas na área e os ajudará a concluir sobre a viabilidade, a relevância e a pertinência da pesquisa. Nesse sentido, a revisão de literatura não se realiza em uma seção apartada, mas ao contrário, tem por objetivo clarear os rumos a serem trilhados pelos pesquisadores, a começar pela definição do problema até a interpretação das informações dos resultados.

Alves-Mazzotti (2012, p.43) também nos esclarece que existem dois tipos de revisão de literatura: “(a) aquela que o pesquisador necessita para seu próprio consumo, isto é, para ter clareza sobre as principais questões teórico-metodológicas pertinentes ao tema escolhido, e (b) aquela que vai, efetivamente, integrar o relatório do estudo”. Logo, não basta selecionar diversas obras nem ler todos os livros de área que estão relacionados à pesquisa. É preciso fazer uma revisão de literatura para se analisarem os discursos de outros pesquisadores, tomando conhecimento do que está ocorrendo periodicamente no campo estudado e para se ter uma ideia clara do problema de pesquisa a ser resolvido.

Para esse fim, é imprescindível resumir e interpretar o que se leu. Não é aconselhável reunir todo o material para depois começar a escrever. É importante realizar várias leituras antes de produzir um resumo e depois de ler e resumir, organizar essa produção por tópicos. É preciso ler os materiais por diversas vezes, para compreender se serão necessárias mais informações e, em caso afirmativo, faz-se necessário complementarmos com outros subsídios para a pesquisa. Para nós, uma estratégia significativa da sistematização do processo de revisão de literatura foi a utilização de instrumentos de estudos, a exemplo, o “fichamento”.

A autora ainda descreve sobre os tipos de revisão de literatura a serem evitados nas

produções científicas e finaliza o artigo deplorando que o destino da maioria das teses e dissertações é manter-se “emboloradas” nas prateleiras das bibliotecas nas instituições universitárias. Nesse sentido, atribui expressiva importância à revisão crítica de teoria e pesquisas nos processos de produção de novos conhecimentos.

Dessa forma, estruturamos os procedimentos e as fontes de informações em nossa pesquisa bibliográfica. Ela obedeceu a quatro etapas: na primeira, buscamos as produções utilizando os termos descritores isolados e combinados no portal de periódicos da CAPES, na Biblioteca digital de teses e dissertações mantida pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, SciELO - *Scientific Electronic Library Online*, na base de dados da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), nas bibliotecas virtuais de algumas universidades depositárias, e outras bases de dados como o Google Acadêmico.

Na segunda etapa, selecionamos as produções por título. Depois, as que tivessem uma maior afinidade com a temática dessa pesquisa. Na terceira etapa, iniciamos as leituras e as análises dos resumos e, em uma última etapa, realizamos a leitura integral das produções, preenchendo posteriormente uma ficha de identificação desses materiais. Em outros momentos, fizemos uma sistematização dos conteúdos abordados de cada leitura. Nos fichamentos, foram registrados tópicos, ideias principais, citações, análises críticas de textos e aspectos relativos ao adensamento do tema, à luz do referencial teórico pesquisado.

Esses pontos de partida permitiram um melhor delineamento do objeto de estudo. O nosso **objeto de estudo** – implicações da cultura virtual no trabalho docente – corresponde ao “cerne” de um problema. Para a compreensão empírica da realidade, Minayo (2014, p.183) elucida que a “clareza e a precisão nessa escolha decorrem de um esforço para estabelecer relações entre marcos conceituais amplos, abrangentes e, ao mesmo tempo, específicos e voltados para o problema, articulando-os com a prática”.

Nesse contexto, buscamos uma resposta à pergunta: o que nós queremos saber? Um outro passo importante para avançarmos na definição do objeto de estudo foi tentar responder a mais algumas indagações: por que acreditar ser adequado, expressivo e necessário pesquisar sobre isso? Qual a real relevância social e científica de tal investigação? Afinal, como reunir informações e construir argumentos que se prestem à justificativa do problema?

Em outros termos, significa responder a nós mesmos o que, de fato, vamos fazer e por quê. Cabe ainda tecermos que a definição do objeto de estudo representou uma etapa do planejamento do projeto de pesquisa e de estruturação da tese, permitindo-nos decidir e delimitar o que desejávamos pesquisar. Ao arquitetarmos o objeto de estudo, selecionamos um

fragmento da realidade a partir do aporte teórico-metodológico previamente escolhido.

Para esses estágios da investigação, foram imprescindíveis as pesquisas bibliográficas sobre o tema. Elas fundamentaram as bases teóricas nas quais estão sustentados os conceitos, as percepções e ideias de cada autor. Isso, em algumas produções científicas, possibilita desenhar novos ângulos do problema de pesquisa ou a probabilidade de uma nova propositura de pressupostos teórico-metodológicos para a questão de interesse. As nossas próximas discussões serão sobre os significados da pesquisa, a sua finalidade, os objetivos, os tipos de abordagens e os procedimentos.

1.3 A pesquisa como processo: finalidade, objetivos, abordagem e procedimentos

Iniciarmos essa subseção, realçando o pensamento sobre **Pós-graduação e pesquisa**: o processo de produção e de sistematização do conhecimento no campo educacional, em que Severino (2012, p.83) parte da “reafirmação da natureza da pós-graduação como lugar de produção de conhecimento e da decorrente centralidade da pesquisa, explicitando, na sequência, as exigências epistemológicas, metodológicas e técnicas do processo investigativo”. Para o autor (2012, p.85), “a ciência, como modalidade de conhecimento, só se processa como resultado de articulação do lógico com o real, do teórico com o empírico. Não se reduz a um mero levantamento e exposição de fatos ou a uma coleção de dados”. Em outras palavras, o conhecimento científico deriva da obrigação de o pesquisador não assumir uma posição puramente passiva, de testemunha dos acontecimentos, sem nenhum poder de ação ou de comando dos fatos. O conhecimento científico é, portanto, um produto que resulta de uma investigação, de uma pesquisa. Perpassa não apenas a necessidade de “colher” soluções e respostas para situações-problema de ordem prática da vida diária, mas da avidez de proporcionar explicações sistemáticas, que possam ou não ser submetidas a testes e aos crivos da crítica na comunidade científica.

Isso admitido, cabe-nos evidenciar que o presente estudo trata-se de um conhecimento científico que se insere na linha de pesquisa “Desenvolvimento profissional, Trabalho docente e Processo de ensino-aprendizagem”, da Universidade de Uberaba. Vincula-se ao projeto de pesquisa, **Trabalho e profissão docente na cultura virtual**: tendências, conteúdos e implicações para a subjetividade e a saúde de professores. Diante disto, apresentamos o **problema de pesquisa**: sob quais formas, ritmos e expressões a cultura virtual tem conduzido a uma reestruturação do trabalho docente na educação superior, reconfigurando a subjetividade de professores universitários dos cursos de graduação? Concebe o trabalho em uma perspectiva

sociológica e se interessa por compreender suas alterações em termos de organização e processo que definem modos de sua estruturação e funcionamento.

Para Minayo (2014, p.182-183), uma investigação constitui uma tarefa profunda e “o problema é uma parte, um fragmento, um recorte de determinada totalidade que, para ser estudada em sua significação, deve conter relações essenciais e expressar especificidade”. Minayo (2010, p.91) coloca algumas questões que, de certa forma, mobilizaram-nos para a escolha do problema. Para elaborá-lo devidamente e avaliar sua importância para a área e seu avanço, orientamo-nos pelas seguintes perguntas: “trata-se de um problema original e relevante? Ainda que seja ‘interessante’, é adequado e exequível para nós? Apresenta viabilidade? Temos hoje possibilidades reais para executar tal estudo? Existem recursos financeiros para tal? Há tempo suficiente para investigar tal questão?” Tais questões favoreceram a análise das nossas condições fáticas e reais quanto à viabilidade da pesquisa e ao alcance do planejado. Em síntese, um problema refere-se a um “recorte” mais específico, a uma questão que não foi resolvida e é objeto de estudo. Sua formulação depende da escolha do tema. A formulação do problema liga-se à capacidade de contextualizá-lo, esclarecê-lo, para então definir sua operacionalização e recursos para o desenvolvimento da pesquisa.

A definição do problema de pesquisa é enunciada na maior parte dos livros de metodologia como o primeiro momento no planejamento de pesquisa, ainda que implique uma representação sobre o objeto estudado, cujo aparecimento se dará somente quando houver um embasamento teórico e maturidade pessoal que permitam a elaboração e explicitação do problema.

Nesse sentido, para a formulação do problema, algumas decisões e questionamentos fundamentaram a nossa escolha: o que não sabemos e queremos saber? O que nos interessa pesquisar? Qual é afinal o problema de pesquisa? Qual a pergunta? De fato, o problema está bem claro e explicitado? Pode-se dizer que uma pesquisa “germina” a partir de um problema. Logo, aclarar o tema de forma a identificar a situação ou o contexto em que o problema ocorre garante a agilização e a melhor condução do processo e fases da pesquisa

A formulação do problema é também considerada o prosseguimento da delimitação da pesquisa, só que bem mais específica, por indicar exatamente qual a dificuldade que se pretende resolver ou responder, de maneira que possa apresentar, de forma clara, a ideia e o objeto central da pesquisa. Após ser definido o problema, e quando pertinente for, segundo algumas orientações epistemológicas relacionadas à natureza do objeto e do tipo de estudo, como nos casos de pesquisas de abordagem quali-quantitativa são formuladas as hipóteses científicas. A

hipótese científica pode ser considerada uma resposta positiva, negativa ou condicional sobre determinado problema ou fenômeno.

A questão basilar do tema, particularizada e explicitada na formulação do problema, sendo uma dificuldade sentida, compreendida e determinada, necessita de uma resposta provável, suposta e provisória, ou seja, uma hipótese. Como resultado da delimitação de nossa investigação, temos por **hipótese de pesquisa** o que segue: o trabalho docente nos cursos de graduação tem abarcado cenários de precarização e impactos subjetivos, em que as implicações da cultura virtual e a manifestação do capitalismo contemporâneo segmentam a atuação profissional, desdobrando-a em um prisma de magia e/ou missão e/ou profissão, em contextos de reestruturação produtiva e de metamorfoses do mundo do trabalho. A hipótese corresponde a uma resposta provisória do problema estabelecido, indagações a serem examinadas na investigação científica.

Algumas características de “natureza” da hipótese são apontadas como regras a serem adotadas: ter conceitos objetivos, simples; ser específica; não se fundamentar em valores morais; ter por “alicerce” uma teoria que a sustente. Minayo (2014, p.179) define as hipóteses como “afirmações provisórias, a respeito de determinado fenômeno em estudo”. Nesse sentido e observados os referenciais teórico-metodológicos que orientam a concepção e a prática da pesquisa, pode-se dizer que uma hipótese apresentará uma resposta preliminar do problema a ser investigado.

No tocante a essas questões, reconhecemos que a relação da cultura virtual com os docentes da educação superior nos cursos de graduação, causa algumas alterações na vida dessas pessoas, a saber: resistência a determinadas transformações em seu trabalho; polivalência, multitarefas, exigência e domínio das novas tendências tecnológicas no exercício da docência; diversos sentimentos originados em consequência do reflexo da intensificação e proletarização do trabalho docente que teoricamente transforma, afeta e metamorfoseia a sua vida no trabalho e fora dele, entre outras percepções, sensações e emoções.

Nessa próxima fase da pesquisa, buscamos respostas para um outro questionamento: o que pretendemos alcançar com essa pesquisa? É importante frisar que o objetivo geral deve estar em consonância com o objeto de estudo. Para promover o entendimento do que buscamos alcançar e comunicar com clareza o que pretendemos em relação ao estudo, dividimos os objetivos em dois grupos. O **objetivo geral** ou **primário**, perseguido nesta pesquisa, possui raízes embasadas no método materialismo histórico e dialético. Portanto, é a partir de tal método

que objetivamos compreender as inter-relações entre trabalho docente, cultura virtual e subjetividade de professores da educação superior nos cursos de graduação.

Para explicitar os detalhes, fizemos um desdobramento do objetivo geral ou do escopo principal e delineamos os **objetivos específicos** ou **secundários**. Segundo Minayo (2014, p.187), “os objetivos específicos devem ser combinados com a hipótese e pressupostos já delineados pelos investigadores”. Eles são relevantes em uma pesquisa, uma vez que a partir deles definimos e direcionamos a escrita das seções ou dos capítulos. Os objetivos específicos têm o papel de orientar as análises pertencentes a diversos aspectos e as inter-relações que transpassam o objeto de estudo, construído na interface entre trabalho docente e subjetividade de professores da educação superior, no contexto da cultura virtual. Apresentam-se como objetivos específicos dessa tese: (i) conhecer os significados de trabalho, trabalho docente, distinguindo sua natureza, conteúdos e conexões com a mundialização do capital, a era digital e a cultura virtual, bem como as reconfigurações subjetivas contemporâneas; (ii) analisar o trabalho docente no contexto da reestruturação produtiva em suas articulações com as transformações econômicas, tecnológicas e educacionais na era digital; (iii) investigar as concepções de sujeito, “corpos” e subjetividades contemporâneas presentes no arcabouço teórico das diferentes áreas do conhecimento.

Na próxima etapa, reunimos os “porquês” dessa pesquisa. Elaboramos uma argumentação com aspectos de ordem social e científica para a realização da pesquisa, buscando justificar sua importância e necessidade a partir dos dados da realidade empírica e/ou teórica. De acordo com Minayo (2010), a justificativa se trata da “relevância, do porquê tal pesquisa deve ser realizada. Quais motivos justificam-na? Que contribuições para a compreensão, intervenção ou solução para o problema, trará a realização de tal pesquisa?” Na construção da justificativa é necessário que se reúnam os “porquês” de se pesquisar determinado tema.

A priori, essa etapa foi organizada e “amarrada” principalmente à revisão de literatura. Assim, por meio dos referenciais teóricos conseguimos obter os argumentos para justificar a pesquisa. A articulação permanente entre literatura e planejamento é um recurso importante para inspirar os pesquisadores e qualificar a pesquisa em todas as suas dimensões e etapas. Como resultado do planejamento dessa etapa, surgiu a **justificativa da pesquisa**.

Acreditamos que essa pesquisa poderá subsidiar debates e reflexões que ajudem os docentes a terem clareza de seu lugar e papel na educação, além de poder ampliar a compreensão de sua subjetividade, favorecendo que se reconheçam não apenas em seu trabalho

na fase da acumulação flexível e global, mas como pessoas em construção e com potencial de decisão e autonomia em relação a si mesmos. Os resultados poderão contribuir para análises dos fatores que condicionam a produção de subjetividades docentes no contexto das transformações tecnológicas e sociais que configuram o mundo do trabalho no século XXI.

Por certo, compreender as inter-relações entre trabalho docente, cultura virtual e subjetividade de professores da educação superior nos cursos de graduação, pode traduzir-se em contribuições relevantes para a organização do trabalho docente em tempos híbridos. De mais a mais, esta pesquisa oportunizará aos professores se situarem de modo mais consciente diante da cultura virtual que interfere na educação superior e em alguns aspectos do processo saúde-doença, assim como na subjetividade e na natureza do trabalho docente.

Quanto aos métodos, há atualmente, na literatura, o registro de dois métodos de pesquisa: (1) o método quantitativo e o (2) método qualitativo. O primeiro – **quantitativo** – está relacionado às questões calculáveis, ou seja, às representações numéricas de dados e de informações coletadas em uma pesquisa. Já o segundo – **qualitativo** – refere-se às questões descritíveis, ou seja, é um método empregado para explicar e comprovar o que os dados muitas vezes por si só não conseguem. No último decênio, uma alternativa adequada tem-se verificado para alguns tipos de pesquisas científicas – a **triangulação** – processo em que se combinam os métodos quantitativos e qualitativos. E, nesse estudo, optamos pelo **método de triangulação** ou **método misto**.

Do ponto de vista operacional, Minayo (2014, p.367) explicita que a triangulação de métodos é:

Uma atividade de cooperação que se faz por etapas. Didaticamente podem se desdobrar em sete passos: (1) formulação do objeto ou da pergunta referencial que vai guiar todo o processo; (2) elaboração dos indicadores; (3) escolha da bibliografia de referência e das fontes de informação; (4) construção dos instrumentos para a coleta primária e secundária das informações; (5) organização e realização do trabalho de campo; (6) análise das informações coletadas; (7) elaboração do informe final.

Os métodos permitem a exteriorização dos procedimentos em uma tese, corroborando a descrição e a explicação dos resultados. Eles foram elencados com uma das mais significativas etapas nos processos de fundamentação teórico-metodológica em uma pesquisa, que é o **levantamento bibliográfico**. Quanto a esse aspecto, nós realizamos o levantamento bibliográfico continuamente para definir o tema de pesquisa.

A metodologia foi criteriosamente delineada, indicando como seria realizada. Após a definição da metodologia, examinamos, avaliamos e respondemos a outros questionamentos:

as etapas para se chegar ao objetivo geral e aos objetivos específicos estão bem delimitadas e refinadas na pesquisa? Quais métodos serão empregados? Qual o universo populacional que irá constituir a pesquisa? A amostragem será utilizada para garantir a abrangência da totalidade do problema investigado? Quais os instrumentos de coleta de informações? Como serão construídos e organizados os instrumentos de pesquisa? Quais as técnicas de coleta de informações que utilizaremos? Como irá ocorrer a tabulação de dados? Como pretendemos acessar as fontes de pesquisa? Nesse meio tempo, preocupar-se com as fontes de pesquisas em um procedimento científico significa “cuidar” do que pode vir a ser a pesquisa.

Na definição da **amostragem**, foi relevante responder aos questionamentos: quem? Onde? Nessa parte do planejamento, alguns aspectos foram demarcados, como a escolha do espaço e o grupo de participantes. A próxima fase da metodologia correspondeu às técnicas para a pesquisa de campo visando à coleta de informações. Nesse momento, alguns elementos que constituíam os instrumentos de pesquisa foram reavaliados e refinados, a exemplo, o roteiro de entrevistas narrativas - pesquisa sociolinguística com procedimentos de construção de dados, cujo objetivo é permitir o aprofundamento dos estudos e a combinação de histórias de vida dos professores com contexto sócio-históricos.

Na organização e análise dos dados, preocupamo-nos em responder à pergunta: como serão organizados e interpretados os dados? A organização dos dados em relação ao processo de investigação científica abarca o estabelecimento de categorias e a codificação – dados brutos modificados para símbolos e tabulação.

A última etapa do planejamento foi o **cronograma**. Como a pesquisa se desenvolveu em várias etapas, foi crucial fazer a previsão do tempo necessário para se passar de uma etapa a outra. Por isso, a definição do cronograma foi essencial para o sucesso da pesquisa. Isso definido, passamos às próximas atividades que detalhavam e constituíam a metodologia: a amostragem e as formas de coleta de informações, de organização e análise das informações e explicitações dos dados.

A metodologia da pesquisa previu a participação de 25% dos docentes de três IES privadas do Alto Paranaíba e do Triângulo Mineiro que, quando selecionados, aceitaram responder a um questionário. As informações obtidas nas pesquisas documental, bibliográfica e empírica foram interpretadas, analisadas, avaliadas e, posteriormente, correlacionadas aos aportes teórico-epistemológicos. A recolha de informações foi realizada primeiramente por meio de um questionário, por compreendermos que somente dessa forma nos aproximaríamos das peculiaridades do objeto de estudo e do problema de pesquisa.

O **questionário** (Apêndice C) constituiu-se de um conjunto de 35 questões relacionadas aos objetivos específicos desta investigação. Participaram desse momento da pesquisa, 142 docentes dos cursos de graduação de três instituições mineiras: a primeira, a IES α -Alfa (44 professores); a segunda, IES β -Beta (61 professores) e a terceira, a IES γ -Gama (37 professores). Os dados foram processados estatisticamente com o auxílio do Programa *Microsoft Excel* e o apoio de um especialista em *Excel* para o processamento dos dados. Com base nos resultados, foi possível elaborar gráficos, quadros e tabelas para descrições e análises, que permitissem encaminhar conclusões sobre os resultados da aplicação do questionário.

Ainda referente à pesquisa empírica, realizamos a **entrevista narrativa**, conforme roteiro indicado no Apêndice D, com 25% dos participantes da primeira etapa da pesquisa, perfazendo um total de 37 entrevistados (26,06%), para conhecer com mais detalhes a realidade dos docentes. A partir de uma lista de nomes de docentes das três instituições privadas, os professores foram selecionados aleatoriamente, por “sorteio”. Cabe ressaltar que tivemos professores que não foram sorteados, mas manifestaram interesse em participar dessa segunda etapa da pesquisa. Por isso, nós também deixamos como “opcional” a participação de docentes voluntários.

O Roteiro de Entrevista constituiu-se do **Núcleo Temático 01** - Natureza do trabalho docente e suas inter-relações com o capitalismo contemporâneo e a cultura virtual e do **Núcleo Temático 02** - Inter-relações entre trabalho docente, cultura virtual e subjetividade de professores da educação superior. O Núcleo Temático 01 constituiu-se de 11 questões e teve por objetivos: desenvolver uma análise crítica das inter-relações entre “mundialização” do capital, cultura virtual e subjetividades contemporâneas de docentes dos cursos de graduação de IES privadas do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba; compreender as transmutações, os conteúdos e significados do trabalho docente na contemporaneidade; analisar a sociedade no mundo virtual e a centralidade do trabalho na vida de professores da educação superior, nas modalidades presencial e a distância; discutir o papel da cultura virtual na reconfiguração da subjetividade e modos de ser de professores e entender os desafios que daí advêm para a profissionalização e atuação docentes. O Núcleo Temático 02 contou com 07 questões. Nessa parte, buscamos compreender as inter-relações entre trabalho docente, cultura virtual e subjetividade de professores dos cursos de graduação de IES privadas e distinguir características e aspectos da subjetividade de professores nos cursos de graduação, compreender as formas de expressão dos docentes à luz da cultura virtual e suas relações com o capitalismo.

As entrevistas serviram para obter informações, complementar dados e obter particularidades dos universos individuais e coletivos. Para Duarte (2004, p. 215),

[...] “as entrevistas, se forem bem realizadas, permitem ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados”.

Na pesquisa aqui relatada, recorreremos à entrevista narrativa por ser instrumento oportuno e pertinente aos propósitos esperados. A utilização desse procedimento propiciou trabalhar com a dimensão subjetiva de 37 entrevistados. Nas entrevistas narrativas, existe a possibilidade de os sujeitos contarem histórias do cotidiano. São trajetórias individuais, narrativas próprias, particulares. De certa forma, essas narrativas revelaram a subjetividade dos docentes, o que na fase final das análises nos levou a uma compreensão do todo, na maneira de comportar-se e de conduzir-se no exercício da profissão de professor, nos sentimentos de contentamento ou aflição, sobre suas realizações profissionais ou frustrações, as percepções das condições de trabalho, o desenvolvimento profissional e as concepções de ser docente na educação superior no século XXI. Ao mesmo tempo, as histórias de vida dos professores entrevistados entrecruzaram-se com os contextos econômicos, políticos e sociais da contemporaneidade. Nesse sentido, esperamos compreender cada aspecto da subjetividade em suas relações com uma totalidade historicamente construída e que se processa em movimentos e contradições a sinalizar uma dinâmica social própria.

No entanto, cada pesquisador, adequa as técnicas da entrevista narrativa ao objeto de estudo, aos objetivos e ao problema de pesquisa. Quanto a esse fato, Benjamin (2012, p.220) frisa que uma narrativa “[...] não se esgota jamais. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo, ainda é capaz de desdobramentos[...]”. As entrevistas narrativas podem oportunizar desdobramentos. Nós os encontramos em vários lugares, não só nos espaços das IES, mas também nos indivíduos, em suas sensações, percepções, sentimentos e vivências na sociedade.

Conforme Bauer e Gaskell (2002, p. 60), as entrevistas narrativas são [...] classificadas em “método de pesquisa qualitativa, não estruturada, de profundidade e com características específicas. [...] O sujeito usa sua própria linguagem para a narração dos acontecimentos [...]”. Dessa forma, por meio de uma construção histórica e individual, as entrevistas narrativas rememoram e analisam a trajetória de vida pessoal e profissional do docente, além de expor suas percepções, representações sociais e suas visões de mundo. Como técnica, as entrevistas

narrativas geram condições oportunas para que o entrevistado realize uma autorreflexão sobre as suas experiências.

Professores dos cursos de graduação nas modalidades presencial e a distância – Licenciaturas e Bacharelados –, de três instituições privadas mineiras foram selecionados a partir de uma lista fornecida pelas IES. A partir do aceite inicial, foi-lhes explicada a pesquisa e apresentado o TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

No momento de aplicação do questionário ou durante as observações e entrevistas, consideramos como critérios de exclusão os docentes que: (i) não concordassem em participar ou que a qualquer momento optassem por não continuar na pesquisa; (ii) os que não assinassem o TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; (iii) e os que se encontrassem em período de férias, licença maternidade, licença saúde ou em afastamento.

Para minimizar a possibilidade de quaisquer riscos, foi-lhes informado que todas as informações seriam representadas por nomes ou códigos que foram definidos em comum acordo pelos participantes; de forma que suas informações sejam mantidas em sigilo absoluto e a sua identidade seja preservada. Esclareceu-se ainda que os dados seriam utilizados apenas com fins científicos, tendo em vista a publicação de artigos em periódicos e apresentações em congressos ou outros eventos da área. Os nomes ou qualquer identificação do professor jamais serão explicitados.

A qualquer momento desse estudo, o docente participante poderia interromper a participação, ou se recusar a responder alguma questão, e nenhuma penalidade lhe seria imposta. Também poderia solicitar a qualquer momento da pesquisa os esclarecimentos que julgasse necessários. É importante salientar que as IES coparticipantes autorizaram a divulgação dos dados institucionais e a identificação delas em nossos estudos, para escopos de natureza científica. Todas as informações foram tratadas confidencialmente. Ressaltamos que os materiais de pesquisa serão guardados por cinco anos e todos os dados levantados foram arquivados em acervo interno do Projeto. O anonimato dos participantes foi preservado em todos os momentos e os dados foram analisados no conjunto de todos os informes.

A “ética é uma construção humana, portanto histórica, social e cultural [...]. A ética em pesquisa implica o respeito pela dignidade humana e a proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos” (BRASIL, 2016). A Resolução 510/16 trata das especificidades éticas das pesquisas nas ciências humanas e sociais e de outras que utilizam metodologias próprias dessas áreas, direcionando os pesquisadores na elaboração de projetos de investigação enviados ao **Sistema CEP** (Comitê de Ética em Pesquisa) / **CONEP**

(Comissão Nacional de Ética em Pesquisa). No Artigo 1 (BRASIL, 2016), encontramos o seguinte esclarecimento:

Esta Resolução dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais cujos procedimentos metodológicos envolvam a utilização de dados diretamente obtidos com os participantes ou de informações identificáveis ou que possam acarretar riscos maiores do que os existentes na vida cotidiana, na forma definida nesta Resolução. (BRASIL, 2016).



Em vista dessas considerações, os entrevistados e participantes dessa pesquisa foram representados por partes dos nomes de alguns municípios de Minas Gerais (Quadro 1). Em outras palavras, utilizamos nomes fictícios para assegurar o sigilo das informações e preservar suas identidades, para as quais aqui se optou pela fonte em *itálico* para destacar as “falas”, diferenciando-as das citações.

As entrevistas foram transcritas de forma literal. Das falas foram extraídas as unidades de registro, que sinalizavam material relacionado com os objetivos estabelecidos. Vale ainda destacar que realizamos a classificação e a agregação dos dados, escolhendo as categorias teóricas ou empíricas, responsáveis pela especificidade do tema “inter-relacionando-as com o quadro teórico desenhado e possibilitando a abertura de outras pistas em torno de novas dimensões teóricas e interpretativas, sugerida pela leitura dos materiais.” (MINAYO, 2010, p.318).

Quadro 1 - Participantes: suas instituições

| ENTREVISTADO | INSTITUIÇÃO | MUNICÍPIO | NOME |
|--------------|-----------------|------------------------------|-----------|
| 01 | <i>α</i> (Alfa) | São José da Lapa | José |
| 02 | <i>α</i> (Alfa) | São Francisco | Francisco |
| 03 | <i>α</i> (Alfa) | Mateus Leme | Mateus |
| 07 | <i>α</i> (Alfa) | Santa Bárbara | Bárbara |
| 09 | <i>α</i> (Alfa) | Conceição das Alagoas | Conceição |
| 10 | <i>α</i> (Alfa) | Cássia | Cássia |
| 12 | <i>α</i> (Alfa) | Santa Vitória | Vitória |
| 15 | <i>α</i> (Alfa) | Santa Margarida | Margarida |
| 16 | <i>α</i> (Alfa) | Santa Maria do Suaçuí | Maria |
| 19 | <i>α</i> (Alfa) | Virgínia | Virgínia |
| 21 | <i>α</i> (Alfa) | Santa Rita de Caldas | Rita |
| 22 | <i>α</i> (Alfa) | Pedra Bonita | Bonita |
| 23 | <i>α</i> (Alfa) | Santa Helena de Minas | Helena |
| 26 | <i>α</i> (Alfa) | Soledade de Minas | Soledade |
| 27 | <i>α</i> (Alfa) | Rosário da Limeira | Rosário |

| | | | |
|-----|-----------------|-------------------------------|-----------|
| 31 | α (Alfa) | Liberdade | Liberdade |
| 33 | α (Alfa) | Senhora dos Remédios | Senhora |
| 36 | α (Alfa) | Cachoeira Dourada | Dourada |
| 39 | α (Alfa) | Santos Dumont | Dumont |
| 43 | α (Alfa) | Conselheiro Lafaiete | Lafaiete |
| 56 | β (Beta) | São João do Pacuí | João |
| 57 | β (Beta) | Brás Pires | Brás |
| 61 | β (Beta) | Jordânia | Jordânia |
| 64 | β (Beta) | Luz | Luz |
| 68 | β (Beta) | Maria da Fé | Fé |
| 71 | β (Beta) | Prata | Prata |
| 72 | β (Beta) | Pedra Azul | Azul |
| 83 | β (Beta) | Ouro Verde de Minas | Verde |
| 92 | β (Beta) | Cláudio | Cláudio |
| 98 | β (Beta) | São Lourenço | Lourenço |
| 108 | γ (Gama) | São Pedro dos Ferros | Pedro |
| 109 | γ (Gama) | São Vicente de Minas | Vicente |
| 115 | γ (Gama) | Antônio Dias | Antônio |
| 116 | γ (Gama) | Monsenhor Paulo | Paulo |
| 118 | γ (Gama) | São Tiago | Tiago |
| 119 | γ (Gama) | Matias Cardoso | Matias |
| 120 | γ (Gama) | Mário Campos | Mário |
| 121 | γ (Gama) | Carlos Chagas | Carlos |
| 122 | γ (Gama) | Raul Soares | Raul |
| 123 | γ (Gama) | São Joaquim de Bicas | Joaquim |
| 125 | γ (Gama) | Paula Cândido | Paula |
| 126 | γ (Gama) | Santa Juliana | Juliana |
| 128 | γ (Gama) | Carmo da Cachoeira | Carmo |
| 129 | γ (Gama) | Cristina | Cristina |
| 132 | γ (Gama) | São Gonçalo do Sapucaí | Gonçalo |
| 133 | γ (Gama) | Elói Mendes | Elói |
| 138 | γ (Gama) | Monte Sião | Sião |
| 139 | γ (Gama) | Augusto de Lima | Augusto |
| 141 | γ (Gama) | Felício dos Santos | Felício |
| 142 | γ (Gama) | Leandro Ferreira | Leandro |

 e  Entrevistas

 Questionários

Fonte: Elaborado pelos pesquisadores (2020).

Para o tratamento dos dados e a interpretação dos resultados optamos pelo referencial de Bardin (1979) e Minayo (2008; 2009) sobre a análise de conteúdo que envolveu:

- a) **Pré-análise:** tempo que exigiu um contato direto, contínuo e acentuado com o material de pesquisa; fase de planejamento, estruturação, organização e sistematização das ideias iniciais contidas nos questionários e nas entrevistas. Foram colocados em letra *itálica*, os fragmentos das “escritas” e das “falas” dos participantes.
- b) **Exploração dos materiais:** período de codificações, de transformações das informações brutas do texto em recortes e associação dos termos que possibilitaram uma descrição pertinente do conteúdo.
- c) **Seleção das categorias de análise:** as escolhas foram elaboradas de acordo com os objetivos secundários da pesquisa.

Os procedimentos de análise surgiram a partir do material de pesquisa (questionários e entrevistas), tendo por foco responder aos objetivos de pesquisa e as argumentações foram abordadas como categorias de análise de dados na seção 5 da tese. De forma ora isolada, ora em inter-relação. Para tal, foram selecionados docentes de três IES privadas de educação superior de Minas Gerais, tomando como referência as seguintes categorias:

- a) **Trabalho docente:** engloba o trabalho docente; jornada de trabalho (real/oficial); sentidos e significados na educação superior; transformações que ocorreram ao longo dos anos no século 21; desafios e adaptações; valores, possibilidades, autonomia e limites.
- b) **Cultura virtual e trabalho docente:** uso e lugar das tecnologias digitais; pontos negativos e positivos das tecnologias; transformações do trabalho docente.
- c) **Subjetividade, trabalho docente e processo saúde-doença:** os sentidos e significados de ser professor na educação superior; rumos e tendências; visão cultural e pessoal do trabalho docente; sofrimento / prazer; sofrimento psíquico; saúde mental; processo saúde-doença; sinais e queixas mais recorrentes; os sentimentos e as relações de vida pessoal e profissional.

As informações obtidas nas pesquisas documental, bibliográfica e empírica foram analisadas, interpretadas e avaliadas e, posteriormente, correlacionadas aos aportes teórico-epistemológicos. Fonseca (2002, p. 32) aponta que “a pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, filmes, relatórios, vídeos, etc.”. Em outras palavras, Lakatos e Marconi (2003) descrevem que “a característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser feitas quando o fato ou fenômeno ocorre, ou depois”. (LAKATOS; MARCONI, 2001, p. 174).

Em nossas investigações, a pesquisa documental ocorreu antes e durante a fase empírica. Para percorrer o caminho desta pesquisa, tida como **explicativa**, propusemo-nos a aprofundar “[...] o conhecimento da realidade”, buscando explicar “a razão, o porquê das coisas. É um tipo de pesquisa cuja preocupação central é identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos”. (GIL, 2008, p. 28).

Nesse estudo, por meio da **pesquisa explicativa** buscamos identificar e compreender as causas dos fenômenos investigados, os fatores determinantes e as complexas relações e contradições que compõem o objeto em seu movimento real, além de registrá-los e analisá-los. No desenvolvimento desse processo investigativo, foi realizada a **pesquisa bibliográfica** partindo de termos descritores, utilizados isoladamente e/ou de forma combinada, previamente definidos e que representam aspectos do problema e se vinculam aos objetivos da pesquisa. A pesquisa bibliográfica propiciou o tratamento dos resultados e as interpretações das informações, momentos em que chegamos ao entendimento dos conteúdos, a fim de dar validade aos seus significados.

Nas duas últimas décadas do século XXI houve um importante avanço no campo das ciências humanas e sociais com produções científicas que têm procurado estudar procedimentos e técnicas de investigação nas pesquisas educacionais. Por isso, ao apresentar esses postulados metodológicos na seção 1, espera-se que eles possam servir de fundamentos, argumentações e parâmetros de análise para as investigações no campo educacional, contribuindo de certa maneira para as atuais pesquisas nos cursos de pós-graduação em educação.

Na seção a seguir - **A prática da pesquisa**: natureza e metodologia, apresentamos inicialmente os conceitos de metodologia e métodos, a partir de alguns caminhos metodológicos que foram delineados e tratados na seção anterior. Dessa forma, vamos dialogar sobre alguns marcos que caracterizaram a prática da pesquisa científica, levando em consideração as informações das três instituições coparticipantes desse estudo.

2 A PRÁTICA DA PESQUISA: NATUREZA E METODOLOGIA

[...] “a metodologia vai além da descrição dos procedimentos (métodos e técnicas a serem utilizados na pesquisa), indicando a escolha teórica realizada pelo pesquisador para abordar o objeto de estudo. No entanto, embora não sejam a mesma coisa, teoria e método são dois termos inseparáveis, ‘devendo ser tratados de maneira integrada e apropriada quando se escolhe um tema, um objeto, ou um problema de investigação””.

Maria Cecília de Souza Minayo. **O desafio do conhecimento**, 2008.

Iniciamos a seção 2 destacando a diferença entre metodologia e métodos. A **metodologia** refere-se à legitimidade do caminho traçado e eleito pelos pesquisadores para se chegar aos propósitos de uma investigação. Não deve ser trocada ou confundida com conteúdo e nem mesmo com os procedimentos ou processos (métodos e técnicas). De acordo com a natureza do problema a ser investigado, apresenta-se a seleção dos métodos oportunos para se atingir o objetivo geral. Isso definido, dirige-se aos próximos passos, que particularizam e constituem a metodologia: a amostragem e as formas de coleta, a organização e a análise das informações e a interpretação dos dados.

A compreensão dos **métodos** corrobora os procedimentos de pesquisa, possibilitando o entendimento e a explicação das informações coletadas e dos resultados. Pode-se dizer que os métodos estão imbricados com um dos principais processos de fundamentação teórico-metodológica em uma investigação científica, a pesquisa bibliográfica.

Tomando como base a breve contextualização, apresentamos a seguir as subseções – **As IES coparticipantes: tecendo memórias e conhecimentos; Procedimentos metodológicos:** a produção dos dados. Nessas duas subseções foram coletadas informações a partir de alguns tópicos do questionário (Apêndice C): (a) Perfil dos participantes; (b) Formação e desenvolvimento docente e (c) Exercício profissional. Os outros questionamentos do Apêndice C: (d) Sobre o trabalho docente, cultura virtual e subjetividade de professores da educação superior; e (e) Trabalho, processo saúde-doença e subjetividade de professores, foram discutidos e apresentados na seção 4.

De uma certa forma, as respostas dos docentes às indagações específicas (Apêndice C e Apêndice D) deixaram um cunho pessoal, revelando-nos a forma de pensar, trabalhar, ser e agir dos professores dos cursos de graduação, propiciando-nos a articulação dos documentos institucionais com os conteúdos, métodos e achados observacionais. Esses levantamentos foram percorridos nas duas últimas seções, o que nos permitiu uma elaboração conceitual da realidade do trabalho docente na educação superior.

2.1 As IES coparticipantes: tecendo memórias e conhecimentos

No Brasil (Tabela 1; Gráfico 1), havia 2.608 Instituições de Ensino Superior (2019), sendo 302 IES públicas (11,6%) e 2.306 IES privadas (88,4%). No que se refere às IES públicas, 43,7% são estaduais (132); as outras, 110 (36,4%), correspondem às IES federais e 60 (19,9%) são IES municipais. A maioria das universidades é pública (54,5%). Quanto às instituições privadas, predomina-se as faculdades (83,8%). (BRASIL, 2019).

Tabela 1 - Número de instituições de educação superior, por organização acadêmica e categoria administrativa - Brasil - 2019

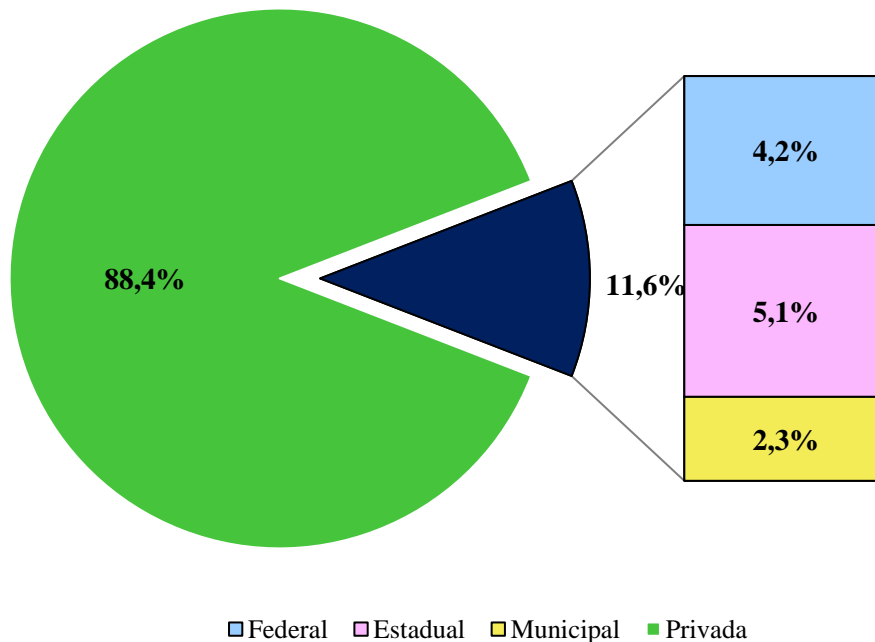
| Ano | Total | Universidade | | Centro Universitário | | Faculdade | | IF e Cefet | |
|------|-------|--------------|---------|----------------------|---------|-----------|---------|------------|---------|
| | | Pública | Privada | Público | Privado | Pública | Privada | Público | Privado |
| 2019 | 2.608 | 108 | 90 | 11 | 283 | 143 | 1.933 | 40 | n.a.* |

Fonte: Dados do Censo da Educação Superior 2020. Sinopse Estatística da Educação Superior 2019.

*Não se aplica.

As instituições privadas apresentaram uma participação de 75,8% no total de matrículas nos cursos de graduação e as instituições públicas participaram com 24,2%. Ressalta-se que o crescimento do número de alunos ingressantes entre 2018 e 2019 foi originado, circunstanciadamente, pela modalidade a distância, que apresentou uma variação positiva de 15,9% entre esses anos. Nos cursos presenciais, ocorreu um decréscimo de -1,5%. Em 2019, havia **386.073 docentes** em exercício na educação superior no Brasil. Deste total, 54,3% tinham vínculo com IES privadas e 45,7%, com IES públicas.

Gráfico 1 - Percentual de instituições de educação superior, por categoria administrativa - Brasil - 2019



Fonte: MEC/Inep. Censo da Educação Superior 2019.

Considerando os dados do Censo da Educação Superior, cabe tecer que quase 3/5 das IES federais são universidades e 36,5% são Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) e Centros Federais de Educação Tecnológica (Cefets). Estabelecendo um paralelo com 2018, verificou-se que o número de matrículas nos cursos de graduação na rede pública foi 0,1% maior, enquanto na rede privada, nesse mesmo período, foi registrado um aumento de 2,4%.

Em nosso país (Tabela 2; Gráfico 2), existiam 2.537 Instituições de Ensino Superior (2018), sendo 299 IES públicas (11,8%) e 2.238 IES privadas (88,2%).

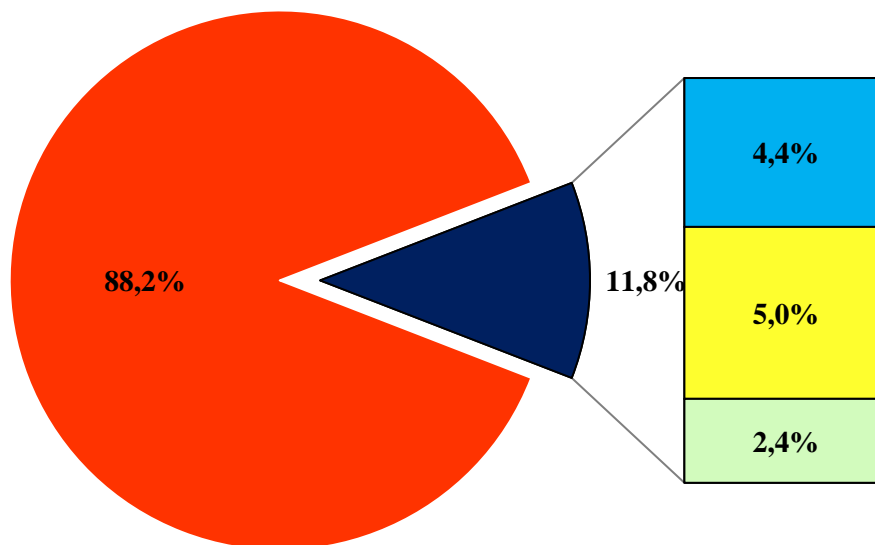
Tabela 2 - Número de instituições de educação superior, por organização acadêmica e categoria administrativa - Brasil - 2018

| Ano | Total | Universidade | | Centro Universitário | | Faculdade | | IF e Cefet | |
|------|-------|--------------|---------|----------------------|---------|-----------|---------|------------|---------|
| | | Pública | Privada | Público | Privado | Pública | Privada | Público | Privado |
| 2018 | 2.537 | 107 | 92 | 13 | 217 | 139 | 1.929 | 40 | n.a.* |

Fonte: Dados do Censo da Educação Superior 2019. Sinopse Estatística da Educação Superior 2018.

*Não se aplica.

Gráfico 2 - Percentual de instituições de educação superior, por categoria administrativa - Brasil - 2018



■ Federal ■ Estadual ■ Municipal ■ Privada

Fonte: MEC/Inep. Censo da Educação Superior 2018.

As IES privadas tinham mais de 6,3 milhões de acadêmicos, o que atestava uma participação superior a 75% do sistema de educação superior no Brasil. Em outras palavras, de cada quatro estudantes matriculados nos cursos de graduação, três frequentavam uma instituição privada. No que tange aos docentes, em 2018, havia 384.474 professores em exercício na educação superior. Desse universo, 54,8% tinham vínculo com instituições privadas e 45,2%, com instituições públicas. (BRASIL, 2018).

A rede privada cresceu 59,3% entre os anos 2008 e 2018. Nesse intervalo de 10 anos, o número de ingressos alterou positivamente, triplicando (196,6%) nos cursos de graduação da modalidade a distância e aumentou em 10,6% nos cursos de graduação presencial. Um outro fato a destacar é que o crescimento do número de ingressantes entre os anos de 2017 e 2018 foi provocado, tão somente, pela EaD, que teve uma variação positiva de 27,9% entre esses dois anos, enquanto nos cursos presenciais ocorreu uma alteração negativa de -3,7%.

A partir desses dados, levamos em consideração as articulações existentes entre seus múltiplos aspectos e as relações com as instituições coparticipantes dessa pesquisa, em uma perspectiva histórica de cada IES. Por outro lado, para dar maior profundidade à nossa investigação, realizamos a **pesquisa de campo**. Na sequência, organizamos as etapas da investigação empírica e realizamos um levantamento das IES privadas da região sudeste do Brasil que ofertavam cursos de graduação – licenciaturas e bacharelados –, nas modalidades presencial e a distância.

Provavelmente, algumas pessoas e leitores dessa tese podem nos questionar: por que somente houve interesse em realizar a pesquisa de campo em IES privadas? Quanto a esse aspecto, consideramos o meu desejo e a minha experiência em uma instituição de ensino superior privada em Minas Gerais. Tinha-se como finalidade conhecer a realidade e avaliar como era a dinâmica de trabalho docente nessas IES particulares, nas duas modalidades de ensino.

O nosso primeiro contato foi realizado por correio eletrônico e/ou telefone, a fim de esclarecermos sobre a pesquisa e verificarmos o interesse de coparticipação das instituições nos estudos. Um trabalho de meses..., **muito empenho** e ao mesmo tempo, **muita frustração**...! Não conseguimos a maioria dos retornos das IES de outros estados, apesar dos vários telefonemas e mensagens. Quando a mensagem regressa chegava, a solicitação fora indeferida, por vários motivos. Em Minas Gerais, inclusive em instituições do município de Uberaba, a situação não foi diferente. Depois de uma multiplicidade de tentativas e vários

desencontros, por alguns momentos, pensei em desistir da pesquisa de campo, mas nunca da tese, apesar dessas desventuras na vida acadêmica.

Diante dessas ocorrências, reorganizamos o planejamento e criamos novas ações. A primeira tomada de decisão foi realizar um recorte mais restrito em termos de espaço geográfico. Nessa nova listagem, utilizamos como critérios de análise o **Índice Geral de Cursos (IGC)**: indica a qualidade geral de todos os cursos superiores da instituição e se todas as modalidades de graduação oferecidas eram autorizadas pelo MEC. O próximo passo foi conhecer a história da IES, se possuíam experiência e excelência no ensino, e se já formaram profissionais reconhecidos no mercado. O outro passo foi averiguar as garantias de infraestrutura para a realização segura da pesquisa e as possibilidades de os pesquisadores estarem presentes nas dependências dessas instituições, nos momentos de aplicação do questionário e das entrevistas narrativas. Dessa forma, estaríamos disponíveis para esclarecer as dúvidas, se necessário, e foi uma estratégia para conseguir um índice de resposta satisfatório dos professores.

Logo após, decidimos por três IES privadas mineiras do Alto Paranaíba e do Triângulo Mineiro. A gênese de nossa pesquisa de campo remete aos anos de 2019 e aos oito primeiros meses de 2020, período em que aplicamos o questionário e a entrevista narrativa.

Os primeiros contatos com os diretores ou coordenadores das IES ocorreram por meio de um *e-mail*. Na mensagem, fazia-se uma apresentação e explicava-se o motivo do contato. Depois, eles foram convidados para fazerem parte da pesquisa **Trabalho docente à luz da cultura virtual**: transmutações, conteúdos e significados na educação superior. Um dos *e-mails* enviados no primeiro semestre de 2019 está transcrito a seguir, a título de exemplo.

Prezado(a) [**nome da pessoa**]. Tudo bem? Eu estou encaminhando essa mensagem para estabelecermos um primeiro contato. O meu nome é Ricardo Baratella. Sou acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Educação (P.P.G.E.) da UNIUBE: Doutorado em Educação e a minha orientadora é a Professora Dra. Sálua Cecílio. A minha pesquisa - Tese de Doutorado foi intitulada - **Trabalho docente à luz da cultura virtual**: transmutações, conteúdos e significados na educação superior e apresenta como objeto de estudo as **implicações da cultura virtual no trabalho docente**. Diante desses relatos, por gentileza, você me autorizaria a fazer a Pesquisa com os professores da instituição [**nome da IES**]? Se a autorização for confirmada, enviarei outras informações dessa pesquisa, assim como o(a) procurarei para conversarmos pessoalmente, assim como, solicitar a Carta de autorização para pesquisa e "colher" a sua assinatura. Aclaro que utilizarei como um dos caminhos metodológicos nessa investigação: o questionário e as entrevistas narrativas. Informo que os docentes participantes dessa pesquisa poderão estar vinculados a qualquer curso da instituição, independentemente de minha formação acadêmica (biólogo e pedagogo).guardo o seu contato, agradeço

antecipadamente e quaisquer dúvidas, encontro-me à disposição. Ricardo Baratella.

Em outro momento, entramos em contato por telefone e pelo *WhatsApp* para o agendamento de uma reunião. À vista disso, foi possível explicar pessoalmente o que ocorreria em cada uma das etapas da pesquisa. Por último, solicitamos e buscamos a **Carta de autorização para pesquisa**. Após esses primeiros procedimentos, levantamos os nomes de todos os docentes das IES. Essas informações dos professores foram disponibilizadas por duas das instituições coparticipantes no segundo semestre de 2019 e primeiro semestre de 2020. Em uma outra IES, tivemos que buscar os contatos dos docentes e as informações sobre eles no *site*. Contudo, nessa mesma instituição, fui apresentado aos Diretores, pela Diretora geral de cursos e que, também, autorizou meu acesso e deslocamento no interior do *campus*. Assim, consegui ficar nas “salas de professores”, na entrada e nos intervalos das aulas por três dias, nos três turnos, para aplicar o questionário. Não podemos deixar de registrar um outro acontecimento. Uma das IES abriu espaço para que nós conversássemos com os docentes em uma reunião pedagógica. Esse fato foi muito significativo. Desse modo, eles souberam mais detalhes sobre a pesquisa e gozaram de um conhecimento mais detalhado sobre a investigação. Esse fato acabou facilitando a comunicação com o grupo de professores participantes ao longo dos nove meses da pesquisa de campo.

De mais a mais, a maioria dos docentes das três IES, “sorteados” para participar dessa etapa da pesquisa de campo, preferiu responder ao questionário *on-line* (novembro de 2019 a agosto de 2020). Por isso, entrei em contato com eles também por *e-mail*. Nos *e-mails*, fazia a apresentação, explicitava o porquê do contato e os convidava para participar da pesquisa. Os *e-mails* enviados foram organizados e escritos, com os seguintes dizeres:

Prezado(a) **[nome da pessoa]**. Tudo bem? Eu (Ricardo Baratella) e a minha orientadora Professora Dra. Sálua Cecílio, estamos realizando a pesquisa - **Trabalho docente à luz da cultura virtual**: transmutações, conteúdos e significados na educação superior -, que está vinculada ao P.P.G.E. - Doutorado em Educação da Universidade de Uberaba. Aclaramos que a(o) **[nome da instituição]** é uma das instituições coparticipantes nessa pesquisa e ficaríamos agradecidos, caso possa participar desses estudos. Ressaltamos que a qualquer momento dessa pesquisa, você poderá interromper a participação, ou se recusar a responder alguma questão e também poderá solicitar os esclarecimentos que julgar necessários. Sua participação nessa pesquisa é voluntária e, portanto, não é obrigado a fornecer as informações e/ou colaborar com os pesquisadores, quando não desejar. Desde já, agradecemos a sua participação. Atenciosamente e disponíveis para todos os esclarecimentos que se fizerem necessários. Ricardo Baratella (Pesquisador responsável). **Observação 01** - Nós estamos encaminhando em anexo alguns documentos: Doc. 01 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE; Doc. 02 - Questionário. **Observação 02** - Caso concorde em participar dessa

pesquisa, por gentileza, responda ao questionário (Doc. 02). **Observação 03** - Por gentileza, ao enviar as respostas do questionário, encaminhe os dois documentos (Doc. 01 e Doc. 02) para os seguintes endereços eletrônicos: [*e-mail* 01 do **Pesquisador responsável**] ou [*e-mail* 02 do **Pesquisador responsável**]. Atenciosamente. Ricardo Baratella.

Pois bem, dos 142 professores participantes da primeira fase da pesquisa, 24(16,90%) docentes responderam ao questionário em folha impressa e os outros 118 (83,10 %), enviaram as respostas por intermédio de *e-mails*. Em linhas gerais, 53 (37,32%) docentes responderam ao questionário em novembro ou dezembro de 2019. Os outros 89 professores (62,68%) encaminharam os documentos por *e-mail* entre fevereiro a agosto de 2020. Grande parte deles justificou os atrasos e as medidas tomadas, alegando que não entregaria em mãos os papéis, uma vez que, entre as medidas de contenção da pandemia do novo coronavírus SARS-CoV-2, está a do “isolamento social”. Novas realidades nas pesquisas em diferentes áreas do conhecimento. Acontecimentos verídicos totalmente compreensíveis pelos pesquisadores.

Da entrevista narrativa (Apêndice D), participaram 37 (26,06%) professores. E todos os participantes enviaram a entrevista narrativa para um dos nossos endereços eletrônicos. Por *e-mail*, disponibilizamos o Roteiro de Entrevista. A mensagem trazia as orientações para essa outra etapa da investigação.

Prezado(a) [**nome da pessoa**]. Tudo bem? Primeiramente, agradeço o contato. Muito obrigado pela sua participação na pesquisa - **Trabalho docente à luz da cultura virtual**: transmutações, conteúdos e significados na educação superior -, que está vinculada ao P.P.G.E. - Doutorado em Educação da Universidade de Uberaba. Aclaro que recebi o documento em anexo - Questionário respondido. **Gratidão...! Observação**: com o objetivo de complementar os dados dessa pesquisa, estamos realizando uma entrevista narrativa (Cf. em anexo o Roteiro de Entrevista), com alguns participantes para a discussão e reflexão das informações apresentadas. Por gentileza, se tiver disponibilidade e interesse, ficaremos gratos pela sua participação. Quaisquer dúvidas, encontro-me à disposição. Ricardo Baratella.

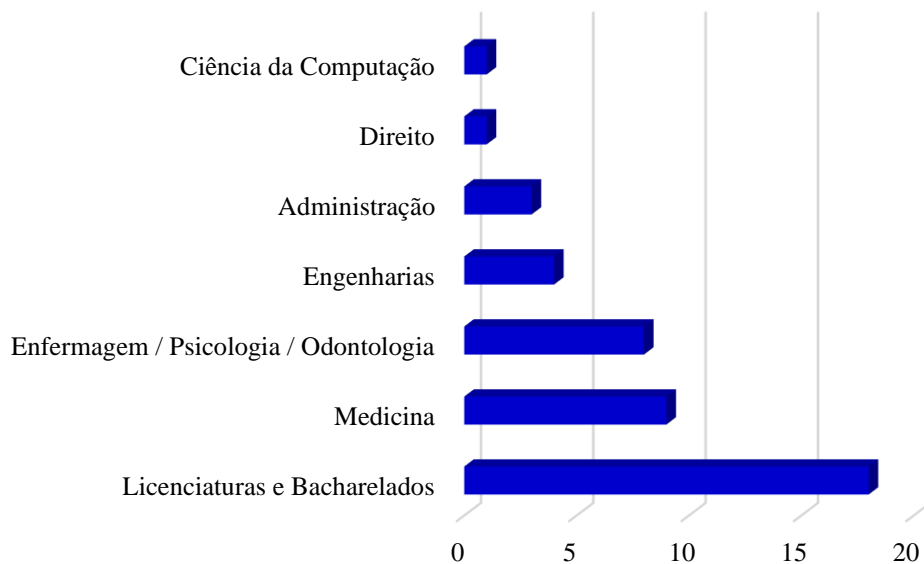
A nossa trajetória, nessa pesquisa de campo, iniciou-se no segundo semestre de 2019. E conhecer um pouco mais sobre essas instituições foi primordial durante esse período de estudos. Uma das IES coparticipantes, a IES Alfa(α), conta com 406 docentes (2020). Trata-se de uma instituição de ensino superior com várias certificações de qualidade do Brasil, tendo nota máxima no Conceito Institucional da EaD (**5**) e no Índice Geral dos Cursos (**4**).

A missão da IES α é “transformar pessoas e sociedade por meio da excelência na educação, criando oportunidades e desenvolvendo talentos”. O Centro Universitário tem por finalidade promover a formação e a qualificação dos recursos humanos que integram a comunidade acadêmica; oferecer educação superior de qualidade; incentivar a realização de

pesquisa; estender à comunidade os conhecimentos produzidos, buscando a solução de problemas e visando à integração com a comunidade onde está inserido; promover sistemática de avaliação diagnóstica de suas atividades, como processo permanente; promover o espírito comunitário da fraternidade e da igualdade entre os cidadãos, para que seus egressos tenham condições de desenvolver, conscientemente, seus projetos de vida (2020). Em sua infraestrutura há auditórios, clínicas e centros clínicos, espaços de conveniência e de alimentação, laboratórios e ambientes para práticas didáticas, órgãos acadêmico-administrativos e de apoio, salas de aulas multidisciplinares, salas de informática, entre outros espaços físicos.

Na IES α , tivemos a participação de 44 (10,84%) professores dos cursos de graduação. Primeiramente, eles responderam a um questionário (Apêndice C). Algumas “falas” dos docentes das três instituições foram selecionadas e, na Seção 5, discutiremos sobre alguns aspectos sinalizados pelos professores nas questões discursivas do questionário. É crucial evidenciarmos que os docentes fizeram o curso de graduação (Apêndice C - Questão B₁) em diferentes áreas, conforme informações representadas no Gráfico 3.

Gráfico 3 - Formação e desenvolvimento docente - Graduação dos docentes - IES α



Fonte: Dados da pesquisa: nov.2019-ago.2020.

Do total de docentes participantes, 18 (40,91%) possuem a formação em cursos de Licenciatura e/ou Bacharelado: Ciências Biológicas, História, Letras, Pedagogia e Química. Em sequência, nos cursos de área da saúde, identificamos 17 colaboradores, sendo nove

(20,45%) graduados em Medicina. O restante, oito (18,18%) professores, está alocado nos cursos de Enfermagem ou de Psicologia ou de Odontologia. Em outros cursos, encontramos quatro (9,1%) professores graduados em Engenharias; três (6,82%) em Administração; e, por último, um (2,27%) docente formado em Direito e um (2,27%) graduado no curso de Ciência da Computação. Em um segundo momento da pesquisa de campo, 15 (34,10%) professores interessaram-se em participar das entrevistas narrativas. Os nomes dos docentes da IES Alfa são fictícios. Eles estão representados por “parte” dos nomes dos municípios do estado de Minas Gerais (Quadro 1). Desses entrevistados, três (20%) deles são do gênero masculino e 12 (80%), do gênero feminino.

Como cursos de graduação presenciais, a IES α possui o de Administração, Agronomia, Arquitetura e Urbanismo, Ciências Biológicas, Ciências Contábeis, Comunicação Social - Jornalismo, Comunicação Social - Publicidade e Propaganda, Direito, Educação Física, Enfermagem, Engenharia Ambiental e Sanitária, Engenharia Civil, Engenharia de Produção, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Engenharia Química, Farmácia, Fisioterapia, História, Letras, Medicina, Medicina Veterinária, Nutrição, Odontologia, Pedagogia, Psicologia, Sistemas de Informação, Tecnologia em Agronegócio, Tecnologia em Gestão Comercial e Zootecnia.

Na educação a distância, a IES oferta os cursos de Administração, Agronomia, Análise e Desenvolvimento de Sistemas, *Big data* e inteligência analítica, Ciências Contábeis, Educação Física (Bacharelado), Educação Física (Licenciatura), Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Engenharia de Minas, Engenharia Mecânica, Engenharia de Produção, Estética e Cosmética, Geografia, Gestão Comercial, Gestão de Recursos Humanos, Gestão do Agronegócio, Gestão Financeira, Gestão Ambiental, Gestão de Negócios e Inovação, Gestão Pública, História, Letras, Logística, *Marketing*, Matemática, Pedagogia, Processos Gerenciais, Produção Industrial, Redes de Computadores e Serviço Social.

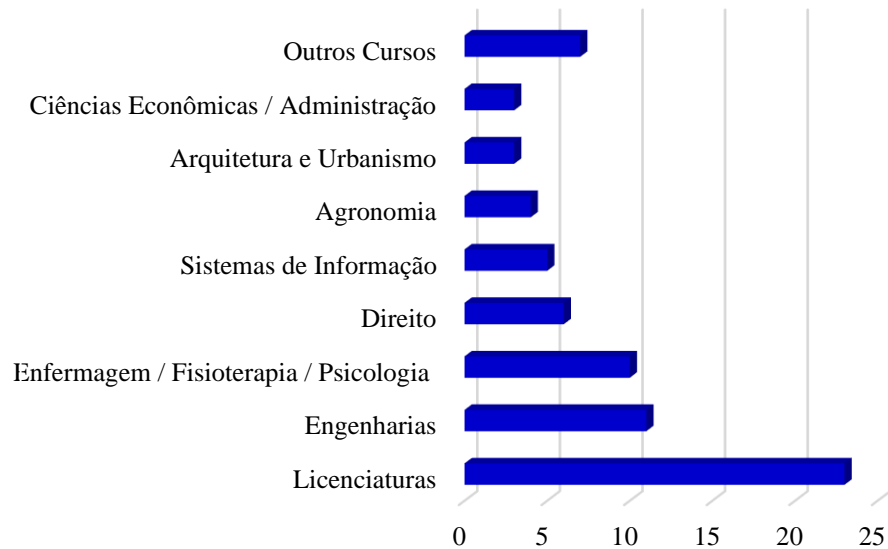
A segunda instituição coparticipante trata-se da IES Beta(β). Apresenta como missão, “promover a educação cidadã, por meio do ensino, pesquisa e extensão, para a empregabilidade e a sustentabilidade, com ética e respeito às pessoas”. Seus valores são marcados pela inovação e tecnologia a serviço da ciência e da vida; por uma atitude pautada na ética, na solidariedade e na transparência; no compromisso com a qualidade e a sustentabilidade; na valorização do indivíduo e respeito às diferenças (2020).

Em sua infraestrutura, há bibliobrinquedoteca, centro de conveniência, clínica de fisioterapia, empresa júnior, laboratório de anatomia, laboratório de atividades aquáticas,

outros 26 laboratórios específicos para o desenvolvimento de aulas práticas, cinco laboratórios de informática, núcleo de práticas jurídicas, pista de atletismo e campo de futebol, salão do tribunal do júri, entre outros. A biblioteca oferece recursos informacionais necessários ao desenvolvimento das atividades.

Na IES β , participaram da pesquisa 61 (49,19%) docentes dos cursos de graduação. Em um primeiro momento, responderam ao questionário (Apêndice C). Algumas percepções e unidades de registro desses docentes serão apresentadas na Seção 5. Em relação aos cursos de graduação em que esses professores foram formados, no Gráfico 4, há o percentual por indicação de curso.

Gráfico 4 - Formação e desenvolvimento docente - Graduação dos docentes - IES β



Fonte: Dados da pesquisa: nov.2019-ago.2020.

A maior parte desses profissionais (23) apresenta formação em cursos de Licenciatura (31,94%): Ciências Biológicas, Educação Física, História, Letras, Matemática, Pedagogia e Química; 11 (15,28%) professores são graduados em Engenharias; e dez (13,89%) nos cursos de Enfermagem ou Fisioterapia ou Psicologia. Com a graduação em Direito, tivemos seis (8,33%) docentes. Entre os últimos 22 professores, cinco (6,94%) formaram-se em Sistemas de Informação; quatro (5,56%) em Agronomia; três (4,17%) em Arquitetura e Urbanismo e os próximos três (4,17%), em Ciências Econômicas ou Administração. Por fim, sete (9,72%) professores são graduados em outros cursos, que apareceram indicados uma única vez.

No segundo momento da pesquisa de campo, oito (13,11%) professores participaram das entrevistas narrativas. Os nomes dos docentes da IES Beta(β) são representativos. Eles foram retratados por um fragmento correlato aos nomes dos municípios do estado de Minas Gerais (Quadro 1). Desses entrevistados, dois (25%) deles são do gênero masculino e seis (75%), do gênero feminino.

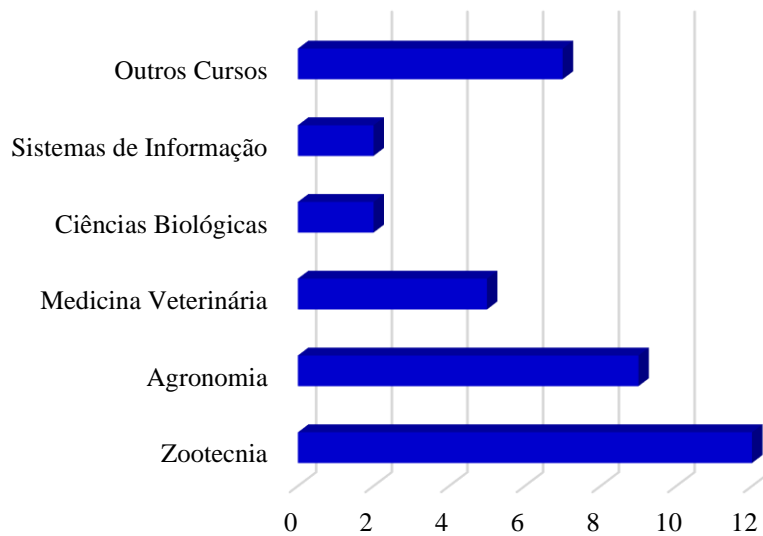
A terceira IES coparticipante é a IES Gama (γ). Referência internacional em Ciências Agrárias. Foi criada pela ABCZ (Associação Brasileira dos Criadores de Zebu) para manter cursos de ensino superior. A FUNDAGRI (Fundação Educacional para o Desenvolvimento das Ciências Agrárias) é a mantenedora da IES γ . Tem como missão “formar profissionais tecnicamente competentes, éticos e comprometidos com a sustentabilidade social, econômica e ambiental e com alta capacidade de liderança para o desenvolvimento do agronegócio nacional e internacional, garantindo assim a qualidade e excelência no ensino superior”.

A IES γ é reconhecida como referência nacional e internacional pela excelência na oferta de ensino superior de qualidade; contribuição para os avanços científicos, tecnológicos e de inovação; promoção do desenvolvimento econômico e cultural e do bem-estar social. Os valores basilares da IES Gama são: ética; inclusão social; qualidade e excelência; confiabilidade e respeito; inovação e empreendedorismo; sustentabilidade social, econômica e ambiental. A infraestrutura do *campus* ocupa uma área de 186 hectares e permite a participação dos universitários em atividades teóricas e práticas, aliando as ações referentes ao ensino, pesquisa e extensão e favorecendo o cumprimento da missão institucional. Em sua infraestrutura, encontramos uma Fazenda Escola. Ela representa um suporte essencial para as aulas práticas, experimentos e pesquisas acadêmicas dos alunos; o celeiro trata-se de um espaço pensado para conectar empresas, *startups*, produtores rurais, pesquisadores, alunos e professores a grandes *players* do mercado. A Biblioteca Dora Sivieri ocupa uma área de 1142 m² dentro do *campus*; Laboratórios de Anatomia Patológica, de Apicultura, de Mecânica e Mecanização agrícola, de Biotecnologia e Química de alimentos, de Tecnologias aplicadas, Oficina acadêmica e mais 18 Laboratórios específicos para a realização das Práticas laboratoriais. (2020).

Na IES γ , participaram da pesquisa 37 (57,81%) docentes dos cursos de graduação. A princípio, responderam a um questionário (Apêndice C). Algumas opiniões, sentimentos e “falas” desses docentes serão mostradas na Seção 5. Em relação aos cursos em que esses professores foram graduados, no Gráfico 5, há o percentual por indicação do curso de formação.

Uma parte representativa desses docentes (12) apresentou a formação em Zootecnia (32,43%); nove (24,32%) professores são graduados em Agronomia e cinco (13,51%), no curso de Medicina Veterinária. Com a graduação em Ciências Biológicas, tivemos dois (5,41%) docentes. Em menor número, dos nove professores, dois (5,41%) formaram-se em Sistemas de Informação e sete (18,92%), em outros cursos.

Gráfico 5 - Formação e desenvolvimento docente - Graduação dos docentes - IES γ



Fonte: Dados da pesquisa: nov.2019-ago.2020.

Para a próxima etapa da pesquisa de campo, 14 (37,84%) docentes participaram das entrevistas narrativas. Os nomes dos professores da IES Gama (γ), assim como das duas outras instituições, são fictícios e utilizamos uma parte dos nomes de municípios do estado de Minas Gerais para representá-los (Quadro 1). A maioria dos entrevistados é do gênero masculino, dez (71,43%) e quatro (28,57%) do gênero feminino.

Todos os participantes das três IES disponibilizaram as entrevistas narrativas por *e-mail*. **Novos tempos...!** No século XXI, os docentes passaram a utilizar a cultura virtual com mais intensidade e frequência. Ela tem sido aperfeiçoada e expandida exponencialmente, circunscrevendo incalculáveis transformações tecnológicas na sociedade. A cultura virtual, principalmente nos dois últimos decênios, metamorfoseou de certa forma a nossa vida social. Por intermédio de uma multiplicidade de ferramentas tecnológicas, foram criados ambientes virtuais de interações nos quais a sociedade e as pessoas atuam incessantemente. Pela presença da usualidade dos equipamentos tecnológicos, as ações dos espaços físicos foram substituídas por operações nos ambientes virtuais. Dessa forma, alguns elementos culturais presentes no corpo social caminharam progressivamente para o ciberespaço, culminando com o

aparecimento da cibercultura. Para Lévy (1999), o ciberespaço trata-se de um espaço inexistente ou irreal fisicamente. Todavia, corresponde a uma rede de computadores ou a novos meios de comunicação que despontaram ao longo das três últimas décadas e que permitiram a interconexão mundial dos computadores, com o apoio da *internet*.

Frente a esses novos fenômenos da sociedade contemporânea, como, por exemplo, a mundialização do capital e as inovações das tecnologias da informação e da comunicação, algumas metodologias de pesquisa nas áreas das ciências humanas e sociais se desenvolveram, originando também novos métodos de investigação que permitem explorar e analisar os ambientes culturais, em que a coleta de informações ocorre por meio de um computador ou por uma rede de computadores. É o caso da **pesquisa netnográfica**. Com base em Kozinets (2014, p.62), a netnografia é definida como uma “metodologia de pesquisa qualitativa que se adapta a novas técnicas de pesquisa etnográfica para o estudo das culturas e comunidades que estão surgindo por meio da comunicação mediada pelo computador”. Nessa lógica, a pesquisa netnográfica corresponde a um estudo das comunidades virtuais ou comunidades *on-line*, que tem por objetivo o conhecimento a respeito de sua cibercultura, possibilitando o entendimento da representação etnográfica de um fenômeno social, cultural, simbólico e coletivo na *internet*.

A utilização da netnografia está revelando uma nova realidade na educação superior e na vida social. De um lado, sabe-se que o avanço da cultura virtual tem gerado um novo arquétipo de professor diante das inovações e das originais produções dos artefatos tecnológicos. Por outro lado, percebemos uma transformação no ritmo do trabalho docente, produzida pelas relações que nós, professores, particularizamos com a cultura virtual, por meio de recursos ou equipamentos eletrônicos que passaram a fazer parte do dia a dia profissional e de nossas vidas habitualmente. Diante desse cenário do século XXI e para compreendermos de maneira mais significativa as **implicações da cultura virtual no trabalho docente**, utilizamos também em nossa investigação, a netnografia como metodologia de pesquisa etnográfica desses ciberespaços que utilizam os sistemas operacionais computacionais rotineiramente em suas atividades laborais na docência.

Em outra visão de análise, o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2004, p.29), em seu livro **Para uma sociologia da ciência**, afirma que: “[...] os cientistas [...] trabalham, não para a descoberta de novas teorias, mas para a solução de problemas concretos, considerados como enigmas (*puzzles*): por exemplo, medir uma constante, analisar ou sintetizar um composto ou explicar o funcionamento do organismo vivo”. Por isso, buscamos algo novo, um viés diferente na pesquisa para o campo investigativo do trabalho docente, principalmente porque o avanço

vertiginoso, a inovação, a convergência, a difusão das mídias eletrônicas e sociais e das TDIC têm permitido aos docentes se relacionarem e trabalharem por novos e/ou outros meios que foram melhorados ou aperfeiçoados nesses últimos anos. É desta sociedade digital e eletrônica, permeada pela cultura virtual, que falamos e nela pretendemos focar a pesquisa. À vista disso, reportamo-nos à sociedade dos tempos que abarcam as duas primeiras décadas do século XXI.

No corpo social, geralmente, as pessoas constroem relações e estabelecem uma comunicação com diferentes tipos de dispositivos eletrônicos e midiáticos. Esses instrumentos são veiculadores de informações e, de certa forma, mobilizam-nos e nos sensibilizam. Por isso, a seguir trazemos algumas produções que fundamentaram a pesquisa bibliográfica. Esse refinamento da revisão de literatura nos levou ao conhecimento de outras informações que serviram de base para a construção dessa subseção.

Quadro 2 - Termo descritor: netnografia

| Ano | Fonte | Objetivo(s) | Resultados |
|------|---|--|--|
| 2019 | AGUIAR, Jaqueline Gomes. A pesquisa etnográfica <i>on-line</i> em tempos de cultura da convergência. Revista Observatório , Palmas, v. 5, n. 6, p. 109-131, out-dez. 2019. | Discorrer sobre algumas dimensões da pesquisa em meios <i>on-line</i> , considerando as mudanças comunicacionais e sociais desde o surgimento da <i>internet</i> e das novas inter-relações que passaram a se estabelecer entre os sujeitos; os modos de interação humana mediada pelas tecnologias e a proveniente ressignificação de modos de estar e de viver em um mundo cada vez mais tecnológico e conectado (2019). | A implementação de uma etnografia <i>on-line</i> é mais que procedimentos e técnicas, é um meio essencial de observação do mundo contemporâneo, tal como ele tem-se apresentado. O pesquisador é desafiado por esse mundo e acaba convidado ao novo. A etnografia <i>on-line</i> utilizada em pesquisas sociais e análises culturais tem cada vez sido mais uma forma de perceber, de adensar o olhar para uma realidade que compreende o novo presente, o novo pertencimento e as novas potências comunicacionais e de sociabilidades humanas (2019). |
| 2018 | MESQUITA, Rafael Fernandes de; MATOS, Fátima Regina Ney; MACHADO, Diego de Queiroz; SENA, Augusto Marcos Carvalho de; BAPTISTA, Maria Manuel | Analisar a evolução das pesquisas em netnografia, a partir da aplicação de uma análise bibliométrica nas produções científicas na área (2018). | Como principais resultados das análises, foram identificadas a quantidade de artigos em evolução atingindo seu ápice no ano de 2015, os <i>top journals</i> , países e autores da |

| | | | |
|------|--|---|--|
| | Rocha Teixeira. Do espaço ao ciberespaço: sobre etnografia e netnografia. Perspectivas em Ciência da Informação , Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 134-153, jun. 2018. | | temática e os artigos mais citados que apresentam objetos empíricos distintos. |
| 2017 | CORRÊA, Maurício de Vargas; ROZADOS, Helen Beatriz Frota. A netnografia como método de pesquisa em Ciência da Informação. Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação , Florianópolis, v. 22, n. 49, p. 1-18, mai.-ago., 2017. | Analisar como o método netnográfico foi aplicado nos trabalhos desenvolvidos por Pinto <i>et al.</i> (2007); Gammarano, Arruda Filho e Farias Filho (2012); Crippa e Carvalho (2012); Farias <i>et al.</i> (2013); Cerquinho, Tavares e Paula (2014); e Corrêa e Rozados (2016), bem como apresentar algumas possibilidades de aplicação da netnografia no campo da Ciência da Informação (2017). | Apresenta sugestões que podem auxiliar os pesquisadores na definição do campo de estudo, no tratamento dos dados netnográficos e na seleção de temas de pesquisa relevantes na área da Ciência da Informação (2017). |
| 2015 | FERRO, Ana Paula Rodrigues. A netnografia como metodologia de pesquisa: um recurso possível. Educação, Gestão e Sociedade : revista da Faculdade Eça de Queirós, ISSN 2179-9636, Ano 5, número 19, ago. 2015. | Aprofundar os conhecimentos sobre a netnografia, no que tange à sua origem, sua funcionalidade e aos autores recorrentes (2015). | A <i>internet</i> e, por conseguinte, as redes sociais e comunidades virtuais já são uma realidade e crescem, a cada minuto. Nesse contexto, a netnografia torna-se cada vez mais relevante para o estudo da cultura virtual / digital. Esta cultura virtual se traduz pelo crescimento exponencial de comunidades cibernéticas, pela situação geral do comportamento humano e pelas influências exercidas sobre os participantes, ou mesmo, moderadores desses espaços, sendo que o tempo de dedicação de cada participante às suas comunidades é cada vez maior, chegando a causar danos à saúde (2015). |

| | | | |
|------|---|---|---|
| 2014 | KOZINETS, Robert V. Netnografia : realizando pesquisa etnográfica <i>on-line</i> . Porto Alegre: Penso, 2014. | Compreender o universo da comunicação mediada por computador e das pesquisas aplicadas à <i>internet</i> (2014). | O livro aponta três áreas teóricas e temas gerais que podem ter importância crescente no uso da netnografia: a relação entre empresas e comunidades eletrônicas; as implicações sociais das comunidades <i>on-line</i> , sua presença, institucionalização e posse; e os diferentes usos sociais dos diferentes meios de interação <i>on-line</i> (2014). |
| 2010 | NOVELI, Márcio. Do <i>off-line</i> para o <i>on-line</i> : a netnografia como um método de pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a etnografia para a <i>internet</i> ? Organizações em contexto , Ano 6, n. 12, jul-dez.2010. | Compreender melhor o que é, qual a origem, os métodos, as vantagens e desvantagens e as questões éticas relacionadas à netnografia (2010). | Esse trabalho dá continuidade à tentativa de construção de conhecimento acerca da utilização de metodologias de pesquisa <i>off-line</i> em contextos <i>on-line</i> , considerando aqui, especificamente a netnografia; e que contribui, considerando suas limitações, apresentando pontos que podem carecer de discussões mais aprofundadas, as quais poderão levar ao avanço no conhecimento sobre o tema que é atual, e que deve ser considerado e discutido dentro do contexto acadêmico (2010). |
| | ROCHA, Paula Jung; MONTARDO, Sandra Portella. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. Revista E-Compós , v. 4, dez. 2005. | Apresentar a netnografia como alternativa metodológica de pesquisa científica no campo da comunicação a partir da constatação de que muitos objetos de estudo localizam-se no ciberespaço (2005). | Acredita-se que a relevância desta discussão possa ser de interesse de vários pesquisadores, cujos objetos de estudo estejam localizados em alguma materialização da cibercultura. A validade da etnografia na contemporaneidade na observação de manifestações de formas da cibercultura merece um aprofundamento que leve em conta a possibilidade de |

| | | | |
|--|--|--|--|
| | | | olhar o objeto, de aproximar-se dele de modo virtual, <i>on-line</i> e netnográfico, mas também, quando existir a chance, de modo presencial (2005). |
|--|--|--|--|

Fonte: Pesquisa bibliográfica (2017-2020).

Acerca da netnografia e levando em consideração os materiais analisados (Quadro 2), os autores Aguiar (2019); Mesquita, Matos, Machado, Sena e Baptista (2018); Corrêa e Rozados (2017); Ferro (2015); Kozinets (2014); Noveli (2010) e Rocha e Montardo (2005) destacaram algumas características da pesquisa etnográfica *on-line*, circunstanciadamente para estudar culturas cibernéticas e comunidades digitais. Em suas interpretações, Aguiar (2019) destaca que a etnografia em meios virtuais é um processo metodológico significativo na atualidade. Para ela, a netnografia é mais do que o estabelecimento de uma marca ou de um registro, é mais do que procedimentos e técnicas, é um recurso crucial de observação da realidade que compreende o mundo hodierno na era digital, o novo pertencimento e as novas potências de intercomunicação que proveem conhecimento, informacionais e de sociabilidades humanas.

Os autores Mesquita, Matos, Machado, Sena e Baptista (2018) nos convidam a compreender que a netnografia vem progressivamente sendo empregada por estudiosos de algumas áreas do conhecimento, como os da antropologia, da sociologia, da comunicação, da administração e do *marketing*. Comparativamente à etnografia tradicional, a netnografia apresenta a possibilidade de proximidade das pessoas com o mundo virtual, mantendo-se em sítios ou ambientes *on-line* apropriados para investigar problemas ou questões propostas e chegar às representações etnográficas de um fenômeno, tais como: o contexto histórico da vida urbana de um município ou o contexto histórico-pedagógico do trabalho docente nos cursos de graduação em uma IES. Contudo, o netnógrafo defronta-se com o empecilho de não estar fisicamente com os participantes de uma pesquisa, tendo sua comunicação mediada pelos dispositivos eletrônicos, o que pode originar problemas de legitimidade.

Tomando por base as argumentações de Corrêa e Rozados (2017) e as discussões sobre a aplicabilidade da netnografia como método de pesquisa no campo da Ciência da Informação, tecemos algumas reflexões, visto que o artigo traz algumas sinalizações relevantes. Nos dias atuais, evidencia-se que os pesquisadores das áreas das ciências sociais têm passado por alguns entraves ou obstáculos, por exemplo, ao realizarem a “busca” de métodos e técnicas de pesquisa eficazes para captar as peculiaridades, ou seja, as características

particulares e distintivas dos acontecimentos que emergem e/ou sucedem nos ambientes virtuais. Ao mesmo tempo, Corrêa e Rozados (2017) evidenciam determinadas recomendações aos pesquisadores, que poderão contribuir na definição do campo de estudo, no tratamento das informações e nos dados etnográficos virtuais e na escolha criteriosa e objetiva de temas significativos de pesquisa na área da Ciência da Informação.

No que tange ao artigo “A netnografia como metodologia de pesquisa: um recurso possível”, Ferro (2015) realça o papel da netnografia ou etnografia virtual como um método interpretativo e investigativo, uma metodologia para estudos na *internet*. Para a autora (2015, p.3), “a netnografia tem sua origem na etnografia e, embora não se trate apenas de uma transposição metodológica, é impossível dissociá-las”. Em outros termos, isso quer dizer que a netnografia busca investigar as comunidades culturais sem um espaço ou ambiente físico permanente, por encontrar-se alocada no ciberespaço. Conseqüentemente, a netnografia pode influenciar tanto as culturas tradicionais no que concerne à forma de pensar, ser e agir como também os grupos ou os indivíduos habituados aos novos ambientes de espaços cibernéticos. Acredita-se que a netnografia suscite a reprodução de métodos qualitativos amplificando o leque gnosiológico ou/e epistemológico das pesquisas em comunicação e cibercultura.

O ponto de vista de Kozinets (2014) é enfático. Para ele, a *internet* transformou a realidade de culturas e de comunidades digitais no século XXI. Por ser um estudioso da netnografia, destaca em sua obra um conjunto de diretrizes metodológicas para a realização da etnografia virtual. O autor versa desde as conceituações de termos basilares até o planejamento e os métodos empregados para a execução de pesquisas netnográficas. Segundo Kozinets (2014, p.152), há dez critérios estabelecidos para avaliar e motivar ou inspirar a qualidade da pesquisa etnográfica *on-line*. “Eles decorrem dos padrões etnográficos tradicionais e de sua situação presente, são eles: coerência, rigor, conhecimento, ancoramento, inovação, ressonância, verossimilhança, reflexividade, práxis e mistura” (interação social *off-line* e *on-line*). Melhor dizendo, para o autor (2014), os parâmetros ou critérios simbolizam uma orientação pragmática e objetiva para amparar a aplicação e avaliação da pesquisa netnográfica, seja nos debates acadêmicos ou na estruturação de ideias em uma investigação.

Pela visão crítica de Noveli (2010, p.109), “os mundos, *on-line* e *off-line*, não são necessariamente realidades separadas – mundo real *versus* mundo virtual – mas podem ser considerados um *continuum* da mesma realidade. De tal forma, o pesquisador deve desenvolver técnicas que lhe permitam analisar esse *continuum*. Nessa perspectiva, no artigo “Do *off-line* para o *online*: a netnografia como um método de pesquisa ou o que pode acontecer quando

tentamos levar a etnografia para a *internet*?”, Noveli (2010) faz um levantamento da literatura atual sobre essa temática, refletindo sobre as práticas e os procedimentos empregados na pesquisa etnográfica tradicional e na pesquisa etnográfica *on-line*. Ainda, retrata os benefícios e desvantagens do tipo tradicional, que é puramente *off-line* e as que utilizam a cultura virtual – constituída de uma finitude de grupos, imagens ou mensagens associadas a fenômenos emergentes de massa, tudo interligado ou conectado à imensidão e ao dinamismo da *internet*, propiciando um potencial de descobertas e possibilidades.

Destacamos aqui que Rocha e Montardo (2005, p.19-20) defendem que a “observação de manifestações de formas da cibercultura merece um aprofundamento que leve em conta a possibilidade de olhar o objeto, de aproximar-se dele de modo virtual, *on-line* e netnográfico, mas também, quando existir a chance, de modo presencial”. Para elas (2005), a cibercultura está por toda parte em nosso cotidiano e a *internet* já faz parte da vida de muitas pessoas e tende a se popularizar ainda mais nos próximos anos do século XXI. No artigo “Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura”, as autoras (2005) complementam os seus posicionamentos em relação a essa temática salientando que a magnitude deste debate pode contribuir e ser alvo de investigações de vários pesquisadores, dos quais o objeto de estudo e o problema de pesquisa encontram-se situados em alguma materialização ou cristalização da cibercultura.

Levando em consideração a cultura contemporânea, nós estamos em uma nova era - a **era digital**. As nossas ações mudaram em parte ou em grande parte nos cursos de graduação. Algumas IES estão mais à frente nas inovações tecnológicas e, aos poucos, estamos sendo inseridos em outros tipos de conexões nos espaços escolares no século XXI. São novos tempos. A **cultura virtual** tem ocupado um espaço cada vez maior no mundo do trabalho docente e, por isso, tem provocado transformações no corpo social. Para alguns, essas mudanças permaneceram inalteradas; para outros, já era algo que fazia parte de sua rotina; ainda, para outras pessoas, elas têm provocado acentuadas mutações nos seus “corpos”, em sua forma de pensar, comportar e de conduzir o trabalho na educação superior. Desse modo, escolhemos a pesquisa netnográfica para a recolha de informações e para fundamentar algumas de nossas análises, lançando mão das técnicas, recursos e métodos inovadores que estão presentes nesses espaços emergentes. Esses espaços são os ambientes virtuais que propiciam a ampliação de ações discursivas, por meio das tecnologias digitais.

Na próxima subseção - Procedimentos metodológicos: a produção dos dados - continuamos com a análise do **perfil dos participantes**, com referências e alguns dados sobre

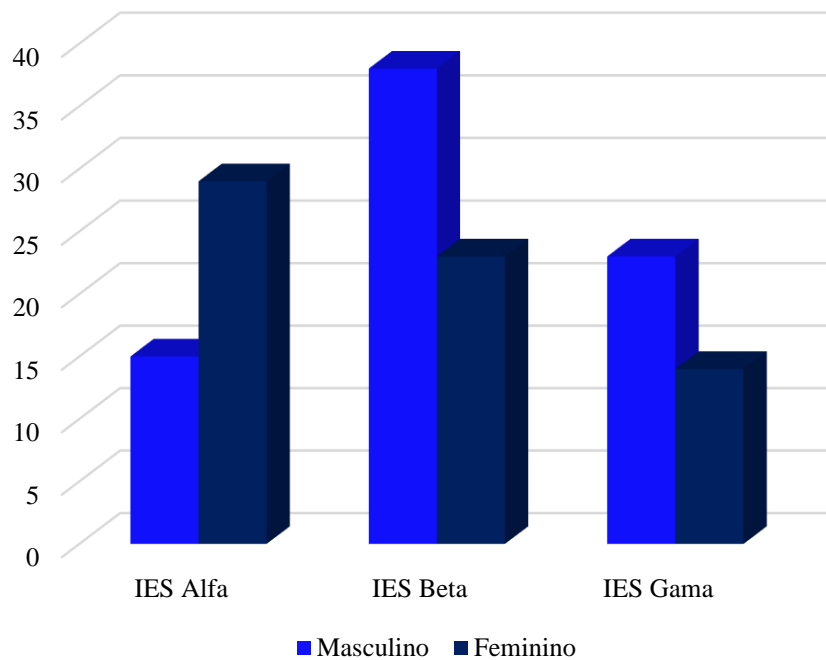
a representação total de docentes, conforme as relações de gênero, idade e moradia dos professores. Em seguida, apresentamos sobre a renda total mensal familiar, a titulação, o tempo em exercício na profissão e o regime de trabalho dos docentes. Por fim, os levantamentos foram quanto aos meios de comunicação mais utilizados pelos professores e a frequência semanal com que buscam as notícias e as informações dos acontecimentos atuais. Para esta finalidade, organizamos perguntas no questionário (Apêndice C) que pudessem colher ou levantar informações que nos ajudassem a conhecer e a compreender aspectos pessoais e profissionais que nos possibilitassem analisar quem são e de onde vêm os docentes participantes desta pesquisa.

2.2 Procedimentos metodológicos: a produção dos dados

Da pesquisa, participaram 142 professores (76 homens e 66 mulheres) dos cursos de graduação de três IES privadas do Alto Paranaíba e do Triângulo Mineiro (Gráfico 6) que, quando selecionados ou por interesse próprio, aceitaram responder a um questionário (Apêndice F). A IES coparticipante Alfa(α) dispõe de 406 docentes (2020) e 44 (10,84%) professores responderam aos questionamentos, sendo 15 (34,09%) do gênero masculino e 29 (65,91%) do gênero feminino.

A IES coparticipante Beta(β) tem 124 professores (2020). Entre esses, 61(49,19%) participaram da primeira etapa da pesquisa. E a IES coparticipante Gama(γ) apresentou em seu quadro de professores, 64 docentes (2020). Desses, 37 (57,81%) responderam ao questionário. Na IES β , colaboraram com essa pesquisa, 38 (62,30%) homens e 23 (37,70%) mulheres. Na IES γ , tivemos 23 (62,16%) participantes do gênero masculino e 14 (37,84%) do gênero feminino.

Gráfico 6 - Representação total de docentes, conforme as relações de gênero



Fonte: Dados da pesquisa: nov.2019-ago.2020.

O Censo da Educação Superior 2020 trouxe algumas informações importantes em relação a esse fato. Tanto na rede privada quanto na rede pública, há uma predominância de docentes do gênero masculino. Quanto ao número de discentes matriculados nos cursos presenciais e na EaD, o gênero feminino predomina em ambas as modalidades de ensino.

O objetivo desta pesquisa não é pôr em foco ou correlacionar o trabalho docente com as relações de gênero. Entretanto, à medida que iniciamos a organização e a estruturação de determinadas análises sobre o processo de trabalho e suas variáveis, consideramos relevante a abordagem dessa temática. Nessa perspectiva, optamos pelo seu tratamento no sentido de analisar seu lócus como variável no processo de organização do trabalho docente e na configuração da subjetividade dos professores na educação superior.

A divisão de trabalho tradicionalmente é influenciada pela questão de gênero, que também se define conforme a cultura, os valores e a sociedade em um determinado tempo histórico. Ocorreram muitas transformações no decorrer de anos. Nos tempos contemporâneos, a mulher conquistou espaço no contexto social e muitas vezes encontra-se acumulada de funções, exercendo uma série de atividades ou trabalhos. Com essas mudanças visíveis no corpo social, valores antes substantivos e tradicionais como a família, maternidade e trabalho passaram a ser reformulados.

A dinâmica do trabalho docente coloca em evidência as relações de gênero. Esse fato foi percebido durante as entrevistas narrativas, com três participantes (IES α ; IES γ). Por meio de suas “falas”, percebemos a importância do trabalho e as suas consequências na vida das pessoas. Nos trechos selecionados, utilizamos a letra *itálica* e, em **negrito**, as partes desses dizeres que destacam as especificações distintas de homens e mulheres no mercado de trabalho.

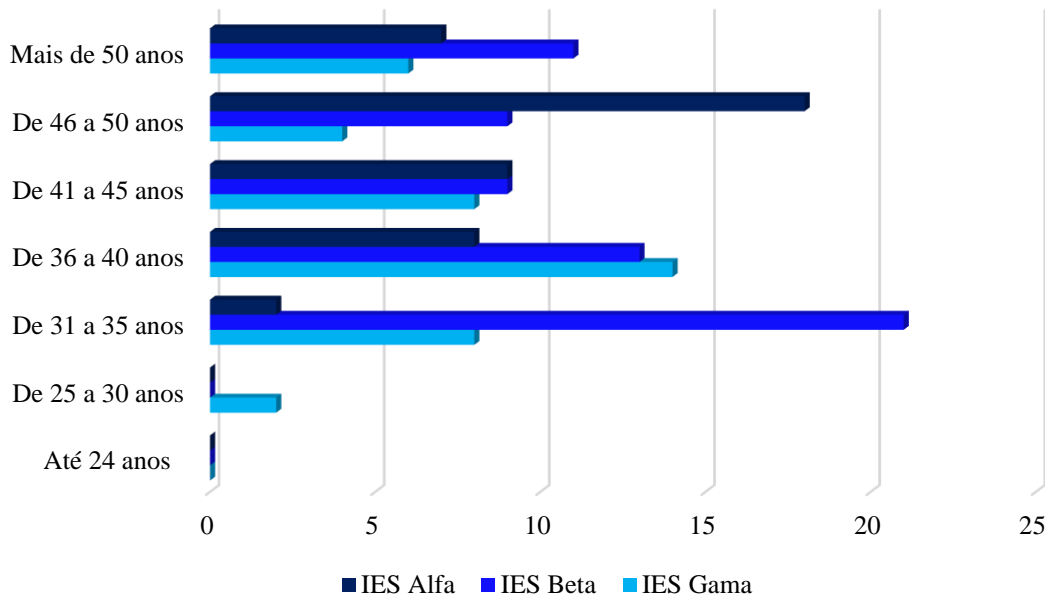
*[...] eu trabalho mais de 14 horas por dia. É muito exaustivo. Durante meses, nós estamos sem condições de ter uma ajudante para auxiliar na limpeza da casa, entre outras tarefas. O orçamento familiar está comprometido, o meu esposo está desempregado, mas ele tem colaborado na organização de nossa residência e nos cuidados com as crianças [...]. São dois filhos. Os gastos são grandes por mês e alguns boletos estão atrasados. É difícil, muitas dívidas se acumularam ao longo desses últimos meses. Durante esse tempo, o dinheiro que recebo nos dois empregos como **professora é que está mantendo as despesas da casa** [...]. (Vitória, entrevistada 12, IES α , 2020).*

*[...] adoro trabalhar e amo estar na docência. Sempre quis ser professora. **Todos os bens materiais que tenho são procedentes do dinheiro de meu trabalho.** Muito esforço, foram muitas conquistas, enfrentei muitos desafios, tive muitas perdas, mas sempre fui me superando, vivendo cada dia intensamente. Eu sempre estou estudando, fazendo cursos, ocupo todo o meu tempo com várias atividades. Tudo isso é muito prazeroso...! (Maria, entrevistada 16, IES α , 2020).*

*[...] O trabalho nos engrandece. Por meio dele, conquistamos muitas coisas, como por exemplo, os bens materiais. Com o **dinheiro de nosso trabalho, realizamos alguns sonhos.** Adoro viajar, conhecer novas pessoas. Sempre aproveitamos o período de férias do mês de janeiro para viajar. Eu e a minha esposa, que também é professora, juntamos um pouco de dinheiro por todo o ano (Raul, entrevistado 122, IES γ , 2020).*

Para esse fim, pode-se dizer que, apesar da existência de uma dupla jornada de trabalho e, independentemente da participação de homens e mulheres no mercado de trabalho, não há uma divisão equânime das tarefas do dia a dia, ficando com as mulheres a responsabilidade pela maior parte deste tipo de trabalho. Isto é, recai sobre a mulher o peso maior – cuidar das crianças, arrumar e limpar a casa, lavar e passar roupas, entre outras atividades.

Gráfico 7 - Professores participantes das três IES, de acordo com a idade



Fonte: Dados da pesquisa: nov.2019-ago.2020.

De acordo com os dados demonstrados e traçando um paralelo em relação à idade, podemos observar, no Gráfico 7, que a maioria dos participantes da IES Alfa(α) encontra-se na faixa etária entre 46 a 50 anos (40,91%), seguida da faixa etária de 41 a 45 anos (20,45%), de 36 a 40 anos (18,18%), com mais de 50 anos (15,91%) e entre 31 a 35 anos, temos expresso um percentual de 4,55% (dois docentes).

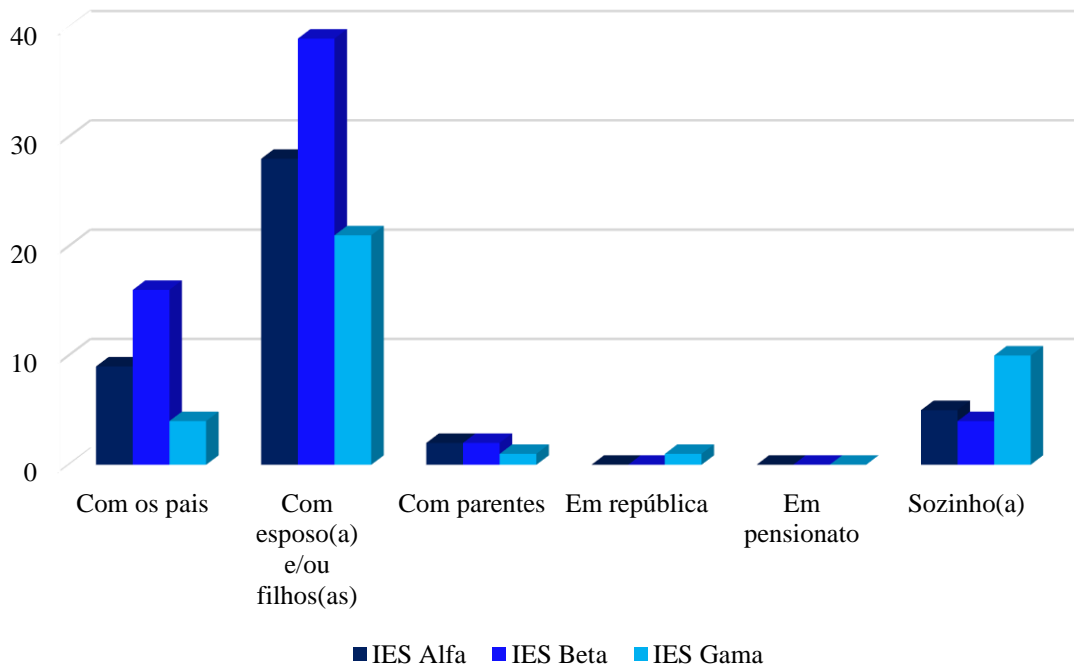
No que se refere aos participantes da IES Beta(β), uma parcela expressiva aparece entre 31 a 35 anos (34,43%). Há 21,31% (13 docentes) na faixa etária entre 36 a 40 anos. Logo após, com mais de 50 anos (18,03%), de 46 a 50 anos (14,75%) e, por fim, sete (11,48%) professores dos 41 a 45 anos.

Em relação à IES Gama(γ), dos 37 participantes, 14 (37,84%) situam-se entre 36 a 40 anos. Dos outros 23 integrantes desse grupo, oito (21,62%) estão entre 31 a 35 anos, seis (16,22%) docentes têm mais de 50 anos e, em percentuais menores, na sequência, temos quatro (10,81%) de 46 a 50 anos, três (8,11%) de 41 a 45 anos e dois (5,40%) professores possuem de 25 a 30 anos.

Pelo Censo da Educação Superior 2020 (Notas estatísticas: 2019), em 2019, havia 386.073 docentes em exercício na educação superior no Brasil. Deste total, 54,3% tinham vínculo com IES privada e 45,7%, com IES pública. A média de idade dos docentes nas instituições públicas é de **38 anos** e nas instituições privadas, **39 anos**. Em nossa pesquisa, na

IES α , a faixa etária predominante é a de **46 a 50 anos** (40,91%). Na IES β , ficou compreendida entre **31 a 35 anos** (34,43%) e na IES γ , 14 (37,84%) participantes possuem entre **36 a 40 anos**.

Gráfico 8 - Perfil dos participantes, segundo as relações de moradia



Fonte: Dados da pesquisa: nov.2019-ago.2020.

No que diz respeito às informações do Gráfico 8, nas três IES coparticipantes, constatamos que a maioria dos docentes mora com esposo(a) e/ou filhos(as). Nessa situação, identificamos 28 docentes (63,64%) da IES Alfa(α). Ao passo que, na IES Beta(β), são 39 (63,93%) professores que se encontram nessa condição e, em uma proporção menor, foram identificados 56,76% (21 docentes) na IES Alfa(α). Com os pais, moram nove (20,45%), 16 (26,23%) e quatro (10,81%) docentes das IES α , β e γ , respectivamente.

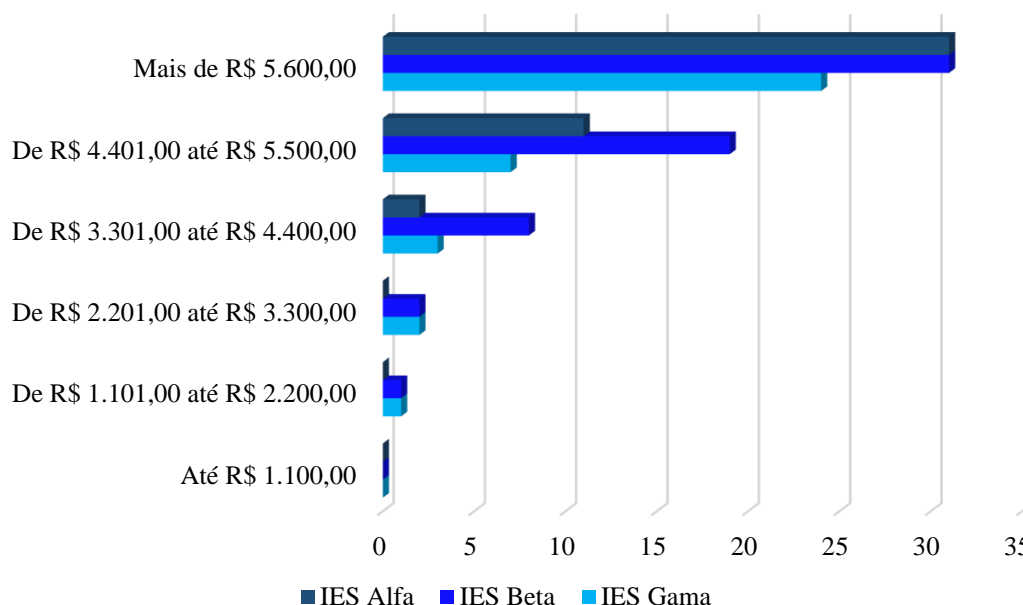
Um outro dado ainda pertencente ao perfil dos participantes refere-se aos professores(as) que moram sozinhos(as). Na IES Gama, identificamos dez (27,03%), à medida que na IES Alfa são cinco (11,36%) e na IES Beta, verificamos somente quatro (6,56%) participantes. Em nenhuma das IES tivemos indicações para pensionato, mas um (2,70%) docente reside em república no município de Uberaba. Para completar esse item de análise, destacamos que um docente da IES γ (2,70%) mora com parentes. E, para finalizarmos essa análise de informações, nas outras IES coparticipantes, há dois docentes (4,55%) da IES α , e dois (3,28%) da IES β , nessa circunstância.

Enquanto em nossa pesquisa a maior parte dos professores mora com esposo(a) e/ou filhos(as), outras fontes revelam determinadas mudanças no cenário global. Segundo o “Jornal A Voz da Serra” (2020), os “solteiros” hoje em dia são o grupo mais característico da sociedade brasileira. Os especialistas afirmam que essa tendência é mundial. O número de indivíduos que vive sozinho está cada vez maior no Brasil e no mundo: [...] “em dez anos, o número de pessoas que vive solitárias cresceu de 10,4% para 14,6%”. “O número de pessoas que vive sozinho - divorciados, viúvos com filhos adultos e solteiros - está cada vez maior no Brasil e no mundo”. Revela-se ainda que até 2030, a estimativa é que haja um aumento de 120 milhões de residências de uma única pessoa, o que corresponde a um aumento de 30% em relação a 2018.

No item relativo à renda total mensal familiar, conforme resultados expressos no Gráfico 9, mais de 50% dos docentes das três IES possuem uma renda mensal total familiar superior a R\$ 5.300,00. Na IES Alfa, são 31 (70,45%) docentes. Na IES Beta, dos 61 participantes, foram identificados 31 docentes (50,82%), assim como na IES α . Relativamente à IES Gama, situam-se nessa conjuntura, 24 (64,86%) professores.

Uma parte representativa de docentes ganha entre R\$ 4.181,00 e R\$ 5.225,00. Nessa condição, temos um número de 11 (25%), 19 (31,15%) e sete (18,92%) professores das IES Alfa, Beta e Gama, respectivamente. Entre R\$ 3.136,00 e R\$ 4.180,00, há dois (4,55%) docentes na IES α , oito (13,11%) na IES β e três (8,11%), na IES γ .

Ademais, dois (3,28%) professores da IES Beta e dois (5,41%) da IES Gama ganham entre R\$ 2.091,00 e R\$ 3.135,00. Somente um docente dessas duas instituições (IES β e IES γ) apresenta uma renda mensal familiar entre R\$ 1.046,00 até R\$ 2.090,00. Pelos resultados obtidos e analisando o Gráfico 9, constatamos que dos 142 docentes participantes da pesquisa, 86 (60,56%) deles apresentam uma renda mensal familiar superior a cinco salários-mínimos. Um percentual menor (26,06%) de professores (37) ganha entre quatro e cinco salários-mínimos e 13 (9,15%) profissionais possuem uma renda entre três e quatro salários-mínimos. De mais a mais, há seis professores em que a receita familiar é inferior a três salários-mínimos.

Gráfico 9 - Renda total mensal familiar

Fonte: Dados da pesquisa: nov.2019-ago.2020.

Em nossos levantamentos, averiguamos que um percentual representativo de docentes das IES α , β e γ apresenta uma renda mensal familiar superior a **R\$ 5.300,00**. A média nacional do salário do professor universitário é de R\$ 13.626,00. O valor é referente aos profissionais que atuam em universidades públicas federais. Já na rede privada, o salário varia entre R\$ 2.600,00 e R\$ 10.000,00, conforme informações disponibilizadas no E+B Educação (2019).

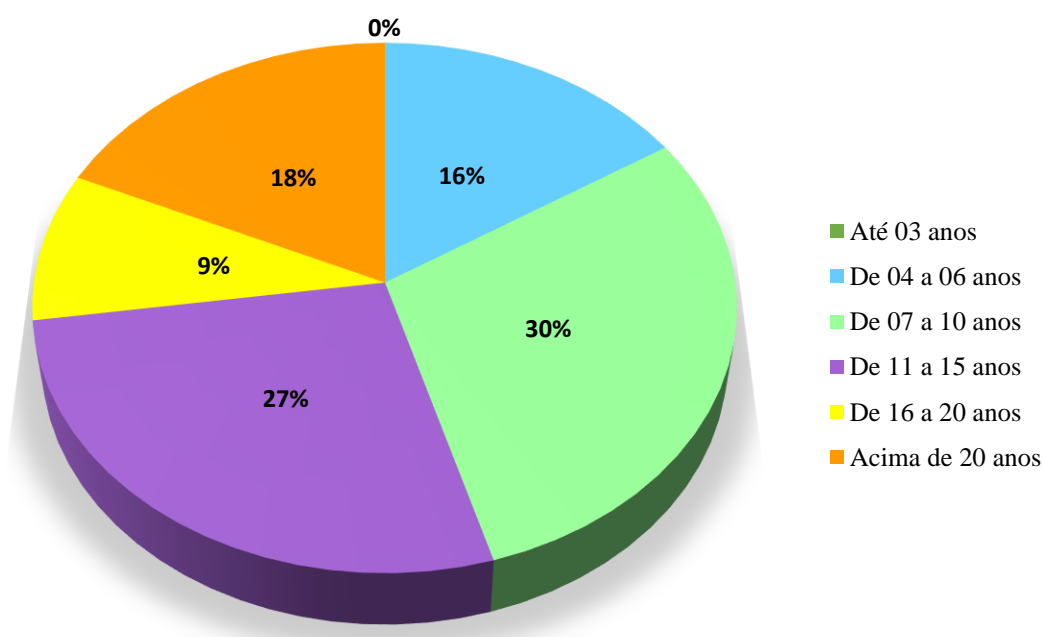
Analisando a formação dos docentes das três IES coparticipantes e no que tange à escolaridade máxima de professores da IES Alfa, destaca-se que 12 (27,27%) docentes possuem doutorado. Uma representação maior, 17 (38,64%) professores têm o mestrado acadêmico; dois (4,55%) participantes, o mestrado profissional e 13 (29,54%) profissionais possuem especialização. Na IES Beta, 18 (29,51%) docentes têm doutorado; 27 (44,26%) possuem o mestrado acadêmico e 16 (26,23%) são especialistas. Na IES Gama, 15 (40,54%) professores são doutores, 16 (43,24%) fizeram um mestrado acadêmico e seis (16,22%) são especialistas.

É visível a melhoria da qualificação dos docentes que atuam na educação superior no Brasil. Os doutores já representam mais de 45% da força de trabalho. A formação dos professores que atuam na rede pública é mais elevada quando comparada à rede privada. De cada três professores na rede pública, dois têm doutorado (66%). Na rede privada (2019), os doutores já representam quase 29% dos professores. O número de docentes com doutorado (28,9%) superou o número de docentes com especialização (22,8%). Paralelamente, ocorreu

uma variação expressiva, com o aumento do número de docentes com mestrado na rede privada. De 2009 a 2019, esse percentual aumentou. Passou de 41,4% para 48,3% em uma década. Na rede pública, prevalece o professor de tempo integral (86,2%). Na rede privada, observa-se a tendência de redução do número de professores “horistas” e de aumento do número de professores em tempo integral e em tempo parcial, prevalecendo o professor de tempo parcial (40,9%). (BRASIL, 2019).

No que diz respeito ao exercício profissional, na IES α , os participantes (2020) trabalham há mais de três anos na IES (Gráfico 10). Identificamos sete professores (15,91%) que exercem a docência de 04 a 06 anos. Logo após, 13 (29,54%) trabalham nessa profissão no tempo de 07 a 10 anos; outros 12 (27,27%) são profissionais que atuam há mais de 10 anos (11 a 15 anos). Quatro (9,10%) professores desempenham a função no espaço de 16 a 20 anos. Acima de vinte anos de profissão, temos oito (18,18%) docentes.

Gráfico 10 - Tempo de docência na educação superior: IES α

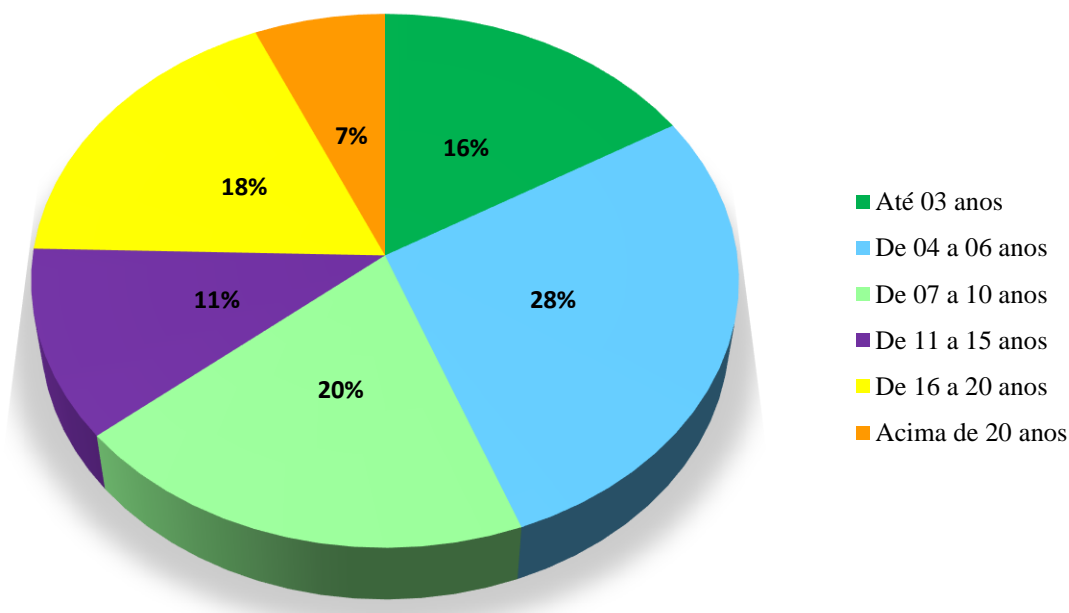


Fonte: Dados da pesquisa: nov.2019-ago.2020.

No que tange à IES β (Gráfico 11), dez (16,39%) docentes trabalham na IES há menos de três anos. Depois, 17 (27,87%) atuam na profissão de 04 a 06 anos; 12 (19,67%) professores trabalham de 07 a 10 anos. Em seguida, sete profissionais (11,48%) são docentes há mais de 10 anos (11 a 15 anos). Por fim, 11 (18,03%) exercem a docência há mais de 15 anos (16 a 20

anos) e somente quatro (6,56%) atuam como professores na educação superior há mais de 20 anos.

Gráfico 11 - Tempo de docência na educação superior: IES β

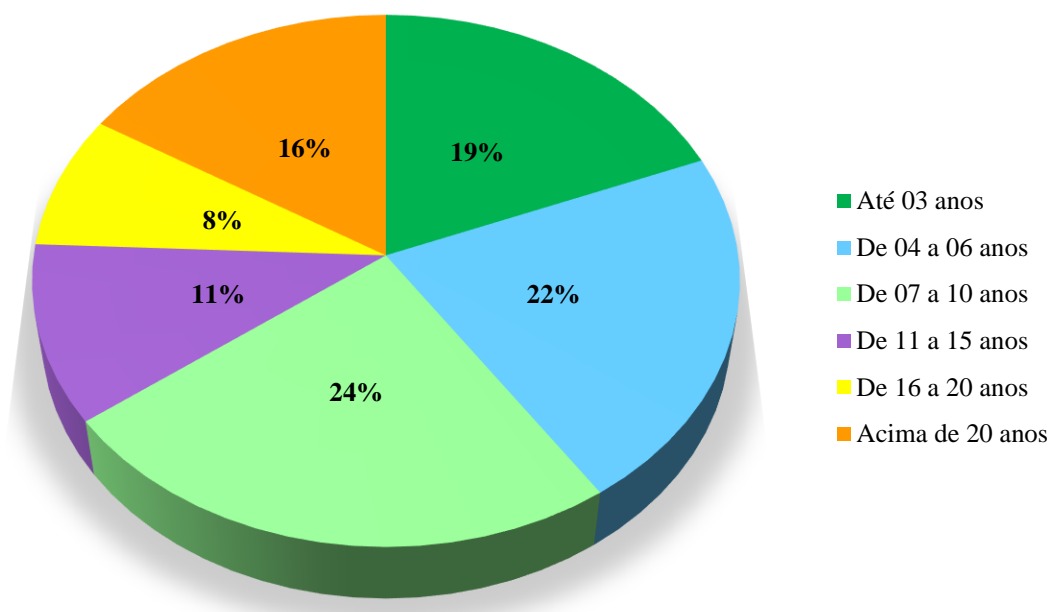


Fonte: Dados da pesquisa: nov.2019-ago.2020.

Em relação à IES γ (Gráfico 12), sete (18,92%) professores trabalham na IES há menos de 36 meses; oito (21,62%) atuam na docência de 04 a 06 anos. Depois, nove (24,32%) colaboradores trabalham há mais de sete anos (07 a 10 anos). Outros, quatro (10,81%) professores, atuam na docência de 11 a 15 anos; três (8,11%) trabalham de 16 a 20 anos na educação superior; e somente seis (16,22%) professores exercem a profissão há mais de 20 anos.

Cabe ressaltar que alguns docentes exercem outras atividades profissionais. Dos 142 participantes dessa pesquisa, verificamos que são: 17 (38,64%) da IES α ; 26 (42,62%) da IES β e 18 (48,65%) da IES γ . Ou seja, temos 61(42,96%) professores que se dedicam a outras atividades laborais. Os docentes exercem essas outras atividades em instituições **privadas** ou **públicas**. Na IES Alfa, 14 (70,59%) docentes trabalham na rede privada e cinco (29,41%) na rede pública. Na IES Beta, 14 (53,85%) professores exercem atividades na rede privada e 12 (46,15%) na rede pública. Na IES Gama, 11 (61,11%) professores estão vinculados à rede privada e sete (38,89%) à rede pública.

Gráfico 12 - Tempo de docência na educação superior: IES γ



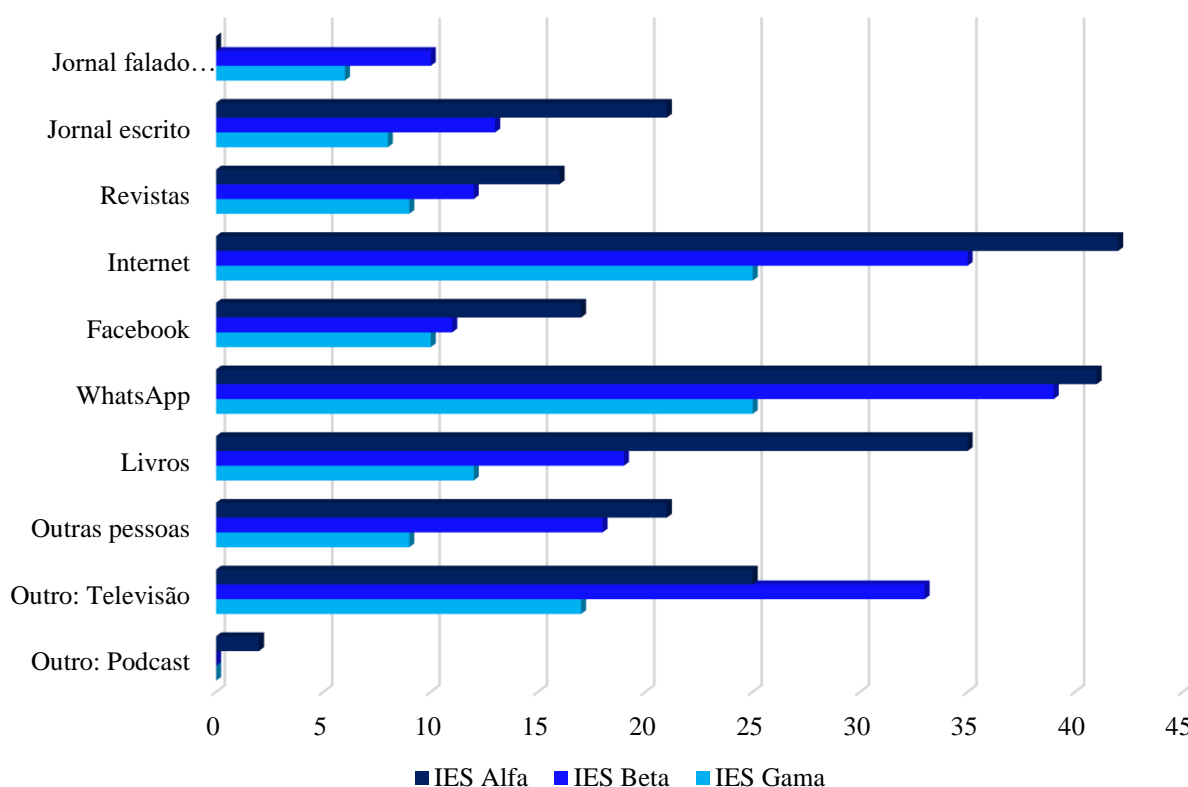
Fonte: Dados da pesquisa: nov.2019-ago.2020.

Desses docentes que atuam nas instituições públicas, em instituições **federais**, encontramos: um docente da IES β e dois docentes da IES γ . Das instituições **estaduais** são: um da IES α , três da IES β e dois da IES γ . Em relação às instituições **municipais**, temos: três da IES α ; oito da IES β e três da IES γ . Analisando as informações do questionário (Apêndice C), constata-se que 27 (44,26%) docentes já tinham outros empregos - alguns deles, cargos efetivos - no início da carreira e, na docência em educação superior, em momentos posteriores, meses ou anos depois. Portanto, continuaram conciliando dois ou mais tipos de trabalhos ao longo da vida. Outros 19 (31,15%) professores relataram sobre o prazer em trabalhar e apontaram a necessidade de estarem com a carga horária bem ocupada semanalmente (seis participantes trabalham inclusive nos finais de semana). Mais 11 (18,03%) docentes chegaram a comentar nessa questão, objetivamente, que é uma forma de completar a renda mensal, já que os gastos (escola dos filhos, alimentação, transporte, moradia, impostos, convênio médico, entre outros) são grandes e não daria para ficar somente em um emprego. Não foi relatado por nenhum dos participantes (homens e mulheres) se na família mais alguém trabalha e auxilia nas despesas. E, por último, quatro (6,56%) deles chegaram a relatar em poucas palavras sobre a exaustão emocional, o estresse e o cansaço mental que a profissão docente vem causando nos últimos anos. Como o questionário (Apêndice C) em sua maior parte era constituído de questões objetivas, não tivemos respostas que mencionassem sobre a pandemia do novo coronavírus.

Esses sentimentos de alguns participantes, sobre a COVID-19, estiveram presentes na entrevista narrativa e apresentados na seção 5.

Os 142 (100%) docentes das três IES coparticipantes gostam de se manter informados sobre os acontecimentos atuais nas horas “vagas” (Gráfico 13). O **jornal falado** (rádio) é apreciado por dez (16,39%) docentes da IES β e seis (16,22%) da IES γ . Quanto ao **jornal escrito**, encontramos 21 (47,72%), 13 (21,31%) e oito (21,62%) sinalizações nas IES α , β e γ , respectivamente. As **revistas** apresentam-se apontadas por 16 (36,36%) docentes da IES α , 12 (19,67%) da IES β e nove (24,32%) da IES γ . A **internet** é utilizada por 42 (95,45%) docentes da IES Alfa, 35 (57,38%) da IES Beta e 25 (67,57%) da IES Gama. O **Facebook** foi assinalado por 17 (38,64%) professores da IES α , 11 (18,03%) da IES β e por dez (27,03%) da IES γ .

Gráfico 13 - Meios de comunicação social



Fonte: Dados da pesquisa: nov.2019-ago.2020.

O **WhatsApp** é utilizado por 41 (93,18%) docentes da IES Alfa, por 39 (63,93%) da IES Beta e por 25 (67,57%) da IES Gama. Os **livros** foram apontados por 35 (79,55%) professores da IES α , 19 (31,15%) da IES β e por 12 (32,43%) da IES γ . Alguns docentes buscam informações com **outras pessoas**. Nessa situação, identificamos 21 (47,73%)

professores da IES Alfa, 18 (29,51%) da IES Beta e nove (24,32%) da IES Gama. Na opção **outro**, surgiram as indicações de outros meios de comunicação social, como televisão e *podcast*.

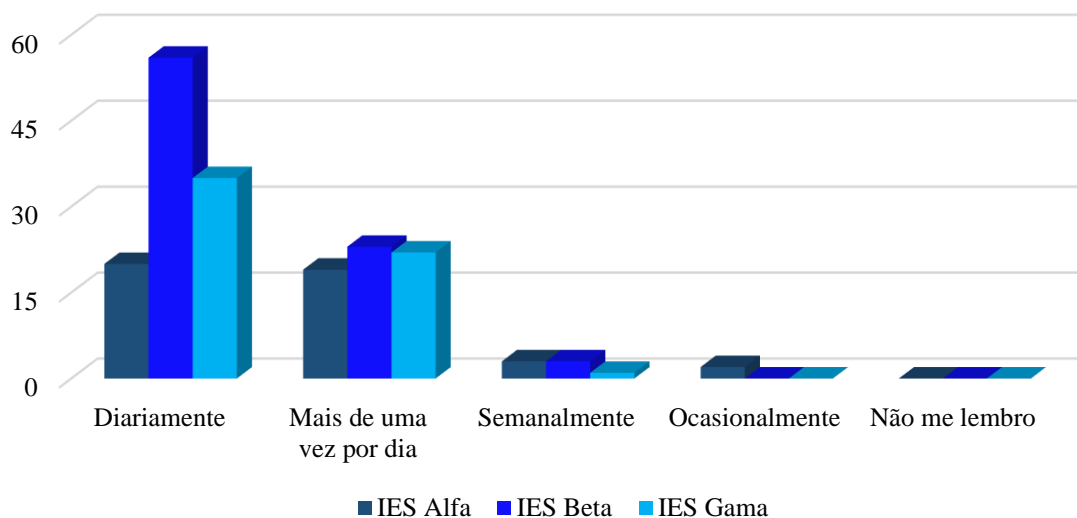
Falar em século XXI... é falar de evolução e inovação das tecnologias digitais. No mundo, nota-se que a cultura virtual evoluiu consideravelmente nas últimas quatro décadas, melhorando o fluxo das informações e dos processos operacionais. Todavia, essa evolução ainda não chegou para todos os indivíduos e, evidentemente, uma parcela majoritária da população brasileira não dispõe de computadores, *notebooks* e/ou *tablets*. De fato, existem pessoas que ainda sofrem de um *apartheid* tecnológico e, por isso, estamos diante de uma sociedade de conectados e não conectados. A conexão não chegou para todos.

Entre os participantes dessa pesquisa - docentes da educação superior - verifica-se que essa situação é menos frequente, apesar de ser existente. Quando questionados sobre os meios de comunicação social que mais utilizavam nas horas “vagas”, apareceram com mais indicações o **WhatsApp** (73,94%), a **internet** (71,83%), a **televisão** (52,82%). Nas horas de lazer, acreditamos que haja docentes que preferem outras opções, “desligam-se” totalmente dos dispositivos eletrônicos e de outros recursos tecnológicos. Se bem que no dia a dia, geralmente, os professores estão hiperconectados.

Nas IES, as aulas vêm ocorrendo remotamente e há diversos momentos de interações síncronas, *on-line*, em tempo real, tais como: reuniões e orientações individuais ou coletivas, grupos de estudos, encontros acadêmicos, palestras, seminários, congressos, conferências, simpósios, fora a imensidão de *lives* – transmissões ao vivo por meio das redes sociais – das quais somos convidados e que estão ocorrendo vertiginosamente nesse período de pandemia da COVID-19.

Na sequência, questionamos sobre a frequência pela busca de informações (Gráfico 14). A opção **diariamente** foi bastante representativa. Os docentes da IES α assinalaram por 20 (45,45%) vezes a alternativa diariamente; 19 (43,18%) professores escolheram a opção mais de uma vez por dia; três (6,82%) docentes apontaram semanalmente; e dois (4,55%) indicaram ocasionalmente. Na IES β , há 56 (91,80%) indicações para diariamente, 23 (37,70%) para mais de uma vez por dia e três (4,92%) para semanalmente. Na IES γ , 35 (94,59%) sinalizaram para diariamente, 22 (59,46%) para mais de uma vez por dia, um (2,70%) semanalmente.

Gráfico 14 - Frequência: busca de informações



Fonte: Dados da pesquisa: nov.2019-ago.2020.

O futuro do mundo é virtual e os anos futuros irão unir o mundo físico ao mundo virtual. Logo, nessa era digital, precisamos estar com os “olhos” no futuro. Cada vez mais os docentes estarão em busca de novas e mais informações, precisarão estar mais conectados. **Nada será como antes.** A pandemia da COVID-19 está provocando mudanças em nossos sentimentos. O trabalho docente e as relações humanas não são e nem serão as mesmas. Parece-me que o futuro do trabalho docente chegou de um dia para o outro.

Atualmente, a era digital tornou-se a “era das incertezas” e acredita-se que o mundo pós-pandemia será diferente. O mundo continuará mudando. Ainda sabemos pouco do que realmente está por vir, mas os docentes precisarão se transformar, seremos cobrados para realizar mudanças significativas no futuro, na educação. **Docentes...!** A cultura virtual estará cada vez mais presente no amanhã e a “frequência pela busca das informações” terá que ser diária. Será preciso se reinventar para estar no mercado, para sobreviver. Ora, homens e mulheres não estão só passando por mutações em seus costumes e comportamentos, também podem estar se descobrindo na simplicidade das coisas, na simplicidade da vida.

Destacamos que, no decorrer das duas primeiras seções, buscamos apresentar o problema norteador da tese, bem como o objetivo geral e os específicos. Uma vez apresentados os aspectos teórico-metodológicos da tese, o problema de pesquisa que originou o estudo, os objetivos primários e secundários, alguns questionamentos e pretensões da investigação, partimos para as discussões da seção 3 - **Trabalho docente à luz da cultura virtual: desafios do conhecimento na perspectiva dialética.**

3 TRABALHO DOCENTE À LUZ DA CULTURA VIRTUAL: DESAFIOS DO CONHECIMENTO NA PERSPECTIVA DIALÉTICA

O trabalho não é apenas uma atividade; [...] trabalhar é engajar sua subjetividade num mundo hierarquizado, ordenado e coercitivo, perpassado pela luta para a dominação. Assim o real do trabalho não é somente o real da tarefa, isto é, aquilo que, pela experiência do corpo a corpo com a matéria e com os objetos técnicos, se dá a conhecer ao sujeito pela sua resistência a ser dominado. Trabalhar é, também, fazer a experiência da resistência do mundo social; e, mais precisamente, das relações sociais, no que se refere ao desenvolvimento da inteligência e da subjetividade. O real do trabalho, não é somente o real do mundo objetivo; ele é, também, o real do mundo social.

Christophe Dejours. **Subjetividade, trabalho e ação**, 2004.

Na abertura desta seção, Christophe Dejours traz à tona algumas reflexões sobre o **trabalho**. Para ele (2004), o “trabalho não é apenas uma atividade”. Nesse sentido, por meio de algumas “frases”, algumas vezes articuladas entre si, explicitamos de forma objetiva e simples a nossa compreensão sobre o **trabalho**, suas dimensões e implicações na educação.

Acreditamos que o conceito de **trabalho** se revela complexo e apresenta múltiplos significados ao longo da história. Realizando o **trabalho**, as pessoas dominam a natureza para a satisfação de suas necessidades pessoais. O **trabalho** é inerente à existência humana desde as primícias da vida em sociedade. O **trabalho** perpassa de diferentes formas a vida de homens e mulheres. O **trabalho** pode ser identificado como atividade laboral produtiva voltada ao capital. Na atualidade, o **trabalho** se manifesta por meio de novos padrões de produtividade. O **trabalho** é socialmente necessário. Por meio do **trabalho**, o ser humano cria a si mesmo. A constante análise e investigação pela construção de si poderá proporcionar a compreensão dos reflexos do **trabalho** sobre as pessoas e das pessoas sobre o **trabalho**. A flexibilização nas relações de **trabalho** provoca uma acentuada esfacelamento ou fragmentação da classe proletária. O **trabalho** excessivo, desmedido diz respeito à “mais-valia”, que corresponde ao real lucro do detentor dos meios de produção.

A reestruturação produtiva emergiu a partir dos anos 1970 e corresponde ao processo de reestruturação do sistema capitalista mundial. Provocou intensas transformações nos processos de **trabalho** e produção, consolidando o modelo flexível do **trabalho** em indústrias e empresas. Consequentemente, novas exigências emergiram e o empregado começou a realizar diversos **trabalhos** ao mesmo tempo.

O resultado é um agravamento das patologias mentais do **trabalho** [...], “o aparecimento de novas patologias, os suicídios perpetrados no próprio local de **trabalho**, o que não ocorria, [...], antes do domínio neoliberal [...]” (DEJOURS, 2012, p. 43). A precarização do **trabalho** poderá refletir negativamente sobre a saúde mental de homens e mulheres. Por exemplo, os docentes, frente à pandemia da COVID-19, muitas vezes, foram confrontados a atualizarem-se e adaptarem-se à cultura virtual e às inovações tecnológicas, cumprindo uma carga horária que ultrapassa sua jornada de **trabalho**.

No século XXI, a intensidade do **trabalho** está canalizada para os resultados. A centralidade do **trabalho** requer a consideração da relação antitética ou contraditória entre capital e **trabalho**. As transformações ocorridas no mundo do **trabalho**, principalmente a partir da década de 90 vêm repercutindo na rotina dos docentes e na subjetividade de professores da educação superior.

Pensando nisso, esta seção trata do **Trabalho docente à luz da cultura virtual**: desafios do conhecimento na perspectiva dialética. Apresenta como subseções - “Materialismo histórico e dialético: contribuições para a produção do conhecimento”; “Era digital: da terceira revolução industrial à indústria 4.0” e “Trabalho docente e educação superior: possibilidades e desafios na era digital”. Para a análise da dialética do mundo real e as discussões sobre o materialismo histórico e dialético tivemos contato com autores que discutem essas temáticas, tais como: Andery (2012), Aquino (2014), Engels (1845), Frigotto (2017), Heráclito (1954) [1901], Kosik (2010), Loparic (2008), Luft (2016), Martins e Lavoura (2018), Marx (2003), Ramos (2014), Redyson (2011), Richter (2012), Roehe e Dutra (2014), Santos (2009), Silva (2014), Trein (2016). No que se refere à era digital, à morfologia social do trabalho e suas repercussões, recorre-se aos autores: Alves (2009), Deleuze (1992), Gil (1992), Harvey (1993, 2006, 2008, 2017), Lévy (2016, 2019), Lipovetsky (2020), Santaella (2003), Schwab (2016) e Sibília (2003, 2008) e, por último, no que diz respeito ao trabalho e trabalho docente, utilizam-se: Alves (1999, 2005), Antunes (2011), Antunes e Alves (2004), Chisnais (1998), Cunha (2010), Dubar (2012), Fanfani (2010), Harvey (2008), Marx (1998) e Sennett (2015).

Ao final da segunda década e início da terceira década do século XXI, estamos vivendo um cenário em que o mundo do trabalho tem sido reestruturado em razão das metamorfoses manifestadas na sociedade. Neste panorama, estabelecemos interações com o outro ou com algo a partir de uma tendência cultural inovadora e empreendedora. Desse modo, atualmente nos encontramos envolvidos em uma espécie de “corrente que interliga seus anéis”, construindo e redesenhando novos modos de produção que integram as numerosas dimensões presentes no corpo social, abarcando até mesmo o universo da educação.

Tomando por base “as implicações da cultura virtual no trabalho docente” na educação superior e considerando as observações da realidade nas IES coparticipantes e na sociedade, começamos as discussões e reflexões dessa seção pelo método “materialismo histórico e dialético”, que se caracteriza pelo movimento do pensamento e que propõe a explicação das transformações significativas verificadas na história da humanidade ao longo do tempo.

Segundo Netto (2011, p.57), “sem as contradições, as totalidades seriam totalidades inertes, mortas. [...] Não há fórmulas/formas apriorísticas para determiná-las, cabe à pesquisa descobri-las”. Tudo que existe no universo forma uma unidade, o “todo”. As partes que compõem o todo não explicam a realidade, já que é a “totalidade” que explica as partes. A natureza das contradições, como, por exemplo, no trabalho docente na educação superior, os seus compassos ou pulsações, as circunstâncias de seus limites, restrições, comandos e soluções

irão depender da estrutura de cada totalidade. Ora, o universo não é um conjunto de pessoas prontas e acabadas. Há diferentes modos de ser do indivíduo social, há uma existência particular. Assim, a subjetividade circula de diferentes maneiras no corpo social. Não é uma espécie de reflexo automático e inconsciente, tudo isso é processo, é movimento, que se impulsiona pelos antagonismos ou contradições. Ademais, os professores precisam ser respeitados em sua totalidade, em suas potencialidades, no modo de expressão, na sua forma de pensar, ser e agir.

3.1 Materialismo histórico e dialético: contribuições para a produção do conhecimento

As contradições que ocorreram em um tempo pregresso e das quais nasceram a concepção de mundo moderno não foram concebidas em dias. As lutas diárias e as oposições permitiram o desenvolvimento de algumas áreas, como a filosofia e as ciências naturais. E pode-se dizer que o materialismo dialético é apenas o último anel dessa cadeia, a última repercussão de lutas que se reportam às épocas mais remotas da história. De acordo com Luft (2016, p.1), “esse movimento de olhar para trás na linha do tempo histórico significa um modo de revisitar as fontes da tradição dialética e redescobrir suas possibilidades não pensadas, na busca por uma teoria da razão universal sem viés”. As raízes desse desenvolvimento remontam à Grécia antiga, berço da democracia, do desenvolvimento de algumas áreas do conhecimento – filosofia, ciências, retórica, política e teatro.

Para se compreender a dialética da realidade, voltaremos um pouco ao passado com alguns pontos de vista da cosmovisão filosófica sobre a dialética. Heráclito de Éfeso (540 - 470 a.C.) foi um filósofo que concebeu e desenvolveu as linhas universais do que mais tarde havia de chamar-se **dialética**. Ele chegou à sua teoria de formação do mundo por meio de uma generalização das teorias existentes em sua época. O filósofo pré-socrático Heráclito, considerado o pai da dialética e da filosofia do movimento idealizou a teoria da transformação ininterrupta de todas as coisas, revelando que tudo muda. Em outras palavras, nada fica inerte, todas as coisas se movem, tudo está permanentemente em metamorfismo contínuo, nada mantém-se fixo.

Este pensamento foi por ele relatado ainda sob outra forma, não menos admirável: “é impossível navegar duas vezes na mesma corrente” (1954 [1901]). De fato, um rio nunca permanece igual, modifica-se a cada instante. Essa ideia do movimento da correnteza de um rio que se transforma constantemente serviu a Heráclito para aclarar seu pensamento sobre o

movimento e a transformação permanentes de todas as coisas que se referem às ideias essenciais da dialética.

De acordo com a concepção filosófica de Heráclito, o mundo em si é infinito, isto é, infundável no tempo e eterno, ou seja, ilimitado no espaço. Nesse sentido, o mundo se metamorfoseia constantemente, nunca permanecendo o mesmo. É preciso, porém, não confundir a transformação constante de todas as coisas com a teoria da evolução, proposta pelo naturalista inglês Charles Robert Darwin (1809-1882), ou com a teoria sintética da evolução ou neodarwinismo, que surgiu no século XX.

Para o filósofo pré-socrático, as transformações das coisas não acontecem de um modo arbitrário ou casual, mas em cumprimento a determinadas regras. Uma transformação se verifica sempre por meio das contradições. A luta entre coisas opostas é a força motriz de todas as alterações, de todo o desenvolvimento de algo. É sabido que, para Heráclito, a essência de todas as coisas e de todos os processos consiste no sincronismo dos opostos, do antagonismo existente entre as coisas. Isso porque realmente em tudo e todas as coisas são constituídas de contradições.

Por outro lado, para entendermos o desenvolvimento de concepção ou de consciência de mundo moderno, importa ressaltar que aos filósofos materialistas sucedeu uma série de pensadores idealistas, dentre os quais sobressaíram-se Platão e Aristóteles. Os dois filósofos exerceram uma interferência expressiva em algumas gerações, tanto na filosofia da Idade Média como da contemporaneidade.

Nesse sentido, Santos (2009, p.7) nos diz “que é necessário ler Platão para o poder rejeitar. As suas grandes descobertas, os erros e parcialidades a que deu origem, os desvios que suscitou, estão presentes nas opções com que a sociedade atual se confronta”. O filósofo e matemático Platão defendia o **inatismo**. Nessa teoria filosófica, seus defensores acreditavam que determinadas ideias ou que os conhecimentos são decorrentes de conteúdos cognitivos que estão presentes em cada ser humano desde o nascimento.

À vista disso, podemos evidenciar que, na corrente filosófica do idealismo platônico, os conhecimentos não são adquiridos ou assimilados a partir de nossas experiências individuais. Para Platão, a verdadeira essência de algo não reside na matéria, mas em um princípio intelectual não material. O macrocosmo dos fenômenos sensíveis não é senão uma decorrência, um reflexo das ideias imutáveis, independentes, emancipadas de suas configurações de expressão material.

Com relação aos estudos filosóficos de Aristóteles, ele defendia o **empirismo**. Acreditava que o conhecimento prático propiciava uma compreensão da verdade e do mundo e que a teorização desse conhecimento era derivada de nossas experiências. Ramos (2014, p.62) sinaliza que a concepção aristotélica “representa uma notável contribuição à filosofia política no que diz respeito à qualificação do homem como um ser que realiza os seus mais altos fins na relação indissociável com a comunidade (*polis*) na efetivação de um bem comum”.

De fato, a dialética da antiguidade era circunscrita porque representava a dialética de uma classe dominante, cuja existência repousava no trabalho dos indivíduos escravizados. Nem ao menos Platão nem sequer Aristóteles, os filósofos mais vultosos do século IV a.C., podiam ser capazes de idealizar uma transformação das condições sociais, melhor dizendo, que a escravidão terminasse um dia e que o antagonismo entre os homens libertos e os submissos escravos fosse abolido. Por essa razão, a ideia que eles concebiam da transformação das coisas não passava de determinado limite social, ou seja, de que a ideia da escravidão devia ser algo eterno, que nunca acabaria. Na classe dominante da sociedade ateniense, no período clássico, a exploração do trabalho dos escravos e a própria dominação de classe revelava o desenvolvimento natural das capacidades humanas e, essencialmente, o progresso da razão. Isso se explica pelo fato de que a produção escravagista não era exclusivamente, nem em sua maioria, uma produção de mercadorias, isto é, uma produção pela mais-valia, como sucede na produção capitalista e, sim, uma produção para consumo direto, ou seja, uma produção de valores de uso.

Isso posto, podemos dizer que a **dialética idealista** crê que o movimento das coisas é o resultado das contradições que existem nas ideias. Entretanto, a **dialética materialista** nos revela que o movimento de algo constitui o elemento principal e as contradições que se produzem nas ideias são apenas o reflexo do movimento real.

Em síntese, a mais transcendente forma de dialética é a que integra de uma só vez a dialética da coexistência e abarca, sincronicamente, a lei das transformações de um estado e as relações entre as diversas partes de um todo. À vista disso foi que, em “O Capital”, Karl Marx (1818 - 1883) idealizou toda uma seriação de leis econômicas que explicam a existência do capitalismo como um todo e quais as interações que existem entre as suas múltiplas partes. Demonstrou a forma que o sistema capitalista se origina de um outro sistema, o da simples produção de mercadorias e, em contrapartida, como as leis do modo de produção capitalista se modificam, no decorrer do tempo, em outras leis que direcionam além do capitalismo a um sistema antagônico, o socialismo. Antes de avançarmos aos estudos e pensamentos de Marx e

Engels, relataremos sobre os posicionamentos de seus antecessores, quer dizer, Hegel e Feuerbach.

O elemento mais significativo da filosofia de Friedrich Hegel (1770 - 1831) foi o **método dialético**. Pode-se dizer que o filósofo germânico descobriu novamente a dialética porque a mostrou sob um ponto que nenhum dos outros filósofos havia até então alcançado. Para ele, coisa alguma do mundo real, nem na realidade e nem na fisiologia do cérebro humano, mantém-se tal qual é, mas se transforma sem cessar ao longo do tempo: que qualquer coisa, toda instituição tem uma origem e, por consequência, um fim, percorrendo uma fase ascendente e um ciclo descendente em seu desenvolvimento.

Na opinião de Trein (2016, p.35), a concepção filosófica de Hegel, “o objeto, a coisa, a realidade, é dialética, representa um constante vir-a-ser, onde as partes se relacionam dialeticamente. Na ontologia hegeliana, a realidade objetiva está em ininterrupto processo de constituição”. E, ainda, complementa suas ideias realçando que, na concepção filosófica de Hegel, “o movimento da dialética tem uma finalidade e tem um fim, ou seja, um término, e tem a razão de ser em si mesmo.” (TREIN, 2016, p.37).

Ao analisarmos as palavras de Trein (2016), podemos dizer que a dialética nos ensina que todas as coisas, as instituições e inclusive as ideias morrem, transformam-se. Mais precisamente, a dialética diante de coisa alguma perdura, conserva-se. Para ela, nada é sagrado, perene ou imortal. Assim, na concepção do idealismo hegeliano, essa força transformadora da dialética é, simultaneamente, a força motriz mais concebível do progresso histórico.

De acordo com a lógica de Hegel - precursor do existencialismo e do marxismo -, a dialética se estabelece dentro de um sistema de entendimento da realidade, em face de um processo em incessante movimento no qual o antecedente (tese) se supera e subsiste no precedente (antítese), se transformando, logo após, em um novo antecedente (síntese), a ser mais uma vez superado e conservado e, doravante, em um ciclo contínuo de crescentes processos de transformações. Em outras palavras, considera-se que a “tese” se trata de uma afirmação ou de uma determinada situação preliminarmente dada. A “antítese” é uma negação, refere-se a uma contraposição à tese. Do conflito e antagonismos entre tese e antítese manifesta-se e aparece a “síntese”, que é uma circunstância nova que carrega dentro de si elementos resultantes dessas divergências ou conflitos. A tese, a antítese e a síntese não são um método, não são uma técnica ou procedimentos, mas resultam da dialética, da natureza das coisas ou de algo. Em suma, a **síntese** transforma-se em uma nova **tese** que, por sua vez, contrapõe-se a uma

nova **antítese** se transformando em uma nova **síntese** – um processo em cadeia permanente, constante e infinito.

Também é sabido que, para Hegel, o movimento das ideias constitui um fator relevante e primário. Em outros termos, as ideias são para ele o motor e o gerador da realidade material, tanto da natureza como da história. A visão hegeliana refere-se à dialética idealmente, defende que a mola da dialética é a contradição, que o movimento das ideias possibilita a criação de um movimento universal. Nessa perspectiva, as ideias criam a realidade, o mundo real.

O que há de mais significativo na doutrina do filósofo materialista alemão Ludwig Andreas Feuerbach (1804-1872) é, inicialmente, o fato de que coloca fim à filosofia como ciência especial e, secundariamente, põe fim ao idealismo, evoluindo para o materialismo. Na concepção filosófica feuerbachiana (1828, s/p.), o “pensamento nasce do ser e não o ser do pensamento”. Para Feuerbach, o pensamento e o homem são produtos da natureza. Ele defende que o pensamento possui primazia ante o espírito e que a natureza é o cerne de todas as forças.

No ponto de vista de Aquino (2014, p.258), Feuerbach acreditava que “o empirismo tem razão em conceber os sentidos como fundamento de nossas ideias; contudo, esquece-se apenas de que o mais importante e mais essencial objeto dos sentidos do homem é o homem mesmo”. Dessa forma, a corrente filosófica de Feuerbach foi, em parte negativa. De maneira oposta à Hegel, faltou ao pensamento de Feuerbach, a dialética.

O progresso sobre o materialismo de Feuerbach foi realizado por Karl Marx e Friedrich Engels, a partir de 1840, isto é, alguns anos antes da revolução francesa de 1848. Marx e Engels eram discípulos de Ludwig Andreas Feuerbach. No entanto, não foi somente a filosofia alemã que os conduziu ao materialismo dialético. Outros acontecimentos da época contribuíram do mesmo modo para isso, especialmente a luta de classes que, por consequência, se desenvolvia na Inglaterra.

Engels ([1845] 2010, p.41) realça que “a situação da classe operária é a base real e o ponto de partida de todos os movimentos sociais de nosso tempo porque ela é, simultaneamente, a expressão máxima e a mais visível manifestação de nossa miséria social”. Naquela ocasião, a Inglaterra era o país mais desenvolvido economicamente, podia-se constatar naturalmente que a verdadeira razão para a explicação das lutas políticas era a luta de classes, nas lutas travadas entre a burguesia e o proletariado. Por outro lado, era notório, para quem acompanhasse a luta de classes na Inglaterra, que esses episódios eram explicados pela situação econômica das classes que se defrontavam.

Outro ponto a ser destacado foi relatado por Redyson (2011, p.8), Marx foi influenciado por Hegel e, em seguida, pelas críticas de Feuerbach, isso é claramente visível desde os **Manuscritos econômico-filosóficos**:

Feuerbach é o único a ter tido uma atitude séria, crítica, com a dialética hegeliana, tendo feito verdadeiras descobertas nesse domínio; ele, em suma, é o verdadeiro vencedor da antiga filosofia. A grandeza com que a executou e a simplicidade discreta com que Feuerbach a entregou ao mundo criam um contraste surpreendente com a atitude inversa dos outros. (MARX, 1984, p. 173).

Voltando às concepções dialéticas, um ponto que cabe ser destacado é que Feuerbach encontrou a chave da explicação materialista da natureza. No entanto, Marx e Engels encontraram a chave da explicação materialista da história. E a descobriram presenciando a forma pela qual os homens buscavam seus meios de subsistência. Em vista disso, começaram a utilizar a expressão “modo de produção”. **Modo de produção** significa a maneira pela qual os indivíduos buscam seus meios de existência e de sobrevivência, sintetizada por Engels (1883, s/p.) em uma frase: “o homem tem necessidade de comer e beber antes de filosofar”. Para ele, tudo o que acontecer depois disso depende das ações e da forma como os homens buscam a satisfação ou não de suas necessidades materiais.

Essa outra realidade constitui a base da explicação materialista da história. Consequentemente, pode-se dizer que ela destrói integralmente o idealismo e, de certa forma, o expulsa de seu último refúgio, a concepção idealista da história. Nessa perspectiva, sabe-se que, em Feuerbach, a dialética ocultou-se, desapareceu. Em Max e Engels, contraditoriamente, ela ressurgiu e se desenvolve, transmutando-se em uma dialética materialista.

Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) criaram a concepção filosófica do **materialismo histórico** e **dialético**, com uma perspectiva teórica e metodológica profunda e crítica para compreendermos a dinâmica da realidade e também para entendermos as grandes transmutações dos processos históricos da humanidade.

O filósofo marxista Kosik (1926-2003) expressou em **Dialética do concreto** (2010, p.44-50) que no “exame da totalidade, não podemos nos limitar à análise do todo e das partes, mas garantir seu caráter dialético, assumindo a unidade das contradições e a dialética de fenômeno e da essência, da lei e da casualidade, do todo e da parte, da essência e dos aspectos fenomênicos” (RICHTER, 2012, p. 239). A priori, para se chegar ao estágio do conhecimento é fundamental desagregar o todo e apresentar o que é particular e específico desse algo. Por meio dessa ação é que se poderá reproduzir espiritualmente a estrutura ou a ordenação de algo, e, assim, compreender esse algo ou essa parte em sua relação com a totalidade.

A materialidade real, para Kosik (2010), deriva-se de uma prática multilateral, com várias ramificações, não segmentada, o que possibilita o entendimento da essência do algo, da parte. Mas para se chegar à medula, ao interior desse algo é necessário o auxílio da ciência, do conhecimento científico, dos princípios e leis científicas. Logo, a teoria é necessária para se ter a clareza das estruturas do todo. A teoria é essencial para se compreender a materialidade real e entender o mundo dialético em sua concretude.

Ao considerarmos os referidos aspectos sobre e do materialismo histórico e dialético é importante destacar o que a pesquisadora Maria Abádia da Silva elucida no livro **O método dialético na pesquisa em educação**: “[...] o método materialista histórico e dialético considera que o mundo, por sua própria natureza é material e que os múltiplos e variados fenômenos do mundo e da natureza constituem diversas formas e modalidades da matéria em movimento.” (SILVA, 2014, p.139). Por esse ângulo, identificamos nas palavras de Silva (2014) que o materialismo histórico e dialético, do ponto de vista metodológico e da educação, busca compreender a produção social do real e de existência da humanidade. Ao mesmo tempo, esse método relaciona-se a diversas formas e modalidades de movimento. Acredita-se que o método do materialismo histórico e dialético é uma espécie de “esqueleto” metodológico mais adequado para as discussões sobre o trabalho e as metamorfoses dos fenômenos sociais, assim como para as concepções de mundo e de realidade.

Na visão de Silva (2014, p.139), “a natureza e a vida estão unidas de forma indissolúvel numa relação dialética, em constante movimento e transformação. A vida e a natureza são a própria dialética, num processo de transmutação e desenvolvimento infinito”. Todavia, para Sanfelice (2008, p.23), “só existe dialética se houver movimento e só há movimento se existir processo histórico”.

O materialismo histórico e dialético possui por objeto de estudo o conhecimento, a compreensão da vida dos homens em sociedade, as mutações da sociedade que o homem produz. Consequentemente, é surreal acreditar que o conhecimento aconteça sem a existência de alguém, sem a presença dos outros, sem as relações de mutualidade entre os fenômenos, sem que a matéria esteja em movimento.

O macrocosmo e tudo que existe tem vida material, concreta e, de forma lógica e racional, pode ser ordinário, habitual e conhecido. O conhecimento científico gerado pelo homem concebe o real em suas múltiplas vertentes com a finalidade de superar a aparência de algo e alcançar a sua essência. À luz do materialismo histórico e dialético, Martins e Lavoura (2018, p. 225) realçam que o conhecimento científico:

[...] se constitui na prática social humana à medida que a própria vida social vai se desenvolvendo e se complexificando, e os homens vão adquirindo condições determinadas social e culturalmente de refletir e teorizar (com métodos cada vez mais desenvolvidos) sobre essa mesma prática social e seus objetos e fenômenos constitutivos. Trata-se, por conseguinte, de se conceber o conhecimento como produto do trabalho dos indivíduos que são historicamente situados, de decodificação abstrata sobre a realidade concreta.

Pela ótica do método do materialismo histórico e dialético, o desenvolvimento do conhecimento científico não é verificado no imediatismo das ideias. A compreensão do real não se restringe a tudo que de imediato é dado, observado, pensado, percebido ou sentido. Se as ideias e pensamentos se limitarem a essas ações, chegarão ao nível das evidências, ao previsível, restringindo-se a apreender somente ao que está explícito.

À vista disso, evidenciamos que o aporte teórico-metodológico do materialismo histórico e dialético demanda o entendimento do historicismo concreto e as análises das obras de Karl Marx e Friedrich Engels foram primordiais para compreendermos como a produção material da vida se relaciona às diferentes formas de relações humanas.

É patente. O real existe. É passível de ser conhecido. Ao estudarmos as relações humanas, a história do pensamento humano e ao tentarmos compreender a existência humana, encontramos duas significativas concepções epistemológicas, essencialmente opostas, sobre o mundo e a realidade: a **concepção metafísica** e a **concepção materialista**. Elas correspondem a abordagens metodológicas que indicam caminhos diferentes e até mesmo conflitantes nas formas de compreender o real.

Martin Heidegger (1889-1976), filósofo existencialista e escritor alemão, foi um dos grandes pensadores do século XX. Suas concepções filosóficas eram fundamentadas na fenomenologia e no pós-estruturalismo.

[...] O sentido do ser é projetado pelo homem no horizonte do tempo originário, explicitado por uma nova disciplina filosófica criada por Heidegger: a analítica existencial. Em certos textos da primeira fase, como “**Que é metafísica?**”, Heidegger usa o termo “metafísica” para designar seja a relação do homem ao ser - a sua disposição de transcender o ente no seu todo em direção ao ser -, seja a explicitação conceitual desse movimento. Portanto, nesse opúsculo, o termo “metafísica” tem um sentido muito próximo de “ontologia fundamental.” (LOPARIC, 2008, p.10-12).

Pela concepção metafísica, o desenvolvimento de uma pesquisa orienta-se por métodos de investigação simples, congruentes, eufônicos e a-históricos, conduzidos pela observação objetiva dos fenômenos, isentando-se de executar uma assimilação de organização, de desenvolvimento e de transformações dos episódios que ocorrem no contexto social. Por centralizar-se na observação dos fenômenos, circunscreve-se à aparência e aos movimentos

visíveis da sua representação, gerando resultados com uma descrição e explicação dos fenômenos traçados.

Para Heidegger, a descrição fundamental do ser humano é como *ser-no-mundo*, ou seja, não há dualismo, polaridade ou oposição entre homem e mundo: ser-homem é indissociável do mundo. O trabalho de Heidegger mostra que o ser-no-mundo é a condição primeira para o entendimento do ser do homem. As vicissitudes do ser-no-mundo são anteriores às elaborações teóricas quanto a um ponto de partida ou uma característica definidora que norteie um percurso compreensivo. Já há uma determinação insuperável que, todavia, tende a se manter velada no cotidiano, a existência como ser-no-mundo. (ROEHE; DUTRA, 2014, p.107).

Em seus pensamentos sobre a filosofia heideggeriana, os pesquisadores Loparic (2008), Roehe e Dutra (2014) evidenciam que, ao buscarmos entender o homem a partir do seu modo de ser e pelo seu jeito de viver, argumentações fundamentadas em princípios da dualidade convencionais como corpo-mente, sujeito-objeto, homem-ambiente podem ser reformuladas, com o objetivo de se compreender que as polaridades existentes são apenas demonstrações e exteriorizações do modo de ser do homem e não seu fundamento, a sua razão.

Em outras palavras, pode-se fazer uma analogia da concepção filosófica heideggeriana com a saúde da humanidade. Os problemas de saúde dos indivíduos não se limitam às fronteiras do corpo humano. O processo saúde-doença ultrapassa as nossas individualidades corporais, pois ele corresponde a outros espaços ou dimensões que estão relacionados à vida humana. Implícito a tudo isso, temos uma concepção de homem. Os nossos limites não se esgotam nos corpos, não somos uma unidade material autossuficiente, nós transcendemos a própria materialidade. Por isso, não é possível compreendermos a espécie humana somente na forma de suas individualidades. O ser humano, o *ser-no-mundo* transcende a própria materialidade.

Na concepção materialista da história, a base filosófica da dialética transita por uma trajetória que vai de Heráclito a Hegel e de Hegel para o pensamento marxista que instaura uma nova dialética estabelecida no materialismo histórico. Por outras palavras, a dialética, na concepção materialista, representa um conjunto de leis ou concepções que administram a universalidade da realidade. No que diz respeito à concepção materialista, Gaudêncio Frigotto (2017) argumenta que ela é:

[...] materialista histórica e, ao mesmo tempo, uma concepção de como se produz a realidade humana em todas as suas dimensões, um método dialético na apreensão de como essa realidade se produz sob as relações classistas no seio do modo de produção capitalista e uma prática política ou práxis na tarefa de sua superação na construção de uma sociedade sem a exploração de classe, uma humanidade emancipada. (FRIGOTTO, 2017, p. 510).

A partir das considerações de Frigotto (2017), pode-se dizer que a corrente teórica de abordagem metodológica “materialismo histórico” estuda a sociedade, a política e a economia, os processos históricos recorrendo às associações entre o trabalhador, os meios de produção e as forças produtivas. Ademais, para os materialistas históricos, o corpo social foi crescendo e se desenvolvendo mediante os meios de produção ou produção de bens que, de um lado, satisfaziam as pessoas em suas necessidades primárias e prescindíveis e, por outro lado, determinavam as mutações sociais e históricas da humanidade.

Em síntese, destacamos os princípios medulares do “materialismo dialético”: (1) a **história da filosofia**, que se manifesta com um fluxo de dogmas ou doutrinas filosóficas antagônicas, em que se defrontam o princípio materialista e o princípio idealista; (2) homens e mulheres determinam a consciência e não contrariamente; (3) integralmente, a matéria é fundamentalmente dialética, e o contraditório da dialética é a metafísica, que compreende a matéria como não histórica, inerte ou fixa; (4) a dialética é o estudo das contradições ou dos paradoxos na essência própria da realidade, das coisas com existência concreta.

O homem é um ser comum e particular, parte integrante da natureza. É a partir do trabalho que ele desenvolve a produção dos seus meios de subsistência e que, factualmente, são aperfeiçoados com o passar do tempo. Por isso, ao metamorfosear o que há na natureza para o seu benefício e satisfazer as suas necessidades essenciais, essas mutações irão refletir no processo de existência humana, na transformação da sociedade. Desse modo, o trabalho torna-se uma unidade formadora desse homem; em síntese, ao produzir seu produto, o homem produz-se a si mesmo.

De outro modo, Andery (2012, p.399) clarifica que: [...] segundo Marx, “a base da sociedade, assim como a característica fundamental do homem, está no trabalho. É do e pelo trabalho que o homem se faz homem, constrói a sociedade, é pelo trabalho que o homem transforma a sociedade e faz história [...]”. Isto é, a concepção materialista marxiana traz em seu âmago uma concepção de natureza e de relações do homem com o meio.

Em virtude dessas concepções que nos direcionam à compreensão do que é trabalho e a explicação do real, nesta pesquisa, tratamos o trabalho docente em uma concepção dialética, com base no referencial do “materialismo histórico”. Nesse sentido, buscamos entender como ocorre a universalidade do movimento real no trabalho de professores da educação superior. Tudo isso pressupõe compreender as condições extrínsecas, nucleares e subjetivas no exercício de seu trabalho profissional; as constantes pressões às quais são submetidos; a superação e o domínio na utilização das ferramentas computacionais; sentimentos como a gratidão,

esperança, alegria, prazer e felicidade em suas tarefas diárias de ser docente nos cursos de graduação; a flexibilização e intensificação da jornada semanal de trabalho; sentimentos de prostração, fragilidade, medo e insegurança empregatícia; reconhecimento pelo bom desempenho em suas atividades; sentimento de pertencimento no trabalho; exigências quanto à polivalência e execução de multitarefas; determinadas obrigações em relação à produtividade e também a ampliação de responsabilidades nas atividades laborais.

Nessa perspectiva, essa pesquisa apresenta, por **objeto de estudo**, as implicações da cultura virtual no trabalho docente. O **problema** que a orienta é saber: sob quais formas, ritmos e expressões, a cultura virtual tem conduzido a uma reestruturação do trabalho docente na educação superior, reconfigurando a subjetividade de professores universitários dos cursos de graduação? Vincula-se à linha de pesquisa “Desenvolvimento profissional, trabalho docente e processo de ensino-aprendizagem” do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade de Uberaba.

Isso posto, evidenciamos que o trato do objeto passa pela filosofia, sociologia, antropologia, educação, psicologia, saúde pública e epidemiologia pela lógica do materialismo histórico, derivado da dialética do trabalho, especificamente, do trabalho docente no século XXI na educação superior. As pesquisas de base histórico-dialética podem contribuir para desvendar as contradições contemporâneas do capitalismo, permitindo compreender as diversas e complexas variáveis que se inscrevem na constituição histórica do processo de trabalho docente.

A temática desta tese não pressupõe discussões desmedidas sobre as distintas conotações da terminologia dialética ao longo da história. Em nosso entendimento, a utilização do método “materialista histórico e dialético” externa-se como o mais adequado e o que mais colabora para o desenvolvimento de pesquisas na área das ciências humanas e sociais, visto que a dialética, sob o ângulo do materialismo histórico, parte da concepção de que o mundo não pode ser olhado e encarado como um sistema acabado, mas sim em movimento, com contradições e estabelecendo uma relação entre parte e todo.

Cabe tecer que esse método se caracteriza pelo movimento das ideias por meio da materialidade histórica da vida dos indivíduos que se encontram em sociedade. Em outras palavras, referimo-nos a descobrir em nossa investigação as leis essenciais que definem a organização e a reestruturação do “trabalho docente na era digital”, sobretudo no século XXI.

3.2 Era digital: da Terceira Revolução Industrial à indústria 4.0

A humanidade sofreu profundas transformações nos campos tecnológico, informacional e da comunicação, após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Esse período é conhecido por **Terceira Revolução Industrial** ou Revolução Tecno-Científica-Informacional, sendo marcado pela coexistência entre conhecimento e pesquisa aplicados à indústria; e quando começaram a acontecer acentuadas metamorfoses nas relações sociais, além de mutações nas relações entre a espécie humana e o meio, no que diz respeito à exploração dos recursos naturais.

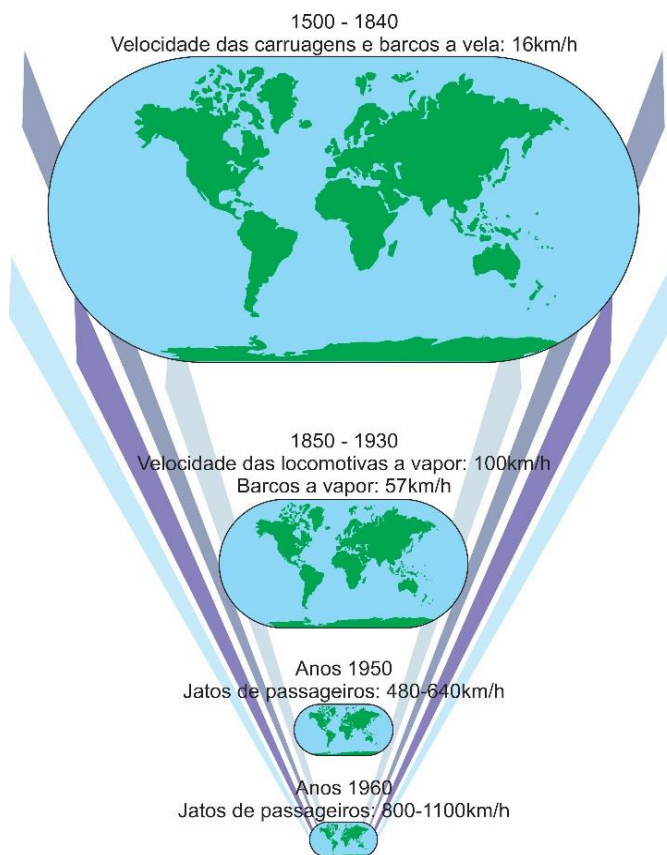
Os processos de transformações tecnológicas expandiram-se de forma espantosa, extraordinária e exponencialmente, criando conexões entre campos tecnológicos por meio de uma linguagem digital em que as informações são geradas e disseminadas universalmente. A convergência das tecnologias da informação e comunicação foram responsáveis por muitas mudanças, entre elas, pela transição da sociedade, antes voltada à indústria e no fim do século XX começou a tornar-se uma sociedade da informação e da comunicação, transformando alguns aspectos da organização social, tendo como exemplo a educação superior, economia, saúde e inclusive os níveis de democracia.

Diante desses fatos e ao longo do tempo, o planeta modernizou-se. O mundo globalizou-se. Vivemos em um mundo que tem se tornado cada vez mais digital e conectado. Nós estamos na era digital ou na era da informação e a maioria dos trabalhadores encontram-se inseridos em uma cultura virtual. As tecnologias digitais dispersaram-se rapidamente pelo mundo, em menos de dois decênios, entre os anos de 1970 a 1990. E uma das características marcantes da Revolução Tecno-Científica-Informacional foi o emprego imediato de uma cultura virtual, interligando o planeta por meio das tecnologias da informação e da comunicação, estabelecendo uma relação de todos para todos. Nessas comunicações não há apenas um destinatário, mas milhares de indivíduos.

A pesquisadora Lúcia Santaella (2003, p.24), em seu livro **Cultura das mídias**, traz algumas sinalizações quanto à comunicação e às categorias de culturas: “[...] para compreender essas passagens de uma cultura à outra, que considero sutis, tenho utilizado uma divisão das eras culturais em seis tipos de formações: a cultura oral, a cultura escrita, a cultura impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cultura digital [...]”. A autora (2003) complementa seu pensamento sobre as formações culturais ressaltando que “a cultura digital é chamada também de **cibercultura**”.

A cibercultura originou ou origina-se a partir da utilização de uma rede de computadores ou de outros suportes tecnológicos, tais como: *tablet* e *smartphone*. Só que há especialistas que a defendem e outros a criticam. As críticas mais centrais compreendem questões relacionadas à identidade e à privacidade, já que um conjunto de dispositivos tecnológicos confere acesso público a determinados ambientes ou espaços privados. Sob outra perspectiva, ela é considerada positiva por propiciar o desenvolvimento cultural de uma sociedade. Hoje em dia, inclusive há programas de desenvolvimento das comunidades virtuais e de inteligência coletiva, que potencializam os meios de comunicação e da informação. Esses programas permitem o compartilhamento de ideias e ao mesmo tempo, aproximam as pessoas de qualquer parte do mundo. Dessa forma, as interações ocorrem em um reduzido espaço de tempo, independentemente do espaço geográfico em que se encontram os indivíduos, propiciando o progresso e a construção de conhecimentos nas comunidades virtuais.

Na sociedade contemporânea, uma imagem bastante comum é a de um computador conectado à *internet*. De fato, as mídias digitais têm rompido barreiras temporais e geográficas. Elas expõem o mundo diante de nossos olhos. E se tornaram um dos marcos mais expressivos de nossa sociabilidade, com repercussões não só nos contextos do trabalho, como também, nas relações interpessoais. A cultura virtual abrange a vida social. Ela potencializa os processos de informação e comunicação e, ao longo das últimas quatro décadas, trouxe mudanças significativas no comportamento social e individual das pessoas, marcadas pelas rupturas dos limites espaço-temporais. Ao mesmo tempo, essas mutações causaram, em alguns tipos de trabalhos e serviços, um afastamento físico/pessoal à medida que as tecnologias digitais foram se inovando e ampliando na sociedade.

Figura 2 - Encolhimento do mapa do mundo

Fonte: HARVEY, David. (1993, p. 220, Adaptado).

Harvey (1993; 2006; 2008) propõe a compreensão do encolhimento do mapa do mundo e das alterações na relação tempo-espço a partir da velocidade. Novas máquinas e avanços tecnológicos surgiram nos últimos séculos. Os meios de transporte tornaram-se mais potentes e velozes e, conseqüentemente, diminuíram as distâncias entre as pessoas. (Figura 2). Enfim, o planeta encolheu, o mundo se transfigurou. O universo cabe, agora, nas telas de nosso computador ou do telefone celular.

Figura 3 - Globalização

Fonte: PIXABAY. Domínio público.

Em virtude das inovações tecnológicas, as informações estão chegando a uma velocidade acelerada e extraordinária. Esta velocidade e o modo como as notícias invadem a nossa vida e o nosso cotidiano foram motivos para Gilberto Gil (1992) compor a música **Parabolicamará**: “antes mundo era pequeno. Porque Terra era grande. Hoje mundo é muito grande. Porque Terra é pequena”. O cantor e compositor baiano elucida que os nossos horizontes se amplificaram e expandiram-se. Para nos deslocarmos a outros locais basta usarmos as ondas luminosas. Basta nos conectarmos com o mundo virtual.

Os progressos tecnológicos não param. Eles vêm acontecendo e invadem a nossa vida particular. O filósofo francês Gilles Lipovetsky (2020, p.2) destaca que “uma das terríveis consequências desse momento que chama de hipermodernidade é que todos nós, manipulados pela sociedade de consumo, globalizada e capitalista, somos vítimas do individualismo”. Essa sociedade de consumo, de intensificação dos pilares contemporâneos caracteriza-se pela busca ou estimula sentimentos de felicidade, o que, até mesmo, justifica o consumo de produtos e serviços, já que certificam trazer para as pessoas bem-estar, prazeres e satisfação. De certa maneira, os avanços tecnológicos convertem os hábitos, os costumes e a inteligência do homem. Sem dúvida, a globalização (Figura 3) acabou transformando as pessoas, agindo diretamente na sociedade, na política, na economia, mas, principalmente, no trabalho e no intelectual do ser humano.

O geógrafo britânico e marxista David Harvey (2017, p.3) discute sobre o trabalho globalizado e as suas consequências.

No que diz respeito ao trabalho, o desafio consistia em tornar competitivo o custo do trabalho local em relação ao custo do trabalho globalizado[...]. Mas para que a globalização funcionasse, era preciso reduzir as tarifas e reforçar o

capital financeiro, pois esta é a forma de capital mais móvel. O capital financeiro e o fato de tornar as moedas flutuantes tornaram-se essenciais para conter a classe operária. Ao mesmo tempo, os projetos de privatização e de desregulação criaram desemprego. Portanto, desemprego no interior do país e deslocalizações para fora, assim como um terceiro componente, as mudanças tecnológicas, a desindustrialização por meio da automação e da robotização. Esta foi a estratégia para triturar a classe operária.

No cenário mundial, a globalização (Figura 3) acabou trazendo para o mundo do trabalho outras tecnologias. Todavia, acopladas a elas vieram o desemprego e novas formas de configurações na organização e reestruturação do trabalho. Em síntese, a globalização desencadeou uma pluralidade de modificações na nossa maneira de nos relacionarmos com o outro, com as mercadorias e com as formas de se executar o trabalho. Essas situações nos direcionam a pensar sobre a “globalização” em uma perspectiva plural e, simultaneamente, crítica. **Plural**, porque sabe-se que seus impactos não estão limitados a certas regiões e países ou a determinados continentes do planeta. Entretanto, se por acaso ocorrer uma alteração contrária e desfavorável em um dos lados do mundo, podemos ter sérios problemas em diversos territórios e em inúmeras localidades do globo. **Crítica**, em consequência dos agravamentos das questões econômicas e sociais resultantes do processo de “mundialização do capital”.

Alves (2009, p.196) traz em seu artigo **Trabalho e reestruturação produtiva no Brasil neoliberal** – Precarização do trabalho e redundância salarial – salienta sobre as consequências da globalização neoliberal em nosso país. Para o pesquisador (2009), a “reestruturação capitalista no Brasil sob a era neoliberal constituiu, na década passada, uma nova morfologia social de acumulação capitalista baseada na lógica da redundância do trabalho vivo, instaurada, seja por meio de cortes de pessoal ou por meio da contratação precária”. As propostas neoliberais causaram impactos negativos no mercado de trabalho. Uma das decorrências mais agravantes do neoliberalismo na sociedade foi a ampliação do desemprego nos setores produtivos. Em vista disso, muitos trabalhadores acabaram sendo excluídos do mercado de trabalho (Figura 4). Um outro fato é que uma minoria de pessoas enriqueceu e acumula riquezas por meio da exploração da força de trabalho da maioria operária. Nesse processo, os incluídos são os detentores do capital. Porém, as metamorfoses em nossa sociedade não param por aí...!

Figura 4 - Uma das consequências da globalização neoliberal



Fonte: PIXABAY. Domínio público.

As “políticas neoliberais” acabaram originando a concentração de renda para alguns grupos. De um lado, uma pequena fração da população mobiliza a economia mundial, o mercado de luxo e ostentação, as riquezas, formando uma hegemonia dos principais centros de poder. Do outro lado, existe um descontentamento social e pessoal que vem se acumulando há anos. No Brasil, por exemplo, ficamos na expectativa de dias e tempos melhores. Será? Ficamos sempre na esperança de anos melhores.

Lamentavelmente, verifica-se na sociedade uma acentuação das desigualdades sociais. Salários baixos ou empobrecimento do nível de renda familiar, aposentadorias minguadas, desregulamentação do movimento de capitais e do mundo do trabalho, livre circulação de capitais internacionais, a privatização de empresas estatais, a precarização do trabalho, políticas de austeridade neoliberal realizadas pelos governantes, problemas sociais, fragilidades na educação e na saúde e ineficiência de saneamento básico ampliaram ainda mais as disparidades econômicas na população brasileira e mundial.

Harvey (2017, p.2) revela sua criticidade em relação à definição de **neoliberalismo**.

Sempre disse que o neoliberalismo era um projeto político lançado pela classe capitalista quando ela se sentiu muito ameaçada, política e economicamente, do fim dos anos 1960 até os anos 1970. Eles queriam desesperadamente apresentar um projeto político que reduzisse a força da classe operária. A classe capitalista ficou então verdadeiramente com medo e se perguntou o que fazer. Ela não era onisciente, mas sabia que havia um certo número de frentes nas quais devia lutar: o *front* ideológico, o *front* político e acima de tudo a necessidade de reduzir por todos os meios possíveis o poder da classe trabalhadora. É a partir de lá que emergiu o projeto político que chamarei de neoliberalismo.

O projeto político – o “neoliberalismo” – é escopo de incessantes críticas ao longo dos anos desde seu surgimento, visto que acarretou instabilidades, agravamento das desigualdades sociais e amplificou a desigualdade de renda, estimulando a competitividade da humanidade. Esses acontecimentos minaram o crescimento econômico de determinados países. Tendências neoliberais permanecem vivas e engenhosas, certas nações que possuem melhores condições financeiras no mercado mundial, estão sendo beneficiadas em detrimento das que possuem instabilidade financeira e que são menos privilegiadas economicamente.

Com estas premissas, uma nova onda de transformações está surgindo no modo de produzir, anunciar e comercializar as mercadorias, fomentadas pelo desenvolvimento de tecnologias baseadas em redes e dotadas de excepcional conectividade. É a indústria 4.0 ou a Quarta Revolução Industrial. O economista e engenheiro alemão Klaus Martin Schwab (2016, p.15) em seu livro **A Quarta Revolução Industrial** menciona que “ao contrário das revoluções industriais anteriores, esta evolui em um ritmo exponencial e não linear. Esse é o resultado do mundo multifacetado e profundamente interconectado em que vivemos; além disso, as novas tecnologias geram outras mais novas e cada vez mais qualificadas”. Os avanços tecnológicos ao longo dos séculos XX e XXI, bem como suas decorrências no corpo social são grandes. Nos dias de hoje, existem máquinas dialogando com outras máquinas. Há máquinas conversando com os humanos; há aquelas que estão deliberando várias decisões da vida cotidiana. O robô e o homem estão personalizando a interação por meio de sistemas inteligentes. Contudo, não é só isso. Muitas indústrias estão empenhadas em alterar os seus processos e negócios, o que conseqüentemente irá causar modificações nas práticas de consumo em todo o planeta.

Sobre as máquinas e suas relações com o mercado, o filósofo francês Gilles Deleuze (1925-1995) nos diz em sua obra **Conversações** (1972-1990) que:

É fácil corresponder a cada sociedade certos tipos de máquina, não porque as máquinas sejam determinantes, mas porque elas exprimem as formas sociais capazes de lhes darem nascimento e utilizá-las. [...] Não é uma evolução tecnológica sem ser, mais profundamente, uma mutação do capitalismo [...]. Já não é um capitalismo dirigido para a produção, mas para o produto, isto é, para a venda ou para o mercado [...].

As empresas e as pessoas necessitarão, de alguma maneira, adaptarem-se à existência real das tecnologias digitais. Elas estão desencadeando uma verdadeira revolução na esfera da comunicação e da informação, transformando substancialmente as noções de tempo e de espaço. Cada vez mais os especialistas estão aprimorando as técnicas de diagnóstico e de comunicação das ferramentas computacionais. Tudo isso são fatos. É inquestionável.

Por um outro ângulo de análise sobre o desenvolvimento humano e as transformações sociais nos últimos 50 anos, a ensaísta e pesquisadora Paula Síbilia (2008), em seu livro **O show do eu**: a intimidade como espetáculo, sublinha que estamos saindo de uma sociedade da disciplina, de um regime de disciplinamento, dos corpos dóceis, importantes, úteis e disciplinados, para uma nova extensão ou território, que se encontra em absoluto processo de reacomodação ou de readaptação. Para ela, isto significa, que nos vemos e estamos inseridos em uma “sociedade de controle”. (DELEUZE, 1992).

Han (2017), em sua obra **Sociedade do cansaço**, evidencia que cada época de nossa sociedade dispõe de algumas enfermidades. Segundo Han, “a sociedade disciplinar e repressora do século XX criou espaços para uma nova forma de organização coercitiva: a **violência neuronal**, resultante da superprodução, do superdesempenho e da supercomunicação entre os indivíduos.” (HAN, 2017, p.16). Desempenho é o nome da mais nova forma de dominação em nossa sociedade. Em outras palavras, o poder de desempenho é cada vez mais intrínseco, ele germina dos modos de vida, algumas vezes corrompidos e degenerados. Segundo Han (2017), ao mesmo tempo, a ideologia da positividade é perversa, submetendo cada indivíduo a trabalhar mais e a receber na maioria das vezes, por menos.

Nesse sentido, cada indivíduo acaba se tornando reprimido. Todavia, as pessoas ao longo do tempo foram absorvendo e encharcando-se de demandas, tornando-se superaquecidas por um excesso de positividade. Pela visão crítica de Han (2017, p.20), “a violência da positividade não é privativa, mas saturante; não excludente, mas exaustiva. Por isso, é inacessível a uma percepção direta”. Em vista disso, não se trata de suprimir a alteridade, mas de controlá-la a partir das condições psíquicas de cada sujeito.

Na sociedade contemporânea, a ciência dá origem a uma nova vida e algumas inovações tecnológicas abrem outras fronteiras para a população mundial. O processo de modernização está metamorfoseando as relações sociais. A fusão do capitalismo contemporâneo com as tecnologias digitais colaborou para o aparecimento do fenômeno da “globalização”. Nesses dois últimos séculos, os capitalistas colocaram as produções informacionais e de comunicação, suas distribuições e seus consumos como marcos reguladores das relações econômicas, tecnocientíficas e sociais. Os próximos caminhos dessas relações ainda são desconhecidos.

Síbilia (2003), em seu livro **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais, não sinaliza precisamente para uma ou outra trajetória. Segundo a autora, há “uma série infinita de desdobramentos possíveis da problemática gerada pela realidade

tecnológica.” (SIBILIA, 2003, p.212). A maior parte das indústrias de nosso país se encontra na transição entre a Segunda e a Terceira Revolução Industrial. Isso quer dizer que as indústrias, de forma progressiva, estão deixando as linhas de montagem tradicionais e, aos poucos, estão se modernizando estruturalmente e implementando alguns recursos informacionais e de comunicação.

Paralelamente, é importante frisarmos que alguns países já estão à frente nas pesquisas e encontram-se em um outro momento. Algumas nações, como os países da União Europeia estão vivenciando a Quarta Revolução Industrial. Na verdade, refere-se a um período de transição em relação ao desenvolvimento e aprimoramento das tecnologias e, a priori, trata-se de uma nova fase da automatização ou de mecanização.

O filósofo francês Pierre Lévy (2019, p.3) explicita na entrevista publicada na **Revista Fronteiras do Pensamento**, suas ideias sobre as novas tecnologias para aumentar a inteligência humana coletiva. E, em relação aos megadados que estão disponíveis na *internet*, nos diz que:

Poderíamos dizer que os megadados disponíveis na *internet* são atualmente analisados, transformados e explorados por grandes governos, grandes laboratórios específicos e grandes corporações. Isso é o que denominamos hoje de megadados. No futuro, haverá uma democratização do processamento de megadados. Será uma revolução. Se você pensar na situação dos computadores no princípio, apenas grandes empresas, grandes governos e grandes laboratórios tinham acesso ao poder da computação. Hoje em dia, entretanto, temos a revolução da computação social e a comunicação descentralizada, através da *internet*. Anseio pelo mesmo tipo de revolução em relação ao processamento e análise de megadados.

Analisando essas declarações de Lévy (2019), podemos afirmar que as inovações tecnológicas da indústria 4.0 estão propiciando a fusão de tecnologias e a interação entre os domínios físicos, digitais e biológicos. Nesse sentido, os investimentos têm sido mais permanentes em inovações como: inteligência artificial, robótica avançada, *internet* das coisas por meio de redes inteligentes, veículos autônomos, manufatura aditiva ou impressão em 3D, processos produtivos em tempo real, virtualização de toda a estrutura operacional das indústrias, nanotecnologia, biologia sintética, possibilidade de xenotransplantes, biotecnologia, armazenamento de energia e computação quântica.

Ao realizar uma entrevista em outra ocasião para a empresa jornalística **Correio do Povo** - Caderno de Sábado, Lévy (2016, p.2) sinaliza que “a economia inteira está em transformação. [...]. Editores de revistas científicas desaparecerão. Cada um publicará seu artigo científico num site pessoal ou coletivo e as avaliações serão feitas depois. Esse é o futuro.”

Esses pontos evidenciados por Lévy (2016) são compreendidos por nós como uma das transmutações na sociedade. Uma das transformações desencadeadas pela Quarta Revolução Industrial será a criação de novos protótipos de negócio bem definidos e a tendência é que as atividades laborais manuais sejam pouco a pouco eliminadas. No tocante às carreiras profissionais, algumas estão se tornando obsoletas e outras poderão alvorecer no mercado nesses próximos anos.

No bojo das discussões retratadas nessa subseção, está presente a “era digital”. Na sequência, apresentaremos os processos que envolvem o trabalho docente e os seus desafios na era digital ou era da informação, considerando as circunstâncias e os cenários que atravessam os sujeitos e o corpo social.

3.3 Trabalho docente e educação superior: possibilidades e desafios na era digital

O trabalho é uma atividade transformadora que constitui e define o próprio ser humano e, por isso, é, ontológico. O sociólogo francês Claude Dubar (2012, p.354) elucida que “o trabalho não pode ser reduzido à troca econômica de um gasto de energia por um salário. Ele possui uma dimensão simbólica em termos de realização de si e de reconhecimento social”. Pode-se dizer então que, ao trabalhar, os homens não produzem somente bens materiais. A forma como produzem suas condições de existência interfere diretamente nas relações interpessoais, nos valores, crenças, atitudes e formas de pensamento. Ao trabalhar não produzimos somente mercadorias, produzimo-nos e, também, nossas relações sociais.

No **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**, Ricardo Antunes (2011, p.432-433) refere-se ao trabalho:

[...] como o exercício de uma atividade vital, capaz de plasmar a própria produção e a reprodução da humanidade, uma vez que é o ato responsável pela criação dos bens materiais e simbólicos socialmente necessários para a sobrevivência da sociedade. Esse é o primeiro traço central identificado quando se procura compreender o sentido mais profundo da noção de trabalho. Se, por um lado, o trabalho é expressão, em maior ou menor medida, de um ato poético, o momento da criação, ele tem sido também, ao longo da história, constante expressão de subordinação e alienação.

Nesse sentido, a definição de trabalho mostra-se como algo complexo e expressa ambivalência em seus múltiplos significados, seja em fatos atuais ou nos acontecimentos passados. Ele pode adquirir significações e implicações distintas e sentidos que se diversificam entre o sofrimento, a angústia, o contentamento e o prazer, escolha e preferência e/ou até mesmo uma obrigatoriedade ou imposição. Propicia e traz sentido à existência do homem.

No século XX, as condições de vida dos trabalhadores foram objetos de estudos de vários pesquisadores. Um deles, Friedrich Engels (1985), destacou em sua pesquisa sobre **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**, que foi fundamental a compreensão do cotidiano dos trabalhadores e das cidades no alvorecer do capitalismo. Naquele momento, Engels acentuou a contradição gerada pelo capitalismo e a condição de miséria ou de pobreza extrema dos trabalhadores. Ao avaliar a contradição entre a riqueza produzida pelos trabalhadores e sua condição de miserabilidade, Marx (1998, p.159) posicionou-se: “se o produto do trabalho não pertence ao operário, se ele é um poder estranho perante si mesmo, tudo isso só é possível se o trabalho pertence a um outro homem além do operário [...]”. Por essas palavras, Marx (1998) evidencia que a exploração do trabalho está na base das relações de produção capitalistas e, por isso, o trabalhador gera riquezas para o outro, o burguês, que possui o capital e é o detentor dos meios de produção.

É importante destacarmos que quem impulsionou grandes transformações no mundo do trabalho foi a indústria automobilística, principalmente a partir da organização da produção industrial, com a implantação das ideias de Henry Ford. A grande questão colocada em evidência no momento era que o processo de produção industrial deveria ter características de produção em massa, uma vez que poderia reduzir os custos de produção e o preço de venda dos produtos, no caso os carros produzidos pela *Ford Company*.

A ampliação das atividades laborais resultou na “produção” de um operário que não precisava mais ser um *expert* ou especialista, mas sim um sujeito com grande resistência física e dominado psicologicamente. Nesse caso, o trabalhador necessitava apenas de reproduzir um número ilimitado de gestos, gestos automáticos, continuamente dentro da linha de produção.

Antunes e Alves (2004, p. 336), em **As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital**, expõem que:

[...] com a retração do binômio taylorismo/fordismo, vem ocorrendo uma redução do proletariado industrial, fabril, tradicional, manual, estável e especializado, herdeiro da era da indústria verticalizada de tipo taylorista e fordista. Esse proletariado vem diminuindo com a reestruturação produtiva do capital, dando lugar a formas mais desregulamentadas de trabalho, reduzindo fortemente o conjunto de trabalhadores estáveis que se estruturavam por meio de empregos formais.

Na concepção defendida por Taylor, os conflitos de interesses entre trabalhadores e capitalistas são abortados e os processos são metamorfoseados em relações de cooperação que sucederiam na prosperidade e sucesso de ambos. Além do que, o taylorismo passa a defender a ideia de que especialização de tarefas a serem desempenhadas pelos operários reivindicava

trabalhadores com distintas aptidões e habilidades. À vista disso, tratava-se de desenvolver minuciosamente processos que aprofundassem a especialização dos proletários.

O processo de ascensão do taylorismo/fordismo impulsionou transformações radicais na organização da produção com o intuito de alcançar uma maior eficácia e, conseqüentemente, assumiu uma posição de dominância dentro do mercado capitalista. Dessa forma, as demais empresas tiveram que copiar esse modelo de produção para sobreviverem a essa disputa. O modelo taylorista/fordista de produção foi marcado pela racionalização da produção, pela ampliação da divisão social do trabalho, por uma alta mecanização e incentivo à produção em massa. Antunes e Alves (2004, p. 341) complementam suas ideias em relação a esses fatos, afirmando que:

Há ainda uma última tendência que vamos indicar: no contexto do capitalismo mundializado, dado pela transnacionalização do capital e de seu sistema produtivo, a configuração do mundo do trabalho é cada vez mais transnacional. Com a reconfiguração, tanto do espaço quanto do tempo de produção, novas regiões industriais emergem e muitas desaparecem, além de inserirem-se cada vez mais no mercado mundial, como a indústria automotiva, na qual os carros mundiais praticamente substituem o carro nacional.

A crise desse modelo resultou em um denso processo de reestruturação da produção e da organização do trabalho, que deu origem a um outro modelo de produção mais flexível, com o intuito de recuperar o ciclo reprodutivo do capital. Antunes (1999, p. 44-45) acrescenta em sua análise sobre o momento de crise do fordismo:

Os operários tinham se mostrado capazes de controlar diretamente não só o movimento reivindicatório, mas o próprio funcionamento das empresas. Eles demonstraram, em suma, que não possuem apenas uma força bruta, sendo dotados também de inteligência, iniciativa e capacidade organizacional. Os capitalistas compreenderam que, em vez de limitar a explorar a força de trabalho muscular dos trabalhadores, privando-os de qualquer iniciativa e mantendo-os enclausurados nas compartimentações estritas do taylorismo e do fordismo, podiam multiplicar seu lucro explorando-lhes a imaginação, os dotes organizativos, a capacidade de cooperação, todas as virtudes da inteligência.

Portanto, se antes o operariado era apenas um complemento da maquinaria, agora ele passa a ser integrado ao processo produtivo. Assim, surge a **flexibilização do trabalho**. Dessa maneira, com a possibilidade de compreender outras operações dentro da indústria, pode-se reforçar a cooperação entre os funcionários de uma organização, potencializando a eficiência e a produtividade, o que reverte em benefício para o capital.

A nova forma de organização do modo de produção capitalista foi denominada de acumulação flexível. A consolidação dessa forma de organização do modo de produção

capitalista ocorreu na década de 1970, em pleno contexto de crise do fordismo e na emergência da chamada Terceira Revolução Industrial. Esse modelo japonês de produção e gestão chegou a estabelecer-se como o mais oportuno àquele momento de crise estrutural do capital. Assim, em relação a esses aspectos, Alves (2005, p. 37) esclarece que:

o mundo do trabalho, com destaque para os seus polos mais dinâmicos de acumulação de valor e de base técnica mais desenvolvida, tende a incorporar o espírito do toyotismo. Seu léxico penetra não apenas na indústria, mas nos serviços e na própria administração pública. Por isso, é importante buscar apreender seus significados históricos e categoriais para explicarmos as mutações estruturais do capitalismo global.

A partir do entendimento da organização do trabalho que atravessou o processo de consolidação do capitalismo no século XX, especialmente em relação ao taylorismo e fordismo, e, depois, o processo de acumulação flexível, pode-se perceber que o mundo do trabalho se tornou complexo, enigmático e um espaço multidimensional, que controla muitas categorias e setores da sociedade. Para Harvey (2008, p.174):

A acumulação flexível parece enquadrar-se como uma recombinação simples das duas estratégias de procura de lucro (mais-valia) definidas por Marx. A primeira, chamada de **mais-valia absoluta**, apoia-se na extensão da jornada de trabalho [...]. A passagem para mais horas de trabalho associadas com uma redução geral do padrão de vida [...] representa uma faceta da acumulação flexível do capital. Nos termos da segunda estratégia, denominada **mais-valia relativa**, a mudança organizacional e tecnológica é posta em ação para gerar lucros temporários para firmas inovadoras e lucros mais generalizados com a redução dos custos dos bens que definem o padrão de vida do trabalho.

O novo ciclo do capitalismo é definido pela “acumulação flexível” e pela “mundialização do capital”. Essa fase teve início na década de 1980. O acentuado processo de Revolução Técnico-Científico-Informacional resultou em efeitos congruentes, próprios na organização das produções, na gestão da força de trabalho e na rotina das pessoas. A mundialização do capital foi favorecida pelas inovações tecnológicas, criou-se um modelo flexível de trabalho industrial, caracterizado por um sistema de produção de mercadorias.

Alves (1999, p.53) traz alguns comentários das metamorfoses do mundo do trabalho no século XX.

[...] período de desenvolvimento do capitalismo mundial, que surge a partir da década de 1980 e pode ser caracterizado como sendo a da **mundialização do capital** (uma denominação mais precisa para o fenômeno da “globalização”). Na verdade, estamos diante de um novo regime de acumulação capitalista, um novo patamar do processo de internacionalização do capital, com características próprias e particulares se comparada com etapas anteriores do desenvolvimento capitalista.

Ideologicamente, os termos “globalização” e “mundialização do capital” não são sinônimos. Eles se opõem, ou seja, se contrastam. A globalização é uma palavra mais falada, anunciada e divulgada nos últimos decênios. Nos meios de comunicação é mais conhecida pelas pessoas. Quando surgiu na década de 90, no século XX, foi um marco significativo. Ocorreram inúmeras interpretações e a impressão que tínhamos é que o mundo globalizado era um processo consumado, irreversível. E, todos precisavam adaptar-se a esse novo modismo no planeta. A mundialização do capital não é uma expressão tão conhecida pelas pessoas. Geralmente, é mais restrita ao meio acadêmico e acredita-se que foi uma tentativa teórica ou um esforço de superarmos a supremacia do discurso globalizante, permitindo uma leitura e análises mais reais da sociedade capitalista desse período. Analogamente, o especialista francês em economia industrial e em economia da inovação tecnológica, François Chesnais (1998, p.185), nos explica que:

O termo “mundialização do capital” designa o quadro político e institucional no qual um modo específico de funcionamento do capitalismo foi se constituindo desde o início dos anos 80, em decorrência das políticas de liberalização e de desregulamentação das trocas, do trabalho e das finanças adotadas pelos governos dos países industriais, encabeçados pelos Estados Unidos e pela Grã-Bretanha.

A partir das elucidações de Giovanni Alves (1999) e de François Chesnais (1998), podemos dizer que a “mundialização do capital” corresponde a um acontecimento ou processo histórico, de reestruturação do capitalismo com novas bases econômicas na sociedade.

Diz respeito a um período da economia mundial. Trata-se de um processo plurissecular, porém, é um processo contraditório. Por um lado, origina aspectos positivos e, por outro, aspectos negativos, ao mesmo tempo. Se de um lado do cenário, temos uma representação da sociedade mundial, vivenciando uma vertiginosa revolução científica, tecnológica e informacional, sob outra perspectiva, a dominação tornou-se cada vez mais elaborada e permanente, levando a uma maior exploração e exclusão de vários segmentos da população global.

Para o sociólogo Richard Sennett (2015, p.1), “o ambiente de trabalho da economia do novo capitalismo, com ênfase na flexibilidade e no curto prazo, inviabiliza a experiência e narrativas coerentes sobre a própria vida por parte dos trabalhadores, o que, por sua vez, impediria a formação do caráter”. Nesse sentido, podemos dizer que o novo sistema de gestão econômica, que resultam desse novo modo de produção flexível impôs aos trabalhadores algumas mudanças rápidas nem sempre aparentes, provocou transformações em seus costumes, particularidades e até mesmo das emoções, num estado contínuo de vulnerabilidade. Pode

influenciar nos traços psicológicos, nas marcas mais profundas das pessoas, por intermédio de uma internalização subjetiva de concepções de conduta moral, de um *ethos*.

A corrente ideológica concebida por Karl Marx, traçada no ideal revolucionário e na ação política prática, focava nos sujeitos históricos e nas metamorfoses sociais resultantes do sistema capitalista, já que as mutações sociais estão ligadas à dinâmica das forças produtivas. No sistema capitalista, as relações de trabalho transformam-se à medida que os setores produtivos prosperam para consolidar produtividade com excelência em tempo menor de execução das atividades laborais. Em outros termos, isso quer dizer trabalhar mais e em menos tempo para alcançar melhores resultados. E o trabalho de um docente não escapa dessas situações.

O trabalho dos docentes é considerado fundamental para o desenvolvimento da sociedade do conhecimento. Ele propicia a formação dos indivíduos e na educação superior tem papel expressivo no corpo social, para a construção e produção de conhecimento científico, formação de pensamento crítico e de profissionais. Maria Isabel da Cunha (2010, p.1) nos revela que a docência universitária:

Refere-se ao exercício das atividades do magistério nos espaços da educação superior, incluindo as universidades, mas, de modo genérico, as demais modalidades desse nível de ensino. Insere-se na condição ampla da profissão de professor, assumindo as representações e ações próprias da função de ensinar. Amplia, porém, o espectro de responsabilidades profissionais [...].

Isto posto, de um docente da educação superior, espera-se geralmente um trabalho polivalente. Além das ações de ensino, pesquisa e extensão, necessita realizar uma multiplicidade de outras atividades, colaborando na formação e desenvolvimento profissional das pessoas. No entanto, nem sempre essas atividades estão previstas na função e no vínculo empregatício. Melhor dizendo, essas atividades “extras” acabam compondo e constituindo o trabalho docente.

É importante ressaltar que a docência é praticada por um indivíduo, com formação profissional específica para o trabalho docente. Em relação a esse fato, Fanfani (2010, p.4) destaca que:

[...] o docente é um profissional técnico, ou seja, possuidor de um saber sobre os meios de ensino e aprendizagem. Em outra perspectiva, os docentes seriam profissionais críticos, ou seja, construtores de subjetividades conforme a projetos políticos relacionados com a construção de uma sociedade mais justa, livre e democrática. Em sentido estrito, seriam trabalhadores intelectuais capazes de cooperar na distribuição deste capital estratégico que são o conhecimento e a cultura nas novas gerações.

Nessa perspectiva, a profissão docente é compreendida como o vínculo que um professor tem com uma instituição de ensino superior. Entretanto, um mesmo docente pode apresentar mais de um vínculo institucional, ou seja, pode ter mais de uma função, e, também, pode estar vinculado a outras IES. Entre as atividades e funções exercidas pelos docentes que atuam nos cursos de graduação, observa-se uma diversidade de responsabilidades. Para as IES, o professor tem que ser um trabalhador polivalente, que desempenha multitarefas, tais como atividades pedagógicas, técnicas e administrativas, organização e elaboração de trabalhos e avaliações; planejamento de aulas teóricas e/ou práticas; desenvolvimento de projetos, de pesquisas e programas; atividades de orientação e de desenvolvimento profissional docente; coordenação de projetos ou de curso; participação em grupos de estudo e em reuniões de formação; entre outras possibilidades.

A formação docente não é algo limitado apenas ao momento de formação acadêmica. A constituição do ser docente envolve a sua história de vida, isto significa que é um processo incessante de formação, sempre direcionado à busca por conhecimentos. Logo, abrange toda a trajetória de conhecimentos acumulados ao longo da história de desenvolvimento da humanidade.

Para realizar as suas funções nas IES, o docente precisa ter uma formação sustentada em um tripé que compreende os conhecimentos específicos relacionados ao conteúdo, às suas habilidades pedagógicas e/ou competências e à sua motivação. Os professores são profissionais significativos na formação de novos profissionais para o mercado de trabalho, embora nem sempre tenham por isso o retorno salarial suficiente e à altura de sua relevância.

Na era digital, o trabalho docente ultrapassa os limites da materialidade da sala de aula presencial ou *online*. Isso requer, dentre alguns fatores e exigências, não simplesmente ter anos e anos de experiência, mas pensar, problematizar e reconhecer qual o papel do professor no quadro de uma sociedade com aceleradas mudanças na sociedade. No século XXI, o significado de uma profissão e de uma carreira docente está caminhando, também, por grandes mutações, inclusive com a propagação da cultura virtual na educação superior. Resta reconhecer o que compete à educação e aos saberes técnicos e profissionais; a fim de se propiciar um ensino de qualidade, dinâmico, interativo e sujeito às críticas e à novas transformações. O trabalho docente na educação superior torna-se cada vez mais desafiador, uma vez que a comunicação e as informações são disseminadas com extrema rapidez e em grandes proporções.

Século XXI, tempo de intensas mutações, estamos vivendo em tempos híbridos. Tempos modernos, tempos de “revolução virtual”, com a presença de abundantes inovações

nas tecnologias digitais, de informação e de comunicação que, de modo muito particular, nos atingem e provocam transformações em numerosos aspectos das dimensões sociais.

Na educação superior, tem ocorrido algumas transformações céleres, sobretudo com a inserção da cultura virtual, no dia a dia do trabalho docente. A nova base tecnológica e informacional representada pela cultura virtual e pela *internet*, maior flexibilidade e mensuralidades consideravelmente menores, quando comparadas aos cursos presenciais, têm contribuído para um crescimento dos cursos a distância. As interações mediadas por videoaulas e teleconferências, dispensam, muitas vezes, a contratação de um docente para atuar diariamente nas IES. As aulas gravadas ou televisionadas digitalmente têm substituído diversas funções que eram executadas pelos professores. Além disso, as relações entre docente-discente, sobretudo nos cursos EaD, em que o conhecimento sai das fronteiras dos espaços das IES e se dissemina pelo país, fazendo surgir a figura dos tutores, o que na maioria das instituições reduziu a presença de docentes com e para o trabalho.

O aumento das transformações na educação superior no decorrer do século XXI e as exigências e imposições trazidas pelo capitalismo contemporâneo em seu ciclo de acumulação flexível têm provocado o aumento no número de fatores que levam a uma reestruturação do trabalho docente na era digital, implicando em mudanças em nossos hábitos e costumes, nas relações sociais e afetivas, originando outras formas de nos comunicar, aprender, compreender, perceber, ensinar e sentir. Todas as transformações na educação superior e no processo produtivo provocam uma série de influências na subjetividade dos docentes. Dessa forma, o cotidiano do trabalho dos professores tende a mobilizar, cada vez mais, a ponto de desencadear nesses profissionais medo, angústia, nervosismo, tensão, depressão e sofrimento, pois deles se passa a se exigir progressivamente muito mais, uma dedicação e empenho constantes e gradativamente mais crescentes.

Outrossim, pode-se dizer que em tempos de acumulação flexível, mundo virtualizado e sociedade em rede, a cultura de mercantilização da educação superior tem estampado um cenário que em alguns casos afeta a saúde mental e causa estresse psíquico nesses profissionais. Como as subjetividades estão acopladas em um ser humano, compreendemos que elas são postas em suspenso conforme a cultura virtual embrenha-se na vida dos professores e nas relações que estabelecemos com o outro.

Isso posto, por compreendermos que, para conhecer questões, preencher algumas lacunas e responder a interrogações que abarcam as diferentes áreas do conhecimento, neste estudo sobre “as implicações da cultura virtual no trabalho docente”, interessa-nos alcançar o

ambiente subjetivo de docentes que atuam nos cursos de graduação em três IES privadas de Minas Gerais. Nas falas dos participantes há aspectos relevantes sobre o mundo do trabalho docente e sobre as mutações que têm ocorrido no século XXI na educação superior. Essas discussões serão realizadas nas duas próximas seções e, em seguida, abordaremos sobre o **Trabalho docente**: natureza, conteúdos e significados.

4 TRABALHO DOCENTE: NATUREZA, CONTEÚDOS E SIGNIFICADOS

A rede é muito mais que um meio de comunicação. É um meio de interação pessoal, de organização, de relação à distância e um meio no qual a vida pessoal é integrada. A vida na rede não é uma vida separada da interação física. Não vivemos mais em um mundo físico ou virtual, mas num mundo híbrido. Todos estamos na rede, mas todos não estamos só na rede. Nas redes sociais, as identidades se expressam. [...] Hoje as identidades estão na rede porque a vida das pessoas está ali. [...] A rede não é apenas um meio de comunicação. É um modo de vida. A sociedade está na rede.

Manuel Castells Oliván. **A mudança está na cabeça das pessoas**, 2013, p.4.

Manuel Castells (2013) faz a abertura dessa seção com uma epígrafe que nos remeteu a pensar nas mutações e nos reflexos mais visíveis que vêm ocorrendo nos últimos anos na educação superior, principalmente no trabalho docente. Para Castells (2013, p.4), “vivemos em um mundo de virtualidade real, não de realidade virtual. A virtualidade faz parte essencial de nossas vidas. Não podemos pensar em nossas vidas fora da rede. A comunicação é o centro da vida”.

É a nossa realidade. Os espaços de trabalho têm se articulado na convergência entre o meio físico e o meio virtual. Os ambientes de comunicação e de informação estão progredindo com a interatividade proporcionada pelas tecnologias digitais. Neste cenário que estamos vivendo e com a criação de outros e novos tipos de salas de aulas por meio de plataformas digitais, não há tempo para viver em vão. É real. O tempo não volta, o tempo não para e precisamos seguir em frente, implementando estratégias, didáticas inovadoras. Castells (2013, p.4) ainda alerta que “vivemos hoje em duas galáxias diferentes ao mesmo tempo: a dos meios de comunicação de massa tradicionais e o dos novos meios digitais. Os meios tradicionais não desapareceram, mas tiveram de se reinventar e se articular à galáxia da *internet* – e não esta a eles”.

O futuro chegou. Precisamos estar sintonizados. Há mudanças que já aconteceram e outras irão ocorrer em todo o planeta. É indiscutível que o mundo tem sofrido acentuadas transformações em todas as esferas e, como resultado, muitas IES também estão passando por inúmeras alterações que afetam diretamente o papel das universidades e demais instituições na sociedade no século XXI. Entre essas metamorfoses, destacamos principalmente as implicações das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação no dia a dia do trabalho docente. Elas têm um papel significativo no que se refere à inovação e ao desenvolvimento, possibilitando transformações do mundo real e humano na contemporaneidade, do ponto de vista cultural, econômico, pessoal, político e social. Ao mesmo tempo, o ciberespaço ou espaço virtual tem originado uma reconfiguração nas relações com e entre as pessoas, bem como se tornou um catalisador nas transformações da linguagem e da comunicação, propiciando uma reestruturação nas formas de trabalho, com mais interconexões, na companhia de aperfeiçoadas operações de dispositivos eletrônicos, em tempo real.

Com a ampliação de uso da cultura virtual no planeta, o ser humano carecerá de acreditar em um futuro mais tecnológico, inovador, conectado e interativo. Ora, trata-se de uma nova forma de compreender o mundo, de entender a realidade e de nela viver. É importante destacar que, nesse período de pandemia do SARS-CoV-2, com a interrupção das atividades

acadêmicas presenciais nas IES brasileiras, em março de 2020, quem manteve vivas as instituições de ensino foram os docentes, sobretudo na área educacional privada.

Tem sido uma luta e todos os docentes merecem o nosso reconhecimento. Mesmo sendo na educação superior, nem todos os profissionais estavam prontos para as variações que ocorreram na rotina de trabalho. Com a pandemia da COVID-19, os professores dos cursos de graduação precisaram se adaptar às mudanças bruscas do contexto educacional, superaram-se utilizando os aparatos tecnológicos e realizaram o trabalho remoto. Prepararam a mente e a consciência para operar as tecnologias digitais desse universo virtual.

Frente a esse cenário e para ampliar o conhecimento sobre essa temática, na seção **Trabalho docente: natureza, conteúdos e significados**, trazemos duas subseções “Diversidades teóricas sobre trabalho nas duas primeiras décadas do século XXI” e “Trabalho docente: palavras, termos e conceito”, com os respectivos desdobramentos para a leitura da realidade que contextualizam o nosso objeto de estudo - **implicações da cultura virtual no trabalho docente**.

Dessa forma, para nossas investigações nessas subseções utilizamos autores clássicos e contemporâneos, tais como: Antunes (2011), Bianchetti (2001), Camargo (2012), Castells (2018), Frigotto (2010), Gadotti (2000), González Rey (2002), Lazzarato e Negri (2001), Linhart (2007), Marx (1844/2010, 1983), Maués (2011), Moran (2000), Netto e Braz (2006), Oliveira (2010), Santos (2010), Seligmann-Silva (2011), Vasapollo (2006), Vieira e Fonseca (2010) e discutimos a flexibilização e intensificação do trabalho, evidenciando suas privações, valores, oportunidades e delimitações, jornada real e oficial de trabalho, além da organização da prática do trabalho docente na era digital.

4.1 Diversidades teóricas sobre trabalho nas duas primeiras décadas do século XXI

Esta seção trata do trabalho docente na educação superior no contexto da acumulação flexível. Buscamos entender a docência como trabalho, enquanto uma categoria sociológica e ontológica que produz o ser. Por isso, procuramos compreender a relação dialética entre o ser que trabalha; produz mercadoria e valor, ao mesmo tempo que pelo trabalho se produz. Portanto, o significado do termo aqui em questão não é o trabalho enquanto prática pedagógica e/ou didática, mas é o que se refere a um processo dotado de historicidade, sincronamente, que a revela em suas ações. Nesse sentido, para compreender o trabalho dos professores no século XXI, procuramos entender o sentido geral e o significado do trabalho de um tempo histórico

em especificidades articuladas à totalidade concreta e que o explicam em sua natureza, conteúdos e dimensões.

Assim, esperamos que estudos de referencial teórico associados às informações coletadas na pesquisa empírica possam instruir uma leitura da realidade do trabalho docente na educação superior em suas inter-relações com a cultura virtual e configurações da subjetividade de professores dos cursos de graduação.

Em vista dessas considerações iniciais, destacamos que, após o período da Revolução Industrial e com os estudos de Karl Marx, o trabalho passou a ser mais reconhecido na constituição da dinâmica social e, como tal, também pesquisado. Sem ter em conta os múltiplos significados que o trabalho possa apresentar e dos autores que explicam tais interpretações, para Marx, o sentido do trabalho está associado aos distintos modos sociais de produção da existência humana. Este sentido ontológico do trabalho representa a forma de como o homem produz a si mesmo, visando a sua subsistência e sobrevivência.

Para Marx (1844/2010, p.15), o trabalho fundamentado na produção capitalista é estabelecido por necessidades de “reprodução privada da apropriação do trabalho alheio, e não por aquilo que se poderia considerar necessidade humana ancorada na reprodução social liberta da posse privatizada”. Deste modo, a definição de trabalho não é restrita apenas ao conceito econômico do trabalho como simples ocupação ou afazeres. O conceito de trabalho em Marx não se limita no conceito econômico cotidiano do trabalho como [...] ocupação ou tarefa. E sim [...], nas relações dos homens com a natureza e com outros homens por que esta é sua atividade vital (CAMARGO, 2012, p.3). Pelo fato de ser uma associação entre o homem e a natureza, o trabalho possibilita que o homem na condição de ser social vá modificando a sua própria natureza, desenvolvendo processos de aprendizagem de seus limites e capacidades.

Em concordância com as ideias do mesmo autor, o que particulariza o trabalho de todas as outras atividades realizadas pelo ser humano é a função social. Em suma, [...] “o trabalho realiza o intercâmbio orgânico com a natureza sem o qual não há qualquer reprodução social possível” (CAMARGO, 2012, p.3). O trabalho é uma atividade essencialmente humana. Em outras palavras, o trabalho é um processo em que participam o homem e a natureza. Nele, cada indivíduo, por meio de suas próprias ações, impulsiona, regula e monitora sua troca material com a natureza. Assim, por meio do trabalho, o homem traduz sua consciência subjetiva. O ser social, dessa maneira, não obstante sua base natural necessária, diferencia-se da natureza, mas necessita de constante relação com ela para produzir sua existência.

O trabalho é considerado por Marx uma categoria ontológica na medida em que se caracteriza como processo pelo qual o homem distingue-se da natureza. E ainda, considerando a relação homem-natureza, Frigotto (2010, p.1) relata essa interação e define trabalho em um sentido ontológico:

[...] trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. (MARX, 1983, p. 149-150 *apud* FRIGOTTO, 2010, p.1).

A relação homem-natureza é compreendida como uma relação social que arquiteta um cenário de vida, em que a força geradora é o processo de trabalho. Dessa forma, o **homem** - trabalhador e os **objetos** - insumos a serem transformados em bens de consumo – são fornecidos pela natureza ao trabalho. A categoria trabalho centraliza-se em um modo de produção capitalista e na relação com a existência humana, ainda que, em tal processo, o trabalhador tenha uma imaginária e aparente liberdade. Ao utilizar sua imaginação e inteligência, seu *know-how*, experiência e conhecimento, verifica-se que as atitudes humanas são conduzidas socialmente e as imposições sociais são engendradas sobre o indivíduo.

O que é produzido pelo homem é de grande valia para o capitalismo, visto que a mercadoria produz valor. O sistema capitalista apresenta dois componentes basilares: o **capital** e o **trabalho**. Uma peculiaridade deste modelo é a forma de remuneração realizada por meio de um trabalho assalariado. Nesta situação, o trabalhador desfruta desse salário para a compra do que é essencial para a sua sobrevivência. Tudo aquilo que é produzido em seu local de trabalho não lhe pertence, ou seja, a força de trabalho é “negociada” para os proprietários dos meios de produção, que se apropriam do trabalho dos outros indivíduos. Então, o trabalhador vende sua força de trabalho para conseguir seu salário. O capitalista deve comprá-la para produzir; não basta, pois, dispor dos meios de produção e capital, o processo produtivo requer a força de trabalho humano para a produção dos bens e a geração da mais-valia.

Em outras palavras, o capitalismo é o sistema econômico fundamentado na propriedade privada e com fins lucrativos. Neste caso, o lucro é adquirido pelos proprietários, designados de classe dominante (a burguesia), por meio de abusos ou da exploração dos trabalhadores (proletariados), nomeados de a classe dominada. Segundo Marx (1844/2010, p.36), neste sistema econômico, “o capitalista é sempre livre para empregar o trabalho. Por outro lado, o trabalhador é sempre forçado a vendê-lo”.

No sistema capitalista, as relações de produção estão voltadas ao valor de troca, havendo uma relação direta entre capital e trabalho. O trabalho se transforma em mercadoria e, ao mesmo tempo, aparece como algo estranho ao indivíduo que o produz. Conforme Netto e Braz (2006, p.79), a mercadoria é um “objeto externo ao homem e que, por suas propriedades, satisfaz uma necessidade humana. Sua utilidade, determinada por suas propriedades, faz dela um valor de uso”.

Assim sendo, o controle do processo de produção não pertence ao trabalhador e, por isso, essa relação pode ser de enfrentamento, de repulsa ou estranhamento e de dilemas psicossociais, como por exemplo, dificuldades de comunicação e de socializar-se com os colegas, apatia, medo, violência, entre outros. Para o ser humano realizar-se a si mesmo de modo integral, segundo Marx, deve reconhecer-se no produto de seu trabalho, eliminando a sensação de estranhamento. Por conseguinte, os frutos de sua atividade individual devem ser reconhecidos por ele mesmo, enquanto ser social, produtor e produto desse ser social. Isso representa as expressões de sua essencialidade individual-coletiva.

Ricardo Antunes (2015, p.433) elucida que “seja como criação ou servidão, como positividade ou negatividade, o pêndulo do trabalho vem conformando um longo e decisivo percurso na história da humanidade”. De fato, o trabalho está cada vez mais inerente à vida e crescentemente vem trazendo geralmente mudanças lépidas de comportamentos e valores, nos padrões de vida pessoal e social. Em outros termos, ao longo da história, o trabalho representa para alguns, autonomia, prazer e liberdade; para outros, precarização, intensificação, sofrimento e alienação.

Na compreensão de Vasapollo (2006), o trabalho é dividido em duas categorias: trabalho **atípico** e trabalho **padrão**. O trabalho atípico refere-se a uma “prestação de serviços cuja característica fundamental é a falta ou a insuficiência de tutela formativa e contratual” (VASAPOLLO, 2006, p.49). Ora, o trabalho atípico não possui nenhuma das características próprias do trabalho padrão. Em contrapartida, o trabalho padrão apresenta algumas particularidades como horário integral, heterogeneidade de atribuições entre o empregado e o trabalhador autônomo. Melhor dizendo, trata-se de um tipo de trabalho efetivo, com garantias formais e contratuais.

Entretanto, o trabalho apresenta diversas funções e determinadas peculiaridades. Segundo Linhart (2007), existem dois “níveis” na relação com o trabalho. No primeiro, há uma correspondência com o trabalho determinado e a execução da atividade remunerada. O segundo nível corresponde às vivências no trabalho e diz respeito às atitudes e as condutas das pessoas

no local de trabalho. Esse último nível está em concordância com as características intrínsecas da atividade exercida e aos comportamentos e ações no trabalho. De certa forma, os trabalhadores, independentemente de suas condições socioprofissionais, têm em comum uma relação ambivalente com o trabalho. Se de um lado, não conseguem viver sem o trabalho; por outro, apresentam uma relação negativa. Quanto a esse fato, há casos em que a intensificação da jornada de trabalho semanal e as exigências contínuas por um aumento da produtividade têm ocasionado cansaço físico e mental nas pessoas, dificultando a sua sobrevivência.

Uma verdade. O trabalho é intrínseco à existência humana desde o princípio da vida em sociedade, independentemente da interpretação a ele atribuída. Ele tem se transformado ao longo dos anos, em função dos distintos cenários culturais, econômicos, históricos, políticos e sociais. Mais precisamente, o trabalho expressa uma ampla diversidade conceitual e de fundamentos.

Por um outro ângulo de análise, a competência para realizar um trabalho socializa a espécie humana diferenciando-a dos animais. O ser humano é dotado de inteligência. A natureza viabiliza meios a lhe permitirem conceber trajetórias que possibilitar-lhe-ão atender às próprias necessidades, desenvolvendo sua existência e a própria subjetividade. O trabalho tem sido reorganizado no decorrer dos últimos decênios, associando-se principalmente às alterações das necessidades do homem no corpo social e, dessa forma, o sentido da palavra trabalho tem acompanhado e refletido tais mudanças.

Sua natureza, tipos e formatos vêm sendo transformados e redesenhados. O trabalho também pode ser **material** e **imaterial**. O trabalho material apresenta como resultado um produto perceptível, mensurável. O trabalho imaterial não dispõe de um produto material final. Ele irá gerar produtos abstratos, impalpáveis como o conhecimento e a informação. Lazzarato e Negri (2001, p.46) explicitam que o trabalho imaterial origina produtos com características e qualidades potentes do imaginário e de tendências. Nesse sentido, a mercadoria que do trabalho resulta detém valor “essencialmente no seu conteúdo informativo e cultural, está no fato de que ela não se destrói no ato do consumo, mas alarga, transforma, cria o ambiente ideológico e cultural do consumidor”. Além disso, gera uma relação social de inovação, de produção, de consumo, que dará à atividade um valor econômico, propiciando uma mudança processual no corpo social.

No trabalho imaterial também se utilizam as máquinas. Por exemplo, no trabalho docente, o uso da tecnologia pelo professor é um ponto de apoio em seu trabalho nas IES. Nesse

tipo de trabalho, o ser humano necessita do uso do intelecto, diferente do trabalho material em que a máquina se torna a ferramenta principal para a confecção do produto, das mercadorias.

Nesse caminho, a próxima subseção objetiva discutir o **Trabalho docente**: palavras, termos e conceito. Tentamos trazer um pouco de sua historicidade, as interfaces de sua natureza e conteúdo. Destacamos que ao longo deste relatório de tese, procuraremos responder, clarificar e explicar os pressupostos ou conjecturas aqui traçadas e desenhadas, compreendidas como hipóteses. Por meio de informações coletadas e selecionadas na pesquisa empírica, evidenciamos nossos achados/dados e realizamos as respectivas análises e interpretações.

4.2 Trabalho docente: palavras, termos e conceito

Para compreender e caracterizar o trabalho docente, importa compreender o sentido e o significado do trabalho. Por isso, apresentamos na subseção 4.1 as “diversidades teóricas sobre o trabalho nas duas primeiras décadas do século XXI”. Nesta subseção, discutimos o trabalho docente e suas variações sob a influência do capitalismo do século XXI, com enfoque nas transformações que ele exerce sobre essa profissão. Mais precisamente sobre o trabalho docente, Oliveira (2010, p.1) ressalta que:

[...] De forma genérica, é possível definir o trabalho docente como todo ato de realização no processo educativo. Partindo da definição de que o trabalho se constitui em ato de transformação da natureza pelo homem para sua própria sobrevivência, o que resulta também e, ao mesmo tempo, na transformação do homem pelo trabalho, é possível considerar que ele é detentor de um caráter educativo.

Isso admitido, faz-nos compreender que o conteúdo e as funções do trabalho docente vão além da sala de aula e das questões pedagógicas. A dimensão do trabalho docente como atividade humana e sua complexidade na educação superior apresenta-se com diversos significados. Esses foram construídos e metamorfoseados ao longo da vida em ininterruptas inter-relações, sugerindo que tanto a educação quanto o trabalho são componentes essenciais da condição humana, fundamentais à socialização e determinantes de nossas experiências e de nosso ser.

Vieira e Fonseca (2010, p.4) salientam que “o trabalho docente é analisado como um trabalho no qual está implicada a ação, a cognição e a emoção, fazendo com que as situações e as interações locais dependam de seus agentes, [...]”. Quer dizer, o trabalho do professor é uma atividade laboral de dimensão social. As vivências sociais dos docentes não só representam verdadeiros campos de aprendizagem como também podem ser fonte de prazer e de realização profissional.

Pesquisar a trajetória do trabalho e a subjetividade de docentes de cursos de graduação é uma forma de buscar o que é comum e evidenciar o que cada profissional constrói na formação e no desenvolvimento de seu perfil. Significa compreender as relações dialéticas entre o coletivo e o individual; e, concomitantemente, explicar um processo marcado por conquistas, dificuldades, alegrias, sofrimentos e padrões de sociabilidade e de subjetivação.

A organização do trabalho docente estabelece um modo de fazer que direciona uma maneira de sentir, pensar e agir conduzida pelos propósitos das IES. Por um lado, simboliza um modo que possibilite docentes a enfrentarem constantes desafios pessoais e profissionais; por outro, expressa e ao mesmo tempo define um repensar da profissão docente nos e para os tempos atuais. De outro lado, há modos coletivos de pensar e agir que se estabelecem com e a partir de sujeitos que os constituem. Subjetividades e singularizações remetem a uma historicidade dada. E isso tem uma íntima ligação com a subjetividade dos professores. Conforme González Rey (2002, p. 213), a subjetividade traduz:

[...] uma das características singulares do homem é poder colocar-se fora do presente e projetar-se no futuro, ou então no passado. [...] Essa aptidão em olhar para frente e para trás faz parte da capacidade humana para ter consciência de si mesmo e relaciona-se com sua capacidade de atribuir significados às experiências que vive.

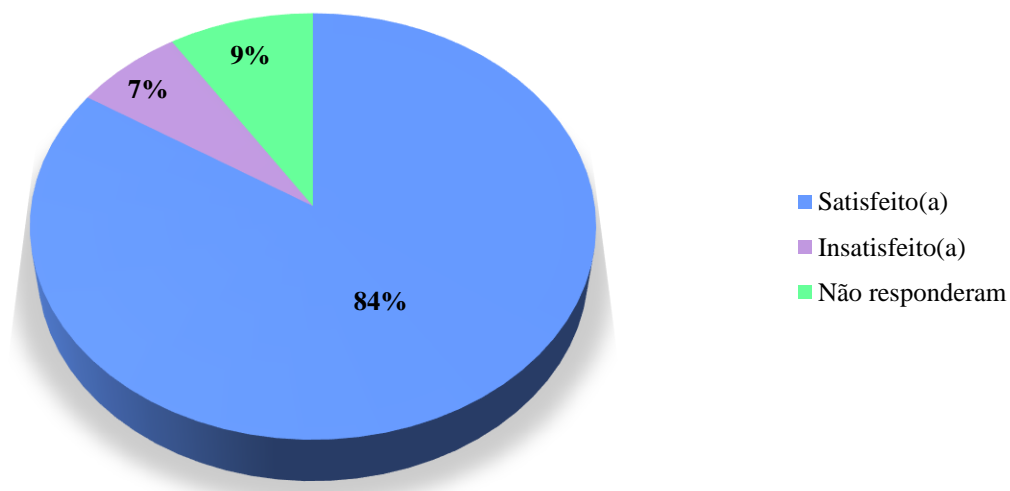
A subjetividade permeia o nosso modo de viver no mundo e afeta e é afetada a/pela atuação profissional. Assim, as relações entre educação superior, IES, mundo do trabalho e subjetividade que ora podem expressar concepções e práticas que irão gerar tristeza, sofrimento, angústia, medo, vulnerabilidades, individualismo, resistência e competitividade; ora constroem significados, concepções e valores sociais que transformam as relações sociais e os processos educativos, propiciando um ambiente escolar positivo e saudável. Toda organização do trabalho docente nas IES exerce efeitos sobre o docente e este tem também sua parcela de compromisso com aquelas.

É o que veremos a seguir, conforme informações coletadas na pesquisa empírica. As representações dessas informações estão indicadas nos gráficos 15 a 28, acompanhadas de análises e comentários relativos ao obtido e que correspondem à parte dos questionamentos constituintes no Apêndice C - “Sobre o trabalho docente, cultura virtual e subjetividade de professores da educação superior” e “Trabalho, saúde-doença e subjetividade de professores”. Ao finalizarmos, buscaremos compreender os fundamentos teóricos que explicam as “implicações da cultura virtual no trabalho docente”.

Em relação à docência na educação superior (Gráfico 15), 37 (84,09%) professores da IES Alfa(α) habitualmente se sentem satisfeitos com a função de professor nos cursos de

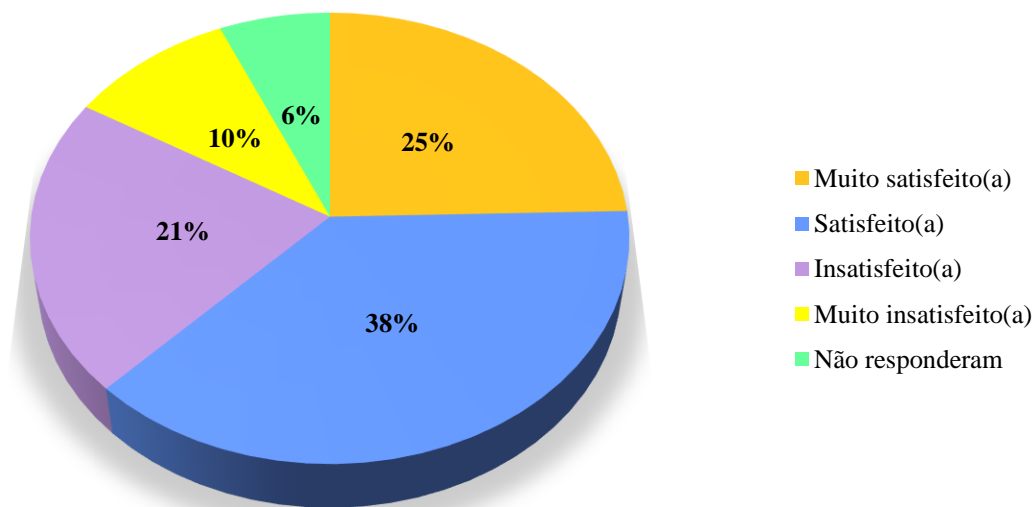
graduação. Três (6,82%) encontram-se insatisfeitos e quatro (9,09%) não responderam ao questionário (Apêndice C). Na IES Beta (β) (Gráfico 16), foram identificados 15 (24,59%) docentes que se encontram muito satisfeitos com a carreira profissional e 23 (37,70%) estão satisfeitos. Há 13 (21,31%) colaboradores que demonstraram estar insatisfeitos. Outros seis (9,84%) professores estão muito insatisfeitos e quatro (6,56%) não responderam a essa pergunta. Quanto à IES Gama (γ), dos 37 participantes, temos dez (27,03%) muito satisfeitos; 12 (32,43%) professores encontram-se satisfeitos e oito (21,62%) sentem-se insatisfeitos com a docência na educação superior. Em seguida, cinco (13,51%) docentes apresentaram-se muito insatisfeitos e dois (5,41%) não responderam a esse questionamento.

Gráfico 15 - Docência na educação superior: nível de satisfação na IES α



Fonte: Dados da pesquisa: nov.2019-ago.2020.

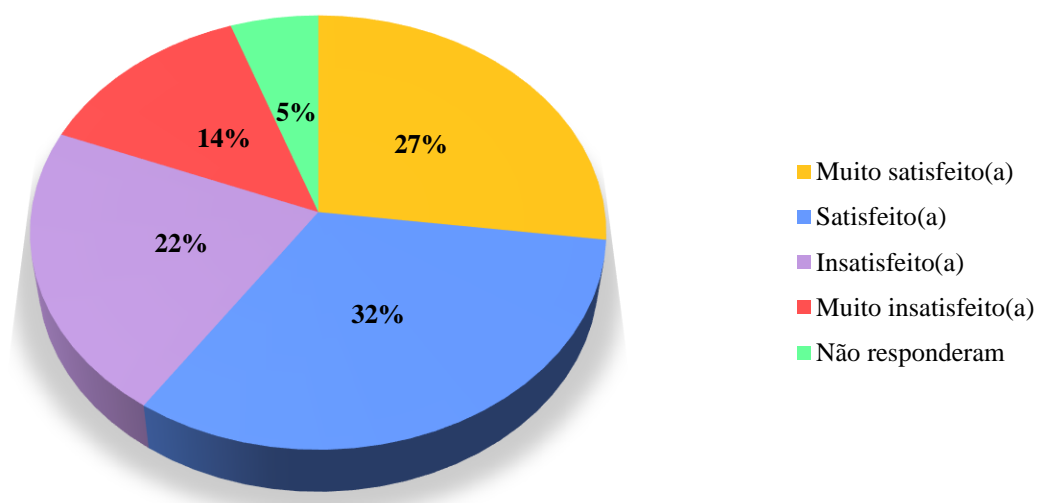
Gráfico 16 - Docência na educação superior: nível de satisfação na IES β



Fonte: Dados da pesquisa: nov.2019-ago.2020.

O nível de satisfação dos docentes nas IES abarca tanto dimensões intrínsecas como extrínsecas. Logo, o ambiente profissional é **multidimensional**. Por este motivo, acreditamos que a motivação pode contribuir para a melhoria do desempenho profissional e o bem-estar dos profissionais. A falta de satisfação, de motivação institucional e a sobrecarga de trabalho podem causar frustrações e patologias aos trabalhadores, assim como perdas às instituições que oferecem o serviço prestado.

Gráfico 17 - Docência na educação superior: nível de satisfação na IES γ



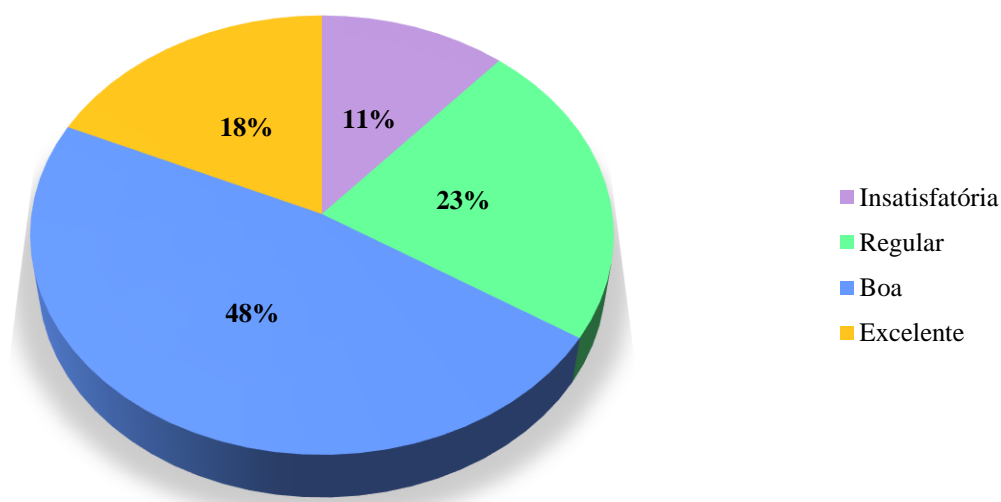
Fonte: Dados da pesquisa: nov.2019-ago.2020.

Em relação a esses dados, Santos (2010) realça que nos últimos anos ocorreu uma mercantilização da educação superior. Considerando a reestruturação dos modelos da produção e da gestão do trabalho, as novas ambiências de trabalho, pode-se notar que processos pedagógicos e as relações educacionais foram modificadas. E, com essas mudanças, várias alterações ocorreram na forma de conduzir o trabalho docente nas IES, interferindo no nível de satisfação dos professores, conforme análises verificadas nos Gráficos 15 a 17. Todo ser humano, todo professor, deseja, além da remuneração mensal para a sua sobrevivência, que seu trabalho lhe agregue desenvolvimento profissional e reconhecimento na docência e, por que não dizer, prazer e satisfação.

Nota-se que em referência à totalidade da jornada de trabalho semanal na docência, dos 44 participantes da IES Alfa (Gráfico 18), oito (18,18%) docentes indicaram que é excelente e 21 (47,73%) sinalizaram como boa. Dos outros 15 professores da IES, dez (22,73%) sentem que a carga horária é regular e para os últimos cinco (11,36%) docentes, ela é insatisfatória.

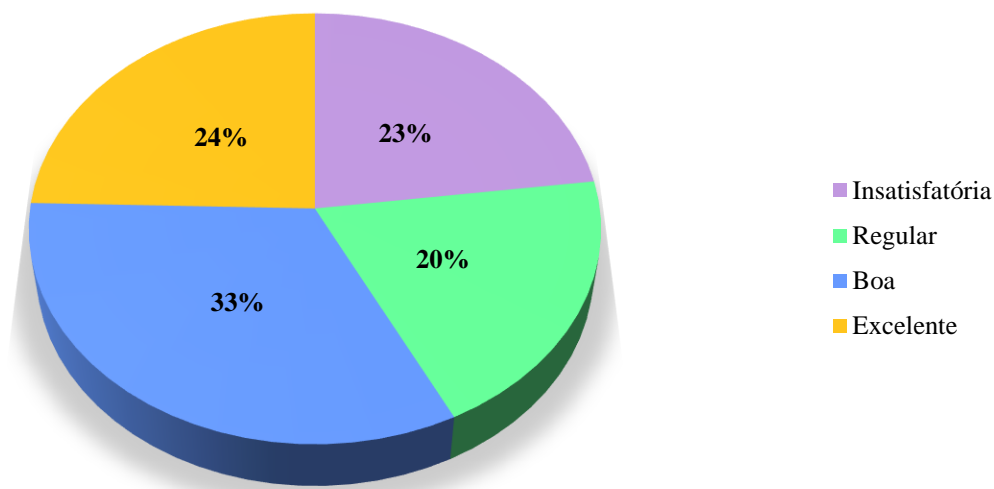
Na IES β (Gráfico 19), 15 (24,59%) docentes julgaram-na excelente. Em seguida, 20 (32,79%) consideraram-na boa. Para a designação regular, houve 12 (19,67%) indicações e 14 (22,95%) professores assinalaram como insatisfatória a jornada de trabalho semanal nos cursos de graduação.

Gráfico 18 - Jornada de trabalho semanal na docência: IES α



Fonte: Dados da pesquisa: nov.2019-ago.2020.

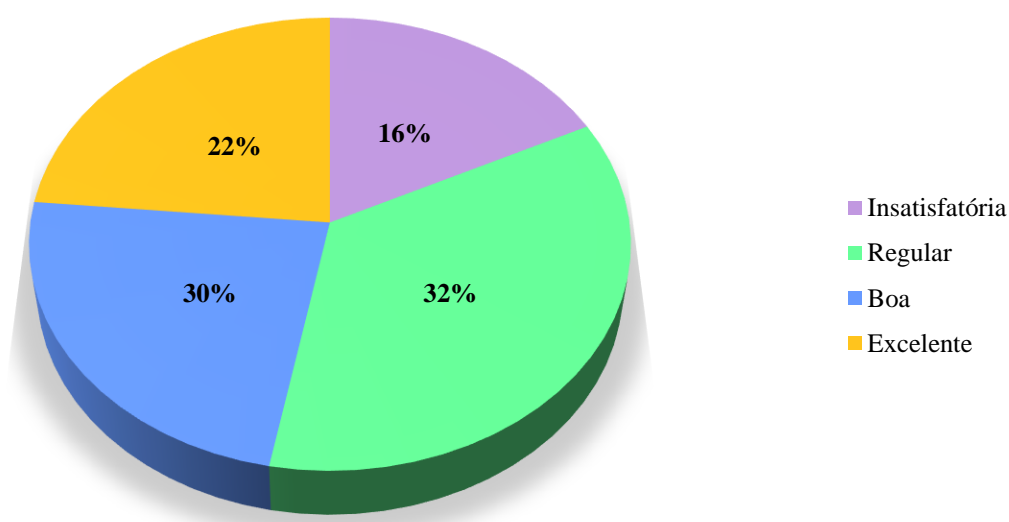
Gráfico 19 - Jornada de trabalho semanal na docência: IES β



Fonte: Dados da pesquisa: nov.2019-ago.2020.

Em relação à IES γ (Gráfico 20), oito (21,62%) professores avaliam como excelente a sua carga horária de trabalho semanal; 11 (29,73%) professores acreditam ser boa e 12 (32,43%) indicaram como regular. Seis (16,22%) docentes consideram-na insatisfatória.

Gráfico 20 - Jornada de trabalho semanal na docência: IES γ



Fonte: Dados da pesquisa: nov.2019-ago.2020.

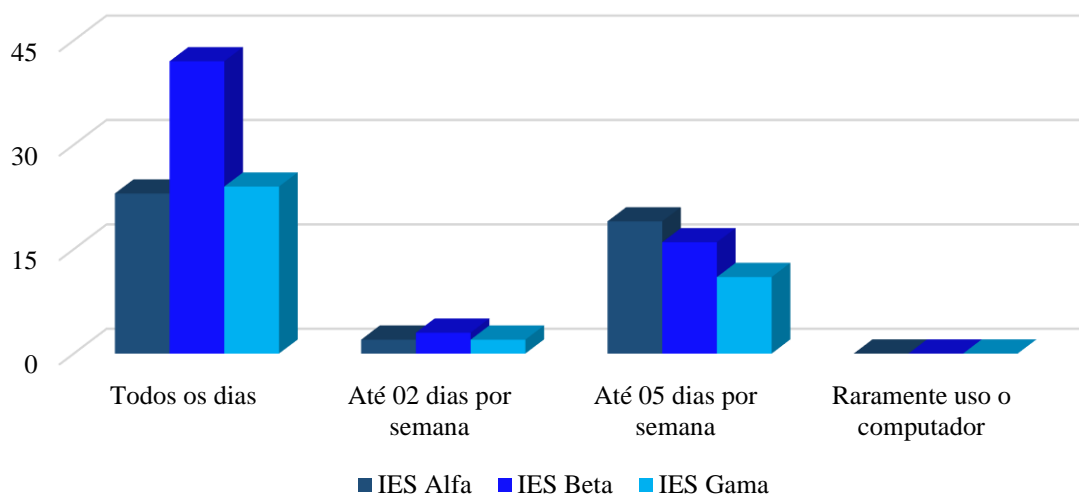
Quanto à jornada de trabalho semanal na docência, os professores evidenciaram **satisfações e insatisfações**, até mesmo porque esse fato está em consonância com a demanda

de trabalho. Neste momento do século XXI em que a sociedade é afetada pela pandemia da COVID-19 e com a adoção de medidas de restrição do convívio social para reduzir a disseminação do vírus SARS-CoV-2, o panorama é de grandes incertezas nas IES. O trabalho dos docentes aumentou consideravelmente, com jornadas intermináveis e que passaram a fazer parte, com maior frequência, da rotina dos professores. A ausência de aulas presenciais não reduziu o trabalho. Todas essas transformações no cenário educacional exigiram que os docentes adaptassem sua rotina doméstica à nova forma de trabalho. Um trabalho em que muitos professores tiveram que aprender a utilizar determinadas ferramentas em um curto período, o que nem sempre foi fácil.

Sobre o trabalho docente, seja na rede privada ou na pública, Maués (2011, p. 400) destaca a importância dos docentes como fundamentais à escola e à universidade e ao ensino. Mas, o desafio é enorme. As reformas em curso nas últimas décadas têm alterado as finalidades do ensino, e esse fato tem repercutido diretamente nas atividades desenvolvidas pelos docentes. Várias mudanças ocorreram e continuam acontecendo nas IES, interferindo na jornada de trabalho semanal dos docentes nos cursos de graduação e trazendo descontentamento a esses profissionais (Gráficos 18 a 20). Durante esse período de pandemia da COVID-19, a insatisfação ainda está maior. **Quais os principais motivos?** Aumento da jornada de trabalho sem nenhum tipo de remuneração adicional. Inclusive, há situações de docentes, com jornadas de trabalho que extrapolam os limites constitucionais.

Outro questionamento foi levantado em relação à utilização do computador no dia a dia. Dos 142 participantes, obtivemos as seguintes informações (Gráfico 21): na IES Alfa, 23 (52,27%) professores; na IES Beta, 42 (68,85%) e na IES Gama, 24 (64,86%) utilizam o computador todos os dias. Uma representação bem menor, dois (4,55%) docentes da IES α ; três (4,92%) da IES β e dois (5,41%) da IES γ usam o computador até dois dias por semana. Uma fração maior foi encontrada em até cinco dias por semana: 19 (43,18%) professores da IES Alfa; 16 (26,23%) da IES Beta e 11 (29,73%) da IES Gama.

Gráfico 21 - Frequência na utilização do computador

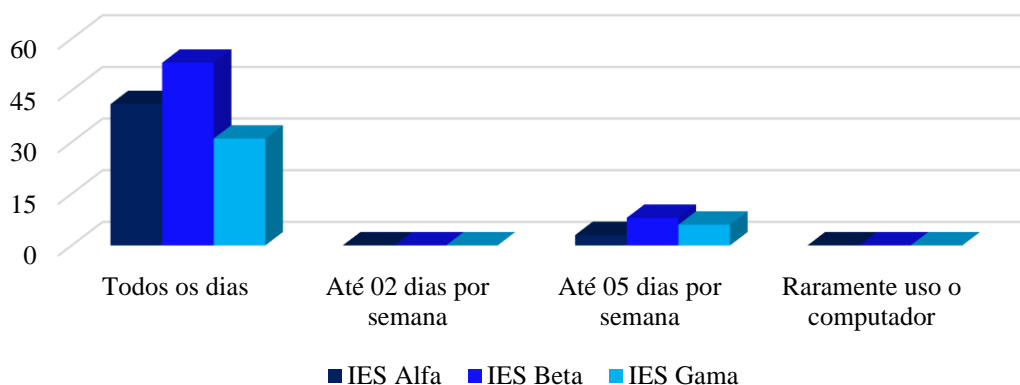


Fonte: Dados da pesquisa: nov.2019-ago.2020.

Os docentes demonstraram um nível de familiaridade quanto ao uso de computador e da *internet* no exercício da profissão. Tendo em vista compreender e ressignificar o trabalho docente, a utilização da cultura virtual na educação superior requer uma capacidade de se adaptar às aceleradas e contínuas transformações que ocorrem na sociedade. De acordo com as palavras de Bianchetti (2001, p.16), em seu livro **Da chave de fenda ao laptop - Tecnologia digital e novas qualificações: desafios à educação**, “negar hoje as tecnologias seria o equivalente a negar a história. [...] A resistência às novas tecnologias pode até retardar o confronto, mas não o eliminará”.

Para concluir este item, podemos afirmar que no século XXI, o efeito da cultura virtual tem sido temporal, vertiginoso e repentino. Inovações estão acontecendo continuamente e, a cada instante, estão sendo criados aplicativos que estreitam as distâncias por meio da *web*. Conseqüentemente, a cultura virtual está introduzindo novos avanços no cenário educacional, em pesquisas e em comportamentos que relativizam o passado. Constata-se que muitas coisas se tornaram descartáveis ou irrelevantes, ficando obsoletas rapidamente devido às novas criações nos ambientes tecnológicos.

Quanto à periodicidade de uso da *internet*, três (6,82%) professores da IES α , oito (13,11%) da IES β e seis (16,22%) da IES γ usam-na em até cinco dias da semana, mas a maioria recorre à *internet* todos os dias da semana. São 41 (93,18%) docentes da IES Alfa; 53 (86,69%) da IES Beta e 31 (83,78%) da IES Gama, conforme o Gráfico 22.

Gráfico 22 - Periodicidade de uso da *internet*

Fonte: Dados da pesquisa: nov.2019-ago.2020.

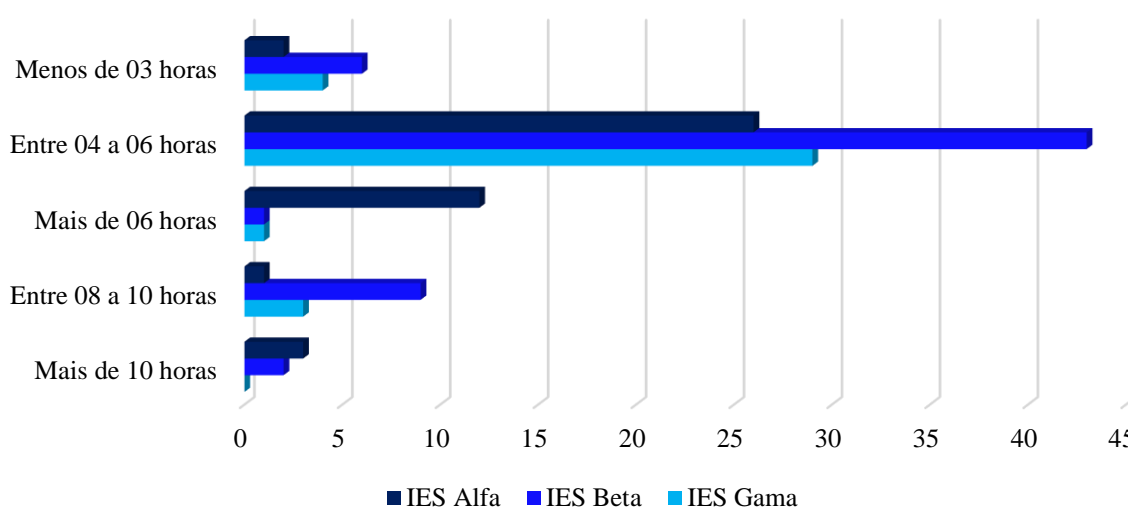
A cultura virtual assume uma função significativa nas IES por causa do seu alcance e potencial educativo, influência e impacto em várias áreas do conhecimento. Ela, por si só, não irá trazer o prodígio de modificar o ensino nos cursos de graduação. Para isso, torna-se relevante aliá-la às políticas de valorização do profissional docente, às melhorias de materiais e equipamentos, como também à formação dos docentes no sentido de capacitá-los para tal, compreendendo a obtenção de conhecimentos, aptidões e atitudes para que atuem de forma dinâmica na educação superior.

Em seu livro **A sociedade em rede**, Castells (2009, p. 319) salienta que: “na era do processamento da informação, as inovações tecnológicas suprimem os empregos de baixa qualificação e criam os de alta qualificação”. Logo, é necessário ter profissionais mais qualificados hoje em dia. No entanto, esse mesmo autor (2009) evidencia que a melhoria do trabalho também depende das condições de satisfação e de segurança dos trabalhadores no emprego, na profissão.

Além desses aspectos, nas três IES (Alfa, Beta e Gama), a maioria dos docentes utiliza o computador e a *internet*, há mais de 15 anos. Dos 142 participantes, 136 (95,77%) professores encontram-se nessa condição. Quanto à relação com a *internet*, *net* ou *web*, dois (3,28%) docentes da IES β e um (2,70%) da IES γ revelaram que é ruim. Um (1,64%) professor da IES Beta e dois (5,40%) da IES Gama indicaram que é insatisfatória essa interação com o mundo virtual. Três (4,92%) professores da IES β e três (8,11%) da IES γ indicaram ser regular e um fragmento representativo, 35 (79,55%) docentes IES α ; 32 (52,46%) da IES β e 14 (37,84%) da IES γ declararam ser boa essa relação. Como excelente, identificamos nove (20,45%) professores da IES Alfa; 23 (37,70%) da IES Beta e 17 (45,95%) IES Gama.

Se o acesso à cultura virtual ainda é uma dificuldade para alguns docentes, soluções não faltam. Em primeiro lugar, é necessário fazer um aperfeiçoamento para aqueles professores que têm familiaridade com as tecnologias digitais e, aos docentes que não têm tal facilidade ou o domínio de usá-las, propiciar uma qualificação dentro do ambiente virtual ou do sistema usado pelas IES. É claro que esse aperfeiçoamento ou aproximação tecnológica é um enorme desafio, que irá demandar uma reorganização na organização do trabalho docente nos cursos de graduação.

Gráfico 23 - Tempo de conexão com a *internet*



Fonte: Dados da pesquisa: nov.2019-ago.2020.

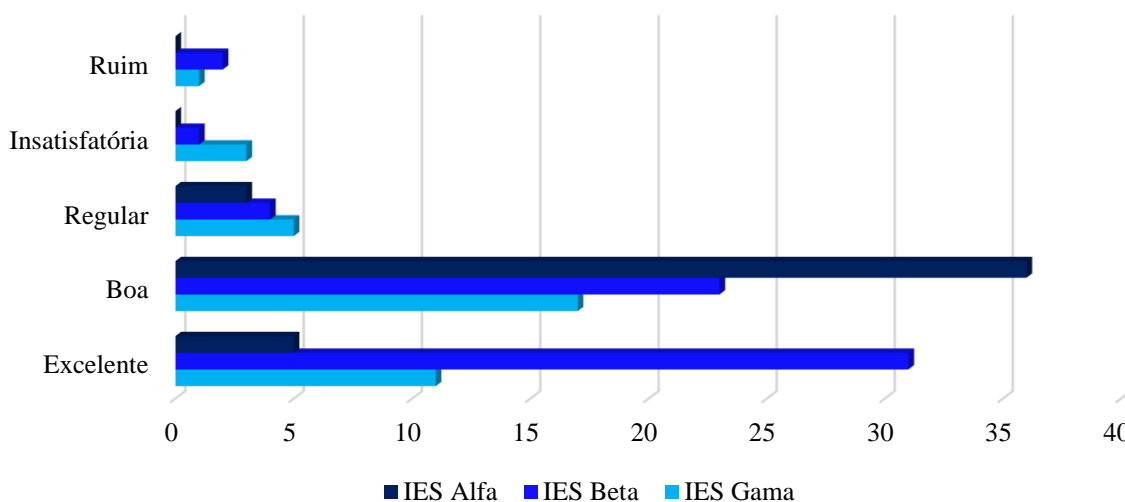
Uma outra análise mostra que, em relação ao tempo, ficam conectados à *internet* (Gráfico 23), três (6,82%) docentes da IES α e dois (3,28%) professores da IES β afirmando que ficam mais de dez horas por dia. Entre oito a dez horas, reconhecemos um (2,27%) docente da IES Alfa; nove (14,75%) da IES Beta e três (8,11%) da IES Gama. A maior parte dos docentes ficam entre quatro a seis horas conectados com a *internet* dentro e fora de casa, sendo 26 (59,09%) da IES α ; 43 (70,49%) do IES β e 29 (78,38%) da IES γ . Mais de seis horas, há 14 professores: 12 (27,27%) na IES Alfa; um (1,64%) na IES Beta e um (2,70%) na IES Gama. Por fim, 12 (8,45%) docentes das três IES coparticipantes desfrutaram de menos de três horas diariamente para “navegar” pela *internet*.

Na atualidade, na educação superior, a inserção e utilização da cultura virtual, por intermédio da televisão, vídeos, sons e aplicativos, têm sido uma tendência. Os avanços das tecnologias digitais podem possibilitar várias relações com o ser humano. Quando nos

relacionamos, interagimos com outras pessoas, compartilhamos conhecimentos e aprendizagens, ampliamos nossos ideais e perspectivas de vida. Segundo Moran (2000, p. 32), “uma parte importante da aprendizagem acontece quando conseguimos integrar todas as tecnologias, as telemáticas, as audiovisuais, as textuais, as orais, musicais, lúdicas e corporais”.

Não há dúvidas que a cultura virtual pode ser um instrumento auxiliar no trabalho docente, conforme relatou Moran (2000), juntamente com os materiais tradicionais, tais como: livros didáticos e vídeos de simulações das teorias e das práticas; atividades em salas de aulas virtuais e fora dela; modalidades convencionais como visitas técnicas, palestras, seminários, congressos, encontros acadêmicos e simpósios.

Gráfico 24 - Utilização dos aparatos digitais na sala de aula



Fonte: Dados da pesquisa: nov.2019-ago.2020.

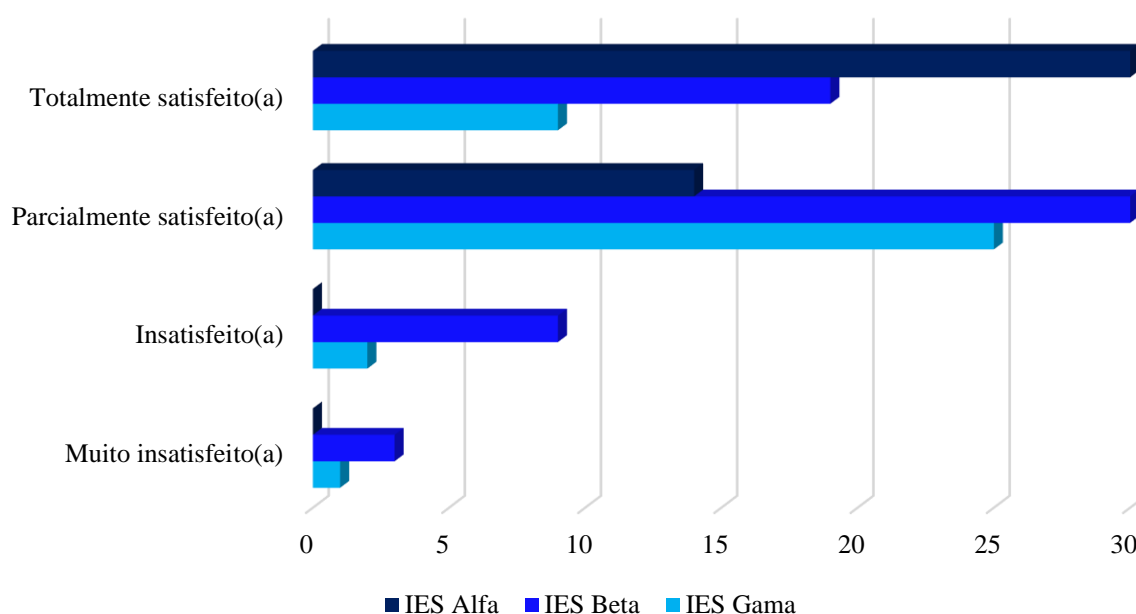
Em nossa investigação, descobrimos que 76 (53,52%) professores consideram boa a sua familiaridade, habilidade e desenvoltura para a utilização dos aparatos digitais na sala de aula (Gráfico 24). Desses, 36 (81,82%) são docentes da IES Alfa; 23 (37,70%) da IES Beta e 17 (45,95%) da IES Gama. Avaliaram como excelente, 47 (33,1%) professores das IES α , B e γ . Acreditam ser regular essa familiaridade 12 (8,45%) docentes; quatro (2,82%) analisaram-na como insatisfatória e há três (2,11%) professores que a julgaram ruim.

À vista disso, uma grande parte dos docentes admitiu que precisa fazer outros e novos cursos, quer conhecer recursos tecnológicos para melhorar as práticas pedagógicas nos cursos de graduação. É uma nova realidade da educação superior no século XXI. A modernização da

cultura virtual prioriza expansão, disseminação, avanço, sofisticação, qualidade e eficiência no processo produtivo.

Gradativamente, os docentes dos cursos de graduação terão que processar esses fatos recorrentes de nosso dia a dia e, certamente, passarão futuramente mais horas acessando e plugados a/na *web*. Por esse motivo, será necessário ao professor reorganizar esse novo panorama de trabalho e reestruturar algumas velhas definições como processos novos e modernos.

Gráfico 25 - Capacidade para o trabalho



Fonte: Dados da pesquisa: nov.2019-ago.2020.

Quanto à satisfação com a sua capacidade para o trabalho, tivemos as seguintes informações (Gráfico 25): na IES Alfa, 30 (68,18%) professores; na IES Beta, 19 (31,15%) e na IES Gama, nove (24,32%) professores encontram-se totalmente satisfeitos. Outra fração de docentes, 14 (31,82%) da IES α ; 30 (49,18%) da IES β e 25 (67,57%) da IES γ estão parcialmente satisfeitos. Onze professores (7,75%) das IES encontram-se insatisfeitos e quatro (2,82%) declararam se sentirem muito insatisfeitos.

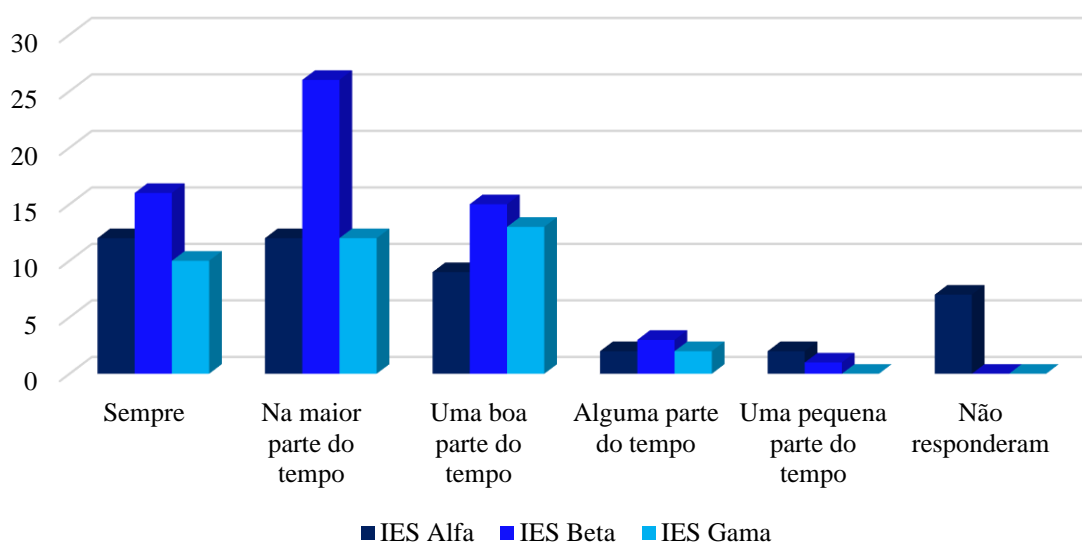
Verifica-se que a capacitação para o trabalho reflete na melhoria do ensino nas IES. Para uma parcela significativa de docentes, as aulas remotas se tornaram o principal canal de trabalho durante a pandemia da COVID-19. Em alguns casos, apesar da satisfação, nota-se nos professores, nesse período de isolamento social, um estresse bastante forte. Trabalhar em casa

nem sempre é tão fácil, a pandemia está afetando diretamente o trabalho e a produtividade dos docentes e a exigência é gigantesca de dar respostas à sociedade em que vivemos.

Afirmações dos professores ao serem questionados em relação a se sentirem animados, cheios de vigor, com vontade de exercer o seu trabalho como professor foram constatadas nas respostas da maioria desses profissionais. Das três IES, revelaram que **sim** (88 professores), um percentual de 61,97%. Um grupo de 43 (30,28%) professores declararam que **sim, ocasionalmente**, mas, um outro grupo menor, de 11 (7,75%) docentes **não** se sente motivados e animados para o exercício da docência.

Quanto à possibilidade de decidir com autonomia sobre o próprio trabalho, 51 (35,92%) encontram-se totalmente satisfeitos; 54 (38,03%) docentes estão parcialmente satisfeitos; 20 (14,08%) estão insatisfeitos; 11 (7,75%) não responderam e seis (4,22%) acham indiferentes, ou seja, não decidiram a sua preferência.

Gráfico 26 - Sentimento de “felicidade” no ambiente de trabalho



Fonte: Dados da pesquisa: nov.2019-ago.2020.

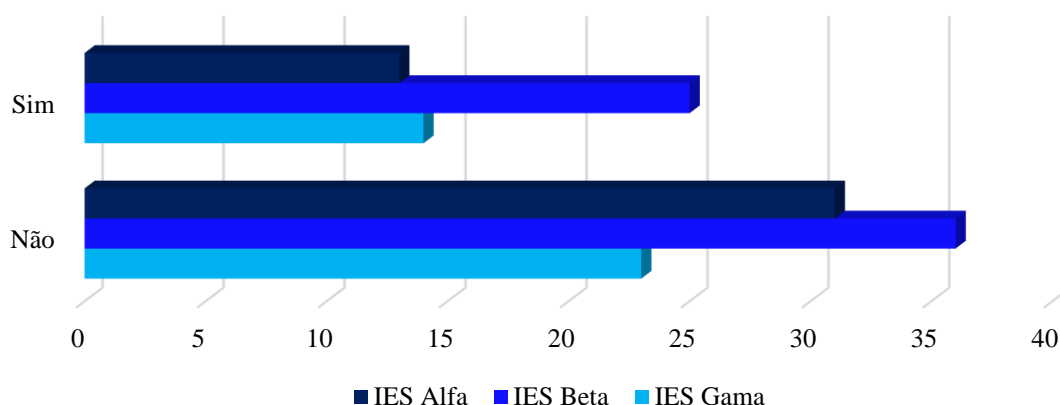
Em relação a se sentir “feliz” em suas tarefas no ambiente de trabalho (Gráfico 26), na IES Alfa, 12 (27,27%) professores; na IES Beta, 16 (26,23%) e na IES Gama, dez (27,02%) sentem-se “felizes” com o ambiente de convivência e de trabalho nas IES. Um outro grupo de docentes, 12 (27,27%) da IES α ; 26 da IES β (42,62%) e 12 (32,43%) IES γ fica na maior parte do tempo “feliz”, sente-se satisfeito com a harmonia do ambiente de trabalho. Trinta e sete (26,06%) professores das IES α , β e γ indicaram que possuem esse sentimento em uma boa

parte do tempo; sete (4,93%) em alguma parte do tempo, três (2,11%) em uma pequena parte do tempo e sete (15,91%) docentes da IES Alfa não responderam a esse questionamento, o que pode revelar algum sentimento de insatisfação ou optaram por não opinar sobre esse assunto.

Gadotti (2000, p.9) evidencia que a felicidade na escola não é “uma questão de opção metodológica ou ideológica, mas sim uma obrigação essencial dela”. O trabalho docente é profundamente afetivo-emocional, exercido em organizações sociais complexas em diferentes contextos, sob a influência de múltiplos fatores. Portanto, os docentes das IES não estão livres de fortes sentimentos de descontentamento e desprazer na rotina diária de trabalho.

Em relação ao questionamento sobre a qualidade de vida dos docentes das IES coparticipantes, 39 (27,46%) a consideram **excelente**; 65 (45,77%) professores a classificam como **boa**. Sete (15,91%) docentes da IES Alfa relataram que é **regular**, assim como 16 (26,23%) da IES Beta e dez (27,02%) da IES Gama. Cinco (3,52%) professores avaliaram que a qualidade de vida está **ruim**. Dos 142 participantes, 52 (36,62%) professores já necessitaram se afastar por motivos de saúde. Entre eles, são 13 (29,55%) da IES α ; 25 (40,98%) da IES β e 14 (37,84%) da IES γ . Entretanto, 90 (63,38%) docentes nunca necessitaram se afastar (Gráfico 27).

Gráfico 27 - Afastamento por motivos de saúde

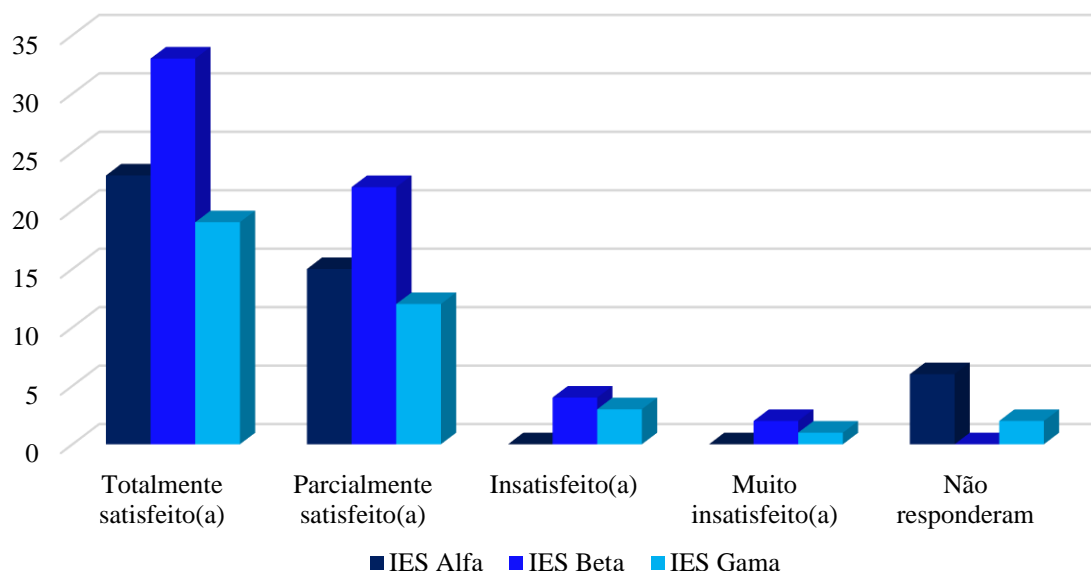


Fonte: Dados da pesquisa: nov.2019-ago.2020.

É fato que a pandemia pelo vírus SARS-CoV-2 causou um impacto na vida de todos os professores. O acúmulo de atividades, de trabalho e estudos, a necessidade de adquirir novas competências e habilidades para exercer a docência pode causar distúrbios emocionais com sintomas de exaustão física, psíquica e mental, estresse e outros distúrbios ou doenças. Com esse cenário atual, a saúde mental fica ainda mais debilitada e acredita-se que o número de professores que estão em licença saúde aumentou desde o começo da pandemia. É importante

destacar que essas informações foram constatadas nas entrevistas junto aos participantes da pesquisa das três IES.

Gráfico 28 - Satisfação com a saúde



Fonte: Dados da pesquisa: nov.2019-ago.2020.

Com relação à satisfação de sua saúde, os docentes revelaram as seguintes informações (Gráfico 28): na IES Alfa, 23 (52,27%) professores; na IES Beta, 33 (54,10%) e na IES Gama, 19 (51,35%) professores encontram-se totalmente satisfeitos. Parcialmente satisfeitos, verificamos em uma parcela significativa de docentes, 15 (34,09%) da IES α ; 22 (36,06%) da IES β e 12 (32,43%) da IES γ . Sete (4,93%) professores das IES estão insatisfeitos; três (2,11%) muito insatisfeitos e oito (5,63%) docentes não responderam a essa pergunta do questionário (Apêndice C).

Uma parte significativa dos docentes das três IES, ou seja, 75 (52,82%) professores sentem-se “totalmente satisfeitos com a saúde” e 49 (34,51%) encontram-se “parcialmente satisfeitos”, porém, muitos docentes estão ansiosos e preocupados. Isso é notório em algumas respostas dos participantes. Mesmo quem nunca precisou se afastar ou se considera satisfeito com a sua saúde, lidar com as vulnerabilidades das emoções em tempos de crise sanitária não está sendo uma tarefa fácil. Às vezes o problema de saúde não é dele, é de alguém, de um parente próximo, de um companheiro de trabalho, de um amigo. Manter a saúde mental é um colossal desafio para os professores, que foram tão acostumados às salas de aulas presenciais,

espaços físicos que agora cederam lugar às telas frias do computador, do *laptop* ou dos celulares.

Sabe-se que de um momento para o outro, tivemos que nos adaptar e transformar nossa rotina de vida. Foi de repente. Essa abrupta mudança preenchida pelo vazio do distanciamento social tem refletido diretamente na saúde mental de inúmeras pessoas. Em minha opinião, acredito que os docentes precisem adequar as suas agendas e estipular horários para o início e fim do trabalho, rotineiramente compartilhar as suas dificuldades e buscar o equilíbrio entre momentos profissionais ou acadêmicos e os reservados às suas realizações pessoais e de descanso.

Efetivamente, as discussões sobre o processo saúde-doença com o mundo do trabalho vêm sendo relatadas há décadas. Nessa perspectiva, Edith Seligmann-Silva (2011, p. 472) em seu livro **Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo**, alerta que:

A saúde sofre os impactos decorrentes da desregulamentação e da flexibilização do trabalho. A flexibilização que se estabeleceu no mundo do trabalho como novo ‘princípio básico’ também habita a sociedade contemporânea onde ‘o que era sólido se desmanchou no ar’, inclusive os valores básicos que presidiam a vida cotidiana, o funcionamento da família e de outras instituições. O enaltecimento da flexibilidade foi tão intenso, que muitos chegaram a confundir o novo paradigma com a ilusão fascinante de uma liberdade total que sempre foi almejada.

A flexibilidade, introduzida no mundo do trabalho docente pela “reestruturação produtiva”, traduz-se em exigências cada vez maiores para os professores das IES. Outro fator é a pressão dos nossos dirigentes por melhores resultados, agilidade e adaptabilidade para lidar com as mutações relacionadas à entrada da cultura virtual na educação superior. Desse modo, verifica-se que tais metamorfoses no trabalho docente transmutam formas de desempenho, mexem com o já consolidado e podem acarretar desgaste físico e emocional, quando os professores não conseguem com elas lidar ou ao menos acompanhá-las, sem muito pânico, medo, insegurança e resistência.

O trabalho docente como toda a atividade tem potencial para originar prazer e sofrimento, porém o enfrentamento é particular e inerente a cada professor. A satisfação e o prazer no exercício da docência muito provavelmente estão relacionados ao âmbito pessoal, à ideologia e/ou aos aspectos de escolhas individuais da maneira como se quer participar do corpo social. Reexaminar a docência, seja ela uma questão de escolha e/ou possibilidade, torna-se crucial para que o professor rumine seus pensamentos e repense em si próprio. Compreender-se, significar-se, constituir-se psiquicamente, profissionalmente e pessoalmente para ter em mente os objetivos de vida cada vez mais delineados.

Nesse sentido, para continuarmos as discussões sobre a temática “trabalho docente” no século XXI, apresentaremos a seguir a seção 5 - **Trabalho docente e subjetividade de professores da educação superior**: uma dialética em análise.

5 TRABALHO DOCENTE E SUBJETIVIDADE DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: UMA DIALÉTICA EM ANÁLISE

Ao contrário do que se costuma pensar, o homem não possui uma inclinação natural para o trabalho. A atividade profissional, o trabalho, constitui fonte de satisfação especial, de prazer na realização da tarefa se, e somente se, for uma atividade livremente escolhida [...]. É possível dizer, portanto, que também existe no sistema capitalista organizações que operam de forma marcante a partir da lógica substantiva; nelas, os profissionais dão um sentido substantivo ao trabalho, sendo este sublimado, fonte especial de prazer.

Sigmund Freud. **O mal-estar na civilização**, 1930.

Na abertura dessa sessão, Sigmund Freud (1980/1930) afirma que “o **trabalho**, constitui fonte de satisfação especial, de prazer na realização da tarefa se, e somente se, for uma atividade livremente escolhida”. O **trabalho** ocupa um espaço substancial na vida das pessoas e é inegável a sua importância na existência humana porque nos dá significado, uma referência na sociedade, tanto pessoal como profissional.

Objeto de muitas pesquisas ao longo da produção humana, o **trabalho** passou por metamorfoses sociais cuja retomada colabora na compreensão de aspectos particulares do **trabalho docente**, assim como, de sua totalidade e complexidade, seus antagonismos ou contradições e sua historicidade. De fato, o **trabalho** produz contradições: enquanto para algumas pessoas gera lucro e riquezas, para outras traz alienação e sofrimento diante de condições precárias e insatisfatórias dos ambientes de trabalho. O comando e as decisões são externos ao trabalhador. Neste caso, o **trabalho** não traz felicidade e prazer para quem o realiza. Por consequência, a atividade laboral não lhe traz reconhecimento e nem riqueza emocional, material ou moral. cuja retomada colabora na compreensão de aspectos particulares do **trabalho docente**, assim como, de sua totalidade e complexidade

Frigotto (2010, p.3) se refere ao **trabalho**, mas como dever ético e direito inalienável: “**dever**, porque quem não trabalha para satisfazer suas necessidades explora o trabalho de outrem; e **direito**, porque ao negar-se à possibilidade desse intercâmbio, nega-se à possibilidade à reprodução da vida”. Nessa ótica, uma sociedade não existiria sem que houvesse o **trabalho** e suas particularidades. O **trabalho** tem seu valor como dever ético e moral, é o centro do desenvolvimento social. Por meio do **trabalho**, o ser humano se transforma culturalmente, capacitando-se para as **transmutações** no seu *status* físico, moral, como também intelectual.

Os significados do **trabalho** ao longo do tempo e o processo de sua reestruturação no capitalismo apresentam traços marcantes que incluem o neoliberalismo, a privatização do Estado, a desregulamentação dos direitos trabalhistas e a desmontagem do setor produtivo estatal (ANTUNES, 2002). Considerando esses apontamentos de Antunes (2002) e o processo de consolidação desses fatos na sociedade, pode-se dizer que as reformas educacionais mais recentes nas IES e os novos padrões produtivos têm resultado num processo de flexibilização, exploração da força de trabalho e de intensificação do **trabalho docente** nos cursos de graduação. Ademais, tais transformações no modo de produção parecem implicar processos de precarização das relações de emprego e trabalho. Por consequência, no século XXI a condição docente tornou-se multidimensional. Em um mesmo período histórico ou em um mesmo espaço físico nas IES podem existir diversas formas de **trabalho** e múltiplas maneiras de enfrentar a profissão de professor. Considerar a dialética entre **trabalho docente** e **subjatividade** presume

considerar que cada homem ou mulher pode ser produtor e produto em um sistema capitalista. Ainda que a subjetividade se correlacione diretamente com processos psíquicos, só pode ser apreendida na concretude, na materialidade da existência humana.

5.1 Transmutações do trabalho docente na cultura virtual: significados, rumos e tendências

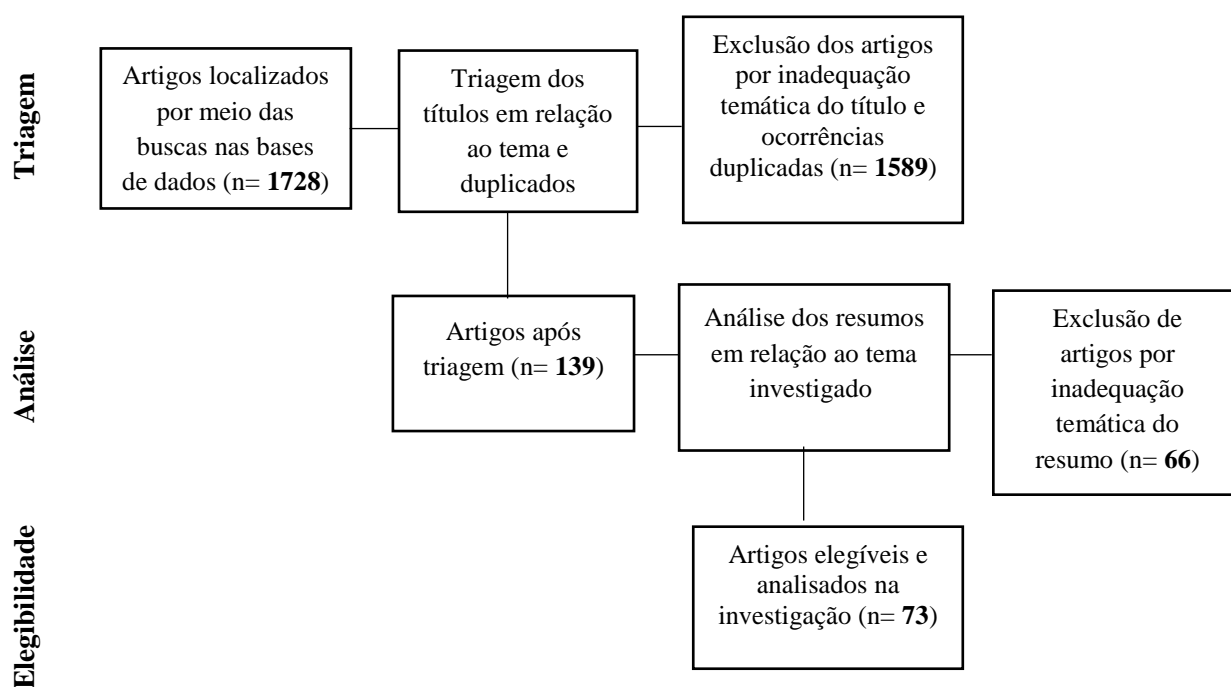
Para melhor compreender o trabalho docente e a construção do significado de “ser professor” na educação superior no século XXI, definimos, com o apoio da teoria da análise de conteúdo de Bardin (1979; 2011) e Minayo (2008; 2009), um conjunto de **categorias** construídas a partir das justificativas das respostas mais relevantes, sinalizadas pelos participantes pesquisados das três IES em relação ao objeto de estudo – “implicações da cultura virtual no trabalho docente”. Da análise de conteúdo e das discussões das categorias, trataremos a seguir.

A análise de conteúdo refere-se a um conjunto de técnicas de diagnóstico das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2011, p.47). Entre as técnicas recomendadas pela autora (2011), utilizamos a análise categorial, isto significa, desmembramos o discurso da pesquisa empírica em três eixos de análise, a saber: (1) **Trabalho docente**; (2) **Cultura virtual e trabalho docente** e (3) **Subjetividade, trabalho docente e processo saúde-doença**. Cada eixo com suas categorias permitiu explicar o objeto de investigação em suas relações com a “totalidade” a que ele se liga, ao mesmo tempo em que o constitui e por ele é constituído.

Além disso, nesta subseção apresentaremos o resultado da “pesquisa bibliográfica”. Para tanto, realizou-se um levantamento, tendo como modalidade textual artigos científicos, teses e dissertações. A análise incluiu levantamento eletrônico na base de dados do Portal de Periódicos CAPES/MEC; SciELO - *Scientific Electronic Library Online*; BVS (Biblioteca Virtual em Saúde); LILACS (Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde); (E) *Google Scholar* (Google Acadêmico). Para a busca dos trabalhos, utilizamos os descritores selecionados e considerados representativos ao estudo investigado, os quais foram utilizados ora isoladamente, ora em inter-relação: trabalho; trabalho docente; professor; cultura virtual; cultura digital; cultura midiática; tecnologias digitais; educação superior; ensino superior; subjetividade; processo saúde-doença e saúde mental, previamente definidos e que se vinculam ao problema e aos objetivos da pesquisa.

O resultado preliminar da busca resultou em 1728 artigos, 49 dissertações e 63 teses para a triagem, dos quais foram selecionados 139 artigos, 09 dissertações e 22 teses tendo como critérios a adequação do título ao tema investigado e a exclusão de ocorrências duplicadas. Desses trabalhos, iniciou-se a análise por meio da leitura dos resumos, o que resultou na exclusão de 66 artigos, 05 dissertações e 10 teses inadequadas à temática proposta nessa pesquisa. Assim, alcançamos um total de 89 trabalhos elegíveis para análise (73 artigos, 04 dissertações e 12 teses), dos quais foram lidos integralmente para esta investigação. O procedimento de **triagem, análise e elegibilidade** dos artigos, dissertações e teses para estudos está representado graficamente por meio das Figuras 5, 6 e 7.

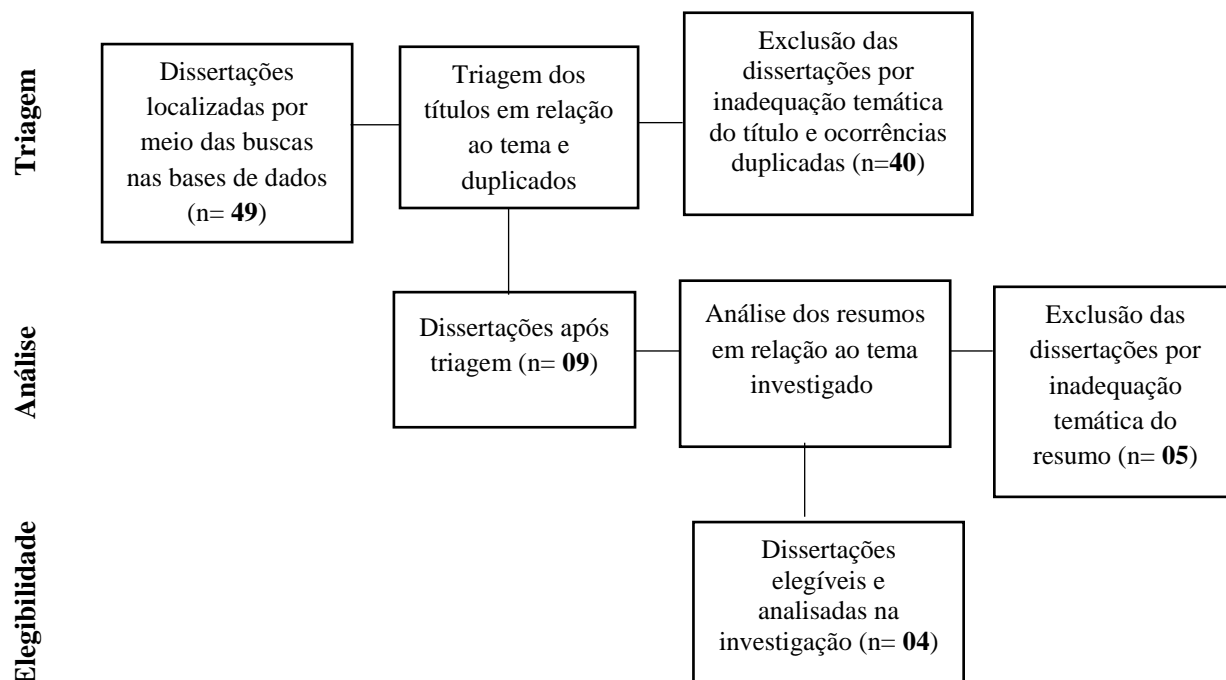
Figura 5 - Descrição do procedimento de escolha, análise e elegibilidade dos artigos.



Fonte: Adaptado de Cortez, Souza, Amaral e Silva (2017).

A leitura dos trabalhos que constituem essa categoria foi orientada para compreender o trabalho docente no século XXI. No entanto, essa leitura mostrou diferentes conteúdos desenvolvidos pelos autores e aglutinados nessa categoria, o que possibilitou desdobrá-los em três temáticas que aqui correspondem às categorias de estudo previamente estabelecidas.

Figura 6 - Descrição do procedimento de escolha, análise e elegibilidade das dissertações.



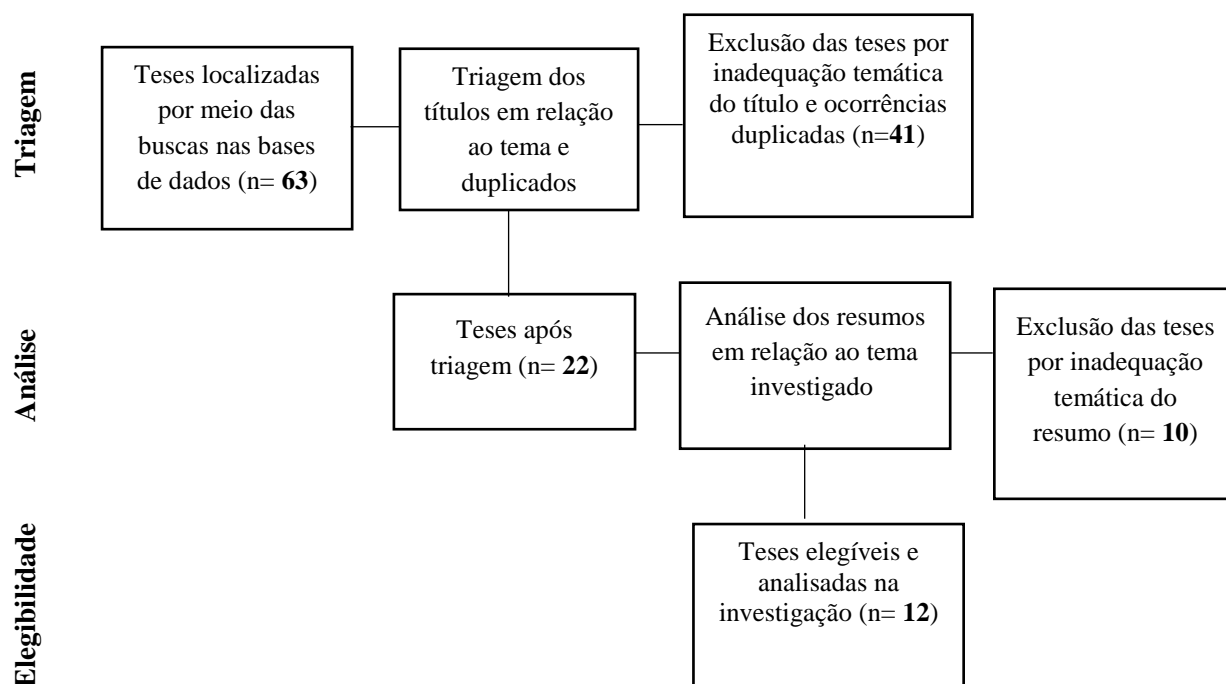
Fonte: Adaptado de Cortez, Souza, Amaral e Silva (2017).

Destaca-se, ainda, que estas temáticas também foram abordadas como categorias de análise de dados das entrevistas narrativas. Nesta seção retrataremos as três categorias. A primeira - **Trabalho docente**: engloba o trabalho docente e o desenvolvimento profissional; jornada de trabalho (real/oficial); sentidos e significados na educação superior; as transformações que ocorreram ao longo dos anos no século XXI; desafios e adaptações; valores, possibilidades, autonomia e limites. A segunda categoria - **Cultura virtual e trabalho docente**: uso e lugar das tecnologias digitais; pontos negativos e positivos das tecnologias; transformações do trabalho docente; e a terceira, **Subjetividade, trabalho docente e processo saúde-doença**: os sentidos e significados de ser professor na educação superior; rumos e tendências; visão cultural e pessoal do trabalho docente; sofrimento/prazer; sofrimento psíquico; saúde mental; processo saúde-doença; sinais e queixas mais recorrentes; sentimentos e as relações de vida pessoal e profissional.

Nos Quadros 3 a 6, identificam-se as produções e a síntese ou breves comentários sobre os conteúdos de artigos. Essas informações possibilitaram nesta seção a discussão acerca do **trabalho docente** na literatura, que seguem indicadas e relacionadas ao conteúdo das “falas” dos entrevistados, com as indicações dos termos descritores e suas referências. Embora tenham

sido selecionados 73 artigos de 1728 recuperados, com a aparente significação e em conformidade com o tema em questão - **trabalho docente**, nem todas as produções selecionadas e analisadas corresponderam aos objetivos da pesquisa.

Figura 7 - Descrição do procedimento de escolha, análise e elegibilidade das teses.



Fonte: Adaptado de Cortez, Souza, Amaral e Silva (2017).

Nos estudos aqui relatados, recorreu-se à **entrevista narrativa** como profícua aos propósitos almejados. Esse tipo de metodologia oportuniza ao professor-participante uma volta ao passado, permitindo-lhe rememorar vivências, relatar experiências e caminhos profissionais. Além disso, propicia uma convergência entre o pesquisador e os participantes da pesquisa, possibilitando trabalhar com a dimensão subjetiva dos docentes entrevistados. O importante é ouvir a voz dos professores, escutar seu ponto de vista, valores morais, opiniões e ideias, entusiasmo, sonhos e dissabores.

No universo da pesquisa se desvelaram as representações de mundo dos docentes participantes dessa investigação. Traduzíveis em histórias de vida, em relatos orais e memoriais, dentre outras formas de registros, tais narrativas têm se difundido como fontes essenciais a certos campos da pesquisa acadêmica nos últimos 20 anos, principalmente na área das ciências humanas e nos cursos de formação de professores. A entrevista narrativa considera a

subjetividade como um instrumento de pesquisa, por isso configura-se transformadora. Em suma, esse procedimento de construção de dados de pesquisa sociológica, produz um conhecimento particular, que transparece por meio de características da subjetividade, na maneira de agir no exercício da profissão docente, nos sentimentos de júbilo ou aflições, nos impasses pessoais, nas percepções das circunstâncias de trabalho, na formação e no desenvolvimento profissional docente e nas concepções do “ser professor” no Brasil.

As análises das entrevistas narrativas compreenderam a identificação do docente com a profissão, vínculos sociais e afetivos; análise dos diferentes espaços da sociedade e a centralidade do trabalho na vida de professores dos cursos de graduação das três IES, nas modalidades presencial e a distância; investigação sobre o papel da cultura virtual na reconfiguração da subjetividade e modos de ser de professores e de entendimento dos desafios que daí advêm para a profissionalização e atuação docente; compreensão das inter-relações entre trabalho docente, cultura virtual e subjetividade dos professores; análise das formas de expressão dos docentes à luz da cultura virtual e suas relações com a acumulação flexível.

As narrativas produzidas, ao traço particular de cada um, favoreceram a análise sobre o que é ser, sentir-se, fazer-se e tornar-se professor na educação superior. A compreensão e a percepção das trajetórias profissionais revelaram singularidades expressivas em relação às implicações da cultura virtual no trabalho docente nos cursos de graduação, tais como os rastros, as marcas e significados atribuídos ao trabalho que traçam um perfil docente *sui generis* e pessoal, embora receba influências tanto internas quanto externas. Nessa perspectiva, seguem determinados trechos das narrativas, de forma a destacar e entender como se constituiu a categoria **trabalho docente**. Com relação ao “significado do trabalho para a vida dos docentes e o que é ser professor”, os relatos dos participantes apresentam determinados ideais conferidos à profissão docente, resultados de processos históricos e culturais vivenciados por cada um deles na sociedade. Abaixo seguem excertos com destaque em negrito que evidenciam relações com o objeto de estudo e têm valor explicativo que atende aos objetivos dessa pesquisa.

*Eu me **realizo como professor**. Sempre faço o planejamento das aulas nos finais de semana, pois tenho muitas atividades diariamente [...]. **Não consigo me ver em outra profissão**, já tentei mudar..., mas não consegui êxito na área da indústria e do comércio. Gosto muito de estudar e de participar de eventos científicos. (Lafaiete, entrevistado 43, IES α, 2020).*

*Na verdade, cheguei na profissão de professora há alguns anos, depois de finalizar a primeira graduação. Nunca imaginava ser uma docente de uma IES. Batalhei muito para conquistar a realização profissional. Hoje, afirmo que me encontrei como docente. **Adoro ser professora**, ensinar a alguém e aprender com esse alguém não tem preço. Os meus pais eram professores e*

sempre dizia a eles que não faria um curso de licenciatura. Mas, muita coisa mudou ao longo do tempo [...]. (Bárbara, entrevistada 07, IES α , 2020).

*Não sou de Patos de Minas, mas profissionalmente me realizei nesse município. **Como gosto de atuar na docência!** Eu já fiz outras graduações, mas a minha realização é ser professora, tenho **muito prazer** em trabalhar com aulas presenciais e na modalidade a distância.* (Cássia, entrevistada 10, IES α , 2020).

*Atuo como professora há muitos anos, comecei a trabalhar como docente quando estava no segundo ano de graduação[...]. **Não sabia que iria gostar tanto de ser professora** na educação superior. No início de carreira, de meu trabalho como docente tive algumas dúvidas e incertezas quanto a essa profissão.* (Virgínia, entrevistada 19, IES α , 2020).

***Trabalho como docente por prazer e satisfação.** Amo lecionar e atualmente, estou trabalhando na EaD e em turmas dos cursos presenciais. Não me vejo trabalhando em outra profissão.* (Helena, entrevistada 23, IES α , 2020).

*Comecei a trabalhar na docência eventualmente. Eu precisei substituir um amigo que se afastou por motivos de saúde e como não estavam encontrando um professor para a vaga, resolvi substituí-lo.[...] e fiquei surpreso comigo, aquilo que parecia ser um trabalho provisório tornou-se definitivo e iniciei de forma efetiva essa carreira. **Sinto-me realizado como pessoa e professor.*** (João, entrevistado 56, IES β , 2020).

*Nossa..., não imaginava que essa pergunta poderia estar na entrevista. Nunca parei para pensar.... **Adoro lecionar**, tenho muito prazer em estudar e **exercer a docência.** Minha família é grande, tenho vários irmãos e sou a única que trabalho como professora. No dia a dia, procuro ser atenciosa e afetuosa com os alunos [...]* (Jordânia, entrevistada 61, IES β , 2020).

*Desde pequena brincava de ser professora e na escola sempre gostava de ajudar os outros colegas de classe. Tudo isso era uma rotina em minha vida, adorava ajudar os que tinham mais dificuldades. Por isso, não tive dúvidas para escolher a profissão. **Tenho prazer** em ir trabalhar, dialogar, explicar o conteúdo, participar de projetos e eventos, enfim **gosto muito de ser professora na educação superior.** Não tenho experiência com a educação básica.* (Fé, entrevistada 68, IES β , 2020).

*Assim que terminei a graduação, comecei a trabalhar como professor na educação básica, praticamente dois meses depois. Sempre gostei muito de estudar e tenho **paixão pela docência.** [...] a minha experiência em ensino superior surgiu alguns anos depois. Demorou mais ou menos 10 anos. Sempre é uma **satisfação trabalhar** e colaborar com o crescimento dos alunos.* (Pedro, entrevistado 108, IES γ , 2020).

*Já tive vários empregos e trabalhei em outras cidades. E não conseguia me encontrar profissionalmente. Quando comecei a trabalhar como docente, fiquei primeiramente em dúvida..., e aos poucos fui me superando. Hoje, tenho a **maior alegria de estar na docência.** Tenho passado **momentos prazerosos**, de troca de experiências e de alegria no exercício da profissão.* (Matias, entrevistado 119, IES γ , 2020).

*Para ser professor, é preciso amar a profissão. Não é qualquer pessoa que consegue exercer a docência. Sempre admirei os meus docentes, [...]hoje tenho a mesma **satisfação** que tinha há alguns anos atrás como um aprendiz. É **muito gratificante o ato de ensinar**. (Joaquim, entrevistado 123, IES γ, 2020).*

*Eu sempre valorizei o trabalho de um professor, principalmente os que atuam na educação básica. Por isso, procuro me valorizar e respeito muito a todos os docentes. Quanto à minha profissão, **amo o que faço**, estou **realizada** no meu trabalho e para mim sempre é um **prazer** estar na sala de aula, seja presencialmente ou em ambientes virtuais. (Juliana, entrevistada 126, IES γ, 2020).*

A competência para desempenhar um trabalho sociabiliza o ser humano. O homem possui inteligência e a natureza lhe propicia meios para que ele possa criar caminhos que atendam às suas necessidades. Ademais, por meio do trabalho e de suas relações sociais, o docente desenvolve sua subjetividade e a própria existência. Também é importante destacar que o sentido da palavra **trabalho docente** tem se remodelado ao longo dos últimos anos, aliando-se às modificações das necessidades e às atribuições que se responsabilizam na sua constituição e nas IES.

Nos relatos dos docentes, a transmissão de conhecimento e a sua aquisição, o ato de ser professor e de ensinar são um fator prazeroso, de satisfação. Essas falas demonstram que os ambientes de trabalho e as relações interpessoais podem produzir prazer e satisfação para o educador, integram a realização profissional, a convivência, o intercâmbio e as amizades que se constroem nas IES, o que o inspira para o exercício da docência na educação superior.

No que concerne à docência como profissão, para 32 (86,49%) entrevistados, o trabalho docente foi uma questão de escolha, três (8,11%) professores possuem outra profissão além da docência e para dois (5,4%) entrevistados, a docência surgiu em suas vidas por outros motivos, como por exemplo, por estarem desempregados há alguns meses.

A análise da docência e a educação remetem à compreensão de suas ligações com a realidade coletiva e individual e suas determinações e heranças histórico-culturais. Seja por uma questão de escolha ou não, torna-se elementar que o professor repense a si próprio, para se compreender. Isto quer dizer, significar-se, valorizar-se, constituir-se psíquica, profissional e pessoalmente, tendo em mente os seus objetivos de vida cada vez mais delineados. Isso possibilitará descobrir o que o motiva, de que mais gosta, o que lhe traz satisfação para descobrir o real significado e a relevância da prática docente em sua vida.

No entanto, há docentes que se mostraram insatisfeitos com o seu trabalho nas três IES. Para eles, há uma **desvalorização profissional**. Isso os atormenta, traz-lhes sentimentos

ruins, revela um desprezo pelo seu trabalho e pessoa; sinaliza falta de incentivo por parte dos empregadores; jornada de trabalho excessiva, com muitas tarefas docentes e administrativas. Os entrevistados 11, 15, 21, 27 e 30 expressam sua insatisfação diante desses fatos nas seguintes “falas”:

*Como é difícil relatar sobre algumas coisas, mas preciso dizer o que penso e sinto [...]. Eu estudei muito, continuo a estudar, mas estou **insatisfeita**. Sinto-me **desvalorizada profissionalmente**. Geralmente, não sou ouvida, o que faço como professora parece não ter muita importância na IES. O que me motiva a continuar como docente é o reconhecimento dos alunos. (Rita, entrevistada 21, IES α , 2020).*

*Nos últimos tempos, tenho trabalhado muito, estou com muitas atribuições, mas mesmo assim, **falta incentivo** dos dirigentes. A **falta de valorização profissional** é o que mais me incomoda. Por algumas vezes, penso em desistir da profissão docente. (Rosário, entrevistada 27, IES α , 2020).*

*Como eu gostaria de ser mais valorizada! Profissionalmente, isso não está acontecendo. Além de uma **carga horária restrita** para algumas atividades, cada vez mais tenho mais alunos na EaD [...]. A **desvalorização** já vem acontecendo há algum tempo. (Prata, entrevistada 71, IES β , 2020).*

*Nós estamos trabalhando muito, cada vez mais[...]. O pior de tudo é que sinto-me **desvalorizado** na carreira. De nós, as exigências são grandes, cursos a serem realizados e produções científicas anualmente. Não tenho tempo para realizar tantas atividades ao mesmo tempo. (Paulo, entrevistado 116, IES γ , 2020).*

*O professor é muito **desvalorizado** profissionalmente. Raramente, temos algum **incentivo**. A nossa **carga horária de trabalho** semanal está sempre comprometida. Conciliar a **docência** com **funções administrativas** também tem sido um desafio. Aumentaram as nossas responsabilidades nesses últimos anos[...]. (Mário, entrevistado 120, IES γ , 2020).*

O acúmulo de funções dos professores nas atividades laborais é presente nas três IES coparticipantes. Não raras vezes, pode-se perceber docentes exercendo outras atribuições, constituindo na atualidade uma das metamorfoses nas sociedades do trabalho. A qualidade de vida e do trabalho docente tem sido claramente prejudicada tendo em vista a ênfase no processo de quantificação das atividades acadêmicas (publicações científicas, orientações nos cursos de graduação e de pós-graduação, coordenação de curso ou de projetos, participação em projetos de pesquisa) que precisam executar.

Nota-se pelas entrevistas que os docentes experimentam sentimentos negativos como a decepção, desmotivação e frustração quando esperam reconhecimento na profissão e isso não acontece. Questões como sobrevivência acabam levando o docente a submeter-se à intensificação da jornada e do processo de trabalho semanal; à precarização do trabalho; a

baixas remunerações, em alguns casos; e o aceite a contratos temporários para determinados tipos de trabalho nos cursos de graduação.

No que diz respeito ao que é “ser professor”, a maioria dos docentes compreende que sentimentos como amor, desafio, doação, ideal, paixão, prazer, responsabilidade, troca e vocação integram a formação dos acadêmicos, mas principalmente constituem a formação da sociedade. Em relação ao trabalho docente, dos 37 entrevistados, 21 (56,76%) relataram que culturalmente a sociedade vê o trabalho dos professores com certa desvalorização e descrédito. Para a entrevistada 26 (Soledade, IES α), o docente: *[...] é o elemento mais importante para a educação. Sem o professor, não há formação. Sem o docente, o ensino fica comprometido. E apesar de ele ter tanta importância, não é valorizado. Paga-se pouco, pelo muito que faz.*

O trabalho pode apresentar diferentes significados e pode ser fundamentado nas experiências de nosso cotidiano. Apresenta uma visão particularizada, isto é, o trabalho se origina das vivências e das percepções socialmente construídas por cada professor, as quais terão como alicerce nessa obra da vida, o que somos, o que está sendo experienciado dia a dia e os conhecimentos sobre o mundo que cerca cada um desses profissionais. Nesse sentido, o trabalho docente pode ser percebido, além de uma profissão, como essência para o desenvolvimento humano. Cada docente constrói-se individual e coletivamente. Em síntese, **ser professor** é assumir uma trajetória, entre uma teia de interações, de desejos, sonhos, expectativas e interesses, misturados a uma pluralidade de objetivos e metas a serem cumpridas. Portanto, pela singularidade humana, espera-se ação e projeção, e não a fala do outro, mas a fala de vida e de experiência de cada um.

Nesta subseção, estamos apresentando uma análise de informações coletadas a partir do questionário (Apêndice C), assim como os levantamentos de dados referentes ao “trabalho docente, cultura virtual e subjetividade de professores da educação superior”. Dessa forma, buscamos compreender os fundamentos teóricos que explicam as implicações da cultura virtual no trabalho docente e na subjetividade de professores da educação superior na era digital.

Nos dias de hoje, com a substancial implantação da cultura virtual na educação superior, o exercício da docência passou a ser (re)pensado e discutido com maior frequência, especialmente nos dois últimos decênios. Os processos produtivos se intensificaram e estamos face a face com uma nova configuração de sociabilidade historicamente produzida, de multiplicação e desdobramento das tecnologias da informação e da comunicação, o que contribui com as transmutações no trabalho docente em tempos de cultura virtual fomentada pela acumulação flexível. Diante dessas informações e fatos, procuramos em nossas

investigações compreender “as implicações da cultura virtual no trabalho docente”. Iniciamos essa outra etapa, selecionando algumas narrativas da segunda categoria: **cultura virtual e trabalho docente**. Para isso, consideramos em nossas análises, o uso e lugar das tecnologias digitais; os pontos negativos e positivos das tecnologias e as transformações do trabalho docente na contemporaneidade. Nessa perspectiva, qualificamos como mais expressivos os “dizeres” dos seguintes participantes:

As tecnologias nos auxiliam muito e apesar de algumas dificuldades que apresento para utilizá-las, tenho frequentemente usado em minhas aulas presenciais e na EaD. Novos tempos, precisamos nos modernizar, a nossa forma de exercer a profissão mudou e como mudou! (Francisco, entrevistado 02, IES α , 2020).

*Em relação às tecnologias digitais, considero que ainda tenho algumas dificuldades para trabalhar com as máquinas [...], sou antiga e um pouco resistente...! No dia a dia, **utilizo esses recursos na sala de aula e no nosso trabalho on-line**. As tecnologias são muito importantes, mas a impressão que tenho é que as **máquinas substituirão gradativamente o trabalho dos professores**, assim como em outros tipos de trabalhos.* (Margarida, entrevistada 15, IES α , 2020).

*A cultura virtual está presente na vida das pessoas, **a todo momento estamos usando as tecnologias digitais**, para se comunicar, trabalhar e estudar. Acredito que muitas pessoas estão se tornando “dependentes” desses aparelhos de informação e de comunicação. Na verdade, estão **substituindo o contato humano pelas máquinas ou por alguns aparelhos eletrônicos**. Isso me assusta um pouco.* (Bonita, entrevistada 22, IES α , 2020).

*As tecnologias digitais estão presentes na vida da maioria das pessoas do planeta. Até meus pais que possuem mais de 80 anos estão conectados. Quem diria...! Eu utilizo as tecnologias digitais com **frequência na sala de aula presencial** e no dia a dia, não tem como abandoná-las. Mas, sou controlado, **utilizo por necessidade**. As pessoas precisam colocar alguns “limites” para que não sejamos dominados pelas tecnologias.* (Brás, entrevistado 57, IES β , 2019-2020).

*As tecnologias estão aí..., a inovação delas tem ocorrido com frequência. É difícil acompanhar essa evolução. Tenho dificuldades para usá-las. E mesmo assim, **em todas as minhas aulas presenciais, elas estão presentes**. As tecnologias são mais presentes nos espaços da sala de aula do que alguns alunos [...]. As IES **têm diminuído o seu quadro de docentes**. Novos tipos de trabalho surgiram e, conseqüentemente, os professores ficaram cada vez **mais sobrecarregados e desgastados com esses outros tipos de trabalho**.* (Luz, entrevistada 64, IES β , 2019-2020).

*As tecnologias digitais nos auxiliam no **trabalho e estão presentes em nossa vida, todos os dias**. Elas chegaram... e continuam chegando. [...] ao mesmo tempo, **estamos trabalhando mais**, cada vez mais estamos sendo exigidos, são muitas tarefas a serem executadas, somos obrigados a assumir muitas outras funções no ensino superior.* (Azul, entrevistada 72, IES β , 2019-2020).

A todo momento utilizamos as tecnologias digitais. [...] gosto muito dessa área. Sempre procuro buscar novos conhecimentos por meio das tecnologias. Entretanto, somente uso o computador ou o notebook quando é necessário, quando preciso de algo. (Vicente, entrevistado 109, IES γ , 2019-2020).

[...] uso com frequência o computador e a internet. [...] as tecnologias são benéficas para nós, para a sociedade. As pessoas precisam saber como utilizá-las para não ter alguns problemas. Esses problemas podem ser de várias naturezas. (Antônio, entrevistado 115, IES γ , 2019-2020).

Preciso das tecnologias digitais em meu trabalho como professor, tanto nas aulas presenciais como na educação a distância. Tenho acompanhado os avanços das tecnologias e acho isso incrível. (Tiago, entrevistado 118, IES γ , 2019-2020).

A cultura virtual não se estabelece sob uma condição de neutralidade em relação aos interesses sociais e, por isso, é importante uma discussão analítica a respeito da prática docente e da formulação de propostas referentes à formação, à capacitação e à defesa dos interesses desses profissionais frente ao processo de inovações tecnológicas. As tecnologias digitais promovem práticas que são ao mesmo tempo colaborativas e alienantes. Os docentes estão continuamente em rede (ligados, antenados, conectados uns aos outros e, essencialmente, ao trabalho) e na rede.

A cultura virtual tem possibilitado às pessoas terem acesso a milhares de informações tanto próximas como distantes de sua realidade. O universo virtual abre “janelas” e simultaneamente potencializa a realidade digital em prismas mais amplos por serem instrumentos que possibilitam a comunicação e interatividade de forma a auxiliar com a produção de uma nova cultura no momento atual.

Quadro 3 - Trabalho docente na literatura

Para se chegar aos dados que seguem, foram recuperados 1728 artigos científicos e selecionados 73. No Quadro 3, há algumas fontes (28) indicadas que foram elegíveis sobre o “trabalho docente na literatura”.

| Ano | Fonte | Breve comentário |
|------|---|---|
| 2011 | 1 LIMA, M. O. F. F.; MARTINI, R. M. F. Trabalho docente: em busca de novos sentidos. Reflexão e Ação , Santa Cruz do Sul, v.19, n.1, p.165- 186, jan./jun. 2011. | Objetivou investigar os sentidos que podem emergir dos discursos de docentes acerca do seu mundo, da vida, do mesmo modo proporcionar formas de pensar mais amplas acerca do trabalho do professor a partir da obra de arte; analisar os sentidos emancipatórios a partir das tematizações realizadas na interação/comunicação. O trabalho docente remete a “ma não participação efetiva na profissão, a falta de investimento na profissão e de uma memória da Educação, desqualificação social, |

| | | |
|------|--|--|
| | | sensação de abandono e pobreza cultural”. (LIMA; MARTINI, 2011, p.165-166). |
| 2011 | 2 ABDALLA, M. F. B. Representações sociais dos professores formadores: o sentido do trabalho docente e a profissionalização. Nuances : estudos sobre educação, Presidente Prudente, v. 16, n. 17, p. 35-52, jan./dez. 2011. | Refletiu sobre as representações sociais/profissionais dos professores formadores a respeito de seu trabalho docente. Tem, também, a intenção de contribuir para alargar o conhecimento em relação à (re) construção da trama de significados sociais que professores vêm assumindo em seus percursos profissionais e de formação. Ficou evidente a necessidade que os professores têm em relação às mudanças dos métodos pedagógicos, e a ênfase que colocam na organização da prática, do modo que ‘dão’ suas aulas ou que gostariam de ‘dar’. Alguns trechos revelam certo ‘desequilíbrio’, ‘desconforto’ e/ou ‘conformismo’ com as situações vivenciadas. (ABDALLA, 2011, p.35). |
| 2017 | 3 LOCATELLI, C. Os professores no ensino superior brasileiro: transformações do trabalho docente na última década. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (on-line) , Brasília, v. 98, n. 248, p. 77-93, jan./abr. 2017. | O artigo objetiva analisar a composição e as modificações do trabalho docente na última década, considerando as mudanças que ocorrem no mundo do trabalho em função dos interesses econômicos e políticos dominantes. Do ponto de vista teórico, apresentam-se algumas definições conceituais sobre a reestruturação produtiva e os processos de regulação (ou reformas educacionais), no propósito de discutir a realidade do trabalho de forma geral e do trabalho docente em especial. (LOCATELLI, 2017, p.77). |
| 2017 | 4 LANÇA, S. S. B. Trabalho docente na educação superior : o uso de tecnologias digitais e as manifestações de sofrimento. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 2017. | O objetivo deste estudo foi investigar o discurso de docentes acerca das manifestações de sofrimento e sua relação com o uso de tecnologias digitais no processo de trabalho docente no âmbito de uma universidade pública federal. A fundamentação teórica incide das contribuições de autores que discutem as transformações no trabalho na contemporaneidade. (LANÇA, 2017, p.7). |
| 2016 | 5 OLIVEIRA, S. M. Uma interpretação discursiva sobre o real da atividade docente no ensino superior: dificuldades e super-ações. D.E.L.T.A. , v.32, n.1, p. 75-97, 2016. | Discute a situação do trabalho docente nas IES privadas a partir de aspectos político-econômicos e os pedagógico-ideológicos, examinando os efeitos sobre a qualidade da formação humana. (OLIVEIRA. 2016, p.75). |
| 2010 | 6 MAUÉS, O. C. A reconfiguração do trabalho docente na educação superior. Educar em Revista , Curitiba, n. esp. 1, p. 141-160, 2010. | Analisa a relação existente entre as mudanças (reforma do Estado e da Educação Superior) e o trabalho do docente que atua no ensino superior e os caminhos que esse profissional da educação vem sendo impellido a trilhar, sendo o trabalho docente de suma importância para o desenvolvimento econômico e social do país. (MAUÉS, 2010, p.141). |

| | | |
|------|---|--|
| 2017 | 7 PIOLLI, E.; SOUSA, A. L. H. Mercantilização do ensino superior e precarização do trabalho docente: o caso da educação a distância. In: IX- Encontro Brasileiro da Redeestrado. São Paulo. Anais Redeestrado , 2017. Disponível em: http://anaisbr2017.redeestrado.org/trabalhos/eixos?title=12 . Acesso: 12 dez. 2020. | O artigo ora apresentado procura descrever e analisar as transformações ocorridas no processo de trabalho docente no contexto da mercantilização da educação superior, em especial no caso da educação a distância. Procuramos demonstrar como a expansão do ensino superior privado, a partir dos anos 1990, possibilitou o surgimento de grandes grupos educacionais e transformou a educação em mercadoria altamente rentável. Nesta nova conformação do ensino superior, destacamos a adoção de estratégias gerenciais como forma de regular o trabalho docente e a crescente precarização resultante destas estratégias. Além disso, procuramos demonstrar como o avanço da modalidade EaD tem redimensionado o trabalho docente no sentido de simplificá-lo em diferentes dimensões. (PIOLLI; SOUSA, 2017, p.1). |
| 2019 | 8 CARMO, R. de O. S.; FRANCO, A. P. Da docência presencial à docência <i>online</i> : aprendizagens de professores universitários na educação a distância. Belo Educ. rev. vol.35, Belo Horizonte, 2019. | Este estudo trata de como vem ocorrendo, para professores com experiência na docência universitária presencial, a aprendizagem da prática docente na sala de aula online em um programa de EaD de uma instituição de ensino superior. Seu objetivo é investigar as aprendizagens desses professores para ensinar quando, da modalidade presencial, passaram a atuar como professores-tutores online em cursos de graduação a distância. (CARMO; FRANCO, 2019, p.7). |
| 2008 | 9 TUMOLO, P. S.; FONTANA, K. B. Trabalho docente e capitalismo: um estudo crítico da produção acadêmica da década de 1990. Educação e Sociedade , Campinas, v. 29, n. 102, p. 159-180, jan./abr. 2008. | O texto apresenta “um balanço e uma análise da produção investigativa sobre o trabalho docente da década de 1990 no Brasil, destaca questões referentes à proletarianização e profissionalização docente”. (TUMOLO; FONTANA, 2008, p.159). |
| 2007 | 10 BOSI, A. P. A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior do Brasil nesses últimos 25 anos. Educação e Sociedade , Campinas, v. 28, n. 101, p.1503-1523, set./dez. 2007. | O artigo avalia e discute a precarização e o trabalho docente nas IES do Brasil, que envolve o aumento, intensificação, desvalorização de seu trabalho, rotinas de atividades de ensino, pesquisa e extensão que compõem o fazer acadêmico. Os docentes ainda estão vinculados à produtividade acadêmica, que para o autor, “representa a perda da autonomia intelectual, a perda do controle sobre o processo de trabalho [...]”. (BOSI, 2007, p. 1503). |
| 2017 | 11 PROTETTI, F. H. Transformações no trabalho do professor universitário. In: IX - Encontro Brasileiro da Redeestrado. São Paulo. Anais Redeestrado , 2017. Disponível em: http://anaisbr2017.redeestrado.org/trabalhos/eixos?title=8 . Acesso: 30 nov. 2020. | A comunicação apresenta resultados parciais de pesquisa de tese, ainda em fase de conclusão. Na apresentação, particularmente, busca-se identificar as atividades de trabalho do professor universitário para, num segundo momento, analisar as transformações no trabalho docente em uma universidade pública. Para isso, foram utilizados dados empíricos relativos ao trabalho dos professores universitários, obtidos mediante a realização de entrevistas com professores de “sociologia”, e informações disponíveis em anuários estatísticos da universidade pesquisada. (PROTETTI, 2017, p.1). |

| | | |
|------|---|---|
| 2012 | 12 ROSSO, A. J.; CAMARGO, B. V. As representações sociais do desgaste no trabalho a partir dos simbolismos associados à docência. ETD: Educação Tématica Digital , Campinas, SP, v. 14, n. 2, p.179-200, jul./dez. 2012. | O artigo analisa as representações sociais referentes ao desgaste na docência e como são expressos os problemas relacionados ao trabalho docente e sofrimento psíquico destes professores. (ROSSO; CAMARGO, 2012, p. 179). |
| 2007 | 13 BARROS, M. E. B.; LOUZADA, A. P. Dor-desprazer-trabalho docente: como desfazer essa tríade. Psicologia USP , São Paulo, v. 18, n. 4, p. 13-34, out./dez. 2007. | O foco da pesquisa foi analisar o aparecimento e repercussão de sinais de adoecimento e as formas de enfrentamento. Não entendo que as “lutas e batalhas cotidianas produzam o adoecer, mas, pelo contrário, devem ser uma possibilidade de escapar à servidão, à obediência e à impotência, criando outras possibilidades devida/trabalho”. (BARROS; LOUZADA, 2007, p.13). |
| 2004 | 14 ROCHA, S. S. L.; FELLI, V. E. A. Qualidade de vida no trabalho docente em enfermagem. Revista Latino-Americana de Enfermagem , Ribeirão Preto, v. 12, n. 1, p. 28-35, jan./fev. 2004. | O estudo caracterizou os docentes de enfermagem com o objetivo de conhecer o significado de qualidade de vida no trabalho, mas o que realmente intrigou foi o fato de os docentes não relacionarem a saúde como geradora de qualidade de vida. “Sendo o trabalho determinante do processo saúde-doença [...]”. (ROCHA; FELLI, 2004, p. 28). |
| 2010 | 15 MANCEBO, D. Trabalho docente na educação superior brasileira: mercantilização das relações e heteronomia acadêmica. Revista Portuguesa de Educação , Braga, v. 23, n. 2, p. 73-91, 2010. | Discute as transformações ocorridas na produção docente das instituições de ensino superior, a exploração e flexibilização do trabalho do professor que pode acarretar um aumento da precarização e uma diminuição da qualidade do ensino. (MANCEBO, 2010, p.73). |
| 2017 | 16 BECHI, D. As reformas da educação superior e as metamorfoses do trabalho docente na economia capitalista flexível. Revista Internacional de Educação Superior . Campinas, SP v.3, n.1 p.203-223 jan./abr. 2017. | O artigo visa compreender de que forma e em que medida as políticas educacionais de caráter neoliberal implementadas a partir da década de 1990, articuladas aos padrões de reestruturação econômica global, têm favorecido o processo de intensificação e precarização do trabalho docente nas Instituições de Ensino Superior (IES) públicas e privadas. (BECHI, 2017, p.203). |
| 2006 | 17 REIS, E. J. F. B. et al. Docência e exaustão emocional. Educação e Sociedade , Campinas, v. 27, n. 94, p. 229-253, jan./abr. 2006. | Pesquisa realizada com o objetivo de determinar as frequências de cansaço mental e de nervosismo entre professores identificando fatores de risco para tais ocorrências. Constatou-se a presença de aumento de níveis de cansaço mental e nervosismo em professores e os fatores de risco a eles relacionados foram o estresse, exaustão emocional, irritabilidade, dentre outros. (REIS, 2006, p.229). |

| | | |
|------|---|--|
| 2011 | 18 TAVARES, M. A. Trabalho docente na universidade pública: uma reflexão sobre o produtivismo acadêmico na contemporaneidade. Argumentum , Vitória, v. 1, n. 3, p.238-250, jan./jun. 2011. | O artigo situa a “educação na vertente do pensamento liberal, no sentido de demonstrar como seus princípios fragilizam a luta dos trabalhadores”, além de analisar a precarização do trabalho docente. (TAVARES, 2011, p. 238). |
| 2009 | 19 MARQUEZE, E. C.; MORENO, C. R. C. Satisfação no trabalho e capacidade para o trabalho entre docentes universitários. Psicologia em Estudo , Maringá, v. 14, n. 1, p. 75-82, jan./mar. 2009. | Verificou a correlação entre satisfação no trabalho e capacidade para o trabalho de docentes universitários observando assim, um aumento na satisfação no trabalho e com o ambiente do mesmo. (MARQUEZE; MORENO, 2009, p.75). |
| 2012 | 20 GOMES, A. R.; PEIXOTO, A.; SILVA, R. P. M. <i>Stress</i> ocupacional e alteração do Estatuto da Carreira Docente português. Educação e Pesquisa , São Paulo, v. 38, n. 2, p. 357-371, abr./jun. 2012. | Ao analisar a experiência de estresse e a síndrome de Burnout antes e após a alteração do Estatuto da Carreira Docente em Portugal, a pesquisa obteve como resultado um aumento dessas experiências em decorrência do excesso de trabalho, às pressões de tempo e das questões burocráticas e administrativas, no período após essas mudanças do estatuto. (GOMES; PEIXOTO; SILVA, 2012, p.357). |
| 2005 | 21 GASPARIN, S. M.; BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. A. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. Educação e Pesquisa , São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, maio/ago. 2005. | Constatou que, apesar dos dados de alguns estudos serem divergentes, a maioria aponta para os transtornos psíquicos, seguidos por problemas respiratórios e de problemas osteomusculares. (GASPARIN; BARRETO; ASSUNÇÃO, 2005, p.189). |
| 2010 | 22 MAZZOTTI, T. B. Instituindo significados de “trabalho docente” por meio de dissociação de noções. Nuances: estudos sobre Educação , Presidente Prudente, v. 17, n. 18, p. 193-208, jan./dez. 2010. | Este estudo debate sobre trabalho docente fazendo uma comparação com profissionais liberais. O trabalho docente apresenta algumas fragilidades, tais como: “trabalhos intelectuais operam conhecimentos conceituais e técnicos estreitamente determinados pelo que fazem e confiáveis em seus limites conceituais e circunstanciais”; autonomia; ausência de lideranças profissionais; caráter proletário e remuneratório dos professores; e trabalho docente como semi-profissão por ser constituído em sua quase totalidade por mulheres. (MAZZOTTI, 2010, p.193). |
| 2009 | 23 SILVA, M. G. M. Trabalho docente na educação superior: trajetória histórica e marcas atuais. Reflexão e Ação , Santa Cruz do Sul, v. 17, n. 2, p. 49-68, jul./dez. 2009. | A pesquisa retoma um panorama histórico da educação em nível superior no Brasil e de mudanças no trabalho docente. Tais mudanças envolvem competitividade, pressão por resultados, falta de tempo e políticas educacionais que “tendem a repercutir na docência e nos objetivos educacionais”. (SILVA, 2009, p.49). |

| | | |
|------|---|---|
| 2011 | 24 FREIRE, I. <i>et al.</i> Trabalho docente, emoções, contextos e formação. <i>In:</i> Simposium nacional sobre formação e desenvolvimento organizacional, 2, 2011, Lisboa. Atas... Lisboa: ISCTE-IUL, 2011. p. 23-36. | Este estudo busca compreender e interpretar as emoções e sentimentos dos professores na sua interação com os alunos e o processo educativo. Além de destacar a importância da inteligência emocional para melhor compreender tais sentimentos tanto negativos, quanto positivos. (FREIRE <i>et al.</i> , 2011, p.23). |
| 2019 | 25 BRASILEIRO, A. C. M. A acumulação flexível e os direitos trabalhistas dos docentes: estudo do fenômeno das companhias abertas de Educação Superior em Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais - Faculdade de Direito e Ciências do Estado. Belo Horizonte, 2019. | A pesquisa tem como objetivo verificar se o regime de acumulação flexível praticado pelas companhias educacionais abertas que operam na graduação presencial em Belo Horizonte tem afetado negativamente os direitos trabalhistas dos professores a elas vinculados. (BRASILEIRO, 2019, p.9). |
| 2018 | 26 SILVA, L. P. da. A educação e a proletarianização do trabalho docente: uma breve análise no contexto do sistema do capital. Revista Práticas em Gestão Pública Universitária , ano 2, v.2, n.1, jan.-jun. 2018. | O artigo tem como objetivo realizar uma análise sucinta da Educação e do trabalho docente no contexto do sistema capitalista. Atualmente, a temática "Educação" vem sendo abordada e intensamente discutida pelos mais diversos ramos e extratos sociais, desde uma ótica libertadora e humanitária, até vieses puramente políticos, demagógicos e econômicos. (SILVA, 2018, p.1). |
| 2017 | 27 NASCIMENTO, D. S.; NASCIMENTO, F. C. do; SOUZA, M.H.G. de. A intensificação do trabalho, a educação e a acumulação capitalista. <i>In:</i> IX Encontro Brasileiro da Redeestrado. 2017. São Paulo. Anais Redeestrado , 2017. Disponível em: http://anaisbr2017.redeestrado.org/trabalhos/eixos?title=1 . Acesso: 17 dez. 2020. | Considerando as bases materiais pelas quais o homem, com o seu trabalho – na forma histórica em que se manifesta sob o capitalismo – realiza e controla seu intercâmbio com a natureza (re)produzindo sua existência, e tendo em vista o trabalho pedagógico, no âmbito do processo de trabalho capitalista, como uma das formas históricas mais expressivas de disciplinamento para a vida social e produtiva, buscamos investigar em que grau, o nível alcançado pela base técnica da produção na atualidade, marcado pelo regime de acumulação flexível, dá as condições objetivas para que a concepção politécnica de educação ingresse, definitivamente, no debate sobre políticas educacionais. (NASCIMENTO; NASCIMENTO; SOUZA, 2017, p.1). |
| 2017 | 28 SILVA, M. P. da. As influências liberais na organização do trabalho pedagógico dos docentes universitários. <i>In:</i> IX- Encontro Brasileiro da Redeestrado. 2017. São Paulo. Anais Redeestrado , 2017. Disponível em: http://anaisbr2017.redeestrado.org/trabalhos/eixos?title=8 . Acesso em: 18 dez. 2020. | Este artigo consta de uma revisão de ideias já exploradas em trabalhos anteriores de diversos autores, e a partir desta revisão, a discussão se volta para um olhar diferente, o olhar do docente para algumas preocupações sobre as influências da lógica neoliberal na organização do trabalho pedagógico de docentes universitários desde o preparo das aulas às execuções, buscando compreender algumas lógicas formativas e finalidades presentes nas mesmas. (SILVA, 2017, p.1). |

Fonte: Pesquisa bibliográfica (2017-2020).

O valor do trabalho nem sempre foi visto da mesma forma na humanidade. Ele se caracterizou de modo heterogêneo ao longo do tempo e em cada momento, associou-se a um conjunto de interesses econômicos, políticos, sociais e culturais que reflete uma concepção singular, seja na cultura renascentista, no nascimento da Revolução Industrial e até mesmo na contemporaneidade. Nesse sentido, **transmutações** surgiram ao longo do desenvolvimento sócio-histórico da humanidade. Logo, as transmutações são visíveis no mundo do trabalho docente e são fruto de um processo histórico gradual, repleto de contrariedades e percalços.

No século XXI, o trabalho docente na educação superior passou por profundas transformações na natureza e nos processos de trabalhos, nas condições e relações de trabalho e na formação docente, ampliando as interconexões de redes na *internet* e aperfeiçoando as tecnologias de informação e de comunicação. Presentemente, na era digital, os professores têm aprendido a reaprender, têm conhecido coisas novas para se comunicar e interagir. O ser humano está procurando se integrar ao virtual, algumas vezes no individual, outras vezes em grupo ou até mesmo socialmente. As metamorfoses na sociedade e nas IES são contínuas e os impactos dessas mudanças podem ser positivos ou negativos, harmônicos ou desarmônicos. Melhor dizendo, essas transformações influenciam as condições de trabalho e a saúde psíquica de docentes.

Em meio a essa cultura virtual e com as transmutações do “ser-professor”, o trabalho docente nos cursos de graduação circunscrevem situações e acontecimentos que se encontram imersos no **antagonismo** e na **dialética**. A concepção antagônica opera contrariamente aos princípios propostos e de certa forma, estabelecem-se à dimensão dialética por também portarem o mesmo sentido, ou seja, de contradição e oposição. Movimentos contraditórios ou paradoxais, antagônicos e dialéticos são possíveis de se manifestar no grupo de professores, nas lutas de classes, no corpo social e na política, assim como em outros segmentos que compreendem as condições de trabalho e o mundo do trabalho docente. No cenário educacional, o professor torna-se então um protagonista desse processo que abraça movimentos históricos e dialéticos, uma vez que são as relações humanas que possibilitam isso suceder. Em vista disso, tocante ao trabalho docente e ao contexto da cultura virtual que o circunscreve, fenômenos sociais desencadeiam-se, a ele relacionados, que em certo sentido possuem relação com a vertiginosa ascensão da acumulação flexível. Na era digital, as forças de trabalho docente são intensificadas e fomentadas em virtude de uma racionalidade produtivista que assola a humanidade.

Pela análise dos artigos, Tumolo e Fontana (2008) relatam que atualmente tem se observado na educação brasileira uma tendência do aumento relativo dos professores em situações de proletarização. Esse fato aponta para uma relação capitalista a que estão sujeitas as pessoas. Melhor dizendo, há uma tendência do aumento de docentes proletários em relação aos outros profissionais do mesmo nível de formação e escolaridade em nosso país.

Segundo Milani e Fiod (2008), são poucos os momentos nos quais se analisam e avaliam as condições do trabalho docente. Os professores realizam extensas jornadas de trabalho semanais, lecionam em várias instituições, enfim, gastam suas energias no trabalho como outros trabalhadores. Muitas vezes, na tentativa de continuar a sobreviver, o professor submete-se às condições precárias de trabalho. Em alguns casos, aceita um contrato temporário e/ou de professor substituto, pois, pelo menos por uma fase, garante a sua sobrevivência e a de seus familiares.

Maués (2010) reconhece que a precarização do trabalho docente está aumentando, que está cada vez maior no Brasil. Alerta-nos sobre os contratos temporários e o número significativo de professores substitutos tem contribuído para a intensificação do trabalho docente, estabelecendo desse modo a mais valia absoluta e relativa. Mas essa intensificação do trabalho está relacionada aos interesses mais racionais das IES e que tenham uma resposta ao capitalismo contemporâneo, nessa fase de acumulação flexível.

Para Bosi (2007), o aumento da força de trabalho docente foi e continua sendo assinalado pela flexibilização dos contratos trabalhistas. São essas possibilidades de contratação precária, abertas por práticas à margem da lei ou mesmo por transformações na legislação trabalhista que têm permitido que o número de docentes cresça. De acordo com Mazzotti (2010), a objetivação do trabalho docente é diferente de sua precarização, que é o excesso do trabalho individual e coletivo. A objetivação no seu sentido próprio é um conjunto apontado de métodos intelectuais que tornam o trabalho independente do homem, este compreendido como agente do processo. Portanto, a objetivação do trabalho docente não pode ser procurada fora de seu domínio: o de ser um trabalho intelectual. O trabalho intelectual tem-se transformado em intersubjetivo, objetivo, por meio do domínio das ferramentas intelectuais necessárias a sua realização.

Essas produções bibliográficas foram importantes para a nossa pesquisa, porquanto trouxeram um aprofundamento teórico em relação ao tema - **Trabalho docente**, permitindo atingir o objetivo de favorecer maior conhecimento sobre flexibilização do trabalho; intensificação, precarização; dos fundamentos à especificidade do trabalho docente; as

dimensões subjetivas do trabalho; dimensões pessoal e interpessoal do trabalho docente; influência da cultura virtual na educação superior e, por fim, a relação entre o exercício da docência, a subjetividade e o processo saúde-doença, aos quais os professores estão submetidos no corpo social.

Para se chegar aos dados que seguem (Quadro 4), foram recuperadas 112 produções. Desses materiais, foram selecionados 10, e eles compõem parte da pesquisa bibliográfica. No quadro há um breve comentário do material selecionado, a partir dos termos descritores: “cultura virtual; cibercultura e tecnologias digitais”.

Quadro 4 - Termo descritor: cultura virtual

| Ano | Fonte | Breve comentário |
|------|--|--|
| 2018 | 1 RIBEIRO, M. R. F.; CARVALHO, F. da S. P. de; SANTOS, R. dos. <i>Ambiências híbridas-formativas na educação online: desafios e potencialidades em tempos de cibercultura. Revista Docência e Cibercultura</i> , v. 2, n. 1, p. 1-13, janeiro/abril de 2018. | O artigo problematiza as noções de educação <i>on-line</i> , desenho didático em ambiências híbridas-formativas, formação, autoria e docência, a partir da cena sociotécnica emergente conectada em rede, que denominamos de cibercultura. (RIBEIRO; CARVALHO; SANTOS, 2018, p.1). |
| 2019 | 2 ARAÚJO, W. M. de. A intermediação do trabalho humano por meio de tecnologias algorítmicas e a necessidade de proteção do trabalhador: os desafios de adequação do corpus jurídico-trabalhista às novas modalidades de exploração do trabalho na era digital. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Direito. Belo Horizonte, 2019. | O presente estudo desvelou os novos mecanismos de ingerência exercidos pelas empresas tecnológicas sobre o trabalho humano para demonstrar que algumas plataformas digitais se valem desses métodos sofisticados para gerenciar e disciplinar ativamente a prestação de serviços sem a necessidade de veicular ordens. (ARAÚJO, 2019, p.8). |
| 2017 | 3 GALVÃO, C. L. Os sentidos do termo virtual em Pierre Lévy. Logeion: Filosofia da informação , Rio de Janeiro, v. 3 n. 1, p. 108-120, set. 2016 / fev. 2017. | A intenção do trabalho é comparar os sentidos atribuídos ao virtual nas obras O que é o virtual? (1995) e Cibercultura (1997) do filósofo francês Pierre Lévy. Para tal tarefa foi utilizada a metodologia da filosofia analítica da linguagem para distinguir os possíveis significados e sentidos que o termo virtual pode possuir. Na obra de 1995, o virtual é entendido então como potência, oposto ao atual, não ao real. (GALVÃO, 2017, p.108). |

| | | |
|------|---|---|
| 2017 | 4 LEAL, R. E. G. Dispositivo de inovação no ensino superior: a produção do <i>Docentis innovatus</i> e <i>Discipulus iacto</i> . Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais - Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 2017. | A dissertação mostra que a docência inovadora, por meio de suas marcas constitutivas, está em continuidade com a produção de estudantes ativos, competitivos e proativos - disponibilizando a posição de sujeito <i>Discipulus iacto</i> - e está em descontinuidade com a fabricação de estudantes receptivos e reprodutores de conhecimento - <i>Discipulus rustics</i> – ao atender demandas da racionalidade neoliberal. (LEAL, 2017, p.7). |
| 2006 | 5 MILL, D. R. S. Educação a distância e trabalho docente virtual: sobre tecnologia, espaços, tempos, coletividade e relações sociais de sexo na Idade Mídia. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais - Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 2006. | O objetivo geral dessa tese é analisar as implicações sofridas pelo trabalho docente em decorrência das mudanças espaço-temporais introduzidas pelos processos pedagógicos virtuais. (MILL, 2006, p.15-16). |
| 2015 | 6 LOPES, J. G. A prática docente mediada por materiais didáticos digitais interativos. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas - Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2015. | Essa pesquisa teve por objetivo analisar, por meio de pesquisa de observação participante, uma experiência de uso de Material Didático Digital Interativo (MDDI) para <i>tablets</i> a fim de verificar como se realizam os processos de produção e condução da prática docente nessas condições. (LOPES, 2015, p.7). |
| 2005 | 7 MARINHO, C. O uso das tecnologias digitais na educação e as implicações para o trabalho docente. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais - Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 2005. | Esta pesquisa trata as implicações do uso das Tecnologias Digitais (TDs) para o trabalho docente, com ênfase nas mudanças provocadas no trabalho pedagógico do professor. Parte da constatação de que os diversos professores utilizam as Tecnologias Digitais no seu processo de trabalho e de que, nos últimos anos, tem havido uma incorporação das ferramentas computacionais no trabalho docente. (MARINHO, 2005, p.5). |
| 2014 | 8 OLIVEIRA, A. P. B. de. Tecnologias da Informação e Comunicação e Educação: contradições na teoria e na prática no contexto da sociedade capitalista contemporânea. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais - Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 2014. | O objetivo geral desta pesquisa, que ora apresentamos seus resultados, foi o de desvelar as intencionalidades políticas e econômicas de uso das TIC na sociedade capitalista contemporânea, na educação; sobretudo analisar como a tecnologia vem sendo apropriada por grupos e classes sociais dominantes; e a importância da educação e das TIC para o capitalismo. (OLIVEIRA, 2014, p.8). |
| 2017 | 9 LANÇA, S. S. B. Trabalho docente na educação superior: o uso de tecnologias digitais e as manifestações de sofrimento. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais - Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 2017. | O objetivo do estudo foi investigar o discurso de docentes acerca das manifestações de sofrimento e sua relação com o uso de tecnologias digitais no processo de trabalho docente no âmbito de uma universidade pública federal. (LANÇA, 2017, p.7). |

| | | |
|------|--|--|
| 2017 | 10 ROSA, A. C. P. da S. Formação docente, cultura digital e histórias de professores: uma trama com muitos fios. Orientador: Dr ^a . Maria Luiza Magalhães Bastos Oswald. 2017. 197 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. | Os autores enfatizaram o modo como as chamadas novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) se faziam cada vez mais presentes, tanto nas práticas pedagógicas dos professores, quanto em seus respectivos processos de formação. (ROSA, 2017, p.8). |
|------|--|--|

Fonte: Pesquisa bibliográfica (2017-2020).

Mutações como a ampliação, a velocidade e a intensidade da circulação de informações que regulam ou não a educação superior redimensiona o papel do trabalho docente no século XXI. A figura do professor como transmissor de informações passa a ser examinada, transformada e, para alguns, diluída. Ainda que as relações entre demandas de mercado, docência e empregabilidade sejam progressivamente perceptíveis e mesmo com a disseminação da cultura virtual numa aceleração impressionante, as IES não conseguiram acompanhar tais inovações.

Novos rumos e desafios ao trabalho e à formação docente surgiram nesses dois últimos decênios com a disseminação da cultura virtual, na companhia de vários formatos e possibilidades de acesso e relação com a informações. Para os professores, sobretudo nesse período de pandemia do vírus SARS-CoV-2, torna-se impossível escapar à sua utilização, independente da visão que se tenha sobre elas, sua familiaridade e facilidade em manuseá-la. A cultura virtual por si só não é autossuficiente, ela depende de uma pessoa para ser criada, para dar e apresentar um contexto, explicar uma situação, revelar as circunstâncias e inseri-la em sua condição de vida e de vida do trabalho.

Atualmente, ao se buscar um olhar em relação à educação superior, observa-se a significância do professor em preparar-se, aperfeiçoar-se para poder se inserir nesse mercado de trabalho competitivo; criando deste modo, uma inter-relação entre a área de formação e a cultura virtual. Não se pode negar o esforço por parte dos docentes em tentar reverter a falta de conhecimento sobre esta nesses últimos tempos, já que a pandemia da COVID-19 trouxe mudanças repentinas e urgentes no âmbito educacional.

Como consequência dessa problemática, as IES buscaram soluções para ofertar aulas remotas aos estudantes do país e os docentes passaram em sua grande maioria por novas experiências mediante a aplicabilidade do novo modelo de aula nos cursos de graduação. Esta pandemia tende a provocar inúmeras transmutações positivas, ou não, na vida dos professores nessa recente forma de lecionar.

5.2 Subjetividade: concepções a partir das condições de trabalho dos professores na educação superior

Nesta subseção, estamos apresentando outras informações que foram coletadas a partir do questionário (Apêndice C). Essas investigações estão relacionadas aos termos: **trabalho docente, processo saúde-doença e subjetividade de professores** da educação superior. Nesse sentido, buscamos compreender os fundamentos teóricos que explicam as **implicações da cultura virtual no trabalho docente**. É uma realidade, essas implicações constituem a subjetividade de docentes da educação superior no século XXI.

Assim, considerando o **objeto de estudo** dessa investigação - implicações da cultura virtual no trabalho docente e o **problema de pesquisa** - sob quais formas, ritmos e expressões a cultura virtual tem conduzido uma reestruturação do trabalho docente na educação superior, reconfigurando a subjetividade de professores universitários dos cursos de graduação? julgamos mais significativos e correlacionados com os nossos estudos os seguintes “dizeres” dos participantes:

*Acordo cedo todos os dias e durmo poucas horas por noite, no máximo 05 horas. O tempo está cada vez mais escasso e o número de atividades docentes para serem realizadas não param de chegar. [...] Nesse ano, o trabalho aumentou consideravelmente nos últimos meses. Sou professor em turmas de cursos presenciais e trabalho na EaD. Já tive **alguns problemas de saúde** em consequência do **estresse**. Nesse momento, estou muito **mais tenso e ansioso** em decorrência da **COVID-19** desde o começo da pandemia em nosso país. (Mateus, entrevistado 03, IES α , 2020).*

*Fico muito ansiosa com o **excesso de atividades a serem desempenhadas na docência**. Para se manter como professora, assumimos outras funções. E devido a esse fato, também **adoecemos**. Não consigo me organizar para realizar uma atividade física e por causa disso e de outros fatores, fico **deprimida** em algumas ocasiões. Já fui diagnosticada com a **Síndrome de Burnout** há alguns anos atrás. Agora, a nossa luta é que possamos ter saúde física e mental para enfrentarmos esse período de pandemia no Brasil e no mundo. (Conceição, entrevistada 09, IES α , 2020).*

*Como já relatei anteriormente, tenho **prazer** em ser docente e em trabalhar na educação. Isso não quer dizer que não temos problemas. As **exigências estão cada vez maiores**, para que possamos ter produções, participar de eventos e dar conta das outras atividades, que não são poucas. O **excesso de trabalho também pode ser uma fuga**. Sou muito ativa e não consigo ficar sem trabalhar. (Margarida, entrevistada 15, IES α , 2020).*

*Como **trabalhar nos faz bem!** Devido a várias circunstâncias, estou trabalhando mais horas durante a semana. Tenho que ajudar a manter a casa, os gastos são grandes. [...] preciso trabalhar em mais de uma instituição. Por algumas vezes, tive **problemas de saúde**, fui diagnosticada com **depressão** e tenho realizado alguns tratamentos alternativos. (Prata, entrevistada 71, IES β , 2019-2020).*

*Procuro relaxar sempre que possível. A **quantidade de trabalho está sendo grande**. Estou fazendo um **tratamento médico**, com acompanhamento de uma psicóloga, pois estava muito **ansiosa**, com **compulsão alimentar** e aos poucos, fiquei **deprimida**, devido ao **excesso de peso**. (Azul, entrevistada 72, IES β, 2019-2020).*

*Gosto muito de trabalhar e principalmente como professora. Para me manter e ajudar os familiares, tenho um outro emprego, que não é na docência. A situação está difícil. **Não sei se é pelo excesso de trabalho**, mas a minha **imunidade sempre está baixa**, sempre **estou adoecendo** e isso me incomoda. (Verde, entrevistada 83, IES β, 2019-2020).*

*O exercício da docência é fantástico. O ato de ensinar me fascina. Durante esse tempo, sempre tive **grandes conquistas na profissão**. Nesses últimos anos comecei a apresentar **alguns problemas de saúde** e os médicos dizem que é devido à falta de alguns cuidados e pela minha carga horária de trabalho que é de 40 horas! **Não trabalhamos somente isso**, realizamos outras atividades em outros horários e precisamos sempre estar estudando, escrevendo artigos, fazendo cursos. (Carlos, entrevistado 121, IES γ, 2019-2020).*

*Tenho experiência na docência, atuando como professora na educação básica e na educação superior. Sou **muito “envolvida” com as tecnologias**. A cultura virtual está por todo lado. Há atualmente muitas pessoas conectadas e a tendência é que aumente nos próximos anos, o número de indivíduos nessa condição. Tive recentemente **alguns problemas de saúde**, pelo uso excessivo das mídias digitais associados com muitas atividades de trabalho, causando-me **esgotamento físico e mental e dores nas costas**. (Paula, entrevistada 125, IES γ, 2019-2020).*

*As **pressões que temos na educação superior são constantes**. Nós precisamos ser **produtivos** e atender a **todas as demandas**. Por algumas vezes, as pessoas devem pensar que somente trabalhamos na docência. Esquecem que temos uma vida e que o trabalho é somente uma parte desse todo. Com certeza, o trabalho trata-se de uma parte importante de nossas vidas, por vários motivos. O trabalho nos mantém vivos. No meu caso, o **trabalho ajuda a completar a renda da família**, auxiliando a mim e mais três pessoas. Fico angustiada com essa situação, tenho **medo de adoecer**. Se adoecer e **precisar me afastar**, tenho a **impressão de que não terei mais o meu emprego quando retornar ao trabalho**. (Carmo, entrevistada 128, IES γ, 2019-2020).*

*A **competitividade** está grande no mercado, inclusive nos espaços escolares, nas universidades, nos centros universitários, entre as próprias pessoas. **As IES estão exigindo um excelente desempenho dos professores**. Esse excelente desempenho depende de tantas coisas, não somente do trabalho docente. [...]precisamos cumprir todas as exigências, ser **“produtivos”**. Esses fatos têm me deixado com **medo**, sinto-me **frustrada** por algumas vezes, fico **ansiosa e deprimida**. Nesse ano, fui diagnosticada com a doença - **Transtorno afetivo bipolar**. (Cristina, entrevistada 129, IES γ, 2019-2020).*

González Rey (2002) salienta sobre esse momento de interpretação das informações. O caráter **construtivo-interpretativo** está presente em todo o processo de pesquisa, visto que o empírico e o teórico são intrínsecos, indissociáveis. Assim, as categorias:

[...]adquirem significação graças à interpretação do pesquisador. [...] O indicador só se constrói sobre a base de informação implícita e indireta, pois não determina nenhuma conclusão do pesquisador em relação ao estudado; representa só um momento hipotético no processo de produção da informação. (GONZÁLEZ REY, 2002, p.112).

As análises das categorias propiciam um aprofundamento das discussões acerca das situações profissionais vivenciadas pelos docentes. Por meio das narrativas encontramos em suas “falas” significados sociais e subjetivos para cada um dos professores. Dessa forma, esse processo de análise possibilitou novas construções, novos conhecimentos. Essas discussões foram articuladas às produções bibliográficas, considerando-se o trabalho docente e a subjetividade de professores da educação superior no século XXI (Quadro 5).

A saúde do professor vem sendo associada à satisfação no trabalho. Professores mais satisfeitos com seu trabalho, seja em cursos presenciais e/ou na modalidade a distância apresentam ter mais saúde e índice menor de aparecimento de exaustão emocional, que muitas vezes traz implicações para a saúde mental e física dos trabalhadores. Como a satisfação global no trabalho representa uma parte relevante da vida do professor, a satisfação e o prazer têm influência sobre a satisfação com a vida profissional. Assim sendo, as experiências profissionais podem afetar a subjetividade do docente e a sua satisfação geral com a vida.

Com suporte nos relatos dos professores das três IES coparticipantes, pode-se considerar que o trabalho docente na educação superior tem sido planejado, reestruturado e organizado de tal modo, que se espera mais deles quanto ao desempenho, participação, inovação, compromisso e saúde psicossocial. Tais transformações na educação caracterizam situações de intensificação, flexibilização e precarização do trabalho docente. O professor é influenciado pelo grupo, ao mesmo tempo em que o influencia com sua subjetividade. Por isso, essas situações precisam ser identificadas, analisadas e avaliadas por quem, no dia a dia, exerce seu trabalho. Configurado como unidade, o trabalho docente é conhecido em sua totalidade ou universalidade. Ele não se minimiza à soma das partes, os seus elementos estão articulados às suas relações basilares, responsáveis pela sua essência, sua construção e seu desenvolvimento.

Quadro 5 - Termo descritor: subjetividade de professores

Para se chegar aos dados, utilizamos os termos descritores: **subjetividade; subjetividade e trabalho docente**. Nessa etapa da pesquisa foram recuperadas 411 produções e no fim, selecionamos oito delas. Para compreender a realidade histórica e as suas contradições, utilizamos como critério, as produções que no nosso ponto de vista, associaram o trabalho docente e a formação da subjetividade com os fenômenos sociais.

| Ano | Fonte | Breve comentário |
|------|---|--|
| 2019 | 1 ZUIN, A. A. S.; GOMES, L. R. A formação da subjetividade na Idade Mídia. Revista Eletrônica de Educação , v. 13, n. 2, p. 377-387, mai./ago. 2019. | O artigo retrata a atual sociedade do espetáculo, as telas estão presentes em todas as esferas dos espaços público e privado, de tal maneira que se torna possível caracterizar a sociedade hodierna como a da Idade Mídia. Esta onipresença das telas em todas as relações sociais determina transformações inéditas tanto na dimensão objetiva, quanto na subjetiva. (ZUIN; GOMES, 2019, p.377). |
| 2019 | 2 KAWANISHI, P. N. de P.; LOURENÇÃO, G. V. N. Humanos que queremos ser. Humanismo, ciborguismo e pós-humanismo como tecnologias de si. Trab. linguist. apl. , Campinas, v. 58, n. 2, p. 658-678. ago. 2019. | Este artigo em forma ensaística possui o objetivo de pensar sobre um dos processos de subjetivação de um sujeito pós-humano, partindo de um exemplo retirado do <i>biohacking</i> ocorrido em um evento na cidade de São Paulo. Para tal, pincelamos algumas referências sobre o ciborguismo enquanto um movimento que constrói a metáfora para uma subjetividade híbrida e, na sequência, passamos pelo conceito de pós-humanismo e duas de suas expressões mais proeminentes: o trans-humanismo e o pós-humano crítico.(KAWANISHI; LOURENÇÃO, 2019, p.658). |
| 2019 | 3 FERRAZ, D. Sequestro da subjetividade: revisitar o conceito e apreender o real. REAd. Rev. eletrôn. adm. Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 238-268, abr. 2019. | O conceito sequestro da subjetividade , desenvolvido por Faria e Meneghetti (2007), tem sido acionado para explicar fenômenos intraorganizacionais, sobretudo quando os objetos de estudo são as relações de trabalho. (FERRAZ, 2019, p.238). |
| 2020 | 4 PAULON, C. P.; TFOUNI, L. V.; BARTIJOTTO, J. Sujeito e subjetividade: aspectos silenciosos e silenciados na constituição dos sentidos. Estudos e Pesquisas em Psicologia , Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 230-243, abr. 2020. | Este trabalho propõe investigar as noções de subjetividade e sujeito para compreender aspectos constituintes do sentido. Pela Análise do Discurso (AD), investiga-se a subjetividade através da relação entre inter e intradiscurso, posição-sujeito e entrelaçamentos das formações discursivas. Pela Psicanálise, retomamos a constituição do sujeito descrita por Lacan que se conjectura na máxima: "O significante é o que representa o sujeito para outro significante". (PAULON; TFOUNI; BARTIJOTTO, 2020, p.230). |

| | | |
|------|---|---|
| 2018 | 5 GUARESCHI, P. Psicologia e pós-verdade: a emergência da subjetividade digital. Psi Unisc , v.2, n.2, dez. 2018. | A partir de uma análise crítica do que se entende por pós-verdade, o trabalho discute dois pontos interligados. No primeiro investiga o importante papel que a Psicologia está desempenhando dentro de uma nova ambiência socioantropológica, com repercussões políticas e, principalmente, econômicas. O segundo ponto detém-se no aprofundamento do conceito de subjetividade. (GUARESCHI, 2018, p.19). |
| 2011 | 6 AITA, E. B.; FACCI, M. G. D. Subjetividade: uma análise pautada na psicologia histórico-cultural. Psicologia em Revista , Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 32-47, mar. 2011. | O artigo é resultado do desenvolvimento de investigação que ocorreu por meio de pesquisa bibliográfica sobre a concepção de subjetividade na perspectiva da Psicologia histórico-cultural e pela análise de 51 artigos selecionados na biblioteca eletrônica <i>Scielo</i> pelas palavras-chave "subjetividade" e "educação". (AITA; FACCI, 2011, p.32). |
| 2016 | 7 SOARES, F. M. A produção de subjetividades no contexto do capitalismo contemporâneo: Guattari e Negri. Fractal, Rev. Psicol. Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 118-126, abr. 2016. | O artigo visa traçar um panorama sobre a relação entre a produção de subjetividades e a política no cenário atual, tendo por referência a leitura das obras de Félix Guattari, Antônio Negri e Michael Hardt sobre o tema. A partir da constatação do estatuto ontológico e coletivo inerente aos processos de subjetivação, busca-se pensar suas implicações no contexto do capitalismo contemporâneo. (SOARES, 2016, p.118). |
| 2016 | 8 MODESTO, E. Docentes em serviço: sujeitos e subjetividades na formação de professores. 2016. 140f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2016. | Nessa dissertação abordam-se três linhas de análise: a subjetividade; a formação do professor do ensino e a teoria da atividade. Em estudo bibliográfico foi possível levantar algumas indagações relacionadas ao trabalho docente, à formação de professores e à constituição de subjetividades. Junto a outros autores que dialogam com a perspectiva histórico-cultural, e seguindo o princípio dialético, esta investigação constitui-se em identificar as relações que o professor do ensino superior estabelece entre as dimensões profissionais da docência e suas dimensões pessoais. (MODESTO, 2016, p.8). |

Fonte: Pesquisa bibliográfica (2017-2020).

Ao problematizarmos o trabalho docente na educação superior e frente às trajetórias profissionais que afloram de uma prática dentro do campo de conhecimento da psicologia, da sociologia do trabalho - como é o caso da subjetividade de professores nos cursos de graduação -, abrenhamos em um universo polissêmico, circundado de quebra-cabeças e de dilemas psicossociais. Nesse complexo cenário, o professor protagoniza conhecimentos, aprendizagens, medos, ambições, prazeres, incertezas, inquietações, inseguranças, euforia, ansiosos, frustrações, alegrias, tristezas, entre outros sentimentos.

Todo docente possui uma história de vida, uma subjetividade e apresenta certas singularidades. Na história de cada um deles há uma espécie de “ponteiro” ou um indicador

que, inconscientemente, opera condicionando hábitos e define atitudes, particularizando concepções ou convicções e formas de agir individual e socialmente no mundo do trabalho.

O trabalho docente está ligado tanto à subjetividade quanto ao reconhecimento social. De forma geral, a constituição singular de cada professor é literalmente correlacionada com o processo coletivo da subjetividade. O docente como sujeito sócio-histórico vivencia muitas situações nas IES, o que, em uma dimensão individual, pode acarretar problemas com a sua saúde. É o que estaremos destacando a seguir na pesquisa bibliográfica sobre o processo saúde-doença. O **processo saúde-doença** é determinado socialmente e, portanto, é preciso observar o que está oculto, por trás desse processo e o ambiente. Em razão disso, o **método materialista histórico e dialético** foi utilizado nessa pesquisa para compreender e explicar os fenômenos sociais e as transformações ocorridas no trabalho docente e na sociedade no século XXI. O homem e suas relações com o mundo estão constantemente em mutações na humanidade. Por isso, é importante observar o “todo”, a sua evolução ao analisar um fenômeno ou um processo, como o que propomos para as nossas discussões nessa subseção.

Para chegarmos às informações da pesquisa bibliográfica, foram recuperadas 98 produções. Para os termos descritores **saúde-doença**; **trabalho docente** e **saúde dos professores** selecionamos cinco produções (Quadro 6).

Quadro 6 - Termo descritor: processo saúde-doença

| Ano | Fonte | Breve comentário |
|------|---|--|
| 2014 | 1 ELIAS, M.A. Equilibristas na corda bamba: o trabalho e a saúde de docentes do ensino superior privado em Uberlândia/MG. Orientadora: Vera Lúcia Navarro. 2014. 181 p. Tese (Programa de Pós-graduação em Psicologia) - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2014. | Na tese foi investigada a relação entre as condições de trabalho e os problemas de saúde relatados, em especial os relacionados à saúde mental. Foram objetivos específicos: identificar os modos de enfrentamento, objetivos e subjetivos, utilizados por aqueles trabalhadores para lidar com o cotidiano no trabalho e descrever como a precarização da educação interfere no trabalho docente universitário. (ELIAS, 2014, p.7). |
| 2018 | 2 TIMM, J. W. O ciclo de vida profissional na docência no <i>stricto sensu</i> em educação: o sentido, o significado e a percepção do bem/mal-estar a partir de narrativas (auto)biográficas. 2018. Orientador: Dr. Claus Dieter Stobäus. 208 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. | Esse estudo teve o objetivo de compreender as narrativas singulares de docentes que lecionam na Pós-Graduação <i>stricto sensu</i> no decorrer do ciclo de vida profissional, considerando aspectos pessoais e ocupacionais. Foram objetivos também entender a percepção individual sobre o processo de trabalho no decorrer do ciclo de vida profissional; refletir sobre os impactos dos fatores de caráter pessoal no trabalho e vice-versa, considerando, que vida pessoal e profissional são indissociáveis; analisar os fatores relacionados ao bem e ao mal-estar na carreira docente. (TIMM, 2018, p.8). |

| | | |
|------|--|---|
| 2017 | 3 LANÇA, S. S. B. Trabalho docente na educação superior : o uso de tecnologias digitais e as manifestações de sofrimento. Universidade Federal de Minas Gerais - Faculdade de Educação. Belo Horizonte, 2017. | O objetivo do estudo foi investigar o discurso de docentes acerca das manifestações de sofrimento e sua relação com o uso de tecnologias digitais no processo de trabalho docente no âmbito de uma universidade pública federal. (LANÇA, 2017, p.7). |
| 2009 | 4 FERREIRA, E. M. <i>et al.</i> Prazer e sofrimento no processo de trabalho do enfermeiro docente. Revista da Escola de Enfermagem da USP , Ribeirão Preto, v. 43, n. esp., p. 1292- 1296, 2009. | O estudo identifica “os aspectos geradores de prazer e de sofrimento no processo de trabalho docente”. Destaca componentes geradores de prazer e de sofrimento, pois o trabalho não deve ser visto apenas para produzir, mas também para o viver junto (relação interpessoal), conviver. (FERREIRA, 2009, p.1292). |
| 2007 | 5 MANCEBO, D. Trabalho docente: subjetividade, sobre implicação e prazer. Psicologia : reflexão e crítica, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 74-80, 2007. | Apresenta um breve percurso histórico onde analisa o trabalho docente de professores de instituições de ensino superior em uma nova dinâmica de trabalho, seja proporcionado sofrimento, como também, favorecendo “crescimento, prazer, solidariedade”. A dinâmica do trabalho flexível busca por uma aceleração de produção docente, novos arranjos de espaço e tempo, além de uma intensificação e extensificação deste trabalhador. (MANCEBO, 2007, p.74). |

Fonte: Pesquisa bibliográfica (2017-2020).

Na pesquisa empírica, verificamos que tem sido cada vez mais comum o uso de medicamentos controlados pelos docentes, os encaminhamentos para tratamentos psicoterápicos, sem falar no aumento de todo tipo de doença, especialmente do sistema nervoso ou neural que prejudica a estabilidade destes profissionais e deixam marcas, que podem significar longos tratamentos de saúde e lesões que podem restar pela vida inteira.

No caso específico de visitar o médico, parece haver uma resistência natural ao que o doutor possa dizer quanto à saúde, já que os homens entendem que certas recomendações podem acabar por “atrapalhar” a relação com o trabalho, como é o caso do afastamento por incapacidade de trabalho, ou uma simples licença médica. Muitos professores vivem quase que totalmente reclusos à vida da universidade, resistindo a qualquer tipo de afastamento, que seria para eles, interpretado pelos pares como o mesmo que assumir-se “incapaz” para o trabalho. “Para o homem a doença corresponde sempre à ideologia da vergonha de parar de trabalhar”. (DEJOURS, 1992, p.33).

Homem ou mulher, todo estado anormal do corpo traz infalivelmente de volta a questão do trabalho ou do emprego. Vê-se que o trabalho atravessa profundamente a vivência da doença:

doença-avesso-do-trabalho, a tal ponto que a falta de trabalho se torna, em si, um sinônimo de doença: quando alguém diz para um cara que ele está muito velho para trabalhar ou que ele não é mais capaz de continuar, é como se ele estivesse doente “. (DEJOURS, 1992, p.33).

Na educação superior, satisfação e prazer no trabalho docente podem estar associadas tanto aos aspectos que estão ligados às escolhas individuais dos professores como às questões culturais e ideológicas presentes no contexto do trabalho nas IES. Para Dejours (1992), o sofrimento do trabalhador pode ser atribuído ao conflito entre uma história particular que abarca planejamentos, expectativas, aspirações e desejos e uma organização do trabalho que o desconsidera ou desvaloriza; e daí podem resultar manifestações negativas na subjetividade do docente nos cursos de graduação. As mutações ocorridas na sociedade em decorrência dos avanços e inovações tecnológicas exigem conhecimento dos docentes para que reexaminem e ressignifiquem seu papel na prática docente.

Ao realizarmos as entrevistas narrativas com os 37 participantes, identificamos algumas palavras que configuram fatores negativos sobre o “trabalho docente” ou do “processo saúde-doença”: intensificação da carga horária de trabalho; doenças musculares e cardíacas; estresse; hipertensão; hipoglicemia; depressão; gastrite; insônia; labirintite; diabetes; câncer; AVC; invasão do espaço doméstico pelas contingências do trabalho; competitividade; falta de lazer e descanso; frustração; angústia e instabilidade emocional; individualismo e isolamento; solidão e COVID-19.

Mill (2006) em sua tese de doutorado - **Educação a distância e trabalho docente virtual**: sobre tecnologia, espaços, tempos, coletividade e relações sociais de sexo na Idade Mídia, traz-nos um levantamento sobre os mal-estares do teletrabalhador docente (Quadro 7).

Quadro 7 – Mal-estares do teletrabalhador docente

| | |
|---|-------------------------------|
| Acomodação | Estresse |
| Angústia | Gastrite |
| Ansiedade | Gripe |
| Cansaço | Hérnia hiatal (tempo sentado) |
| Cefaleias | Inquietações emocionais |
| Depressão | Insegurança |
| Desânimo | Insônia |
| Desempolgação | Irresponsabilidade |
| Desestímulo | Má postura física em geral |
| Desmotivação | Pensamento acelerado |
| Dores e lesões na coluna | Males ortopédicos em geral |
| Dores e lesões lombares (lombalgia) | Nervosismo |
| Dores e lesões nas mãos | Preguiça |
| Dores e lesões no corpo (distúrbios físicos em geral) | Sedentarismo |

| | |
|--|--------------------|
| Dores e lesões no pescoço | Síndrome de pânico |
| Dores e lesões nos braços | Solidão |
| Dores e lesões nas articulações | Tecnofobia |
| DORT – LER | Tendinites |
| EaDfobia (“Síndrome do desconectado”) | Estafa |
| Males oftalmológicos (cansaço visual, irritação ocular, diminuição da visão, aceleração visual, estresse visual) | |

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Mill (2006, p. 81-83).

Ele complementa essas informações relatando que as experiências na tutoria virtual, podem ser avaliadas como um elemento que contribui para o desenvolvimento profissional, representa que a docência passa por um processo de precarização, no sentido de que os profissionais estão buscando alternativas para se assegurarem como atuantes no processo educacional. Ao mesmo tempo, pelo excesso de trabalho, entre outros fatores, os docentes podem apresentar vários tipos de mal-estares, conforme as indicações no Quadro 7.

A maioria dos sintomas e/ou doenças concentra-se na **sobrecarga de trabalho** ou em outros desdobramentos originados pela intensificação e proletarização do trabalho, tais como: excesso de atividades pedagógicas; projetos, cursos de extensão e de pós-graduação para planejar, criar, coordenar e participar; orientações, bancas, comitês, comissões internas das IES e a relação na quantidade de carga horária ou de tempo “pago” para realizar essas atividades; elevado número de discentes nas salas de aulas presenciais e/ou virtuais ou várias turmas de tutoria para atender e fazer a mediação/intervenção pedagógica; baixo valor de hora-aula para executar algumas tarefas; precarização do teletrabalho e relações contraditórias de produção. Outros “males” estão relacionados às questões ergonômicas ou de irresponsabilidade/descuido pessoal com a própria saúde.

Os sujeitos apresentam uma subjetividade, que consiste na sua vida psíquica. A subjetividade é uma produção humana construída e reconfigurada ao longo de nossa existência, principalmente nas interações com os nossos pares, com o outro, assim como na conjuntura de nosso trabalho. Desse modo, a subjetividade, mesmo sendo resultado de nossas experiências e interações, não é uma decorrência unidimensional.

Frente ao universo dessa pesquisa aqui apresentada, que abarca três IES coparticipantes mineiras privadas, observa-se que a subjetividade independe da organização do trabalho docente nos cursos de graduação. Assim, ao dar vez e voz aos docentes nas entrevistas narrativas, percebeu-se que, embora mostrem particularidades e características distintas, seu perfil é muito semelhante em alguns aspectos. Por certo, os estudos sinalizaram peculiaridades de suas expectativas e possibilidades; dessa forma, criaram-se condições para construir uma compreensão com mais fundamento, mais exatidão e mais parâmetros de “ser professor”, da

profissão de professor na educação superior. Mais que isso, possibilitou-se constatar que cabe a ele, munido de sua subjetividade, enfrentar os dilemas pessoais e profissionais vividos no cotidiano do seu trabalho nas IES.

Chegamos, assim, ao fim de uma etapa importante desta pesquisa que, ao mesmo tempo, sinaliza-nos possibilidades e desafios de iniciar novas investigações. Seria ousado afirmar que temos conclusões sobre o assunto investigado. Nossa maior certeza, neste momento, é que muito pode ser pesquisado para que mais contribuições sejam trazidas ao tema. Trata-se de um desafio no qual me incluo como pesquisador iniciante, porém comprometido, que teve despertada a paixão pela pesquisa e pela escuta do que o outro tem a dizer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma pesquisa tem a finalidade de contribuir para a evolução do conhecimento humano, por este motivo, antes de ser executada, é fruto de um processo planejado. A relevância outorgada à revisão crítica de pesquisas na educação e nos processos de geração de novos conhecimentos não é apenas mais uma exigência formal e burocrática da academia científica. É uma exigência essencial à construção do objeto de pesquisa, se aspiramos produzir conhecimento capaz de colaborar para o desenvolvimento teórico-metodológico na área e para a mudança de práticas pedagógicas que já se revelaram ineficazes ao trato dos problemas com que se defronta a educação brasileira.

A produção de conhecimentos por meio de uma pesquisa não é algo restrito ou limitado, em que se coloca um fim à dialética ou um ponto final entre concepções teóricas e fenômenos empíricos. O ser humano é contraditório e reflete a realidade do corpo social. A realidade também é contraditória e uma investigação científica destaca-se pela busca da verdade na natureza e na sociedade. Não só pelas respostas ao que não se sabe, mas também pelo que há de interrogações ao que não se compreende o suficiente, para superar o existente, reinventar o tempo de trabalho e de estudos, e redescobrir novos horizontes.

O **método dialético** é uma das oportunidades plausíveis na área das ciências humanas para compreender a trajetória de edificação do saber ou conhecimento científico. Representa os caminhos percorridos pelas pessoas na busca para entender e perceber-se na composição do conhecimento de um fenômeno ou problema investigado que se constrói, desconstrói e reconstrói, nas ininterruptas interações entre o sujeito e o objeto. A prática da dialética possibilita entender que o ser humano enquanto ser histórico na produção de uma vida material estabelece inter-relações de negação com o universo e consigo mesmo, gerando contradições ou antagonismos. Ao mesmo tempo, pode-se dizer que surgem determinados enfrentamentos a partir dessas interações que se tornam a essência do desenho de uma vida em sociedade.

As transformações que intercorrem na sociedade, a explicação e a compreensão dos fenômenos que acontecem na vida social dizem respeito ao aspecto do próprio objeto de estudo – “implicações da cultura virtual no trabalho docente” que, por natureza, revela “não” pertencer a um domínio inerte, estático, sem movimento e “sim” a um campo dos movimentos, das mobilidades, a algo que é dinâmico e laborioso. Por essa razão, decidimos por trabalhar com o método “materialista histórico e dialético”, uma vez que ele interpreta a realidade a partir de suas contradições, dinâmica e totalidade.

Em termos gerais, a realidade se constrói diante de uma investigação por meio das concepções de **totalidade, transformação e contradições**. A “totalidade” busca conhecer o que está por trás das situações de conflitos estabelecidas nas contradições. Diz respeito à compreensão de que a realidade é plenamente correlata e inter-relacionada com os acontecimentos e fenômenos que a representam ou que a constituem.

Enquanto na “transformação” compreende-se que a natureza e o corpo social estão permanentemente em metamorfoses, seja quantitativa ou qualitativamente; nas “contradições”, os fenômenos envolvem a produção de explicações sobre os fenômenos sociais e seus desdobramentos; suas inter-relações dialéticas, que constituem o cenário vivo do nosso mundo; assim como dos conflitos provenientes das novas manifestações que brotaram na sociedade.

Aqui procuramos mostrar como a matriz epistemológica do “materialismo histórico e dialético” conduziu nossa pesquisa. Esse método permitiu construir uma leitura e análise dos materiais empíricos a partir do dado real e concreto com os quais nos deparamos no desenrolar da investigação. Por essa razão e em relação a outras análises e observações presenciadas na pesquisa empírica, consideramos que o trabalho docente corresponde a uma expressiva dimensão da vida humana que o move sob diferentes aspectos cognitivos e socioemocionais.

Além disso, a compreensão que se objetiva do trabalho docente e de suas relações com a cultura virtual e a subjetividade de professores da educação superior é por demais desafiadora, complexa e multidimensional. A compreensão histórica e as consequências da cultura virtual no universo da educação superior requerem mais análises nos cursos de graduação. Por isso, é importante realizar outros estudos para o entendimento teórico dessas questões, especialmente para alcançar a percepção da metamorfose social a que estão sujeitos os diversos atores desses cenários educacionais na era digital. Nosso interesse não foi tratar esmiuçadamente das características e reconfigurações das subjetividades dos professores, mas compreender as “implicações da cultura virtual no trabalho docente” e analisar as principais transmutações que, a nosso ver, são fundamentais para o mundo do trabalho no capitalismo contemporâneo.

Um outro aspecto a ser levado em conta é que o processo de mundialização do capital e de revolução tecnológica - relação homem-máquina -, tem provocado modificações profundas na sociedade e, especificamente, no corpo docente, em razão das inovações tecnológicas que vêm ocorrendo no século XXI. De modo especial, no mundo do trabalho, houve mudanças que levaram o ser humano à obrigação de se adaptar a um novo panorama de “ser professor” na era digital, priorizando os fatores que integram o cenário social e profissional na educação superior. A “**globalização**” é um dos termos mais comumente empregados para esboçar e representar a

atual conjuntura do sistema econômico e sua solidificação no mercado capitalista do mundo contemporâneo.

Nas últimas quatro décadas têm ocorrido investigações que tentam descrever e explicar as transmutações que estão acontecendo na realidade do trabalho docente. Um outro fato é que a influência da cultura virtual já é algo tão vigorante que a sociedade não pode mais trabalhar e se “construir” sem ela. Verdade seja dita, embora as tecnologias digitais não sejam acessíveis a todos, teoricamente, elas já alcançaram a maioria dos múltiplos espaços geográficos do mundo e não há alusão de cessar sua propagação na sociedade do século XXI.

Refletir sobre a cultura virtual denota destacar a divisão de trabalho entre os distintos ambientes de comunicação acessíveis em determinado lugar, em certo tempo, sem esquecer que as velhas e as novas mídias podem coexistir verdadeiramente, viabilizando diferentes práticas sociais e meios de comunicação e de informação. Em outras palavras, a potencialidade das tecnologias digitais não muda com a sua utilização.

Partindo do princípio de que a cultura virtual faz parte de nosso cotidiano, principalmente os dispositivos móveis e a *internet*, o aspecto determinante tanto da organização curricular quanto das experiências pedagógicas do ensinar e do aprender não é mais a materialidade e a formalidade do espaço da sala de aula, tampouco o tempo linear definido para cada disciplina. A cultura virtual expandiu as possibilidades de contatos entre as pessoas ao redor do cosmos, transformando fortemente o corpo social em todas as suas dimensões, inclusive na educação superior. No cenário educacional, o exercício da docência configura-se como profissão por haver uma corporação de conhecimentos peculiares para seu trabalho. Na sua trajetória profissional, o professor reinterpreta e desenvolve saberes de uma formação inicial e arquiteta novos por meio das práticas e interações com os discentes. Assim, hoje em dia, o docente proporciona mudanças no modo de ser, de relacionar-se e de aprender. Como resultado, surgem novos comportamentos, novas expectativas e perspectivas e novas maneiras de viver.

A cultura virtual não determina a sociedade e está longe de uma universalização de fato, apesar de favorecer novas formas de acesso à informação, novos estilos de aprendizagem. Ela traz uma nova forma de sociabilidade, não determina, mas implica novas e irrevogáveis mudanças sociais e culturais. **E a educação não pode se eximir disto.** Nós, profissionais da educação, não podemos deixar de assumir o desafio de tais discussões entre o digital e a virtualização em nossas práticas docentes, problematizá-las, questioná-las, entendê-las,

apropriar-nos delas para melhorar e qualificar nosso trabalho e para continuarmos ativos no mercado de trabalho.

Na era digital surgiu uma nova sociedade em que as pessoas estão cada vez mais conectadas com a rede mundial, nas quais as produções e trabalhos estão aliados a um cálculo de custo, incorporado ao lucro, a um investimento, com o objetivo de intensificar a potência de cada indivíduo em seus domínios. É possível verificar que está ocorrendo uma reestruturação no mundo do trabalho, em que a cultura do capitalismo “acomete” o caráter pessoal e os caminhos da educação de maneira a intensificar e proletarizar o trabalho docente, fragmentar e fragilizar a atuação profissional, reduzindo-a a uma perspectiva de encantamento e/ou sacerdócio, acriticidade e produtivismo.

O capitalismo contemporâneo incentiva um novo padrão de ser humano, em que a flexibilidade aparece como um discurso comum em defesa da liberdade de uso do tempo e do espaço, mas que acoberta muitas exigências, capacidades, habilidades, intensificação e proletarização do trabalho. No corpo social reestruturam-se os processos produtivos e as relações sociais e de poder. Delas dependerão as formas de lidar e superar ou não a alienação relacionada ao capitalismo, embora a práxis coletiva nas sociedades de classes tenha se transformado em acontecimento marginal, ainda que alguns indivíduos continuem buscando desenvolver, de forma ativa e crítica suas potencialidades intelectivas e manuais.

No mote desse novo horizonte, feitas essas ponderações e considerando o crescimento vertiginoso da EaD, uma temática é recursiva: “a democratização do ensino superior”. Além dos elementos aqui demonstrados, há outros que também condicionam a oferta dessa modalidade de ensino. A autonomia do aluno, a flexibilização dos horários de estudos e a maneira pela qual são organizadas as equipes multiprofissionais, são indicadores que sublinham as particularidades da educação a distância, bem como as funcionalidades a ela relacionadas. As condições objetivas de trabalho docente são compreendidas como limitadoras. Algumas situações são traduzidas como decepcionantes, angustiantes e desanimadoras, causando o adoecimento dos professores. Com uma remuneração habitualmente insatisfatória e uma jornada de trabalho geralmente extensa, os docentes estão, muitas vezes, realizando um trabalho alienante, que tende afetar tanto a qualidade do ensino como a vida dos nele envolvidos.

O crescimento vertiginoso da EaD tem suscitado inúmeras perspectivas para a democratização e a universalização do ensino e, embora a apreciável demanda potencial, sobretudo no último decênio, os desafios são buscar inovações e intervenções pedagógicas que possam acolher os estudantes em tempos híbridos, em vários ambientes com a utilização de

ferramentas síncronas e assíncronas, para tornar essa explosão de ofertas de cursos e territorialidade compatibilizada com a qualidade de ensino.

A educação a distância não pode ser reduzida a um ensino simplesmente por computadores e redes virtuais. Ela precisa estar conexa a algo mais abrangente, dinâmico, interativo, que agrupa uma multiplicidade de atividades e informações, incluindo orientações, situações-problemas, diferentes formas de “instigar” os alunos para o processo de ensino e aprendizagem nos espaços virtuais educativos, além de promover a autonomia e os estudos independentes. Deste modo, a EaD poderá propiciar a construção social de significações, com vistas a uma produção individual e/ou coletiva de conhecimentos, propiciar a autoinstrução dos acadêmicos, podendo ocorrer até mesmo a redefinição da figura dos formadores nessa modalidade de ensino.

De modo universal, nos sistemas de produção, as produções intelectivas decorrentes das discussões em torno da organização espaço-temporal dos currículos, assim como suas implicações no planejamento dos procedimentos escolares, sejam nos cursos da modalidade presencial ou a distância, ancoram pontos em comum, os quais utilizaremos como referências para algumas reflexões. A educação a distância é, no atual momento do mundo, um campo saturado de contradições, trazendo novas e inúmeras instigações. Determinados formadores a sublimam, outros censuram-na, avaliando-a como sinônimo de baixa qualidade ou de oportunismo mercantilista. Ao mesmo tempo, essa modalidade de ensino se expande a um panorama de consentimento por uns e convencionalismos e oposições por outros. Nesse sentido, o bom emprego da cultura virtual na EaD, principalmente aquelas ligadas à *internet*, vem transtornando o cenário dentro deste campo de tal modo que, certamente, possamos falar de uma educação a distância antes e depois da *internet*.

Buscando alcançar os objetivos primário e secundários desta pesquisa em diferentes perspectivas, identificamos na pesquisa bibliográfica e empírica que a cultura virtual nos últimos tempos ganhou forças no trabalho docente e conseqüentemente, potencializou ainda mais o seu uso nas IES. Nunca se falou tanto em cultura virtual na educação superior como nas últimas décadas. Temos na atualidade que, regularmente, a educação está acontecendo em “redes” para atender às necessidades das empresas e do capital e o principal foco das instituições de ensino privadas é ter uma expansão quantitativa. De um lado da “moeda”, a competitividade no mercado de trabalho está exigindo uma elevação no nível de ensino oferecido às pessoas. De outro lado, está ocorrendo uma massificação e uma mercantilização

do ensino. Outro aspecto a ser relatado são as frustrações e decepções dos professores diante do descaso e menosprezo de determinados empresários ou dirigentes com a qualidade da educação.

De maneira geral, é reconhecível que as modificações nas relações de trabalho docente têm provocado em determinadas circunstâncias sofrimento e mal-estar. Em relação a esse fato, observou-se: intensificação e precarização do trabalho docente; excesso de atividades pedagógicas por módulos de estudos; grande número de alunos para atendimento *online*, já que existe uma elevada relação numérica de alunos por docente; ausência de remuneração para as despesas com equipamentos tecnológicos e flexibilidade do trabalho, permitindo o atendimento dos alunos em qualquer lugar e horário.

Independentemente da modalidade de ensino, o trabalho docente no século XXI está desvalorizado, sucateado e de certa forma, deixado de lado. O problema não é educar presencialmente ou a distância, mas como fazer isso em condições precárias, sem cursos de formação, sem valorização dos colaboradores, com falta de orientações e de transparência nas informações sobre o plano de carreira do professor, pequeno incentivo à pesquisa e raríssimos intercâmbios científicos e acadêmicos.

E mesmo assim, os professores têm se reinventado e se dedicado para preparar os novos “profissionais”, com o olhar atento à inserção destes no mercado de trabalho. Constatou-se que há relações que podem ser estabelecidas entre trabalho docente precarizado e sofrimento de professores dos cursos de graduação, e, como elas se manifestam no exercício da docência, quando considerados o contexto e as condições de trabalho na acumulação flexível, firmadas no âmbito das IES.

Os apontamentos dos resultados sinalizaram que o trabalho é imprescindível à constituição da subjetividade docente e que sua influência ou manifestações ultrapassam o tempo e o ambiente físico para alcançar outras dimensões pessoais e sociais. Ao averiguarmos as trajetórias de trabalho dos professores e a subjetividade de docentes nos cursos de graduação, verificamos que cada professor constrói uma trajetória ímpar, particular, individual no processo de desenvolvimento e formação do seu perfil profissional na educação superior.

A profissão “trabalho docente” é marcada por sucessos, prazer, conquistas, concretização de projetos, obstáculos, dificuldades, insegurança e sofrimentos; mas inclui o sentimento de afeto e paixão pelo que exerce, de dignidade e de pertença a uma categoria como também de reconhecimento e aceitação social da profissão no domínio em que é realizada e nas dimensões psicossociais em que é construída. A análise das categorias nos propiciou ver contradições, cooperações e consensos, o todo que envolve a educação superior e os docentes:

seu trabalho, as suas relações pessoais e interpessoais, a formação acadêmica e profissionalização, suas atividades laborais, vivências de prazer e sofrimento no trabalho docente, suas ideias e saberes.

Ao confrontar as informações coletadas no processo de investigação nas três IES mineiras com a literatura usada para construir esta pesquisa, percebemos que o **referencial teórico** foi o alicerce para fundamentar e confirmar a tese aqui revelada e defendida – “acreditamos que a investigação gerada poderá subsidiar debates e reflexões que ajudem docentes a terem clareza de seu lugar e papel na educação. A partir daí, poderemos ampliar a compreensão do que é a subjetividade e oferecer aos sujeitos a oportunidade e o desafio de reconhecerem-se não apenas em seu trabalho na fase da acumulação flexível e global, mas como indivíduos em constantes processos de construção e reconstrução.

O que encontramos nas produções dos autores contribuiu para compreendermos o mecanismo de funcionamento dos ambientes virtuais e os contextos que abrangem a educação superior no século XXI, de modo especial o trabalho docente nos cursos de graduação. A expectativa é de que conclusões deste estudo sejam objeto de discussões e reflexões que auxiliem docentes a terem clareza de sua finalidade no trabalho na educação superior, em que configurações complexas de alienação, entre as quais, as flexibilizações, os rendimentos por produtividade e lucratividade são elementos constituintes cada vez mais frequentes em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- ABDALLA, Maria de Fátima Barbosa. Representações sociais dos professores formadores: o sentido do trabalho docente e a profissionalização. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 16, n. 17, p. 35-52, jan./dez. 2011.
- AGUIAR, Jaqueline Gomes. A pesquisa etnográfica *online* em tempos de cultura da convergência. **Revista Observatório**, Palmas, v. 5, n. 6, p. 109-131, out./dez. 2019.
- AITA, Elis Bertozzi; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. Subjetividade: uma análise pautada na psicologia histórico-cultural. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 17, n. 1, p. 32-47, mar. 2011.
- ALVES, Giovanni. Trabalho e reestruturação produtiva no Brasil neoliberal: precarização do trabalho e redundância salarial. **Rev. Katálysis**, Florianópolis, v. 12, n.2, p. 188-197, jul./dez., 2009.
- ALVES, Giovanni. **Trabalho e mundialização do capital**: a nova degradação do trabalho na era da globalização. Londrina: Praxis, 1999.
- ALVES, Giovanni. Trabalho, corpo e subjetividade: toyotismo e formas de precariedade no capitalismo global. **Trabalho, Educação e Saúde**, [S. l.], v.3, n.2, p. 409-428, 2005.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. A “revisão da bibliografia” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis - o retorno. BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto (orgs.). **A bússola do escrever**: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- ANDERY, Maria Amélia Pie Abid *et al.* **Para compreender a ciência**: uma perspectiva histórica. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. 436 p.
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.
- ANTUNES, Ricardo. O desenho multifacetado do trabalho hoje e sua nova morfologia. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, v. 1, n. 69, p. 107-120, 2002.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?**: ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2015.
- ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.
- ANTUNES, Ricardo; ALVES, Giovanni. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 335-351, mai./ago. 2004.
- AQUINO, João Emiliano Fortaleza de. Feuerbach e a fundação sensível da filosofia: imediatidade e mediação na relação Eu-Tu. **Kriterion**, Belo Horizonte, v. 55, n.129, jan./jun. 2014.

ARAÚJO, Wanessa Mendes de. **A intermediação do trabalho humano por meio de tecnologias algorítmicas e a necessidade de proteção do trabalhador**: os desafios de adequação do corpus jurídico-trabalhista às novas modalidades de exploração do trabalho na era digital. 2019. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

AROCHE, Claudine. O sujeito diante da aceleração e da ilimitação contemporânea. **Educ. Pesqui**, São Paulo, v. 41, n. 4, p. 851-862, dez. 2015.

BALSEMÃO, Francisco P. “La cultura del zapeo”. In: **Apuntes de la sociedad interactiva**: autopistas inteligentes y negocios multimedia. FUNDESCO (org.). Cuenca (Espanha): UIMP, 1994.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARRETO, Alcyrus Vieira Pinto; HONORATO, Cezar Teixeira. **Manual de sobrevivência na selva acadêmica**. Rio de Janeiro: Objeto direto, 1998.

BARRETO, Raquel Goulart. **Tecnologias e trabalho docente**: entre políticas e práticas. Petrópolis, RJ: De Petrus et Alli; Rio de Janeiro, RJ: FAPERJ, 2014. 212 p.

BARROS, Aidil J. da S.; LEHFELD, Neide Aparecida. **Fundamentos de metodologia**: um guia para a iniciação científica. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 1999.

BARROS, Maria Elizabeth Barros de; LOUZADA, Ana Paula. Dor-desprazer-trabalho docente: como desfazer essa tríade. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 13-34, out./dez. 2007.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto**: imagem e som: um manual prático. Martin W. Bauer, George Gaskell (ed.); tradução Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BECHI, Diego. As reformas da educação superior e as metamorfoses do trabalho docente na economia capitalista flexível. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, SP, v. 3, n.1, p. 203-223, jan./abr. 2017.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras escolhidas, v. 1).

BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto (org.). **A bússola do escrever**: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012, 412 p.

BIANCHETTI, Lucídio. **Da chave de fenda ao laptop**: tecnologia digital e novas qualificações: desafios à educação. Florianópolis: Editora Vozes, 2001.

BOSI, Antônio de Pádua. A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior do Brasil nesses últimos 25 anos. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 101, p.1503-1523, set./dez. 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Para uma sociologia da ciência**. São Paulo: UNESP, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Plano de contingência nacional para infecção humana pelo novo coronavírus 2019-nCoV**: centro de operações de emergências em saúde pública (COE-nCoV). Brasília: Autor, 2020a. Recuperado de <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2020/fevereiro/07/plano-contingencia-coronavirus-preliminar.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2020.

BRASIL. **Medida Provisória nº 936, de 1º de abril de 2020**. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/medida-provisoria-n-936-de-1-de-abril-de-2020-250711934>. Acesso em: 16 dez. 2020.

BRASIL. MEC/INEP. **Censo da Educação Superior 2019**. Sinopse Estatística da Educação Superior 2018.

BRASIL. MEC/INEP. **Censo da Educação Superior 2020**. Sinopse Estatística da Educação Superior 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Conselho Nacional de Saúde**. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016.

BRASILEIRO, Ana Clara Matias. **A acumulação flexível e os direitos trabalhistas dos docentes**: estudo do fenômeno das companhias abertas de Educação Superior em Belo Horizonte. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Direito e Ciências do Estado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BUTLER, Judith. **O capitalismo tem seus limites**. Centro de Estudos Estratégicos da FIOCRUZ, mar. 2020. Disponível em: <https://cee.fiocruz.br/?q=node/1144>. Acesso em: 17 dez. 2020.

CAMARGO, Marcio Lima. Trabalho enquanto categoria fundante na existência humana e atual fase de reestruturação produtiva do capital. *In*: Seminário de crítica da economia política: questões contemporâneas, 1. 2012, Teófilo Otoni, **Anais [...]** Teófilo Otoni: UFVJM, 2012.

CARMO, Renata de Oliveira Souza; FRANCO, Aléxia Pádua. Da docência presencial à docência online: aprendizagens de professores universitários na educação a distância. **Belo Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 35, 2019.

CASTELLS, Manuel. A transformação do trabalho e do mercado de trabalho: trabalhadores ativos na rede, desempregados e trabalhadores com jornada flexível. *In*: CASTELLS, Manuel. **A era da informação**: economia, sociedade e cultura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007. v.1, p.265-356.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a *internet*, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTELLS, Manuel. Tempo de vírus. **Revista IHU On-Line**, [S. l.], mar. 2020.

CATTANI, Antônio David. HOLZMANN, Lorena (org.). **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**. 2. ed. [S. l.]: Zouk, 2011.

CERVO, Arnaldo Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CHESNAIS, François. Mundialização do capital, regime de acumulação predominantemente financeira e programa de ruptura com o neoliberalismo. **Redes**, Santa Cruz do Sul, v. 3, n.1, p. 185-212, jul. 1998.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1999.

CORRÊA, Maurício de Vargas; ROZADOS, Helen Beatriz Frota. A netnografia como método de pesquisa em Ciência da Informação. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 22, n. 49, p. 1-18, mai./ago. 2017.

CRODA, Julio Henrique Rosa; GARCIA, Leila Posenato. **Resposta imediata da Vigilância em Saúde à epidemia da COVID-19**, mar. 2020. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/ress/2020.v29n1/e2020002/>. Acesso em: 16 dez. 2020.

CUNHA, Maria Isabel da. A docência como ação complexa. *In*: CUNHA, Maria Isabel. **Trajetórias e lugares da formação da docência universitária**: da perspectiva individual ao espaço institucional. São Paulo: Junqueira e Marin, 2010.

DAL ROSSO, Sadi. **Mais trabalho!**: a intensidade do labor na sociedade contemporânea. São Paulo: Boitempo, 2008.

DEJOURS, Christophe. **Trabalho vivo**: trabalho e emancipação. Tradução Franck Soudand. Brasília: Paralelo 15, 2012.

DEJOURS, Christophe. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 27-34, 2004.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo da psicopatologia do trabalho. 5 ed. amp. São Paulo: Cortez, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

- DUARTE, Adriana Cancelli; VIEIRA, Livia Fraga. **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CD-ROM.
- DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educ. Rev**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.
- DUBAR, Claude. A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. **Cad. Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 146, p. 351-367, ago. 2012.
- ELIAS, Marisa Aparecida. **Equilibristas na corda bamba: o trabalho e a saúde de docentes do ensino superior privado em Uberlândia/MG**. Orientadora: Vera Lucia Navarro. 2014. 181 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2014.
- ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução B. A. Schumann; supervisão, apresentação e notas José Paulo Netto. São Paulo: Boitempo, 2010. 388 p.
- FANFANI, Emilio Tenti. Condição docente. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade; DUARTE, Adriana Cancelli; VIEIRA, Livia Fraga. **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CD-ROM.
- FERRAZ, Deise. Sequestro da subjetividade: revisitar o conceito e apreender o real. **REAd. Rev. eletrôn. adm.** Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 238-268, abr. 2019.
- FERREIRA, Elaine Maria; FERNANDES, Maria de Fátima Prado; PRADO, Cláudia; BAPTISTA, Patricia Campos Pavan; FREITAS, Genival Fernandes de; BONINI, Bárbara Barrionuevo. Prazer e sofrimento no processo de trabalho do enfermeiro docente. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, Ribeirão Preto, v. 43, n. esp., p. 1292-1296, 2009.
- FERRO, Ana Paula Rodrigues. A netnografia como metodologia de pesquisa: um recurso possível. **Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós**, ano 5, n. 19, ago. 2015.
- FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- FREIRE, Isabel P.; BAHIA, Sara; ESTRELA, Maria Teresa; AMARAL, Anabela. Trabalho docente, emoções, contextos e formação. In: *Simposium nacional sobre formação e desenvolvimento organizacional*, 2., 2011, Lisboa. **Atas [...]**. Lisboa: ISCTE-IUL, 2011. p. 23-36.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: EDIÇÃO Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XXI. Original publicado em 1930.
- FRIGOTTO, Gaudencio. Dermeval Saviani e a centralidade ontológica do trabalho na formação do “homem novo”, artífice da sociedade socialista. **Interface**, Botucatu, v. 21, n. 62, p. 509-519, 2017.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Trabalho. *In*: DUARTE, Adriana Cancelli; OLIVEIRA, Dalila Andrade; VIEIRA, Livia Fraga. (Org). **Dicionário**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CD-ROM.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

GALVÃO, Cleyton Leandro. Os sentidos do termo virtual em Pierre Lévy. **Logeion: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 3 n. 1, p. 108-120, set. 2016/fev. 2017.

GASPARIN, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi Maria; ASSUNÇÃO, Ada Ávila. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, mai./ago. 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, A. Rui; PEIXOTO, Ana; SILVA; PACHECO, Rute; SILVA, Maria. *Stress* ocupacional e alteração do Estatuto da Carreira Docente português. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 2, p.357-371, abr./jun. 2012.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luís. **Pesquisa qualitativa em psicologia**: caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

GUARESCHI, Pedrinho. Psicologia e pós-verdade: a emergência da subjetividade digital. **Psi Unisc**, v. 2, n. 2, dez. 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução Enio Paulo Giachini. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017. 128 p.

HARVEY, David. **17 contradições e o fim do capitalismo**. [S. l]: Boitempo, 2017.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Tradução Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 17. ed. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2008. 329 p.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Tradução de Adail Ubirajara Sobral, Maria Stela Gonçalves. 15. ed. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2006. 349 p.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Tradução Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 1993.

KARNAL, Leandro. O mundo pós pandemia. **CNN Brasil**, abr. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/04/18/mundo-pos-pandemia-vivera-periodo-de-grande-alegria-e-felicidade-diz-karnal>. Acesso em: 17 dez. 2020.

KAWANISHI, Paulo Noboru de Paula; LOURENÇÃO, Gil Vicente Nagai. Humanos que queremos ser. Humanismo, ciborguismo e pós-humanismo como tecnologias de si. **Trab. linguist. apl.**, Campinas, v. 58, n. 2, p. 658-678. ago. 2019.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e trabalho docente**. Campinas: Papirus, 2013.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Tradução Célia Neves, Alderico Toríbio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica *online*. Porto Alegre: Penso, 2014.

LAKATOS, Eva Maria.; MARCONI, Mariana de Andrade. **Fundamentos de Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LANÇA, Sara Shirley Belo. **Trabalho docente na educação superior**: o uso de tecnologias digitais e as manifestações de sofrimento. 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Docência) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

LAZZARATO, Maurizio; NEGRI, Antonio. **Trabalho imaterial**: formas de vida e produção de subjetividade. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LEAL, Rafaela Esteves Godinho. **Dispositivo de inovação no ensino superior**: a produção do *Docentis innovatus* e *Discipulus iacto*. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

LÉVY, Pierre. A questão é: como usaremos as novas tecnologias de forma significativa para aumentar a inteligência humana coletiva? Entrevista concedida a Sandra Álvaro. **Revista Fronteiras do Pensamento**, 2019. Disponível em: <https://www.frenteiras.com/entrevistas/pierre-levy-a-questao-e-como-usaremos-as-novas-tecnologias-de-forma-significativa-para-aumentar-a-inteligencia-humana-coletiva>. Acesso em: 18 dez. 2020.

LÉVY, Pierre. A internet ainda está na sua pré-história. Entrevista concedida a Juremir Machado da Silva. **Correio do Povo** (Caderno de Sábado), 2016. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/entrevista-com-pierre-1%C3%A9vy-1.311841>. Acesso em: 18 dez. 2020.

LÉVY, Pierre. A revolução digital só está no começo. Entrevista concedida a Juremir Machado. **Correio do Povo** (Caderno de Sábado), abril. 2015. Disponível em: <https://www.frenteiras.com/entrevistas/pierre-levy-a-revolucao-digital-so-esta-no-comeco>. Acesso em: 18 dez. 2020.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2010. 264 p.

LÉVY, Pierre. **Filosofia world**: o mercado, o ciberespaço, a consciência. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

LIMA, Maria Odila Finger Fernandes; MARTINI, Rosa Maria Filippozzi. Trabalho docente: em busca de novos sentidos. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 1, p. 165-186, jan./jun. 2011.

LINHART, Daniele. Para uma prospectiva do trabalho. *In*: LINHART, Daniele. **A desmedida do capital**. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 35-63.

LIPOVETSKY, Gilles. As soluções virão da inteligência, não da moral. Entrevista cedida ao Instituto de Empresa. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos on-line**, 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/596138-as-solucoes-virao-da-inteligencia-nao-da-moral-avalia-gilles-lipovetsky>. Acesso em: 18 dez. 2020.

LOCATELLI, Cleomar. Os professores no ensino superior brasileiro: transformações do trabalho docente na última década. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (on-line)**, Brasília, v. 98, n. 248, p. 77-93, jan./abr. 2017.

LOPARIC, Zeljko. A metafísica e o processo de objetificação. **Nat. Hum.**, São Paulo, v. 10, n. 2, dez. 2008.

LOPES, Jezreel Gabriel. **A prática docente mediada por materiais didáticos digitais interativos**. 2015. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

LUFT, Eduardo. A inspiração de Hegel em Platão: a construção de uma teoria da razão dialética. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos on-line**, 2016. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6374-eduardo-luft-4>

MANCEBO, Deise. Trabalho docente: subjetividade, sobre implicação e prazer. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 74-80, 2007.

MANCEBO, Deise. Trabalho docente na educação superior brasileira: mercantilização das relações e heteronomia acadêmica. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 23, n. 2, p. 73-91, 2010.

MARINHO, Claudio. **O uso das tecnologias digitais na educação e as implicações para o trabalho docente**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

MARQUEZE, Elaine Cristina; MORENO, Cláudia Roberta de Castro. Satisfação no trabalho e capacidade para o trabalho entre docentes universitários. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 1, p. 75-82, jan./mar. 2009.

MARTINS, Lígia Márcia; LAVOURA, Tiago Nicola. Materialismo histórico-dialético: contributos para a investigação em educação. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 71, p. 223-239, set./out. 2018.

MARX, Karl. **Para a crítica da economia política**. Salário, preço e lucro. O rendimento e suas fontes. São Paulo: Abril cultural, 1982. (Coleção Os Pensadores).

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Abril Cultural, 1984. v. 2, livro I.

MARX, Karl. A fórmula trinitária. In: MARX, Karl. **O capital**. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Coleção Os Economistas, v. III).

MARX, Karl. O trabalho alienado. In: OLIVEIRA, Paulo de Salles (Org.). **Metodologia das ciências humanas**. São Paulo: Hucitec/UNESP, 1998.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução, apresentação e notas Jesus Ranieri. 4. ed. reimpr. São Paulo: Boitempo, 2010.

MAUÉS, Olgaíses Cabral. A reconfiguração do trabalho docente na educação superior. **Educar em Revista**, Curitiba, n. esp. 1, p. 141-160, 2010.

MAUÉS, Olgaíses Cabral; MOTA JUNIOR, William Pessoa. A nova regulação educacional e o trabalho docente na pós-graduação brasileira. **Linhas críticas**, Brasília, v. 17, n. 33, p. 385-402, maio/ago. 2011.

MAZZOTTI, Tarso Bonilha. Instituinto significados de “trabalho docente” por meio de dissociação de noções. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 17, n. 18, p. 193-208, jan./dez. 2010.

MELO NETO, João Cabral de. **Escrever**. Poesia Crítica, 1982.

MESQUITA, Rafael Fernandes de; MATOS, Fátima Regina Ney; MACHADO, Diego de Queiroz; SENA, Augusto Marcos Carvalho de; BAPTISTA, Maria Manuel Rocha Teixeira. Do espaço ao ciberespaço: sobre etnografia e netnografia. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 134-153, jun. 2018.

MILANI, N. Z.; FIOD, E. G. M. Precarização do trabalho docente nas escolas públicas do Paraná (1990-2005). **Roteiro**, Joaçaba, v. 33, n. 1, p. 77-100, jan./jun. 2008.

MILL, Daniel Ribeiro Silva. **Educação a distância e trabalho docente virtual**: sobre tecnologia, espaços, tempos, coletividade e relações sociais de sexo na Idade Mídia. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MODESTO, Ester. **Docentes em serviço: sujeitos e subjetividades na formação de professores**. 2016. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2016.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

NASCIMENTO, D. S.; NASCIMENTO, F. C. do; SOUZA, M.H.G. de. A intensificação do trabalho, a educação e a acumulação capitalista. *In: IX Encontro Brasileiro da Redeestrado*. São Paulo. **Anais Redeestrado**, 2017. Disponível em: <http://anaisbr2017.redeestrado.org/trabalhos/eixos?title=1>. Acesso: 12 dez. 2019.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. O capitalismo contemporâneo. *In: NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. Economia política: uma introdução crítica*. São Paulo: Cortez, 2006.

NOVELI, Márcio. Do *off-line* para o *online*: a netnografia como um método de pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a etnografia para a *internet*? **Organizações em contexto**, ano 6, n. 12, jul./dez.2010.

OLIVEIRA, Ana Paula Batista de. **Tecnologias da Informação e Comunicação e educação: contradições na teoria e na prática no contexto da sociedade capitalista contemporânea**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

OLIVEIRA, D. A.; ASSUNÇÃO, A. A. Condições de trabalho. Verbete ‘formação continuada de professores’. *In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. C.; VIEIRA, L. F. (Org.). Dicionário: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

OLIVEIRA, Siderlene Muniz. **O trabalho docente no ensino superior: múltiplos saberes, múltiplos fazeres do professor de pós-graduação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.

OLIVEIRA, Siderlene Muniz. Uma interpretação discursiva sobre o real da atividade docente no ensino superior: dificuldades e super-ações. **D.E.L.T.A.**, v. 32, n. 1, p. 75-97, 2016.

PAULON, Clarice Pimentel; TFOUNI, Leda Verdiani; BARTIJOTTO, Juliana. Sujeito e subjetividade: aspectos silenciosos e silenciados na constituição dos sentidos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 230-243, abr. 2020.

PÊGO, Francinara Pereira; PÊGO, Delcir Rodrigues. Síndrome de *Burnout*. **Rev. Bras. Med. Trab.**, v. 14, n. 2, p. 171-176, 2016.

PIOLLI, Evaldo; SOUSA, Andrea Luciana Harada. Mercantilização do ensino superior e precarização do trabalho docente: o caso da educação a distância. *In: IX- Encontro Brasileiro*

da Redeestrado. São Paulo. **Anais Redeestrado**, 2017. Disponível em: <http://anaisbr2017.redeestrado.org/trabalhos/eixos?title=12>. Acesso: 26 out. 2019.

PORTUGAL, Ita. **O mundo que me cabe**. In: RECANTO das Letras. Enviado por: Mara Holzner, 2013. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/redacoes/4213036>. Acesso em: 15 dez. 2020.

PROTETTI, Fernando Henrique. Transformações no trabalho do professor universitário. In: IX- Encontro Brasileiro da Redeestrado. São Paulo. **Anais Redeestrado**, 2017. Disponível em: <http://anaisbr2017.redeestrado.org/trabalhos/eixos?title=8>. Acesso: 01 nov. 2019.

RAMOS, Cesar Augusto. Aristóteles e o sentido político da comunidade ante o liberalismo. **Kriterion**, Belo Horizonte, v. 55, n. 129, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2014000100004. Acesso em: 18 dez. 2020.

REDYSON, Deyve. Ludwig Feuerbach e o jovem Marx: a religião e o materialismo antropológico dialético. **Argumentos**, ano 3, n. 5, 2011.

REIS, Eduardo J. F. Borges dos; ARAÚJO, Tânia Maria; CARVALHO, Fernando Martins; BARBALHO, Leonardo; SILVA, Manuela Oliveira. Docência e exaustão emocional. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 94, p. 229-253, jan./abr. 2006.

RIBEIRO, Mayra Rodrigues Fernandes; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte de; SANTOS, Rosemary dos Santos. Ambiências híbridas-formativas na educação online: desafios e potencialidades em tempos de cibercultura. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 2, n. 1, p. 01-13, jan./abr. 2018.

RICHTER, Leonice Matilde. Clássico Marxista: “dialética do concreto”. **Revista Educação e Políticas em Debate**, Uberlândia, v. 1, n.1, p. 236-248, 2012. [Seção] Resenha. Resenha da obra de: KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/17383>. Acesso em: 18 dez. 2020.

ROCHA, Paula Jung; MONTARDO, Sandra Portella. Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura. **Revista E-Compós**, v. 4, dez. 2005.

ROCHA, Sandra de Souza Lima; FELLI, Vanda Elisa Andres. Qualidade de vida no trabalho docente em enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 1, p. 28-35, jan./fev. 2004.

ROEHE, Marcelo Vial; DUTRA, Elza. **Avances em Psicología Latinoamericana**. Bogotá, Colômbia, v. 32, n. 1, p. 107, 2014.

ROSA, Ana Carolina Pereira da Silva. **Formação docente, cultura digital e histórias de professores**: uma trama com muitos fios. Orientadora: Maria Luiza Magalhães Bastos Oswald. 2017. 197 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

ROSSO, Ademir José; CAMARGO, Brígido de Vizeu. As representações sociais do desgaste no trabalho a partir dos simbolismos associados à docência. **ETD: Educação Tématica Digital**, Campinas, SP, v. 14, n. 2, p. 179-200, jul./dez. 2012.

SANFELICE, José Luís. Dialética e pesquisa em educação. *In*: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D. (Org.). **Marxismo e Educação**: debates contemporâneos. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SANTAELLA, Maria Lucia. Formas de socialização na cultura digital. *In*: SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Aparecida de Fátima Tiradentes. Política educacional para a “universidade microondas”: gestão universitária, trabalho docente e qualidade da formação humana sob o efeito do “mercado educador”. **Revista GUAL: Gestão Universitária na América Latina**, Florianópolis, v. 3, n. 1, p. 1-15, 2010.

SANTOS, José Trindade. A obra platônica, na sua totalidade, é fundante do pensamento ocidental. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos on-line**, 2009. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/2571-jose-trindade-santos#:~:text=%C3%89%20necess%C3%A1rio%20ler%20Plat%C3%A3o%20para,a%20sociedade%20atual%20se%20confronta.&text=Contudo%2C%20embora%20Maquiavel%20n%C3%A3o%20deva,tamb%C3%A9m%20nele%20Tras%C3%ADmaco%20est%C3%A1%20presente>. Acesso em: 17 dez. 2020.

SCHWAB, Klaus Schwab. **A Quarta Revolução Industrial**. São Paulo: Edipro, 2016.

SELIGMANN-SILVA, Edith. **Trabalho e resgate mental**: o direito de ser dono de si mesmo. São Paulo: Cortez, 2011.

SENNETT, Richard. A corrosão do caráter, do trabalho e da cooperação. [Entrevista]. **Extra classe**, set. 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Pós-graduação e pesquisa: o processo de produção e de sistematização do conhecimento no campo educacional. *In*: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto (org.). **A bússola do escrever**: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SHAKESPEARE, William. **Um dia a gente aprende**. *In*: RECANTO das Letras, 2013. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/discursos/4115637>. Acesso em: 15 dez. 2020.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 286 p.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

SILVA, Lucas Prates da. A educação e a proletarização do trabalho docente: uma breve análise no contexto do sistema do capital. **Revista Práticas em Gestão Pública Universitária**, ano 2, v.2, n.1, jan./jun. 2018.

SILVA, Marcelo Pedroni da. As influências liberais na organização do trabalho pedagógico dos docentes universitários. *In: IX- Encontro Brasileiro da Redeestrado*, 2017, São Paulo. **Anais Redeestrado**, 2017. Disponível em: <http://anaisbr2017.redeestrado.org/trabalhos/eixos?title=8>. Acesso em: 13 dez. 2019.

SILVA, Maria Abádia da; CUNHA, Célio da; SOUZA, José Vieira. **O método dialético na pesquisa em educação**. Campinas: Autores Associados, 2014. 352 p. (Coleção Políticas Públicas em Educação).

SILVA, Maria das Graças Martins da. Trabalho docente na educação superior: trajetória histórica e marcas atuais. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 17, n. 2, p. 49-68, jul./dez. 2009.

SILVA, Maria Emília Pereira da. **A metamorfose do trabalho docente no ensino superior: entre o público e o mercantil**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. 304 p.

SOARES, Fábio Montalvão. A produção de subjetividades no contexto do capitalismo contemporâneo: Guattari e Negri. **Fractal, Rev. Psicol**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 118-126, abr. 2016.

SOUZA, Ivone Félix de. **Burnout em professores universitários: análise de um modelo mediacional**. 2006. 142f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2006.

STRAUS, Ernst Gabor. **Einstein: a centenary volume**. Editado por A.P. French. [S.l.: s.n], 1980.

TAVARES, Maria Augusta. Trabalho docente na universidade pública: uma reflexão sobre o produtivismo acadêmico na contemporaneidade. **Argumentum**, Vitória, v. 1, n. 3, p.238-250, jan./jun. 2011.

TIMM, Jordana Wruck. **O ciclo de vida profissional na docência no stricto sensu em educação: o sentido, o significado e a percepção do bem/mal-estar a partir de narrativas (auto)biográficas**. Orientador: Claus Dieter Stobäus. 2018. 208 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

TREIN, Franklin. A relação Marx-Hegel: um desafio insuperável. **Revista Dialectus**, ano 3, n. 8, p. 33-59, jan./ago. 2016.

TUMOLO, Paulo Sérgio; FONTANA, Klalter Bez. Trabalho docente e capitalismo: um estudo crítico da produção acadêmica da década de 1990. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 102, p. 159-180, jan./abr. 2008.

VASAPOLLO, Luciano. O trabalho atípico e a precariedade, elemento estratégico determinante do capital no paradigma pós-fordista. *In*: ANTUNES, Ricardo (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. [S. l]: Boitempo, 2006. p. 45-57.

VIEIRA, Jarbas Santos; FONSECA, Márcia Souza da. Natureza do trabalho docente. *In*: DUARTE, Adriana Cancelli; OLIVEIRA, Dalila Andrade; VIEIRA, Livia Fraga (Org). **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CD-ROM.

ZUIN, Antonio Alvaro Soares; GOMES, Luiz Roberto. A formação da subjetividade na idade média. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 13, n. 2, p. 377-387, mai./ago. 2019.

SITES

A VOZ DA SERRA. **Brasil tem cerca de 90 milhões de solteiros**. 2020. Disponível em: <https://avozdaserra.com.br/noticias/brasil-tem-cerca-de-90-milhoes-de-solteiros>. Acesso em: 17 dez. 2020.

ANAMT. **Associação Nacional de Medicina do Trabalho**. 2019. Disponível em: <https://www.anamt.org.br/portal/2019/05/28/o-que-e-a-sindrome-de-burnout-considerada-doenca-pela-oms/>. Acesso em: 14 dez. 2020.

BUENO, Edilson. **Retrocesso, sofrimento e riscos**. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/05/21/negacionismo-prejudica-nao-so-a-saude-como-conquistas-e-avancos-da-medicina.htm?cpVersion=instant-article>. Acesso em: 15 dez. 2020.

EDUCA + BRASIL. **Quanto ganha um professor de faculdade?** Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/carreira/quanto-ganha-um-professor-de-faculdade>. Acesso em: 15 dez. 2020.

ISMA. **Associação Internacional de Manejo do Estresse**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2019/05/28/estresse-no-trabalho-vira-doenca-afirma-oms.htm>. Acesso em: 16 dez. 2020.

MARI, Jair de Jesus. **Quais os principais efeitos da pandemia na saúde mental?** 2020. Disponível em: <https://www.unifesp.br/reitoria/dci/noticias-antiores-dci/item/4395-quais-os-principais-efeitos-da-pandemia-na-saude-mental>. Acesso em: 17 dez. 2020.

FIGURAS

PIXABAY. **SARS-CoV-2: novo coronavírus**. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/photos/covid-19-coronav%3%adrus-v%3%adrus-corona-4961257/>. Domínio público.

PIXABAY. **Globalização**. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/photos/m%3%addia-social-rostos-%c3%a1lbum-de-fotos-3129481/>. Domínio público.

PIXABAY. **Uma das consequências da consequência neoliberal**. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/illustrations/homem-branco-modelo-3d-isolado-3d-2064830/>. Domínio público.

APÊNDICE A - SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA



Uberaba, ____ de _____ de 2019.

Eu, Ricardo Baratella, na condição de aluno do Programa de Doutorado em Educação da Universidade de Uberaba, solicito autorização de V. Sa. para desenvolver conjuntamente com a minha orientadora Profa. Dra. Sálua Cecílio, o projeto de pesquisa “**Trabalho docente à luz da cultura virtual: transmutações, conteúdos e significados**”, nos cursos de graduação de sua instituição. Esse projeto de pesquisa é vinculado à linha de pesquisa Desenvolvimento profissional, Trabalho docente e Processo de ensino-aprendizagem.

Nas duas primeiras décadas do século XXI, de maneira especial em relação ao mundo do trabalho, desenrolaram-se transformações que impulsionaram o ser humano a reorganizar o seu estilo de vida. Essas remodelações têm gerado consequências para os docentes. Nessa direção, essa investigação tem como objeto de estudo as implicações da cultura virtual no trabalho docente. Essa investigação poderá oportunizar a compreensão teórica das modificações mais recentes na organização das universidades, que se materializam em uma maior flexibilidade das matrizes curriculares, regimes de jornadas, polivalência de professores e, por conseguinte, corroborando a existência de novos arquétipos de trabalho e exigência de um novo perfil de docente.

A pesquisa tem como objetivo geral compreender as inter-relações entre trabalho docente, cultura virtual e subjetividade de professores da educação superior nos cursos de graduação, nas modalidades presencial e da EaD. Dentre os objetivos específicos, destacamos: (i) conhecer os significados de trabalho, trabalho docente, distinguindo sua natureza, conteúdos e conexões com a mundialização do capital, a era digital e a cultura virtual, bem como as reconfigurações subjetivas contemporâneas; (ii) analisar o trabalho docente no contexto da reestruturação produtiva em suas articulações com as transformações econômicas, tecnológicas e educacionais na era digital.

Compreender as inter-relações entre trabalho docente, cultura virtual e subjetividade de professores da educação superior nos cursos de graduação pode traduzir-se em contribuições relevantes na organização do trabalho docente em tempos híbridos. Cada uma dessas “dimensões” está estreitamente associada à mundialização do capital e à revolução tecnológica, e vêm originando alterações nas sociabilidades, em consequência das transformações tecnológicas e econômicas, possibilitando a (re) construção de novos sentidos e significados para o trabalho docente no século XXI.

A metodologia da pesquisa prevê a participação de todos os docentes das modalidades presencial e EaD que aceitarem responder a um questionário. As informações obtidas nas pesquisas documental, bibliográfica e empírica serão interpretadas, analisadas, avaliadas e posteriormente, correlacionadas com os aportes teóricos metodológicos. Os dados do questionário serão processados estatisticamente com o auxílio do Programa *Microsoft Excel*, de modo a elaborar uma análise quantitativa sobre os dados levantados na pesquisa de campo. Em um outro momento, a partir de uma lista de nomes de docentes participantes, serão selecionados aleatoriamente, por “sorteio”, 25% dos professores dos cursos para serem entrevistados, visando ao aprofundamento de questões complementares ao questionário e relativas às implicações da cultura virtual no trabalho docente. Nessa perspectiva, esperamos

que os dados coletados permitam a elaboração de análises e sínteses contextuais e teóricas que viabilizem as conclusões derivadas do estudo realizado.

Os riscos decorrentes da participação neste estudo são mínimos, consideradas a natureza, características e circunstâncias da pesquisa. Mas, mesmo assim, essa investigação pode acarretar alguns riscos aos participantes, como é o caso da perda de confidencialidade, possível ocorrer em todas as pesquisas que envolvem informações procedentes de fontes humanas. Para a minimização de quaisquer riscos, todas as informações serão representadas por um código. Dessa forma, os dados dos participantes serão mantidos em sigilo absoluto e utilizados apenas com fins científicos, tendo em vista a publicação de artigos em periódicos e apresentações em congressos ou outros eventos da área. Os nomes ou qualquer identificação do professor jamais serão explicitados. A qualquer momento desse estudo, o docente poderá interromper a participação, ou se recusar a responder alguma questão, e nenhuma penalidade lhe será imposta. Também poderá solicitar a qualquer momento da pesquisa os esclarecimentos que julgar necessários. Só terão acesso às respostas do questionário e ao conteúdo das entrevistas narrativas os responsáveis pela pesquisa com finalidade exclusivamente científica. Todas as informações serão tratadas confidencialmente. Ressaltamos que todos os dados levantados serão arquivados em acervo interno do Projeto. O anonimato dos participantes será preservado em todos os momentos e os dados serão analisados no conjunto de todos os informes.

No referente aos benefícios para os participantes, os resultados poderão subsidiar debates e reflexões que ajudem professores a terem clareza de seu lugar e papel na educação, além de poderem ampliar a compreensão de sua subjetividade, favorecendo que se reconheçam não apenas em seu trabalho professoral na fase do capitalismo flexível e global, mas como indivíduos em construção, reconstrução e empreendedores de si mesmos.

Após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa, a coleta de dados será iniciada, atendendo a todas as solicitações administrativas desta Instituição. Contando com a autorização de V.S.^a desde já, agradecemos a colocamo-nos à disposição para todos os esclarecimentos que se fizerem necessários.

Atenciosamente.

Ricardo Baratella
Pesquisador responsável

CONTATO DOS PESQUISADORES E DO CEP/UNIUBE

Pesquisador

Nome: Ricardo Baratella

E-mail: gestor.cienciasbiologicas@uniube.br; rick.baratella@gmail.com;

Telefone: (34) 99208-7782.

Endereço: Avenida Nenê Sabino, 1801. Bairro: Universitário; CEP: 38.055-500 - Uberaba/MG.

Pesquisadora

Nome: Sálua Cecílio

E-mail: salua.cecilio@uniube.br; Telefone: (34) 3319-8831.

Endereço: Avenida Nenê Sabino, 1801. Bairro: Universitário; CEP: 38.055-500 - Uberaba/MG.

Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de Uberaba

E-mail: cep@uniube.br; Telefone: (34) 3319-8816.

Endereço: Avenida Nenê Sabino, 1801; Bloco C - sala 2C-09. Bairro: Universitário; CEP: 38.055-500 - Uberaba/MG.

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Título do Projeto

“Trabalho docente à luz da cultura virtual: transmutações, conteúdos e significados na educação superior”

Pesquisador responsável: Ricardo Baratella

Orientadora: Professora Dra. Sálua Cecílio

Nas duas primeiras décadas do século XXI, de maneira especial em relação ao mundo do trabalho, desenrolaram-se transformações tecnológicas e econômicas que têm gerado consequências para a profissão docente e tendem a impulsionar os professores a rever suas condições laborais e a reorganizar o seu estilo de vida. Isso admitido, essa investigação toma como objeto de estudo as implicações da cultura virtual no trabalho docente.

A pesquisa tem como objetivo geral compreender as inter-relações entre trabalho docente, cultura virtual e subjetividade de professores da educação superior nos cursos de graduação, nas modalidades presencial e da EaD. Dentre os objetivos específicos, nos interessa: (i) conhecer os significados de trabalho, trabalho docente, distinguindo sua natureza, conteúdos e conexões com a mundialização do capital, a era digital e a cultura virtual, bem como as reconfigurações subjetivas contemporâneas; (ii) analisar o trabalho docente no contexto da reestruturação produtiva em suas articulações com as transformações econômicas, tecnológicas e educacionais na era digital.

Compreender as inter-relações entre trabalho docente, cultura virtual e subjetividade de professores da educação superior poderá traduzir-se em contribuições relevantes para e na organização do trabalho docente em tempos híbridos. Além disso, oportunizará a compreensão das modificações mais recentes na organização da docência universitária, que se materializam em uma maior flexibilidade das matrizes curriculares, dos regimes e jornadas de trabalho, polivalência profissional de professores e, por conseguinte, corroborando a existência de novos arquétipos de trabalho, diferentes exigências funcionais e um novo perfil de docente. Nesse sentido, essa investigação poderá resultar em dados com potencial para subsidiar debates e reflexões que ajudem professores a ampliarem a compreensão de sua subjetividade, terem clareza de seu lugar e papel na educação, favorecendo que se reconheçam não apenas em seu trabalho na fase do capitalismo flexível e global, mas como indivíduos em construção, reconstrução e empreendedores de si mesmos. De mais a mais, esse estudo pode oportunizar aos docentes se situarem de modo mais consciente no contexto da era digital e de suas ligações com a consolidação da cultura virtual e de suas interferências no trabalho docente universitário.

Em função de tal realidade e propósito, você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada **“Trabalho docente à luz da cultura virtual: transmutações, conteúdos e significados na educação superior”**, sob a coordenação e orientação da Professora Dra. Sálua Cecílio, vinculada à linha de pesquisa Desenvolvimento profissional, Trabalho docente e Processo de ensino-aprendizagem do curso de Doutorado em Educação, da Universidade de Uberaba.

O desenho dessa investigação apresenta uma abordagem do tipo multimétodo, que prevê métodos mistos ou de triangulação metodológica, e uso de questionários e entrevistas. A

estratégia de “triangulação” pode propiciar um quadro mais geral da questão em estudo, com a combinação entre os métodos **qualitativo** - análise processual das informações, com foco no caráter subjetivo do objeto de estudo -, e **quantitativos** - análise estrutural das informações, com base em modelos padronizados de investigação.

As informações do questionário serão processadas estatisticamente com o auxílio do Programa *Microsoft Excel*, de modo a elaborar uma análise quantitativa sobre os dados levantados na pesquisa de campo. Em um outro momento, a partir de uma lista de nomes de docentes participantes, serão selecionados aleatoriamente, por “sorteio”, 25% dos professores dos cursos para serem entrevistados, visando ao aprofundamento de questões complementares ao questionário e relativas às implicações da cultura virtual no trabalho docente. Pela técnica de entrevista narrativa de história de vida pessoal e profissional, pretendemos conseguir os “testemunhos” dos professores, os relatos sobre as suas vivências, percepções, sentimentos e individualidades. Por meio da entrevista narrativa, aclaramos que há possibilidades de associarmos a história oral com relatos de vida dos professores nos cursos de graduação. Nessa perspectiva, esperamos que as informações obtidas resultem em dados que permitam a elaboração de análises e sínteses contextuais e teóricas que viabilizem atingir os objetivos estabelecidos e o alcance de conclusões consistentes.

Os nomes ou qualquer identificação do professor jamais serão explicitados. Todas as informações serão tratadas confidencialmente. Ressaltamos que todos os dados levantados serão arquivados em acervo interno do Projeto por um período de cinco (05) anos. Dessa forma, as informações de cada participante serão mantidas em sigilo absoluto e utilizados apenas com fins científicos, tendo em vista subsidiar estudos e ações junto aos envolvidos e a publicação de artigos em periódicos e a comunicações em congressos ou outros eventos da área.

A qualquer momento desse estudo, você poderá interromper a participação, ou se recusar a responder alguma questão, e nenhuma penalidade lhe será imposta. Também poderá solicitar a qualquer momento da pesquisa os esclarecimentos que julgar necessários. Só terão acesso às respostas do questionário e ao conteúdo das entrevistas narrativas os responsáveis pela pesquisa com finalidade exclusivamente científica.

Sua participação nessa pesquisa é voluntária e, portanto, não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelos pesquisadores, quando não desejar. Pela sua participação no estudo, você não receberá qualquer valor em dinheiro, mas terá a garantia de que todas as despesas necessárias para a realização da pesquisa não serão de sua responsabilidade.

Desde já, agradecemos a sua participação. Atenciosamente e disponíveis para todos os esclarecimentos que se fizerem necessários.

Ricardo Baratella

Sálua Cecílio

CONTATO DOS PESQUISADORES

Pesquisador

Nome: Ricardo Baratella

E-mail: gestor.cienciasbiologicas@uniube.br; rick.baratella@gmail.com;

Telefone: (34) 99208-7782.

Endereço: Avenida Nenê Sabino, 1801. Bairro: Universitário; CEP: 38.055-500 - Uberaba/MG.

Pesquisadora

Nome: Sálua Cecílio

E-mail: salua.cecilio@uniube.br; Telefone: (34) 3319-8831.

Endereço: Avenida Nenê Sabino, 1801. Bairro: Universitário; CEP: 38.055-500 - Uberaba/MG.



TÍTULO DO PROJETO

“Trabalho docente à luz da cultura virtual: transmutações, conteúdos e significados na educação superior”

Eu, _____, li e/ou ouvi o esclarecimento acima e compreendi que a pesquisa tem fins acadêmicos e como se dará minha participação. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios do estudo. Eu entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão e que isso não afetará a minha situação profissional e condição institucional. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro para participar do estudo. Desse modo, reitero e formalizo minha concordância e consentimento em participar do estudo – **“Trabalho docente à luz da cultura virtual: transmutações, conteúdos e significados na educação superior”**.

Uberaba,//.....

Assinatura do Participante (voluntário)

Assinatura do Pesquisador responsável

CONTATO DOS PESQUISADORES

Pesquisador responsável

Nome: Ricardo Baratella

E-mail: gestor.cienciasbiologicas@uniube.br; rick.baratella@gmail.com;

Telefone: (34) 99208-7782.

Endereço: Avenida Nenê Sabino, 1801. Bairro: Universitário; CEP: 38.055-500 - Uberaba/MG.

Pesquisadora

Nome: Sálua Cecílio

E-mail: salua.cecilio@uniube.br; Telefone: (34) 3319-8831.

Endereço: Avenida Nenê Sabino, 1801. Bairro: Universitário; CEP: 38.055-500 - Uberaba/MG.

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO



UNIVERSIDADE DE UBERABA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Prezado(a) Professor(a).

Este questionário pretende coletar informações para uma pesquisa que estamos realizando no Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade de Uberaba, curso de Doutorado, intitulada **Trabalho docente à luz da cultura virtual**: transmutações, conteúdos e significados na educação superior, vinculada à linha de pesquisa Desenvolvimento profissional, Trabalho docente e Processo de ensino-aprendizagem.

A pesquisa tem como objetivo geral compreender as inter-relações entre trabalho docente, cultura virtual e subjetividade de professores da educação superior nos cursos de graduação. Dentre os objetivos específicos, destacamos: (i) conhecer os significados de trabalho, trabalho docente, distinguindo sua natureza, conteúdos e conexões com a mundialização do capital, a era digital e a cultura virtual, bem como as reconfigurações subjetivas contemporâneas; (ii) analisar o trabalho docente no contexto da reestruturação produtiva em suas articulações com as transformações econômicas, tecnológicas e educacionais na era digital.

Acreditamos que os dados coletados poderão oportunizar ao professor se situar de modo mais consciente diante das informações em um mundo digital viabilizado pela cultura virtual que interfere na educação superior e na natureza do trabalho docente. Em face dessas informações, por gentileza, responda às questões com liberdade. Ressaltamos que **algumas questões comportam mais de uma alternativa**.

Sua participação nessa pesquisa será de suma importância para nós e lembre-se que não é necessário identificar-se. **Agradecemos a sua participação...!**

Atenciosamente.

Pesquisador

Nome: Ricardo Baratella

E-mail: gestor.cienciasbiologicas@uniube.br; rick.baratella@gmail.com; Telefone: (34) 99208-7782.

Endereço: Avenida Nenê Sabino, 1801. Bairro: Universitário; CEP: 38.055-500 - Uberaba/MG.

Pesquisadora/Orientadora

Nome: Sálua Cecílio

E-mail: salua.cecilio@uniube.br; Telefone: (34) 3319-8831.

Endereço: Avenida Nenê Sabino, 1801. Bairro: Universitário; CEP: 38.055-500 - Uberaba/MG.

Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de Uberaba

E-mail: cep@uniube.br; Telefone: (34) 3319-8816.

Endereço: Avenida Nenê Sabino, 1801; Bloco C - sala 2C-09. Bairro: Universitário; CEP: 38.055-500 -Uberaba/MG.

| | | | |
|-------------------------------|--|--|--|
| Número do participante | | | |
| IES | | | |

A) PERFIL DOS PARTICIPANTES

A₁ Gênero

Feminino Masculino Outro

A₂ Idade

- até 24 anos
 de 25 a 30 anos
 de 31 a 35 anos
 de 36 a 40 anos
 de 41 a 45 anos
 de 46 a 50 anos
 mais de 50 anos

A₃ Você mora:

- com os pais
 com esposo(a) e/ou filhos(as)
 com parentes
 em república
 em pensionato
 sozinho(a)
 outra situação. **Qual?**

A₄ Em que faixa você calcula estar a soma da renda mensal dos membros de sua família que moram em sua/seu casa/apartamento?

ATENÇÃO: some os ganhos de todos os membros de sua família que trabalham e que estejam morando em sua casa. Inclua também o seu ganho mensal.

- Até R\$ 1.045,00
 De R\$ 1.046,00 até R\$ 2.090,00
 De R\$ 2.091,00 até R\$ 3.135,00
 De R\$ 3.136,00 até R\$ 4.180,00
 De R\$ 4.181,00 até R\$ 5.225,00
 Mais de R\$ 5.300,00

B) FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DOCENTE

B₁ Você cursou qual (quais) curso(s) de graduação?

B₂ Qual a sua escolaridade máxima? (Considere apenas os cursos concluídos)

- Graduação
 - Especialização
 - Mestrado profissional
 - Mestrado acadêmico
 - Doutorado
 - Pós-doutorado
-

C) EXERCÍCIO PROFISSIONAL

C1 Há quanto tempo trabalha como docente na educação superior?

- Até 03 anos
 - De 04 a 06 anos
 - De 07 a 10 anos
 - De 11 a 15 anos
 - De 16 a 20 anos
 - Acima de 20 anos
-

C2 Você trabalha como docente em curso(s):

- presencial(is)
 - da modalidade a distância
 - presencial(is) e da EaD
-

C3 Atua como professor em outros níveis de ensino?

- Sim Não

Se a resposta for **afirmativa**, marque e complete uma ou mais opções a seguir.

- Ensino fundamental I**
Carga horária semanal: _____ horas
 - Ensino fundamental II**
Carga horária semanal: _____ horas
 - Ensino médio**
Carga horária semanal: _____ horas
 - Cursos livres**
Carga horária semanal: _____ horas
 - Cursos técnicos ou tecnológicos**
Carga horária semanal: _____ horas
 - Pós-graduação**
Carga horária semanal: _____ horas
-

C4 Você exerce outras atividades profissionais?

- Sim. Não

Se a resposta for **afirmativa**, marque e preencha os dados a seguir.

a) Atividade / Cargo ou função

b) Em que tipo de instituição?

- Privada
 Pública

No caso de ser uma INSTITUIÇÃO PÚBLICA, assinale a(s) opção(ões) a seguir.

- Instituição Federal
 Instituição Estadual
 Instituição Municipal

C₅ Nas suas horas “vagas”, você gosta de se manter informado(a) sobre os acontecimentos atuais?

- Sim Não

Se a resposta for **afirmativa**, identifique e assinale o(s) meio(s) de comunicação social que utiliza em suas **horas vagas**.

- Jornal falado (rádio)
 Jornal escrito
 Revistas
 Internet
 Facebook
 WhatsApp
 Livros
 Outras pessoas
 Outro. **Qual(is)?**
-

C₆ Com que frequência procura por essas informações?

- Diariamente
 Mais de uma vez por dia
 Semanalmente
 Ocasionalmente
 Não me lembro

Nesta pesquisa, buscaremos compreender os fundamentos teóricos que explicam as implicações da cultura virtual no trabalho docente e na subjetividade de professores da educação superior na era digital, presentes nas seguintes questões.

D) SOBRE O TRABALHO DOCENTE, CULTURA VIRTUAL E SUBJETIVIDADE DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO SUPERIOR

D₁ Com que frequência utiliza o computador?

- Todos os dias
 Até 02 dias por semana

- Até 05 dias por semana
 - Raramente uso o computador
-

D2 Com que periodicidade usa a *internet*?

- Todos os dias
 - Até 02 dias por semana
 - Até 05 dias por semana
 - Raramente
-

D3 Há quanto tempo utiliza o computador?

- Há mais de 15 anos
 - Entre 11 a 15 anos
 - No intervalo de 07 a 10 anos
 - No intervalo de 03 a 06 anos
 - Entre 12 a 24 meses
 - Não uso o computador
-

D4 Você usa a *internet*?

- Há mais de 15 anos
 - Entre 11 a 15 anos
 - No intervalo de 07 a 10 anos
 - No intervalo de 03 a 06 anos
 - Entre 12 e 24 meses
 - Não utilizo a *internet*
-

D5 Diariamente, por quanto tempo fica conectado(a) à *internet*?

- Menos de 03 horas
 - Entre 04 a 06 horas
 - Mais de 06 horas
 - Entre 08 a 10 horas
 - Mais de 10 horas
-

D6 Como define sua relação com a *internet*?

- Ruim
 - Insatisfatória
 - Regular
 - Boa
 - Excelente
-

D7 Como você considera a sua familiaridade, habilidade e desenvoltura para a utilização dos aparatos digitais na sala de aula?

- Ruim
- Insatisfatória
- Regular

- Boa
 Excelente

D₈ Você costuma utilizar as tecnologias digitais para preparar as suas aulas?

- Sim, faço isso com frequência
 Sim, ocasionalmente
 Não

D₉ Você recorre ao uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) em suas aulas presenciais?

- Sim, faço isso com frequência
 Sim, ocasionalmente
 Não

D₁₀ Você já ministrou algum curso/aulas na EaD? Em qual área?

D₁₁ Você recorre ao uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) em suas aulas na EaD?

- Sim, faço isso com frequência
 Sim, ocasionalmente
 Não

D₁₂ Regularmente, quais Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) você utiliza em suas aulas presenciais e/ou na modalidade a distância?

D₁₃ Com relação à docência na educação superior, habitualmente se sente:

- muito satisfeito(a)
 satisfeito(a)
 insatisfeito(a)
 muito insatisfeito(a)

D₁₄ Quanto à totalidade de sua jornada de trabalho semanal na docência:

- insatisfatória
 regular
 boa
 excelente
-

D₁₅ Na sua opinião, qual a importância das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) para a realização do trabalho docente?

D₁₆ Para você, as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) o(a) “atingem” de alguma forma?

Em caso **afirmativo**, mencione em quais aspectos.

E) TRABALHO, SAÚDE-DOENÇA E SUBJETIVIDADE DE PROFESSORES

E₁ Você tem se sentido animado(a), cheio(a) de vigor, com vontade de exercer o seu trabalho como professor(a)?

- () Sim
 () Sim, ocasionalmente
 () Não

E₂ Você está satisfeito(a) com a possibilidade de decidir com autonomia sobre o próprio trabalho?

- () Totalmente satisfeito(a)
 () Parcialmente satisfeito(a)
 () Indiferente
 () Insatisfeito(a)

E₃ Você está satisfeito(a) com a sua capacidade para o trabalho?

- () Totalmente satisfeito(a)
 () Parcialmente satisfeito(a)
 () Insatisfeito(a)
 () Muito insatisfeito(a)

E₄ O quanto é verdadeira ou falsa essa afirmação para você: **tenho me sentido “feliz” em minhas tarefas no ambiente de trabalho?**

- () Sempre
 () Na maior parte do tempo
 () Uma boa parte do tempo
 () Alguma parte do tempo
 () Uma pequena parte do tempo

E5 Como você avaliaria sua qualidade de vida?

- Excelente
- Boa
- Regular
- Ruim

E6 Durante o seu trabalho como docente, você necessitou se afastar por motivos de saúde?

- Sim
- Não

E7 Quão satisfeito(a) você está com a sua saúde?

- Totalmente satisfeito(a)
 - Parcialmente satisfeito(a)
 - Insatisfeito(a)
 - Muito insatisfeito(a)
-

Caro(a) Professor(a)

Com o objetivo de complementar os dados dessa pesquisa, realizaremos uma **Entrevista narrativa** com alguns participantes para a discussão e reflexão das informações apresentadas. Em um outro momento, a partir de uma lista de nomes de docentes participantes, serão selecionados aleatoriamente, por “sorteio”, 25% dos professores dos cursos para serem entrevistados, visando ao aprofundamento de questões complementares ao questionário e relativas às implicações da cultura virtual no trabalho docente. Nesse sentido, gostaríamos de contar mais uma vez com sua colaboração.

Nesse espaço, deixe o telefone e *e-mail* para contato.

Agradecemos a colaboração...!

APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA



UNIVERSIDADE DE UBERABA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ROTEIRO DE ENTREVISTA: núcleo temático, objetivos e questões

NÚCLEO TEMÁTICO 01

Natureza do trabalho docente e suas inter-relações com o capitalismo contemporâneo e a cultura virtual.

Considerando o objetivo geral dessa pesquisa - compreender as inter-relações entre trabalho docente, cultura virtual e subjetividade de professores da educação superior nos cursos de graduação, nas modalidades presencial e da EaD -, utilizamos a técnica de entrevista narrativa de história de vida dos docentes, os testemunhos sobre as suas vivências, percepções, sentimentos e individualidades.

OBJETIVOS

- a) Desenvolver uma análise crítica das inter-relações entre “mundialização” do capital, cultura virtual e subjetividades contemporâneas de docentes dos cursos de graduação de IES privadas do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.
- b) Compreender as transmutações, os conteúdos e significados do trabalho docente na contemporaneidade.
- c) Analisar a sociedade no mundo virtual e a centralidade do trabalho na vida de professores da educação superior, nas modalidades presencial e a distância.
- d) Discutir o papel da cultura virtual na reconfiguração da subjetividade e modos de ser de professores e entender os desafios que daí advêm para a profissionalização e atuação docentes.

QUESTÕES

- 1 Ao pensar em seu trabalho, o que lhe vem à mente? Resuma em três (03) palavras.
- 2 O que nele mais o(a) agrada? E o que o(a) incomoda?
- 3 Além do que expôs, há algo ainda que julga importante falar sobre o seu trabalho? O quê?
- 4 Qual o significado do trabalho para a sua vida?
- 5 Para você, o que é ser professor(a)?
- 6 Poderia me dizer algo sobre o seu “passado” e “presente” na docência?
- 7 As pesquisas vêm mostrando uma acumulação do capital, incrementada pelas modernas condições de concorrência capitalista no plano mundial. O que tal quadro lhe sugere? Por quê?
- 8 Considerados os últimos anos de sua atividade profissional, quais aspectos do seu trabalho

têm chamado sua atenção? Por quais razões?

9 Na sua experiência, como avalia as atuais condições de trabalho docente em relação às de outros tempos?

10 O que lhe vem à mente quando pensa sobre cultura virtual e suas relações com a educação superior? E em relação ao trabalho docente em tal contexto? O que tem a dizer?

11 Considerando haver diferenças em relação aos aspectos apontados, quais as condições da educação superior privada?

NÚCLEO TEMÁTICO 02

Inter-relações entre trabalho docente, cultura virtual e subjetividade de professores da educação superior.

OBJETIVOS

- Compreender as inter-relações entre trabalho docente, cultura virtual e subjetividade de professores dos cursos de graduação de IES privadas.
- Distinguir características e aspectos da subjetividade de professores nos cursos de graduação, examinar as formas de expressão dos docentes à luz da cultura virtual e suas relações com o capitalismo flexível.

QUESTÕES

- Você avalia terem ocorrido ou não mudanças sociais no mundo do trabalho docente nas duas últimas décadas do século XXI?
- Quando olha para o passado e para a sua formação acadêmica, quais considerações poderia fazer sobre suas primeiras experiências com as tecnologias digitais?
- Atualmente, a cultura virtual ocupa um espaço significativo em sua vida profissional? Com qual frequência emprega as tecnologias digitais em seu dia a dia? Qual a média de tempo em que as utiliza? Como se sente em relação ao uso delas?
- Na era digital, os(as) professores(as) vivem um período de transformações tecnológicas e sociais. O que pensa sobre isso? No seu modo de ver, qual é o futuro de uma sociedade assim? Qual o “balanço” que você faz em relação às atividades laborais dos professores no cotidiano das IES?
- Qual a sua opinião sobre a cultura virtual? Participar dela é sempre possível? Entende que ela traz algo ao trabalho docente? De que forma e sob quais aspectos? Considera que tais condições interferem na maneira de ser e de ensinar?
- Pela sua vivência, você acredita que a cultura virtual modifica a forma de lidar com a busca de informações, aprender e construir conhecimento? Como você lida com tal realidade?
- Há algo mais que você gostaria de destacar ou comentar? O quê? Por quê?

Pesquisador

Nome: Ricardo Baratella

E-mail: gestor.cienciasbiologicas@uniube.br; rick.baratella@gmail.com

Telefone: (34)99208-7782.

Pesquisadora/Orientadora

Nome: Sálua Cecílio

E-mail: salua.cecilio@uniube.br

Telefone: (34) 3319-8831.

Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de Uberaba

E-mail: cep@uniube.br

Telefone: (34) 3319-8816.